

cherish
BOOKS

Desconhecidos

BARBARA
ELSBORG



cherish
BOOKS

Desconhecidos

BARBARA
ELSBORG

Título original: Strangers

Copyright © 2017 por Barbara Elsborg

Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito das editoras.

Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Denise Telles

Revisão: Evelyn Santana

Diagramação: AJ Ventura

Capa: Gisele Souza

Elsborg, Barbara

Desconhecidos/ Barbara Elsborg; tradução de Denise Telles. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2020.

Tradução de: Strangers

ASIN

1. Ficção americana I. Telles, Denise II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Cherish Books

Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz

00000-000 – Rio de Janeiro - RJ

E-mail: cherishbooksbr@gmail.com

<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

SUMÁRIO

Capa

1. Capítulo Um
2. Capítulo Dois
3. Capítulo Três
4. Capítulo Quatro
5. Capítulo Cinco
6. Capítulo Seis
7. Capítulo Sete
8. Capítulo Oito
9. Capítulo Nove
10. Capítulo Dez
11. Capítulo Onze
12. Capítulo Doze
13. Capítulo Treze
14. Capítulo Quatorze
15. Capítulo Quinze
16. Capítulo Dezesesseis
17. Capítulo Dezesete
18. Capítulo Dezoito
19. Capítulo Dezenove
20. Capítulo Vinte
21. Capítulo Vinte e Um
22. Capítulo Vinte e Dois
23. Capítulo Vinte e Três
24. Capítulo Vinte e Quatro
25. Capítulo Vinte e Cinco
26. Capítulo Vinte e Seis
27. Capítulo Vinte e Sete
28. Capítulo Vinte e Oito
29. Capítulo Vinte e Nove
30. Capítulo Trinta
31. Capítulo Trinta e Um

32. [Capítulo Trinta e Dois](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Notes](#)



Kate olhou para as letras que alguém rabiscara na areia e riu. Se isso não era um sinal, ela não sabia o que era. Mais três passos, e uma onda fria varreu seus pés. Kate rangeu os dentes e avançou até a água atingir sua cintura. Um mergulho trêmulo, e ela começou a nadar. Momentos depois, as sandálias escorregaram dos pés. Porra, elas eram suas favoritas. Kate riu às gargalhadas, engoliu um punhado de água salgada e tentou se levantar. Quando seus pés não tocaram o fundo do mar, ela se agitou até recuperar o fôlego e poder nadar novamente.

Não demorou muito para que estivesse tremendo. Kate se imaginou deslizando em um sono profundo e se afogando. Então se imaginou lutando para respirar enquanto a água entrava em sua garganta. Ela engoliu um duro nó de medo. Não havia como voltar atrás.

Balançando a cabeça, ela olhou para o céu cinza pálido da manhã. Teria sido bom ver o sol pela última vez. Kate se deixou afundar, e, momentos depois, suas pernas a levaram para a superfície. Ela soltou um grunhido irritado. Até prendeu a respiração. Não seria tão fácil quanto ela pensava. Que estranho seria se pudesse nadar até a França. Embora fosse mais provável que um petroleiro a atropelasse.

O golpe a atingiu na ponta do nariz. Kate ofegou enquanto afundava, engoliu água e entrou em pânico. Afogar-se era uma coisa; ser atacada por um tubarão era algo completamente diferente. Ela bateu as pernas para chegar à superfície, o horror de ser comida transformando-a em uma massa retorcida

de medo. Quando seus pés esbarraram em algo sólido, o medo se transformou em terror.

— Aiii! — gritou o tubarão.

Kate se debateu com mais força.

— Que porra você está fazendo? — o tubarão perguntou.

Tendo uma engraçada alucinação. Kate girou, procurando em volta. Ela não tinha dormido na noite passada e sua mente cansada imaginou alguém com ela no mar. Felizmente não era um tubarão. Ela conjurou uma visão estonteante — um homem zangado, de cabelos escuros, que precisava fazer a barba. Apesar das sombras embaçadas sob seus olhos, ele era lindo. Um arrepio de luxúria se juntou aos outros arrepios de Kate. Claro que ele poderia ter o corpo de um hipopótamo, já que ela só conseguia ver a cabeça e os ombros nus.

— Oh, Deus, seu nariz está sangrando. Desculpe — ele disse.

Kate tocou seu rosto e viu o sangue em seus dedos antes que um pouco de água os lavasse.

— Eu não estava olhando para onde estava indo — disse ele. — Eu não esperava encontrar alguém estando tão longe.

Ela continuou a bater os pés na água, imaginando se poderia mantê-lo com ela.

— Você não vai dizer nada? — ele perguntou.

Kate abriu a boca, considerando o absurdo de falar com alguém que não estava ali de verdade, e a fechou.

— Você é uma sereia? — ele indagou sob as ondas.

Seria ele um tritão? Mas então ele saberia que ela não era uma sereia. Ele emergiu ao lado dela, mais perto do que antes, um olhar assombrado em seus enormes e suaves olhos castanhos.

— Você tem dedos dos pés — ele murmurou, cuspiendo no rosto dela. — Pintados com esmalte vermelho. Estou tão decepcionado.

O coração de Kate afundou. Uma invenção de sua imaginação não iria reclamar nem cuspir nela. Ele era real.

— Eu pensei que você fosse um tubarão — disse ela. — Então pensei que tinha imaginado você.

— Um tubarão? — Ele se virou bruscamente. — Oh, Cristo, e você está sangrando. Eles podem cheirar pequenas quantidades de sangue na água em alto mar. Um esquadrão deles provavelmente está se aproximando para nos rasgar, membro por membro. Se você sentir um puxão repentino, sua perna já

era.

Kate limpou o nariz novamente. Ainda sangrando.

— Desculpe. Espero não ter quebrado — disse ele.

— Não se preocupe com isso.

— Então... você faz isso com frequência? — Ele se desequilibrou com uma onda que a atravessou.

Kate estava dividida entre risos e lágrimas.

— O quê?

— Nadar no mar com suas roupas?

— Sim, é um exercício fabuloso. É melhor eu ir. — Ela não fez nenhum esforço para se mover.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou.

— Kate.

— Eu sou Charlie.

— Bem, olá e adeus, Charlie.

Ela nadou para dentro do mar, usando braçadas fortes e decisivas.

— Você está seguindo o caminho errado — ele gritou.

— Ainda não terminei. Tenho que queimar as dezessete barras de chocolate que comi ontem à noite. Milhares de calorias para gastar.

Ele chegou ao lado dela, nadando de peito também. Eles nadaram lado a lado em silêncio.

— Você já viu o filme *Mar Aberto*? — Charlie perguntou de repente.

Kate estava tentando não pensar sobre isso.

— Diferente do pobre casal, não estamos perdidos. A praia está atrás de nós.

— Que tal *Águas Rasas*? — ele disse.

— Não vi esse.

— Também não.

— Tchau, então — disse Kate. — A praia é pra lá.

— Eu não quero voltar para a praia.

Kate olhou para o outro lado. Inferno! Quais eram as chances de eles escolherem o mesmo local para se afogar? Toda aquela água, e eles acabaram no mesmo lugar?

— Eu estava aqui primeiro — disse ela.

— Como você sabe?

Ele estava certo. Ela não sabia.

Uma luz acendeu.

— A mensagem na areia era sua? — perguntou Kate.

— Viu? Eu *estava* aqui primeiro. De qualquer forma, há água suficiente para nós dois.

Verdade. Kate pensou em abrir a boca para deixar o mar inundar seus pulmões. Isso funcionaria? Seria rápido?

— Seu nariz ainda está sangrando — disse ele.

— Merda.

— Eu pensei que você daria boas-vindas a um tubarão.

Kate percebeu que ele estava disfarçando um sorriso e olhou-o com raiva.

— Estou escolhendo a maneira como vou morrer e não quero que seja por mandíbulas.

— Nem eu — disse Charlie. — Por que não paramos de nadar?

— Eu já tentei. Minhas pernas não cooperam. Veja.

Kate parou de se mover e quase instantaneamente começou a bater os pés na água. Charlie ficou quieto, afundou e apareceu ao lado dela, a água escorrendo pelo rosto pálido.

— Isso é loucura. — Seus dentes estavam batendo.

— Sinta-se livre para mudar de ideia. Ninguém está forçando você.

Então Kate gritou, e Charlie se ergueu, ficando acima da água. Ela notou que ele tinha um grande peitoral, e o pânico tomou conta de todos os seus pensamentos.

— Jesus, qual é o problema? — ele ofegou.

— Tem algo atrás de mim. Roçando nas minhas costas. Oh, Deus. Água viva.

Charlie nadou ao redor, e então um monte de algas caiu em sua cabeça. Kate gritou novamente e disparou em alta velocidade, batendo braços e pernas.

— Não é uma água-viva! — ele gritou. — São algas.

— Eu também não gosto de algas.

Charlie a alcançou.

— Por que diabos você escolheu fazer isso no mar se tem medo de água-viva, tubarão e alga marinha? Mais alguma coisa a acrescentar?

— Caranguejos, enguias e petroleiros.

Ele riu.

— Que tal lulas gigantes?

Ela engoliu em seco.

— Pensei que, se continuasse com as minhas roupas, não me importaria

com coisas viscosas, mas eu estava errada. Não tinha pensado em tubarões até você mencioná-los. Nem lulas. De qualquer forma, não sou a única que não gosta de tubarões.

— Eles não virão atrás de mim. Não estou sangrando.

— Você está muito perto de mim. Eu não acho que eles sejam exigentes. É melhor você se afastar e me deixar em paz.

— Mas é minha culpa que você esteja sangrando. Eu me sentiria terrível se um tubarão te comesse. — Ele não conseguiu conter uma risada.

Kate nadou, e ele a seguiu.

— Você está me perseguindo? — ela perguntou. — Eu não posso nem me matar em paz?

— É mais provável que você esteja me perseguindo.

— Certo, é isso. Desisto.

Ela se virou e começou a nadar de volta à costa. Charlie acompanhou-a. Nenhum dos dois falou, mas depois de alguns minutos ficou claro que a praia não estava se aproximando.

— Vamos nadar no modo *crawl* — disse Charlie. — Podemos fazer mais progresso.

Eles não fizeram.

Suas pernas pesavam como chumbo, Kate achou difícil manter a cabeça acima da água. Suas roupas a puxavam para baixo. Ela estava se segurando em Charlie, e sabia, sem que ele dissesse, que este se recusaria a soltá-la. Kate abriu o zíper do jeans e tentou descê-los pelos quadris, uma ação que a enviou profundamente para debaixo d'água. Charlie agarrou seu braço e a arrastou para a superfície.

— Que diabos você está fazendo? — ele gritou.

— Tentando tirar meu jeans.

Ele piscou para tirar a água dos olhos.

— Normalmente eu seria a favor disso, mas você vai se afogar.

Eles se entreolharam, riram e acabaram tossindo.

— Podemos usá-los como boia pra flutuarmos — disse Kate. — Amarrar as pernas e enchê-las de ar.

O olhar incrédulo dele a deixou determinada a provar que podia fazê-lo e mergulhou. Era como tentar descascar um limão com uma faca de plástico. Ser morta por seus jeans não era outra maneira agradável de acabar com as coisas.

Quando Kate saiu triunfante, de calça na mão, a chuva estava caindo. Ela

lutou com os dedos frios para dar um nó em uma perna enquanto Charlie trabalhava na outra. Quando as duas pernas foram amarradas, Kate segurou o jeans pela cintura e os levantou no ar. O vento o arrancou de suas mãos e o jogou a vários metros de distância.

Charlie riu.

— Devo pegá-lo?

— Não se preocupe. Era um jeans barato e provavelmente não teria funcionado.

E se eu estiver morta, não precisarei dele, de qualquer maneira. O céu escureceu, e Kate uivou quando um trovão soou acima. A água ficou mais agitada, ondas quebrando em seus rostos.

— Acho que alguém ficou chateada por termos mudado de ideia. — Charlie tossiu.

Kate cuspiu água depois que uma onda bateu em seu rosto.

— Você acha que a praia está se aproximando?

— Não.

— Nós provavelmente fomos apanhados por uma corrente.

— Nade mais forte — ele disse. — Fique paralela à praia.

Kate se perguntou o que estava fazendo, lutando para se manter viva quando o objetivo daquele dia era afundar. Talvez ela não quisesse tanto morrer quanto pensava. Talvez já estivesse morta e sendo punida por se matar, condenada a uma luta perpétua em um mar selvagem com um homem lindo, mas irritante.

— Você é um anjo? — ela deixou escapar.

— Não.

— Diabo?

— Hum. Pare de falar, continue nadando.

Kate concentrou-se em respirar por entre as ondas que quebravam. Manter-se boiando e capturar o máximo de ar que conseguia. Ela não tinha certeza de quanto tempo se passou antes de perceber que Charlie não estava com ela. Ela girou em um círculo.

— Charlie!

Os picos e vales haviam se tornado mais nublados, com a chuva reduzindo a visibilidade a alguns metros. Kate não sabia diferenciar o céu e o mar, como se estivesse presa em uma das pinturas de Turner. Toda vez que tentava respirar, engolia água. Kate tossiu, engasgou e gritou por Charlie. Ela girou em círculos procurando por ele e agora a praia estava perdida.

— Charlie!

Quando avistou seu rosto branco no topo de uma onda, Kate nadou freneticamente em sua direção, lutando contra a água para chegar ao seu lado. Através de seus olhos que ardiam, Kate o viu nadando em sua direção.

— Eu pensei que tinha te perdido. — Ela estendeu a mão para tocá-lo. Tossiu e cuspiu água.

— Não é fácil se livrar de mim. Porra, estou com tanto frio e cansado. Era para ser o que eu queria, só que agora não é mais.

Sob a sombra do rosto não barbeado, sua pele parecia quase translúcida. As cavidades abaixo de suas maçãs do rosto pareciam mais profundas, como se ele estivesse se transformando em um cadáver na frente dela.

— Continue nadando — disse Kate.

— Qual caminho? Onde fica a porra da praia?

— Eu não sei.

Eles se entreolharam, e Charlie deu um sorriso irônico.

— Talvez não devêssemos ter a intenção de mudar de ideia.

Ele manteve a mão acima da água, e Kate vislumbrou seus dedos brancos.

— Não me solte — ela ofegou.

— Não *me* solte — disse Charlie.

E eles deixaram o mar escolher se queria ou não ficar com eles.



A História de Kate

— A divinha? — disse Lucy, ocupante do apartamento quatro, no Elm Gardens, Greenwich, que morava abaixo de Kate, do número cinco.

— O quê? — Kate perguntou.

Uma saltitante Lucy invadiu o apartamento de Kate e se jogou no sofá.

— Eu tenho ingressos de imprensa para um novo evento em Knightsbridge.

— Não, obrigada — disse Kate.

— Chama-se “A festa de casamento”.

— Não estou interessada.

As três palavras ricochetearam em Lucy.

— Vai ser ótimo. Claro que você quer ir.

Kate terminou de lavar a louça.

— Não, não quero.

— Obviamente, não fiz soar atraente o suficiente. Ouça o que diz no folheto publicitário. *A noite é um cruzamento entre uma festa de casamento simulada e um evento de namoro. Enquanto desfruta de um jantar de casamento com um tema divertido, que vai provocar um monte de risadas, você também terá a chance de conhecer novas pessoas.* Não é uma grande ideia?

— Não. — Kate começou a limpar os puxadores dos armários da cozinha. Os ombros de Lucy caíram.

— Por que não?

— Você não acha um pouco estranho tentar formar casais em um casamento de mentira?

Lucy pensou e encolheu os ombros.

— Os ingressos são gratuitos.

— Não. — Kate passou para os rodapés.

— Há um banquete de sete pratos e bebidas ilimitadas.

Isso era tentador, mas...

— Não.

— Vai ser uma noite divertida com bebida liberada — disse Lucy, exasperada.

— Não uma busca desesperada de homens solteiros desesperados e mulheres solteiras desesperadas?

— Bem, eu não sou solteira — disse Lucy.

— E eu estou desesperada e solteira? — Kate pegou o aspirador de pó do armário.

— Claro que não. Rachel e Dan irão. E Nick. Por favor?

Kate cedeu.

E descobriu, no caminho, que Dan, que morava próximo a ela, no número seis, e Rachel, que morava abaixo, no número três, só concordaram em ir porque Lucy lhes disse que Kate só iria se eles fossem.

— Você é uma pequena trapaceira — disse Dan.

Lucy sorriu.

— Ei, não posso deixar de ser persistente e persuasiva. Se eu escutasse quando as pessoas dizem não, nunca conseguiria o emprego na Radio Metro.

Uma vez que Lucy estava saindo com o chefe casado, Nick, Kate se perguntou o quão persistente e persuasiva ela realmente deveria ser.



Quando os quatro entraram na tenda de casamento, erguida dentro de um edifício, seus queixos caíram. Metros de tecido branco brilhante cobriam as paredes, enquanto acima de suas cabeças milhares de luzes brilhavam em um dossel preto. Cada mesa redonda tinha oito cadeiras de prata e, acima do centro de cada mesa, três balões vermelhos em forma de coração estavam ancorados por esculturas de gelo derretidas. Os noivos entrelaçados já haviam se transformado em uma pose ousada.

Um microfone chiou e uma voz sem corpo instruiu as mulheres a encontrarem seus assentos e os homens a ficarem juntos no outro lado da sala.

— Espero que não escolham Nick — Lucy sussurrou.

— Mas ele escolheria você — disse Kate.

Os olhos de Lucy se arregalaram.

— Eu não tinha pensado nisso.

Kate assistiu ao círculo de luz dançar do rosto de um homem para outro. Cada vez que a luz parava, a reação era diferente — satisfeita, horrorizada, presunçosa, zangada, alheia. Quando a luz pousou em Dan, ele parecia tão aterrorizado que Kate riu. Então os holofotes fizeram uma dança selvagem, enquanto a antecipação era aumentada pelo som de uma fanfarra antes que a luz caísse em alguém. Enquanto o cara avançava, Kate aplaudiu como todo mundo. Ele era alto e bonito, com cabelos castanhos arrumados, dentes muito brancos e uma mandíbula quadrada. Ele também tinha um sorriso nervoso no rosto.

— Me escolha, me escolha — disse Rachel.

Kate olhou para a amiga. Ela tinha cabelos castanhos lisos que caíam sobre os ombros e se enrolavam nas pontas. O nariz dela era arrebitado, e os lábios eram vermelhos e cheios. Ela olhou para o cara e se empertigou em seu assento, na tentativa de parecer mais alta. No lado oposto da mesa, Lucy olhava em uma direção diferente. Ela não queria ser escolhida, porque não era Nick que estava fazendo a escolha, mas quem poderia resistir aos longos cabelos loiro-claros, olhos azuis brilhantes e maçãs do rosto finas o suficiente para cortarem um presunto de Parma.

Agarrando a taça de champanhe, Kate afundou-se o máximo que pôde para esconder-se sob a toalha de mesa, que não era muito longa, colocando-se com uma perna da mesa presa entre as coxas. Ela tomou um gole do líquido morno e estremeceu. Não que fosse uma especialista, mas se aquilo era champanhe, ela era uma supermodelo. Era muito doce, efervescente e tinha tanto álcool quanto uma bebida esportiva.

— Oh, meu Deus, ele está vindo nesta direção — Rachel chiou.

Lucy, como Rachel, agora estava focada no cara que passava pelas mulheres sentadas. Kate percebeu seus sorrisos sensuais, fazendo beicinhos promissores e olhos de *me foda* e viu rostos murcharem quando ele passava direto. Ele foi direto para a mesa de Kate. Lucy era irresistível, só que o namorado, Nick, não ficaria muito feliz se ela tivesse que passar a noite

sendo legal com outro homem.

Kate levou um momento para perceber que alguém estava tentando afastar a mão dela da borda da cadeira. Outro momento se passou antes de ela registrar que o cara com a mandíbula quadrada e um sorriso envergonhado caiu de joelhos ao lado dela e não ao lado de Lucy, nem mesmo ao lado de Rachel.

— Você quer se casar comigo? — ele perguntou.

Todos na sala enlouqueceram, gritando e assobiando por vários segundos.

A taça de champanhe de Kate caiu de seus dedos. Ela a viu tombar sobre a mesa. O líquido afundou no pano branco e se espalhou como um fungo alaranjado. Ela não conseguia desviar os olhos da mancha. Rachel a cutucou com um garfo, sussurrando algo em seu ouvido. Kate virou-se para olhar para o homem que esperava a seus pés. O olhar desconfortável em seu rosto se tornou mais evidente à medida que os segundos passavam. A sala ficou em silêncio. Todos esperavam que ela falasse. O garfo a atingiu novamente, e ela se encolheu.

— Tudo bem — ela se forçou a dizer.

O noivo riu. Ele se levantou, puxou-a para se levantar e levou-a para longe da mesa.

Kate teve alguns momentos de puro pânico quando não conseguiu respirar. Ele a conduziu por uma porta, para longe do barulho e dos rostos antes que conseguisse encher os pulmões.

— Cristo, por um minuto eu pensei que você ia dizer não. — Ele sorriu para ela, um sorriso um pouco estranho.

Kate engoliu em seco. Ela queria dizer não, estava desesperada para dizer não, tinha um não nos lábios, junto com “escolha Lucy, seu idiota” ou até “Rachel está desesperada”, embora Rachel nunca fosse perdoá-la por isso, mas de alguma forma, o que saiu foi:

— Tudo bem.

Um homem de calça preta de couro e uma camisa branca com babados correu pelo corredor em direção a eles. Ele usava um fone de ouvido com um microfone que se curvava em sua bochecha como uma cobra negra de cabeça gorda.

— Nosso primeiro casal feliz. Fabuloso. Sigam-me.

Ele andou para o lado oposto, e Kate ficou tentada a fazer o mesmo.

— Eu sou o Chris. Seus nomes?

— Richard Winter¹.

— Kate Snow².

Richard virou-se para Kate e deu-lhe um sorriso elegante.

— Ei, Winter e Snow no dia mais quente do ano. Definitivamente o destino. — Os olhos dele se enrugaram, e ela sorriu de volta.

— Estou tão feliz que você disse sim — disse Richard. — Sabe por quê? Eu realmente quero me casar com você.

Kate riu. Isso podia ser divertido, ela pensou, mas se tivesse uma escolha, ela o recusaria. Quando concordou em ir com Lucy e os outros, nunca passou pela sua cabeça que poderia ser escolhida como a noiva. Agora ela se sentia obrigada a continuar com aquilo. Kate não gostava de decepcionar as pessoas.

Ela e o noivo foram conduzidos a salas separadas.

— Tire a roupa — foi a primeira coisa que Kate ouviu.

Os organizadores conversaram com ela e as damas de honra enquanto se preparavam, contaram o que tinham que fazer e deram uma ideia do que esperar, embora não tudo, porque queriam reações espontâneas. Kate desejou poder entrar em combustão espontânea antes de vomitar e fazê-los surtarem. Os nervos dos organizadores do evento irritaram Kate e as outras. Quando Chris lembrou a elas quantos amigos e associados delas estavam lá, todas ficaram pálidas.

— A imprensa não se importa com quem eles assassinam — disse Chris.

Kate foi colocada em seu vestido, a maior coisa que ela já viu, camada após camada de veludo branco. Ela parecia, na melhor das hipóteses, um pedaço de algodão doce invertido e, na pior das hipóteses, a irmã feia e rabugenta da Barbie. A mulher mexendo no cabelo de Kate xingou quando ele não aplainou e acabou desistindo. Kate sorriu ao pensar que pelo menos seu cabelo tinha uma mente própria. Uma tiara de princesa cintilante foi presa em sua cabeça e um véu curto e rígido colocado no lugar.

Ao lado de Kate, as três damas de honra tinham sido vestidas com monstrosidades com mangas bufantes, decotes cavados e floridos nas cores de verde limão, rosa fúcsia e marrom lamacento. *Não há um único adjetivo que caia bem com marrom*, pensou Kate. Ela assistiu com simpatia à moça de marrom explodir em lágrimas, consolada por uma de rosa e uma de verde, aliviadas.

De volta ao salão principal, todos aplaudiram sua entrada. Kate sabia que suas bochechas se aproximavam do tom do tapete vermelho, mas ela manteve a cabeça erguida e caminhou em direção ao local onde o noivo e o vigário de

mentirinha aguardavam. A marcha nupcial soou, interrompida a cada segundo por uma transmissão de rádio policial e cortada por estática sobre uma invasão em uma sala de massagens.

Quando seu marido por uma noite se virou para olhá-la, a respiração de Kate ficou presa na garganta. Richard usava um smoking com uma gravata borboleta rosa neon. Ele estava lindo e genuinamente emocionado ao vê-la. Então, Kate não entendeu por que havia uma voz em sua cabeça dizendo a ela para dar uma de Julia Roberts e sair dali.

O vigário soluçou e gaguejou durante a cerimônia. Ele errou os nomes e as palavras, alternando entre batizado e casamento. Quando a humilhação terminou, os noivos foram sentados em uma mesa comprida.

— Aposto que você não pensou em se casar hoje — disse Richard.

Kate nunca pensou que iria se casar em qualquer momento.

— O que te levou a me escolher?

— A careta que você fez quando tomou um bocado dessa porcaria. — Ele levantou a taça de champanhe.

Isso combina comigo. Ela geralmente era muito melhor em esconder seus sentimentos.

— Então, o que minha esposa faz para viver? Âncora para o jornal das seis horas? Correspondente política do The Times? Colunista de fofocas do Sun?

— Garçonete.

Houve uma pausa. Kate sabia que ele desejava ter escolhido alguém mais interessante ou que estava esperando que ela perguntasse o que ele fazia. Ela ficou calada, imaginando se ele passaria no teste.

— Sou banqueiro de investimentos.

Falhou.

— Mas sinto que, quando ouvirmos o discurso do padrinho de mentira, ele inventará uma carreira mais interessante para mim. Seu pai de mentira irá inventar para você também, provavelmente, mas eu sou banqueiro, de verdade. Temo ser uma coisa entediante.

Talvez ela o tivesse julgado muito rapidamente.

— Estou feliz por ter te escolhido. Você não parece nada entediante — ele disse.

Ele deu um pequeno sorriso e as defesas de Kate começaram a estremecer.

Quando o primeiro prato estava sendo removido, um gongo soou e os

homens se levantaram e trocaram de mesa.

— Espero que você não esteja querendo trocar de parceiro — disse Richard. — Receio que estejamos presos um ao outro durante a noite.

— Está tudo bem. — Kate falava sério. Ela não estava procurando um homem, mas Richard parecia legal. Kate não falou muito, mas ele foi atencioso e ouvia quando ela falava, o que a fez começar a se divertir.

Não durou muito.

— Eu acho que seu pai de mentira está prestes a envergonhá-la. — Richard colocou a mão no braço dela.

Longe de ficar envergonhada, Kate se sentia desorientada com o que estava acontecendo. O careca jovial ao lado dela não se parecia em nada com o pai do qual Kate se lembrava.

— Bem-vindo — o Papai Noel sem pelos falou. — Bem-vindos, todos os repórteres mentirosos, fotógrafos amadores, possíveis astros da TV e do rádio, os *freelancers* do asilo da Tia Liza, que está irremediavelmente insana, paparazzi alimentadores da escória inferior, amigos, parentes e completos estranhos.

Isso deu o tom. Aparentemente, Richard era ginecologista e Kate era proctologista. Uma combinação perfeita. Histórias de Kate mostrando ao mundo seu traseiro na *Marks e Spencer* e de Richard enfiando a mão em um peru foram duas de muitas delas. Foi só quando sua mãe de mentira, uma mulher alta e magra com o maior chapéu que Kate já vira, se levantou para falar e começou a discutir com o marido, que a postura de Kate foi abalada. Quando Richard tirou a mão dela da perna da mesa e apertou seus dedos, como se sentisse que algo estava errado, ela soube que não se importaria de vê-lo novamente.

Depois do bolo de casamento, a amante histérica, o bebê gritando, a batida policial, os presentes de casamento embaraçosos e a briga das solteiras pelo buquê — a uma altura em que Kate se perguntava o que mais eles poderiam inventar —, a tortura estava quase no fim.

Kate e Richard foram conduzidos à pista de dança e deixados sozinhos para dançarem uma música lenta. A voz de Tammy Wynette cantando *D.I.V.O.R.C.E.* preencheu a sala. Então a noite era deles para fazerem o que quisessem, mas no momento em que Richard puxou Kate para seus braços, ela duvidou que quisesse dançar com mais alguém. Ela sentiu o coração dele batendo contra o dela. Os dedos dele percorreram suas costas e ele pressionou o rosto contra os cabelos dela, conversando como se estivesse conjugando um

verbo.

— Posso te beijar? Deixe-me te beijar. Eu tenho que te beijar. Eu vou te beijar.

Ele moveu as mãos para sua garganta e angulou seu rosto enquanto pressionava os lábios nos dela. Depois que Kate abriu a boca, ele deslizou uma das mãos por suas costas e a puxou para si, seus quadris pressionados contra os dela. Mesmo através das grossas camadas de seu vestido horrível, Kate sentiu a ereção pressionando seu estômago. Impossível não perceber seu interesse. O beijo começou lento e cálido, mas em um instante tornou-se veloz, quente e ganancioso. Ela ouviu vaias e aplausos, afastou-se e percebeu que havia outros casais se movendo na pista de dança ao redor deles.

Richard sussurrou em seu ouvido:

— Eu achei que você era gostosa e agora eu sei que você tem um sabor delicioso.

— Você gosta de merengue?

— Eu gosto mais de chantilly.

Kate riu. As mãos dele deslizaram pela cintura dela, e ele ergueu os polegares para roçarem sob seus seios. Kate cambaleou. Teve uma visão repentina de uma cama esperando por eles em outro quarto, junto com uma pilha de brinquedos sexuais. A cama estaria cercada por cadeiras e a “primeira noite” seria observada por todos os convidados, todos os juízes das Olimpíadas da Noite de Núpcias, com pontuação de zero a dez. Ela estremeceu.

— O que você está pensando? — Richard perguntou.

Kate não iria compartilhar aquele devaneio.

— Se meus amigos estão bem.

— Você quer saber o que estou pensando?

Ela supôs que já sabia.

— Eu não quero que você use um vestido assim quando nos casarmos. Eu imagino você em algo fino e elegante.

Não era o que ela esperava.

— Posso ir para a sua casa?

Aquilo foi inesperado.

Ele olhou para ela com seu sorriso torto, e Kate ficou dividida entre achar aquilo fofo e desconcertante.

Ela se afastou.

— Não.

— Você quer ir para a minha?

— Não.

Ela gostou do fato de ele rir, mas Kate não confiava em si mesma com aquele cara.



Richard correu atrás do táxi de Kate, soprando beijos enquanto ela observava pela janela traseira. Depois que Kate se foi, ele voltou para seus amigos, na fila para um táxi, e não tentou esconder seu olhar presunçoso.

— Cinquenta libras pra cada um de nós — disse Simon a Richard, estendendo a mão.

Richard levantou o celular, exibindo o número de Kate.

— É apenas um número de telefone e pode ser o de um abrigo para cachorros — ressaltou Simon.

— É só para você que as garotas fazem isso. — Richard sorriu. — Gostariam de aumentar a aposta? Eu tive outra ideia.

Seus dois amigos trocaram olhares. Richard sabia que Simon aceitaria. Ele era repórter do jornal diário e mantinha essa postura o tempo todo, portanto estava disposto a qualquer coisa. Ele não tinha tanta certeza sobre Alexander Philo, conhecido como Fax, que era um fotógrafo freelancer. Richard não o conhecia há muito tempo.

— Você está inventando desculpas. Pague — disse Simon.

— Ok, então ela não transou comigo esta noite, mas aposto que posso fazê-la se casar comigo dentro de dois meses.

Fax e Simon começaram a rir.

— Estou falando sério — disse Richard, irritado por estarem rindo tanto.

— Na verdade, estou falando sério, darei mil libras a cada um se não conseguir levá-la a um cartório dentro de oito semanas. Mas não vou falhar, então vocês vão me pagar. — Houve um silêncio repentino.

— Eu não gosto disso. — Fax balançou a cabeça.

— Do que você não gosta? De ganhar dinheiro fácil? — Simon perguntou. — Não que eu deva encorajar Richard nesse seu vício desprezível pelo jogo, mas estou envolvido. Rich, você nunca vai conseguir isso. Na verdade, se o Fax não estiver interessado, concordo em receber duas mil libras pela aposta.

Richard acendeu um cigarro.

— Tem certeza disso?

Simon assentiu.

— Ei, pessoal, parem com isso — disse Fax. — Não se deve brincar com alguém assim.

Richard bufou.

— É divertido. Relaxa. — Ele captou o olhar nos olhos de Simon. — Você não vai escrever sobre isso, Baxter.

— Tudo bem, sem artigo, mas, definitivamente, quero apostar. Você não é tão persuasivo. Pode tirar as fotos, Fax. — Simon cutucou-o nas costelas. — Quero provas.

— Não podem interferir — disse Richard. — Não quero que vocês digam a ela que tenho herpes ou algo assim.

— Esclarecido então, não é? — Simon perguntou.

— Idiota. — Richard riu.

— Vocês dois são idiotas — disse Fax.



Na sexta-feira à noite, cinco semanas depois da “Festa de Casamento”, Kate e Richard estavam caminhando de mãos dadas por Greenwich Park, Fax e Simon logo atrás. Os quatro foram para uma refeição no Crispies, o café onde Kate trabalhava. Ela preferia comer em outro lugar, mas Richard insistiu.

— Pare bem aqui — disse Richard, olhando para a luz de laser verde brilhando logo acima, do Observatório no topo da colina. — Você está no hemisfério leste e eu estou no oeste. Um momento especial.

Ele esperou que Fax e Simon os alcançassem.

— Vocês podem testemunhar isso — disse e, para a surpresa de Kate, ele caiu de joelhos na calçada. — Kate, meu amor, quer se casar comigo?

Porque ele disse que a amava, porque a queria e a fazia se sentir segura, Kate achou que era o suficiente, mesmo que ainda não se sentisse pronta para se casar. Começou a dizer sim e depois se lembrou do que havia dito pela primeira vez.

— Tudo bem.

Richard riu, mais animado do que ela já o tinha visto antes. Ele a ergueu do chão e a girou, então cumprimentou seus amigos.

— Certo. Vou providenciar tudo — disse ele. — Documentos, flores, fotos, lua de mel. Tudo o que você precisa fazer é aparecer no cartório com um lindo vestido, sexy, pronta para dizer sim e não *tudo bem*.

— Vá com calma. — Kate sorriu diante de sua exuberância.

— Vamos nos casar! — ele gritou para as estrelas. — Ela disse sim.

— Na verdade, eu disse tudo bem. — Kate pulou em seus braços para lhe dar um beijo.

— Caramba, vocês se conhecem há algumas semanas. Têm certeza de que não estão se apressando? — Simon perguntou.

— É exatamente isso que estamos fazendo, nos apressando. — Richard sorriu.

— Você está satisfeita com um casamento no cartório? — Simon perguntou a Kate. — Ou você preferiria caminhar até um altar?

— Pare de tentar dissuadi-la — disse Richard. — Podemos fazer isso na igreja se você quiser, embora eu prefira que não seja.

— Um cartório está bom. — Kate não queria muita coisa. Ser amada era suficiente.

— Quando vocês vão se enlaçar? — Fax perguntou.

— O mais rápido possível. Hoje, se pudéssemos. Agora fodam-se vocês dois. Minha noiva e eu temos coisas a discutir.

Richard pegou a mão de Kate e a puxou mais rápido em direção ao apartamento dela.

Kate fez uma careta.

— Eles não nos deram parabéns.

— O Fax está com ciúmes. Ele fantasiava ficar com você.

Ela não podia acreditar nisso. Fax estava sempre perguntando sobre Lucy.

— Vamos manter isso em segredo — disse Richard. — Não conte a ninguém até que esteja feito. Sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas não queremos que as pessoas nos digam que é muito cedo. Essa é, provavelmente, a razão da cara de bunda de Fax. Ele é tão cauteloso, é maravilhoso que pelo menos tenha tirado uma foto.

Richard a abraçou.

— Vamos nos casar e depois faremos uma festa e convidaremos nossos amigos e parentes.

Kate sabia que não haveria muitos amigos e nenhum parente. Ela disse a ele que seus pais estavam mortos.

— Eu não quero milhares dos meus parentes lá e nenhum dos seus. —

Richard acariciou seu rosto. — Desta forma, será o nosso dia especial. Nem quero que minha mãe interfira. Deus, eu adoraria aparecer na porta dos meus pais segurando sua mão, dizendo que você é minha esposa. Onde você quer passar a lua de mel?

Kate sentiu como se tivesse sido atingida por um foguete e estivesse explodindo em todas as direções.

Richard apertou a mão dela.

— Para onde você quer ir, Kate? Deixe-me realizar seus sonhos.

Ele poderia? Naquele momento, ele parecia capaz de qualquer coisa.

— Havaí — disse ela.

— Considere feito. — Richard sorriu.

Kate ofegou em choque, mas ela acreditou nele.



Fax baixou as fotos em seu computador e olhou para a tela, desejando que pudesse desfazer o que tinha acontecido. A primeira imagem mostrava Kate chegando ao cartório de Woolwich parecendo tão feliz que seu rosto brilhava como uma flor recém-aberta. Ele tirou várias fotos dela entre a limusine e a porta. Ela até se virou na entrada, olhou para trás e riu, como se estivesse posando para a câmera dele, embora Fax tivesse certeza de que ela não o viu.

Aquela imagem em particular era maravilhosa e terrível. Ele capturou sua alegria, o último momento de sua felicidade. Ele poderia tê-la impedido de entrar, mas era um covarde. Fax tinha se convencido de que não havia sentido, porque era tarde demais. Kate pensava que Richard iria se casar com ela e apareceu em um deslumbrante vestido de noiva marfim. O dano fora causado, e a aposta fora perdida ou ganha, dependendo de como você a encarava. Richard fora o perdedor, mas o idiota não enxergava isso.

Enquanto Fax esperava do lado de fora, seu humor foi brevemente aliviado pela esperança de que Richard estivesse lá dentro, ou que chegaria tarde, porque, embora ele não amasse Kate no começo, poderia ter se apaixonado por ela depois. Por outro lado, Fax sabia que Kate merecia algo muito melhor do que se casar com um idiota como Richard Winter. Dessa forma, ela se magoaria, mas sobreviveria.

Fax clicou para a próxima fotografia. Não havia necessidade de ele esperar depois que Kate entrou no prédio, mas ele o fez. Quanto mais tempo

ficava lá, mais certeza tinha de que Richard não estava lá dentro. Fax sabia que, por pior que se sentisse, não era nada comparado ao que Kate devia estar sentindo. Outros casais entraram e saíram, e Fax ainda esperava, porque Kate também esperava. Ele ligou para Richard, mas o desgraçado desligara o celular.

Quando ela surgiu, Fax levantou a câmera quase como uma barreira protetora. Ela parecia menor, como se tivesse perdido alguma coisa. Foi o que Richard fez, pensou Fax. Ele afundou os dentes no pescoço dela e sugou sua vida. Era quase o suficiente para fazer Fax acreditar em vampiros.

O rosto de Kate estava tão pálido quanto o vestido. Ele poderia ter se aproximado dela, mas para dizer o quê? Em vez disso, Fax a seguiu até Greenwich, tirando mais malditas fotos, esperando que se virasse, o visse e o socasse, para que se sentisse menos culpado. Mas ela se afundara tanto dentro de si mesma que Fax achou que poderia ter se sentado ao lado dela no ônibus sem que ela notasse.

Ele a seguiu até seu apartamento. Kate tirou uma chave do sapato e entrou. Por mais que Fax fosse covarde demais para falar com ela, não era covarde demais para conversar com Richard.

Depois que se armou com cópias das fotografias, ele foi ao apartamento de Richard.

— Trouxe o dinheiro? — Richard perguntou.

— Vá se foder, seu desgraçado.

Richard pegou o envelope marrom da mão de Fax e o abriu. Fax observou enquanto ele examinava as fotos, esperando um lampejo de remorso, torcendo para que as fotografias alcançassem pelo menos algo que valesse a pena.

— Deus, ela parece um pouco chateada. — Richard sorriu.

Fax engasgou.

— Ela estava mais do que um pouco chateada, seu idiota.

— Ela vai superar.

— Eu pensei que você a amasse. Ela pensou que você a amava.

— Ela não era tão ruim, mas é apenas uma garçonne.

Um flash de raiva inundou Fax.

— Ela é uma pessoa melhor que você.

— Você sabia sobre o acordo. Se é tão piedoso, por que não contou a ela?

— Eu gostaria de ter contado.

Richard estreitou os olhos.

— Quando você vai me pagar?

As mãos de Fax se fecharam em punhos.

— Eu nunca concordei com isso, mas cometi o erro de te dar o benefício da dúvida. Eu vi você com ela e pensei que se importava. Se tivesse um pouco de decência, diria a ela que ficou nervoso ou algo assim.

— Diga a Simon que ele me deve. — Richard bateu a porta.

Fax não pôde sair imediatamente. Ele estava tremendo demais. Quando colocou o capacete, sabia o que tinha que fazer. Contar a Lucy significava que nunca mais teria chance com ela, porque a garota pensaria que ele era um completo filho da puta, mas esse era o castigo dele por querer que Richard Winter fosse seu amigo.



— Você é um completo desgraçado — Lucy ofegou.

— Pensei que ele a amava. Eu teria contado antes, mas realmente pensei que ele a amava. — Fax não conseguia convencer nem a si mesmo.

Ele estava sentado no apartamento de Lucy, remexendo-se na beira do sofá. Desejava estar sentado lá, apenas com Lucy nos braços, mas ela olhava para ele como se ele tivesse brotado chifres em sua cabeça e um rabo bifurcado em sua bunda. Fax ergueu a mão e passou-a pelos cabelos espetados. Mesmo furiosa, ela era adorável.

— Eu preciso falar com ela — disse Lucy, mas ficou onde estava.

— Eu posso ir, se você achar que posso ajudar. — Outro raio da morte disparou em sua direção. — Farei qualquer coisa. — Fax tentou não olhar para os seios dela.

Lucy suspirou.

— Rachel e Dan estão fora. Suponho que você seja melhor que nada.

Fax estava pateticamente grato por isso.



Kate estava deitada, encolhida no chão dentro de seu apartamento ainda usando seu vestido de noiva, quase incapaz de respirar. Ela arriscara expandir seu mundo para incluir Richard nele e agora não tinha mais um porto seguro. Seu coração foi triturado, picado e liquidificado porque ela se permitiu

acreditar que ele a amava. E tudo o que Kate conseguia pensar era bem típico dela.

Ela se encolheu quando Lucy bateu na porta.

— Kate, você está aí?

Kate tentou repassar mentalmente os acontecimentos das últimas semanas, procurando o que havia deixado passar, o que não tinha percebido.

— Kate! Eu sei o que aconteceu. Fax me contou. Não acredito que Richard fez isso. Por favor, abra a porta.

Percebendo que não teria a chance de fingir que nunca aconteceu, o coração de Kate vacilou.

— Kate, por favor.

Como era estúpido pensar que alguma coisa havia mudado, quando *ela* não tinha mudado. Será que Richard descobrira algo tão ruim que não quisera mais se casar com ela? Sua respiração ficou presa na garganta, paralisada. Talvez fosse isso. Ninguém jamais a desejara. Kate desejou estar morta, desejou que seu coração parasse de bombear sangue.

— Kate, abra esta porta agora — disse Lucy.

O coração de Kate se retorceu como se Richard o tivesse apertado com as mãos. Ela desejou que suas veias encolhessem, as artérias entupissem, o cérebro congelasse.

— Kate, vamos abrir uma garrafa e falar sobre como ele é um merda — gritou Fax.

— Ele é um maldito monstro. Eu também me enganei — disse Lucy.

E, por um momento, o sangue de Kate *realmente* vacilou. Enganada por quê?

— Fax nunca pensou que Richard iria continuar com isso, caso contrário, ele teria contado a você no começo. Kate, querida, Richard planejou isso desde “A festa de casamento”.

Kate tremeu. Então Richard não mudou de ideia, não teve um ataque de nervos nem descobriu seu segredo. Ele deliberadamente a seduzira e a largara.

— Ele não deveria se safar por brincar com as pessoas assim — disse Lucy.

Um jogo? Não, uma aposta. Richard gostava de jogar. Cavalos, cachorros, cartas. Uma das poucas coisas sobre ele que a deixavam desconfortável. Isso e o cigarro.

— Acho que ela não está aí — disse Fax. — Talvez ela tenha ido embora.

— O carro dela está lá fora.

— Ela pode querer ficar sozinha.

Ela ouviu os passos se afastando e se encolheu ainda mais. Oprimida por uma onda de profunda inadequação, Kate achou mais fácil acreditar que era culpa dela que Richard tivesse feito aquilo. Não era boa o suficiente, bonita o suficiente nem fora inteligente o suficiente para descobrir. O fracasso era dela, não dele.

No final de uma noite sem dormir, Kate percebeu que não havia nada que pudesse fazer para acertar as coisas e apenas uma maneira de fazer tudo desaparecer.



— Eu acho que você é muito melhor que Robbie Williams — a garota sussurrou no ouvido de Charlie.

Ele rangeu os dentes. Porra, ele era muito melhor do que Robbie Williams.

— Você acha? — Charlie olhou para ela. Deus, ele não conseguia se lembrar do nome da garota. — Você transou com Robbie, então?

Ela riu.

— Não, eu quis dizer cantando.

Charlie jogou o lençol de lado e levantou-se, completamente nu.

— Eu não canto mais. — Ele procurou sua boxer.

— Você poderia cantar para mim. Volte para a cama.

Ele olhou para ela. Por que sempre achava que conheceria um tipo diferente de mulher, quando continuava seguindo sempre na mesma direção? Ela se insinuou, e ele disse sim. Era obrigado a ser charmoso e sexy, o cara que toda mulher queria em sua cama e muitos homens também. Mas Charlie estava cansado de acordar e se perguntar quem estava ao seu lado.

Aquela era como todas as outras. Corpo quente, células cerebrais limitadas. Charlie nem tinha dormido e ainda não conseguia se lembrar do nome dela. Ele se concentrou em seus seios enquanto ela passava as mãos pelos mamilos perfeitamente redondos, pequenos e amarronzados apontando em sua direção, suas armas de destruição. Seu pênis se contraiu, e ele lambeu os lábios.

— Você não me quer, Charlie?

Sim e não. Ele olhou embaixo da cama. Nenhuma cueca, mas muitas embalagens de preservativos vazias. Fez uma careta, desistiu, pegou o jeans e começou a se vestir, evitando com cuidado fazer qualquer comentário. A cadela provavelmente tinha escondido sua boxer para que pudesse vendê-la no eBay. Não seria a primeira vez.

— Charlie?

— Desculpe, eu tenho um trabalho logo de manhã — ele mentiu.

— Tem coca, então? — Ela deitou-se, apertando os mamilos duros com dedos inquietos.

Ele se perguntou se os seios dela eram falsos, porque eram tão perfeitos. Não tinha visto uma cicatriz, embora tivesse ouvido de cirurgiões que alguns entravam sob as axilas. Charlie tinha um vago interesse em verificar, mas não queria que ela entendesse errado, além de parecer muito jovem para fazer esse tipo de cirurgia. Ela parecia jovem demais. *Merda*.

— Quantos anos você tem mesmo?

— Dezoito. Você acha que eu sou grandinha o suficiente? — Ela apertou os seios.

— Sim, você é ótima — disse Charlie. *Jesus, dezoito!*

Ele vestiu a camisa e tirou um papel alumínio do bolso. Jogou-o sobre a barriga plana dela, procurou pelos sapatos e lembrou que os havia deixado lá embaixo.

— Ótima foda, muito obrigado — disse ele e saiu sem olhar para trás.

No andar de baixo, a festa ainda estava em pleno andamento, *swing* sendo a palavra-chave pela forma como dois homens seminus e uma mulher nua se entrelaçavam no sofá, mas era o suficiente. Charlie localizou os sapatos e saiu.



Só no dia seguinte, quando Charlie ouviu um repórter na TV dizer, foi que ele se lembrou do nome dela. India Westerby. Idade: dezoito. Em coma depois de uma festa na casa de Justin Denton, vocalista do Blast. O primeiro pensamento de Charlie foi: graças a Deus ela realmente tinha dezoito anos, então, outro graças a Deus por ter acontecido depois que ele saiu. Mas, por fim, pensou: *porra, eu fiz isso?* Ele olhou para o embrulho de cocaína nos

dedos, idêntico ao que ele lhe dera, e a intenção de usá-la evaporou. Ele jogou o pacote no vaso sanitário e deu descarga. *Pobre garota*, ele pensou e vomitou.

Justin não atendeu suas ligações até o final da tarde.

— O que aconteceu ontem à noite? — O coração de Charlie batia tão forte e rápido que ele imaginou que era o começo de um ataque cardíaco. Seria bom.

— Cristo, foi um pesadelo. Subi às três da manhã e a encontrei na cama, cocaína e sangue por todo o rosto. Brian Jackson estava no canto, tagarelando como um bebê. Eu tive que chamar a polícia. Brian admitiu que lhe deu cocaína, e eles o prenderam. Deus, eu estou tão fodido com isso. Minha casa — Justin lamentou.

Charlie tentou engolir o nó na garganta e falhou.

— A polícia quis saber quem esteve lá?

A pausa que ele fez disse tudo.

— Eu precisava falar, cara. Todo mundo viu você. Você ficou com ela por um tempo.

— Humm.

— Não se preocupe com isso. Ela ficou dançando de peitos de fora depois que você saiu, mergulhando as mamas em licor Grand Marnier e deixando todo mundo chupar. Uma vadiazinha burra. Meu empresário chegou. Eu tenho que ir.

As mãos de Charlie tremiam quando ele desligou o telefone. Brian Jackson, baterista do The Flakes, poderia ter dado coca pra India, mas ele também dera. O pacote tinha suas impressões digitais. Sua maldita boxer ainda estava no quarto. Provavelmente. Ele tinha lavado a camisinha? Charlie não conseguia se lembrar. Então vomitou. Ele era patético. Poderia tê-la matado e tudo em que conseguia pensar era em salvar sua própria pele. O conteúdo de seu estômago se ergueu em sua boca mais uma vez, e ele correu para o banheiro.

Quando se olhou no espelho, Charlie não reconheceu a pessoa no reflexo. Todo mundo continuava falando sobre seu rosto fabuloso, mas ele parecia uma merda. Círculos escuros rodeavam seus olhos vermelhos e sua pele estava pálida, apesar das semanas passadas filmando no deserto do Arizona. Ele precisava fazer a barba. Seu hálito teria feito uma flor murchar. Jesus Cristo, dezoito anos? Ele era um maldito desastre ambulante. Quantas vidas mais iria destruir?



Charlie tentou sorrir para a secretária de seu agente, mas quando Alicia não olhou para ele, soube que estava com problemas. Ela ligou para dizer que Ethan queria vê-lo, e Charlie se perguntou como fora descoberto que ele estava na festa. Mas Ethan era meio que Deus. Ele sabia de tudo. Era seu agente desde o início e a coisa mais próxima de um amigo que Charlie tinha.

— Fale de uma vez — disse Alicia.

Ethan Silver estava olhando pela janela quando Charlie abriu a porta. Seu agente estava na casa dos quarenta, mais alto que ele, com cabelos grisalhos curtos começando a rarear.

— Desculpe — disse Charlie, a melhor maneira de iniciar qualquer conversa que ele teve com alguém.

Ethan se virou e Charlie engoliu em seco. O queixo de Ethan estava tenso, seus olhos estreitos obscuros em fúria.

— Eu quero te matar, seu maldito idiota — a voz de Ethan começou suave, mas no final da frase ele estava gritando.

Atravessou a sala com a gravata torta, o rosto corado. Ele parou na frente de Charlie, e Charlie se encolheu.

— Qual é o problema com você? Será que tem um cérebro? Não responda a isso. Você sabia que perde células cerebrais toda vez que transa? Está literalmente fodendo sua vida — gritou Ethan.

— Conte até dez lentamente. Acho que ajuda — disse Charlie.

Ethan bufou de desgosto e voltou para sua mesa para se afundar na cadeira. Ele apontou para o assento baixo de couro preto do outro lado. Charlie sentou-se.

— Certo; oito, nove, dez. Você ainda é um maldito idiota. Como se meu trabalho não fosse estressante o suficiente sem lidar com babacas.

Ethan quebrou o lápis ao meio, e Charlie se recostou na cadeira. Ele sabia que Ethan tinha escolhido sua cadeira para que ele ficasse acima de qualquer um que se sentasse lá. Como se o cara não fosse intimidador o suficiente. Ethan pegou outro lápis e o quebrou também.

— Você sabe por que estou quebrando meus lápis, Charlie?

Charlie balançou a cabeça.

— Porque embora quebrar o seu pescoço me desse uma sensação maior de satisfação, eu seria enviado para a prisão por isso.

Charlie ficou quieto.

— Eu não sei o que há de errado com você. A porra do papel era seu.
A névoa se dissipou em um instante, e Charlie se empertigou. Ethan não sabia sobre ele e India.

— Eu não entendi.

— Claro que você não entendeu! — Ethan gritou.

— Okay.

— É tudo o que você tem a dizer?

— O que você quer que eu diga?

— Você era o vencedor, Charlie. Tudo o que você precisava fazer era entrar na sala e estampar seu sorriso. Quão difícil isso pode ser?

Charlie abriu a boca e fechou.

— Aparentemente você estava bêbado, chapado e rude. Esqueci alguma coisa? — Ethan levantou-se da cadeira e começou a andar de novo.

Charlie parecia um rato sendo espreitado por um gato. A qualquer momento Ethan o trituraria e o engoliria. As lembranças de Charlie daquela audição eram um pouco nebulosas. Bêbado, chapado e rude certamente combinariam.

— Não — ele disse. — Você não esqueceu nada.

Ethan rangeu os dentes.

— Você vai arruinar seu trabalho odontológico.

— Você tem sorte de eu não estar destruindo o seu. — Ethan chutou seu cesto de papéis diretamente contra a porta.

Charlie sobressaltou-se com o barulho, e sua dor de cabeça aumentou novamente. Alicia entrou correndo.

— Você está bem, Sr. Silver?

— Você está demitida — disse Ethan.

O queixo dela tremeu, ela se dissolveu em lágrimas e fugiu.

— O que foi isso? — Charlie perguntou.

— A mulher é inútil. Já tenho bastante gente inútil ao meu redor. Eu preciso de um emprego diferente. Uma mudança completa de carreira. Em vez de tentar encontrar trabalho para imbecis como você, talvez eu deva pegar algo menos estressante, como trabalhar como assistente pessoal de Naomi Campbell.

Charlie não se atreveu a rir.

— Desculpe — ele murmurou.

— Seja sincero, Charlie, ou você está fora. Não represento perdedores.

— Eu não sou um perdedor. — Ele imaginou que não era hora de contar a

Ethan sobre a Índia.

Ethan sentou-se novamente, moderando sua voz.

— Olha, Charlie. Não quero te perder como cliente. Eu sabia que você era uma mina de ouro na primeira vez em que te conheci, mas o ouro está afundando e logo estará inacessível.

Charlie assentiu, tentando parecer arrependido.

— Quero você de volta no caminho certo, Charlie. E se eu não posso fazer isso com a promessa do papel de uma vida, como diabos vou conseguir?



Charlie foi embora irritado. Ethan estava furioso com ele, e Charlie estava furioso consigo mesmo. Não era como se quisesse arruinar sua própria vida. Depois de desistir de uma carreira muito bem-sucedida como cantor/compositor, Charlie conseguiu várias pontas pequenas em filmes que nem chegaram ao cinema, até que ele teve seu grande momento. Acabou de finalizar seu primeiro papel importante numa produção de Steven Spielberg e foi bom. Steven dissera isso. O filme seria lançado em alguns meses, mas já circulava a notícia de que poderia ganhar o Oscar. Provavelmente não para Charlie, mas a associação com um filme premiado impulsionaria sua carreira.

No fim do trabalho de Charlie para Spielberg, Ethan marcara uma audição para um filme onde ele seria o protagonista. Era um projeto de um dos grandes estúdios americanos, e Charlie não conseguira acreditar. Provisoriamente intitulado como *The Green*, tratava-se de um cara cuja esposa fora levada para um mundo paralelo. Assim que Charlie leu o roteiro ele quis participar, jurou que o papel seria dele, mas estragou tudo. Nenhuma surpresa nisso.

Charlie decidiu que precisava se animar, que precisaria de algo para afastar sua mente dos problemas. O celular de Jen estava desligado, então ele ligou para a casa dela, esperando não ser atendido por sua mãe.

Arabella, irmã de Jen, atendeu.

— Jen está fazendo compras. Ela não vai demorar. Quer vir e esperar?

— Sim, tudo bem — saiu de sua boca, quando ele deveria ter dito não. O que era comum em sua vida.



Charlie olhou para a mulher deitada nua ao lado dele na cama. Arabella tinha um sorriso satisfeito no rosto. Então ele olhou para as duas mulheres em pé na porta. Uma era a mãe de Arabella, Veronica, e a outra era a irmã de Arabella, Jennifer. Ele já tinha dormido com as três.

— Acho que é hora de eu ir embora. — Charlie se levantou, sem se importar que estivesse nu e ainda um pouco excitado. Pegou sua boxer.

Veronica olhou para ele, e Jen chorava sem fazer barulho, lágrimas pesadas escorrendo por suas bochechas.

— Desculpe, Jen — ele murmurou, vestindo-se o mais rápido possível.

— Você vai ver, seu merdinha — Veronica sibilou. — Meu marido garantirá que você nunca...

— Que nunca mais trabalharei nesta cidade de novo? — Charlie não pôde deixar de sorrir. Ele se aproximou e colocou o rosto perto do dela. — Talvez ele reconsidere se eu me oferecer pra contar ao jornal Sunday sobre o sexo excêntrico que sua esposa gosta e como, trinta minutos atrás, sua filha mais nova enfiou a mão nas minhas calças enquanto eu estava na porta da frente. Tudo deve ter sido capturado pela sua câmera de segurança. Se você conseguir inscrevê-lo nos *Vídeos mais engraçados do Reino Unido*, use minha parte para comprar um creme para as rugas.

Ele sorriu, pedindo desculpas a Jen, mas a boca da garota se abriu e ela fugiu.

— Saia! — Veronica ofegou.

Charlie escapou enquanto ainda podia.

Fora estúpido de novo. Gostava de Jen. Bem, ele meio que gostava, até que ela ficou pegajosa, mas seu pai não era alguém que ele devia irritar. Malcolm Ward dirigia a gravadora da qual Charlie fazia parte. Ele não ficaria muito feliz se soubesse como Charlie já tinha pegado todas as mulheres em sua casa. E se Ethan descobrisse, ele o mataria. *Quando* descobrisse, Charlie corrigiu. Então, o melhor seria a morte. *Merda*.

Charlie mal tinha chegado ao seu apartamento antes que Ethan estivesse ao telefone.

— Você é incapaz de manter seu pau dentro da calça? Acabou de terminar um filme que vai te tornar um mega astro e está arriscando tudo. Que diabos há com você? Alguém apertou seu botão de autodestruição?

Charlie desligou no meio do discurso de Ethan e ligou para Justin.

— Topa uma cerveja?



Charlie já estava bêbado quando Justin chegou. Um grupo de garotas estava de pé junto ao bar, provocando-se umas às outras enquanto Charlie as encarava. Justin pegou duas canecas e se juntou a ele em sua mesa.

— Não perca seu tempo com elas. São todas cachorras — disse Justin.

— Só porque elas não te notaram? — Charlie continuou a flertar com a feia para ganhar as outras.

Justin balançou a cabeça.

— Se você piscasse para uma estátua, a porra da estátua ficaria molhada entre as coxas.

Charlie sorriu, depois virou as costas e serviu-se de um dos cigarros de Justin.

— Você não estava parando? — Justin perguntou.

— De comprar, não de fumar.

— Você vai ser expulso se fumar aqui.

— Não até que eu dê algumas tragadas.

Charlie viu os olhos de Justin focarem em algum lugar por cima do ombro, então se virou para ver a feia olhando para ele, os olhos arregalados de emoção. Ela parecia um cachorro, com o nariz todo esmagado no rosto, pequenos olhos de porquinho e rugas.

— Pode me dar seu autógrafo? — Ela ofereceu a ele um protetor de copos.

— Cai fora — disse Charlie.

Ele a ouviu soluçar quando ela fugiu para suas amigas.

— Por que você fez isso? — Justin olhou para ele.

— Ela não disse por favor.

— Você é um bastardo cruel.

Ele *era* cruel. E não se importava. Não se importava com nada. Esse era o problema.

— Dizem que a India morreu de overdose — Justin disse baixinho. — Tinha coca suficiente no organismo dela para manter você e eu abastecidos por uma semana.

— Porra.

— Que tal você dar o seu autógrafo pra *mim*?

Charlie virou-se e deparou-se com uma das amigas da feia. Rosto bonito, covinhas, olhos vazios.

— Claro. — Ele sorriu. — Levante sua saia.

Enquanto ele escrevia em sua coxa, ela soltava gritinhos. Ele devolveu a caneta e deu um tapinha no traseiro dela.

Um momento depois, houve um lamento de fúria.

— O que você escreveu? — Justin perguntou.

— Robbie Williams.

— Você não vale nada. Quer ir a uma boate?

— Por que não?

No entanto, Charlie conseguia pensar em centenas de razões pelas quais não deveria ir. A maior delas era que estava cansado de não ser capaz de ser ele mesmo.

Assim que entrou no clube ele foi importunado. Todo mundo queria um pedaço dele. Tinham fotos de Charlie Storm nos seus telefones, em suas paredes, em seus corações. Conheciam os detalhes sobre seu corpo quase melhor do que ele, sua altura, peso, tamanho do colarinho e do sapato, tipo sanguíneo, a localização exata de cada cicatriz. Ele pertencia a eles. Às vezes, sentia que só existia por causa daquelas pessoas. Charlie odiava sua vida e odiava a si mesmo.

Ele pegou um táxi para casa. Ser um deus do sexo era cansativo. Sabia que isso parecia patético, mas por mais que amasse mulheres, amasse ficar com elas, transar com elas, parte dele estava entediado com tudo. As fêmeas predatórias enxameavam ao seu redor como moscas em um cadáver e era assim que ele se sentia às vezes, um maldito cadáver.

Recebia tantas cartas de mulheres implorando para dormirem com ele que poderia ter forrado as paredes de sua casa inteira e transado com uma garota diferente todo dia durante anos, provavelmente pelo resto de sua vida. Muitas delas queriam ter bebês seus. Charlie sempre carregava camisinha e passara a deixar a equipe de Ethan lidar com aquelas cartas.

O engraçado era que ele não dormia com tantas mulheres quanto as pessoas pensavam. Para começar, não transara com Jody Morton, a protagonista do filme de Spielberg, apesar dos rumores contrários e do óbvio interesse dela em transar com ele dentro, fora ou debaixo do trailer. A ideia

de ser mordido por uma cobra foi suficiente para eliminar a última. Jody tinha um corpo fabuloso, mas ela era muito intensa. Charlie estava tentando provar algo para si mesmo não dormindo com ela, mas ele, *de fato*, se serviu de sua maquiadora e de uma das assistentes de produção.

Embora soubesse que estava ferrado, Charlie reprimiu a insistência de Ethan de se consultar com um psiquiatra. Não precisava falar sobre isso porque sabia qual era o seu problema. Ele era impossível de ser amado. Claro, as mulheres diziam que o amavam, mas amavam a ideia que faziam dele — seu rosto, Charlie com sua guitarra cantando *Angel Eyes*, *Just One Look* ou *Fade Away*. Elas amavam o Charlie na tela, mesmo quando ele agia como um idiota, mas não o verdadeiro Charlie, porque não o conheciam. Caso contrário, teriam fugido gritando para a outra direção. Ele não merecia ser amado. Nem merecia estar vivo.

Charlie só se sentia melhor quando estava bêbado ou chapado, ou de preferência ambos, porque isso o impedia de pensar. Ele odiava tanto sua vida que o assustava.

No momento em que entrou em casa, seu telefone tocou. O coração de Charlie pulou. Só podiam ser más notícias.

— Acabou para nós — disse Ethan.

— O quê?

— Você me ouviu. Acabou.

— Você está me largando, porra? — Charlie enfureceu-se com seu agente.

— Não sei mais quem estou representando, Charlie. Você não é o mesmo cara com quem assinei.

— Por favor, Ethan. Vou me esforçar mais.

— Não está funcionando. Toda vez que tento ajudá-lo, você estraga tudo. Nem o psiquiatra conseguiu consertar sua cabeça.

— Eu não sou um psicopata.

— Isso é uma questão de opinião — disse Ethan. — Se você quiser tentar outro psiquiatra, eu recomendo, mas você tem que conversar com eles, Charlie, não ficar sentado olhando o tapete.

— Eu pensei que isso fosse confidencial.

— Me dizer que você não fala nas consultas dificilmente é quebra de confidencialidade.

— Se eu for a outro médico, você vai continuar comigo? — disse Charlie.

— Por favor. — Ele sabia que parecia desesperado e se odiava por isso, mas

estava *mesmo* desesperado. Sem Ethan, estava fodido.

— Não — disse Ethan.

— Diga que você vai pensar sobre isso — Charlie pediu.

— Não.

A raiva o inundou como uma maré, fervendo, transbordando, vomitando de sua boca.

— Ethan, você é um idiota egoísta.

— Vá se foder, Charlie. Eu dei o meu melhor por você. Mas Veronica Ward e suas filhas? Pelo amor de Deus, no que você estava pensando? Vá se tratar.

— Você precisa de mim — disse Charlie em desespero. — Pago a porra da hipoteca da sua casa em Mayfair. Paguei pela porra do seu carro. Eu comprei você.

— Eu criei um monstro. — Ethan riu.

— Quando eu me matar, vou mencionar você no bilhete! — Charlie gritou.

— Você não vai se matar, Charlie.

— Vamos ver.

Charlie desligou o telefone, lançou-o pelo quarto e se jogou no sofá. Ethan estava certo? Ele não teria coragem nem de se matar? Charlie não entendia como tudo parecera tão certo e depois dera tão errado.

Depois que ele e sua banda foram vistos em um show por um cara da EMI, a ascensão deles foi meteórica. Quando Charlie brigou com os outros, particularmente Jed, o arrogante baterista, e decidiu seguir sozinho, Charlie foi para outra galáxia enquanto o resto dos caras permanecia no mesmo planeta. Então, quando chegou lá, perdeu o interesse. Charlie ainda gostava de escrever músicas, mas não queria mais cantar na frente de uma plateia. Fez grandes festivais como Glastonbury e Reading. Encheu o Centro Nacional de Exposições. Teve mais sucesso nos Estados Unidos do que Robbie conseguira, e sem tirar a roupa, mas não foi suficiente.

Charlie sempre gostou de atuar. Participou de todas as produções da escola. Adorava fingir. Quando lhe diziam o que falar, ele podia provar cada palavra, rolá-las pela boca, cuspi-las, fazê-las dançar e explodir. Ele poderia encantar, repugnar ou seduzir. Os três minutos como um assassino se contorcendo em seu primeiro filme foram um pouco diferentes de seu Romeu na escola, mas Charlie ficou viciado e descobriu que era bom em ser mau. Nenhuma surpresa nisso. Além disso, ele descobriu que ser pago para ser

outra pessoa era uma enorme excitação, não que pudesse contar a alguém, especialmente ao psiquiatra de Ethan. Eles achariam que ele era realmente louco.

O telefone da casa tocou, e ele olhou para o visor de chamadas. Esperava que fosse Ethan, mas não era um número que conhecesse.

— Aqui é Simon Baxter, do *24 horas*, gostaria de saber sua reação à alegação de que forneceu a cocaína para a festa de Justin Denton.

— O quê?

— Você nega, então?

Charlie bateu o telefone. Tocou de novo quase imediatamente. Daquela vez, era um repórter do *Sun*.

— Algum comentário sobre India Westerby, de dezesseis anos? Fontes dizem que...

Charlie arrancou o fio da tomada da parede. Dezesseis? Eles tinham dito dezoito. Isso já era ruim o suficiente, mas dezesseis? Como ela poderia ter apenas dezesseis anos? Ele correu para o banheiro, mas vomitou antes de chegar à privada. Estava vomitando e chorando ao mesmo tempo, deitado em seu lindo chão de azulejos de pedra calcária, coberto de lágrimas e vômito e querendo sua mãe, só que ele não podia tê-la, porque tinha estragado essa relação também.

Ele se viu procurando por seu esconderijo de drogas para “emergências absolutas” e depois jogou-as na pia, abrindo a torneira antes que pudesse mudar de ideia. A polícia podia chegar a qualquer momento. Tinha que usar a cabeça, não ficar doidão.

Ele tivera tudo. Segundo Ethan, Charlie estava prestes a se tornar o galã mais cobiçado do Ocidente e jogou tudo fora. Sua mente doía com o estresse de tentar descobrir o que fazer, de descobrir uma maneira de resolver as coisas.

No final de uma noite sem dormir, Charlie percebeu que não havia nada que pudesse fazer para resolver as coisas e apenas uma maneira de fazer tudo desaparecer.



Charlie gritou quando seus dedos roçaram algo debaixo d'água.
— Ah, porra.

Kate gritou e chutou.

— Oh, Deus, é o tubarão?

A areia se mexeu sob seus pés, e ele suspirou.

— Coloque os pés no chão.

Kate ofegou de alívio. Charlie a observou lutar através das ondas e cair na praia.

— Nós conseguimos! — ela gritou e se virou para procurá-lo. — Que diabos está fazendo?

— Nadando em direção às minhas roupas. Está mais quente aqui do que lá fora.

Possivelmente era verdade, embora não fosse o motivo pelo qual ele ficou no mar. Charlie havia deixado suas roupas na praia, incluindo sua boxer, embora desejasse que a estivesse vestindo. Algumas vezes alguma coisa roçava em seu pênis e, embora ele não se importasse de ser comido quando estivesse morto, ele se opunha a qualquer coisa que pudesse devorá-lo enquanto vivo, principalmente se começasse pelos pedaços dele que se destacavam. Desde que entrara na água, ele não se manifestara. Além do efeito da água fria, o simples pensamento de um tubarão aterrorizava seu equipamento, reduzindo-o de uma maneira que ele considerava fisicamente impossível.

Kate ficou com os braços em volta do corpo. Ele podia ver as pernas dela tremendo. O vento soprava sobre a areia, açoitando seus tornozelos. Tudo o

que ela usava era uma camisa branca, colada à pele.

— Por aqui — Charlie gritou acima do som das ondas quebrando e apontou para a esquerda.

Enquanto nadava paralelo à costa, ele sabia que Kate o observava. Se ele se virasse e partisse para o mar, sentia que ela o seguiria.

Charlie reconheceu o lugar onde ele deixou suas roupas, um grande arbusto no fundo da praia. O mar as jogou para trás, não muito longe de onde ele as deixou. Claro que sim.

— Minhas coisas estão logo ali! — ele gritou. — Continue caminhando.

— Por quê? Você não está vestindo nada?

— Estou um pouco envergonhado. Tudo encolhe na água fria. Não quero que você tenha uma impressão errada da minha magnífica masculinidade.

Ele também teve um repentino medo irracional de que fotógrafos com lentes poderosas estivessem à espreita nas dunas, prontos para se concentrarem no tamanho nada impressionante de seu pênis naquele momento. Todos aprenderam lições sobre nudez ao ar livre de Jude e, para ser sincero, Charlie não achava que o pênis de Jude era pequeno, mas era isso o que a imprensa fazia com você.

Kate encontrou as roupas e voltou para a água com sua cueca preta de seda.

— Ela está molhada — disse ele com nojo.

— Está chovendo.

Ela caminhou de volta através das ondas e caiu na areia. Alguns momentos depois, Charlie caiu ao seu lado.

— Deus, nós quase nos afogamos — disse ele, com uma voz séria.

Kate começou a rir. Um momento depois, Charlie também descobriu que não podia parar. Eles recostaram-se, tremendo, salpicados de areia, açoitados pela chuva e ainda rindo. Charlie pegou a mão de Kate. Seus dedos gelados entrelaçaram-se aos dele e seguraram-nos firmemente, e eles ficaram juntos, frios, molhados e vivos.

Charlie virou a cabeça na direção dela e esperou que ela se virasse para ele. Quando o fez, ele falou.

— Então.

— Então o quê?

— Você não vai me perguntar o que eu estava fazendo lá?

— Não é da minha conta.

Charlie deu uma risada curta. Tudo o que ele fazia era da conta de outras

pessoas.

— Você sabe quem eu sou. — Não era uma pergunta. Claro que ela sabia. A testa de Kate franziu.

— Não, embora você pareça familiar.

Charlie sorriu. Ele não acreditava nela.

— Você mora perto daqui?

— Londres.

— Nos arredores?

— Greenwich.

— Isso é mais perto do que Islington. Vai me convidar para ir lá?

Quando ela não respondeu, ele continuou:

— Toda essa natação me deixou com fome.

— Eu não deveria falar com estranhos. Você poderia ser um assassino.

Ele poderia tê-la matado acidentalmente. Estava feliz por ainda estarem vivos.

Charlie sentou-se com um gemido e se levantou. Ele puxou Kate para que ela se levantasse também. Ambos estavam tremendo, os dentes batendo. Ele olhou para ela. Imaginou que tinha uns vinte e poucos anos, alguns anos mais nova que ele. Ela era alta e magra, com cabelos escuros e avermelhados. Suas orelhas se destacavam um pouco e eram pontiagudas como as de um duende. Quando ela virou o rosto pálido e os olhos escuros para ele, Charlie sentiu uma familiar contração na virilha. Seu pênis voltando à vida. Baixou o olhar e este ficou preso nas pernas dela. Seus olhos continuaram lá por muito tempo.

— Então você não é um hipopótamo — disse ela.

— O quê? — Charlie olhou para o rosto dela.

— Passei as últimas duas horas olhando só para a sua cabeça e seus ombros. Eu sei que você tem cabelos escuros bagunçados e olhos grandes e tristes, mas me perguntei como seria o resto. Se encontraria um corpo grande e sem pelos, com pernas curtas e um pouco rechonchudo nas laterais.

— Eu pensei que você era uma sereia sexy e você pensou que eu era um hipopótamo gordo? Estou mortalmente ofendido.

— Talvez eu tenha uma queda por hipopótamos.

— Então você vê um hipopótamo? — Charlie perguntou, abrindo os braços.

Kate se levantou.

— Um anorético, talvez.

Ele sorriu.

— Que tal uma bebida, então? — ele pegou suas roupas molhadas e botas.

Kate começou a andar.

— Talvez eu precise de uma carona — disse ele, quando ela não respondeu.

Ela suspirou.

— Eu também, provavelmente. Deixei as chaves no carro. Alguém sem noção pode ter roubado.

Quando chegaram ao estacionamento, havia apenas um carro. Um vermelho destruído e cheio de ferrugem. Charlie quase desejou que alguém tivesse roubado o carro de Kate, mas ela foi direto para ele. O sol apareceu, e o veículo pareceu ainda pior.

— Não estou surpreso que ainda esteja aqui — disse Charlie.

— Se você for grosseiro com o meu carro, pode esquecer a carona.

Kate entrou e bateu a porta. Charlie estremeceu, esperando que este desmoronasse. Ele entrou no lado do passageiro e largou as botas e as roupas molhadas aos seus pés.

— Um palácio sobre rodas, com certeza. É um sinal. — Charlie usou uma frase do seu último filme, usando o jeito de falar do personagem.

— Que sotaque estranho é esse?

Ele franziu a testa.

— Ei, eu estava fingindo ser irlandês.

— Por quê?

Ela realmente não sabia quem ele era?

— Então, se você não veio de carro, como chegou aqui? — perguntou Kate.

— Peguei um trem para Saint alguma coisa, então caminhei.

Quando Kate deu partida no motor, seu pé escorregou do acelerador. O carro estremeceu e parou. Charlie se apoiou no painel.

— Desculpe, combinação de dedos congelados e falta de sapatos — disse Kate com um sorriso.

— Apenas tente não nos matar.

Eles se entreolharam e riram.

No calor do carro, Charlie adormeceu e Kate continuou olhando para ele.

Agora que seu rosto estava relaxado, ele parecia familiar, mas ela não achava que o conhecia. Seria famoso? Kate tendia a não encarar as pessoas, principalmente os homens. Melhor manter a cabeça baixa, cuidar da própria vida. Talvez ele já tivesse ido ao Crispies, o café onde ela trabalhava. Talvez ele conhecesse Richard. Kate sentiu pânico por um momento e se perguntou se ele era um dos amigos de Richard e então o momento passou. Loucura pura. Richard já havia mostrado que não se importava com ela. Por que ele mandaria alguém para segui-la?

A cabeça de Charlie descansava contra a janela. Sua boca estava aberta e Kate podia ver as pontas dos dentes muito brancos. Ele era mais velho que ela, mas parecia mais jovem naquele momento. Sem toda a preocupação. Um garoto perdido. Exceto que não era um garoto, mas um homem. Um homem bonito. Kate não sabia nada sobre ele, mas os dois compartilharam uma experiência mais intensa do que a maioria dos casais. Eles não teriam sobrevivido um sem o outro e talvez um pouco de sorte. Era um tipo estranho de vínculo. Talvez, quanto mais cedo seguissem caminhos separados, melhor.

No final da tarde, eles estavam presos no trânsito da cidade. Nos últimos dezesseis quilômetros, o motor havia sobrevivido ao cheiro do tanque de gasolina. Kate não tinha dinheiro para combustível. Sua bolsa ficara no apartamento. Ela pensou muito antes de comprar o carro. Era uma segurança, mas muito dispendioso. Quando saiu naquela manhã, planejara usar o carro para bater em um muro. Um plano descartado, uma vez que percebeu que podia acabar ferida, talvez parálitica e outras pessoas podiam se machucar. Ela precisava de algo certo. Então, ignorou todos os muros e continuou dirigindo até chegar à costa. Só então percebeu como o mar era adequado. Ela poderia sumir para sempre. A ideia de esbarrar em outro maníaco suicida nunca lhe ocorrera.

Quanto mais se aproximava de Greenwich, mais ansiosa ficava, e seu humor se afundava mais rápido que o Titanic. Agora que voltara, Lucy, Dan e Rachel iriam querer falar com ela sobre o casamento que não aconteceu. Talvez ela voltasse para a praia no dia seguinte e tentasse novamente. Afinal, nada havia mudado. Sua vida ainda era uma merda. Se Charlie não tivesse aparecido, aquele teria sido seu último dia. Mas amanhã poderia ser. Mais roupas ajudariam. Um par de blusas para deixá-la mais pesada. Como se não sentisse um fardo pesado o suficiente nas costas. Pelo retrovisor, viu o

fantasma de um sorriso atravessar seu rosto.

Ela ativou o controle remoto para abrir os portões, estacionou na sua vaga na parte de trás do prédio e desligou o motor. Kate olhou para as janelas de seu apartamento. Pensou que tinha olhado pela última vez naquela manhã, mas não ia morrer naquele dia.

Charlie se mexeu e gemeu. Ele abriu os olhos e sentou-se ereto, estremecendo ao afastar os ombros nus do banco.

— Estamos de volta? — murmurou.

— De onde? — Kate abriu a porta e saltou do carro.

A camisa de linho havia secado como um saco de lixo desconfortável, as pernas foram marmorizadas por sal, areia e lama. Charlie pegou suas roupas encharcadas e se juntou a ela no caminho.

— Nós vamos sujar tudo — disse ele enquanto caminhavam em direção ao prédio. — Trouxemos metade da praia conosco.

Na calçada, ao lado de um pequeno canteiro de flores, uma mangueira verde estava enrolada como uma cobra adormecida.

— Podemos nos limpar com a mangueira. Vou deixar você me limpar primeiro — ele disse.

Ele colocou as roupas na porta e depois ficou no meio da área de estacionamento com os braços estendidos, seu corpo perfeito tão irresistível quanto o de um deus das trevas. Kate abriu a torneira, pegou a mangueira e usou o primeiro jato de água morna nos pés. No momento em que a temperatura mudou, ela apontou o jato para o meio do peito de Charlie e o explodiu com água fria.

— Mas que inferno! — ele gritou. — Mudei de ideia.

Ele pulou para o lado, tentando segurar a torrente com as mãos. Kate dirigiu o jato para as pernas e ele se virou, então se afastou dela. Enquanto gemia e choramingava, ela percebeu que estava se divertindo.

— Você ainda não terminou? — ele gritou.

— Quase.

Ela foi longe demais. Kate teve a mangueira arrancada da mão. Ela gritou e correu, mas não havia escapatória. Quando ela tentou se esconder ao lado de um veículo maior, Charlie ajustou o jato para alcançar mais longe e atirou por cima do carro. Kate gritou. O mar estava mais quente.

— Você pode correr, mas não pode se esconder — Charlie falou arrastado, numa má representação de Clint Eastwood.

Ela se contorceu na frente de um carro e tentou se esquivar ao lado de

outro.

— Tire sua blusa — disse ele. — Há algas ou algo pendurado nas suas costas.

Kate ouviu a palavra algas e surtou. Ela pulou de seu esconderijo e tirou a blusa tão rapidamente que um dos botões voou e atingiu Charlie na bochecha. Seu dedo soltou o gatilho e a água parou.

— Jesus Cristo, Kate. Que porra você está vestindo?

— Roupa íntima.

— Não parece calcinha.

— Finja que é um biquíni.

— Isso não ajuda — disse ele, com uma expressão de dor no rosto.

— Livre-se das algas e lave-me antes que congelemos até a morte.



Charlie estava estupefato. Aquilo não era como nenhuma roupa íntima que ele já tinha visto antes e olha que ele já tinha visto mais do que era justo compartilhar. Em um tom de vermelho bombeiro, com babados, rendas e perturbadoramente exótica. O tecido era pontilhado de pequenas flores negras e no coração de seu corpo se aninhava uma pequena pérola vermelha. Só que não havia flores sobre os mamilos. Ele podia ver aqueles pequenos e eriçados feixes luminosos que se projetavam de seus seios. O pedaço do mesmo tecido que ela usava ao redor de seus quadris era reto, mas, na parte de trás, quase inexistente. Ela tinha a bunda mais bonita que Charlie já vira em anos. O sangue se acumulou em sua virilha quando Kate correu para o saguão. Era bom saber que a água fria não tivera um efeito duradouro em seu pau.

Ele desligou a mangueira e seguiu escada acima, suas roupas molhadas amontoadas em uma bola para esconder sua ereção. Um movimento de seus dedos e o sutiã dela seria retirado, só que ele geralmente sabia como uma mulher reagiria a isso, mas com Kate ele não tinha certeza. Quando ele ergueu o olhar para as costas bronzeadas e suaves, seus olhos se demoraram em uma cicatriz branca, reta, com cerca de cinco centímetros de comprimento abaixo da omoplata. Operação? Assalto? Dentro de seu apartamento, ela abriu um armário, pegou duas toalhas em uma prateleira acima de um aquecedor e jogou uma para ele. A outra foi enrolada na altura de seu peito.

— Roupas — ela exigiu.

Charlie sorriu e as entregou.

— Alguma coisa nos bolsos? — Kate abriu outra porta e empurrou tudo para dentro de uma máquina de lavar roupa, junto com a sua blusa.

— Não.

Ele deixou o telefone, a carteira e as chaves trancados no seu apartamento. Péssima ideia.

— Aqui, pegue isso também.

Ele enfiou a mão debaixo da toalha, tirou a cueca e a estendeu para ela com um sorriso. Nenhuma reação. Franziu o cenho quando Kate arrancou-a da mão dele, lançou-a na máquina e a ligou.

Charlie a seguiu até a sala e recuou.

— Cristo, você foi assaltada.

O cômodo estava quase vazio. Uma cozinha ocupava uma pequena parte dele, mas na outra parte o único item era um sofá esfarrapado, com almofadas empilhadas, colocado em um canto do outro lado da sala. Sem TV, sem sistema de som, sem plantas, sem ornamentos, sem fotos, sem cortinas.

— Não, é assim normalmente.

Pelo canto do olho, Charlie viu Kate puxar um bilhete que ela colara na porta do armário. Amassou-o em uma bola e o manteve na mão. Ele surgiu atrás dela.

— Eu pensei que você estava brincando sobre as barras de chocolate. — Ele acenou com a cabeça para as embalagens no balcão.

— Eu só comi nove. Então passei mal.

— Por que você comeu tantas?

— Eu não queria desperdiçá-las. — Kate sorriu, e ele riu.

— O que você tem pra beber? — ele perguntou.

— Chá, café, chocolate quente.

— Sem cerveja, Jack Daniel ou similar?

— Nada disso.

— Então o chocolate quente seria ótimo. Obrigado. — Ele sorriu para ela, mas Charlie podia ver que estava viajando para algum lugar em sua cabeça. Pegou a caixa de chocolate das mãos dela e serviu em duas canecas.

— Acho que você não tem marshmallow — ele sondou.

— Não.

— Chantilly?

— Não.

— Deditos?

Kate lançou-lhe um olhar.

— Eu gosto de Deditos — disse ele. — Hum, palitos crocantes revestidos com chocolate. Meus favoritos.

— Eu também gosto deles, mas não no chocolate quente.

— Experimente. É um verdadeiro deleite.

Ele percebeu que ela novamente se afastava em pensamentos e mordeu o lábio.

— Vá se sentar. Eu vou preparar a bebida — disse ele.

Ele derramou a água e misturou com uma colher em cada mão. Kate não se mexeu e pegou a caneca que ele ofereceu.

— Você quer usar o banheiro primeiro? Tem uma banheira e um chuveiro separados — disse ela em uma voz instável.

— Depois de você. — Charlie reprimiu um automático “*com você*”.

Para sua decepção, Kate levou o bilhete amassado consigo, mas enquanto ela estava ocupada em outro lugar, ele explorou o local. A primeira porta que ele abriu o levou a uma sala quase tão vazia quanto a principal. Paredes nuas, nada de tapetes, sem cortinas. A única peça de mobília era uma mesa de cavalete empurrada contra uma parede, uma cadeira de plástico escondida embaixo. Em cima da mesa havia um computador antigo, uma máquina de costura e, embaixo, três caixas de papelão. Ele abriu a aba de uma. Estava cheia de material preto colante.

Quando Charlie abriu a porta do quarto dela, sua respiração ficou presa na garganta.

Ele sentiu como se tivesse entrado em outro mundo, certamente em um apartamento diferente. O quarto era dominado por uma cama de dossel com uma cabeceira de metal retorcida decorada com borboletas de bronze. As cortinas de linho creme, cobertas com borboletas de apliques multicoloridos, foram amarradas com cordões de prata em cada poste de canto de metal. Charlie teve uma visão repentina dos dois naquela cama, nus nos braços um do outro, as cortinas fechadas para afastá-los do mundo. Ele gemeu quando seu pau esticou a toalha. Pensou demais no tipo errado de coisa.

Seus dedos se moveram em direção à cômoda. Ele não deveria, mas o fez. Engoliu em seco quando viu roupas íntimas de todas as cores e tecidos imagináveis, rendas, veludo, algodão, couro, seda, jeans. Ele fechou a gaveta, não ousando olhar mais. Ficou de pé por um momento e depois se voltou ao banheiro.

— Kate, eu preciso usar o banheiro — ele falou pela porta.

— Você acabou de passar horas no mar. Não poderia ter feito lá?

— Mamãe sempre me disse para sair da água primeiro.

— O quê? Até no oceano?

— É errado poluir. — Ele tentou parecer sério.

Ele poderia ter voltado ao estacionamento ou usado a pia da cozinha — não seria a primeira vez —, mas tinha um motivo oculto e achou que ela só precisava de um pouco de incentivo. Qualquer pessoa com uma gaveta cheia de roupas íntimas sensuais tinha que aceitar. Ela subira as escadas na frente dele, sabendo que estava praticamente nua, então ele só precisava aumentar seu charme. Realmente queria entrar no banho com ela, mas fora esse tipo de atitude que o levava àquela confusão em primeiro lugar. *Vá devagar.*

— Por favor — ele implorou, em sua melhor voz sedutora. — Estou ficando desesperado.



Kate olhou em volta. As bolhas cobriam tudo, mas ela não se importava. Perdera a modéstia anos atrás. Passara a vida toda compartilhando banheiros e quartos. Qualquer sinal de timidez e você estaria perdido.

— Não há fechadura na porta — disse ela.

Charlie nem tentou não olhar para ela.

— Quente de novo? — ele perguntou.

— Não deixei você entrar para iniciarmos uma conversa.

— Desculpe.

Kate ouviu o som tilintante e pensou em Richard. Ele nunca se sentira confortável o suficiente para mijar enquanto ela estava no banheiro. Afundou de volta na água, erguendo os joelhos para que a cabeça deslizasse abaixo da superfície. Que bagunça, ela pensou. Que bagunça de merda, porra! Horrível. Ela não estava morta, mas se sentia morta.

Quando ela ressurgiu, Charlie estava ajoelhado ao lado da banheira. De onde o conhecia? Ele limpou uma mancha de sabão dos lábios dela.

— Posso entrar?

— Não.

Ele suspirou.

— Você não poderia nem fingir que pensou a respeito?

— Não.

— Nem mesmo por um momento?
— Não.
— Então, por que você estava tentando se matar? — ele perguntou.
— Você também pode tomar um banho enquanto está aqui. Há mais toalhas no armário.

Quando ele saiu do banho, Kate já tinha saído da banheira e levado o bilhete amassado, o que o deixou ainda mais ansioso para lê-lo. No armário sobre a pia, Charlie encontrou um pacote de lâminas de barbear, uma lata de gel de barbear e três caixas de preservativos. Tudo aberto. Ele não tinha certeza se estava satisfeito ou não com isso. Não tinha olhado o guarda-roupa em busca de roupas masculinas, mas Charlie não teve a sensação de que Kate morava com um cara.

Ninguém poderia sobreviver sem uma TV.

Talvez o namorado aparecesse apenas para fazer a barba e sexo. Como ele faria. Exceto pela parte de se barbear, porque Charlie esperaria até chegar em casa. Naquele momento, seria um prazer perverso se barbear com o equipamento de outro homem. Ele não sabia ao certo o porquê, mas não gostava da ideia de Kate ter um namorado, embora achasse que ela não se lançaria no mar se fosse o caso.

Ela poderia estar grávida? Talvez o cara não quisesse o bebê. Charlie se irritou com isso. Fosse quem fosse aquele cara, era um idiota. Enquanto o pensamento se enrolava em sua mente, filtrando-se como fumaça em todas as fendas, Charlie percebeu que estava sendo estúpido. Ele não sabia nada sobre ela. Só porque Kate não demonstrou interesse foi que ele passou a querê-la ainda mais. Não conseguia entender como ela se sentia a respeito dele. Charlie raspou a navalha na bochecha, mas quando ouviu uma batida na porta da frente, sua mão pulou e uma gota de sangue escorreu pela espuma. Ele xingou e olhou para seu corpo nu. Esperava que esse não fosse o cara da Kate.

— Kate, eu sei muito bem que você está aí.
Charlie relaxou quando ouviu a voz de uma mulher.
— Seu carro estava lá, desapareceu e agora está de volta. Deixe-me entrar. Quero falar com você.
— Oi, Lucy — disse Kate.
— Você está bem? — Lucy perguntou.

— Estou.

— Tudo bem mesmo? — a voz subiu a um chiado.

Charlie estava feliz por Lucy ser capaz de perceber que Kate não estava bem.

— Nós sabemos o que aconteceu ontem. Você deve estar arrasada.

E o que aconteceu ontem?, ele se perguntou.

— Posso entrar? — Lucy perguntou.

Não, Charlie pensou e chamou:

— Kate, eu preciso de uma roupa emprestada, a menos que você prefira que eu fique nu.

— Oh, talvez não tão devastada — disse Lucy.

Charlie riu.

— Um amigo vai ficar aqui em casa — disse Kate. — Conversamos outra hora.

Ele ouviu a porta se fechar. Então a porta do banheiro se abriu. Uma camiseta branca e uma calça de dormir o atingiram no peito.

Charlie se vestiu e encontrou Kate na cozinha.

— Vai admitir que você me reconhece agora? — ele perguntou.

Kate virou-se para encará-lo, e um flash de calor atingiu sua virilha. Ela vestia o mesmo que ele e parecia tão sexy, com o cabelo úmido e bagunçado, que ele teve que se esforçar para não puxá-la para seus braços e fodê-la no não existente tapete da cozinha.

— Charlie, meu hipopótamo de estimação — ela sussurrou.

Ela realmente não sabia quem ele era?

— Tente novamente.

Kate apertou os olhos.

— Por que você está olhando assim para mim?

— Você está manchado — disse ela.

Charlie começou a rir. Aquela era uma palavra nunca aplicada a ele antes — deslumbrante, sedutor, lindo. Nunca manchado.

— Foi a sua navalha.

— Oh. Com fome?

— Morrendo de fome.

— Você come carne?

— Eu como qualquer coisa. Quase — ele corrigiu, para o caso de ela sugerir tripas ou moela grelhada. — Tem vinho? — Ele olhou para a garrafa vazia ao lado da pia.

— Apenas champanhe.

Kate pegou duas embalagens do freezer, tirou as tampas e colocou no micro-ondas para descongelar.

— O champanhe está na geladeira? — ele perguntou e abriu a porta.

Kate correu na direção dele e fechou-a com força.

— Uau. — Ele recuou, as mãos no ar.

— Desculpe. Eu pego.

— O que você tem aí? Partes de corpo?

— Oh, Deus, você adivinhou. Eu gosto de me alimentar os caras que vêm aqui em casa com pedaços do meu ex-namorado e assim por diante. Uma pequena peculiaridade minha. Suponho que você não queira aceitar algo para comer agora. — Kate amassou o bilhete colado no champanhe e entregou-lhe a garrafa.

Charlie olhou para o rótulo. Sem móveis e ela comprou Cristal?

— Puta merda. Isso é para uma ocasião especial? — ele perguntou, brandindo a garrafa.

— Eu não acho que poderia haver uma ocasião mais especial que essa.

— Me receber em sua casa? Sim, você está certa.

Kate riu, e Charlie sorriu. Ela parecia tão diferente quando ria, como se todas as preocupações tivessem desaparecido. Ele ia aproveitar para fazer o próximo pedido enquanto ela ainda estava com o humor elevado.

— Posso passar a noite aqui?

A preocupação voltou.

— Eu não tenho uma cama extra.

— Eu posso dormir no sofá. — Quando ela não disse nada, ele acrescentou: — Ou eu poderia ir embora. Mas precisaria de uma carona.

— Eu acho — disse Kate — que gostaria que você ficasse.

Charlie sentiu como se ela tivesse colocado uma das mãos na testa dele para acalmá-lo. Ele tirou a rolha da garrafa com um estalo suave e serviu.

— Vamos brindar a quê?

— A mim e a você.

— *E um cachorro chamado Sue* — Charlie cantarolou e bateu seu copo contra o dela.

Kate revirou os olhos.

— Ela é uma cachorra adorável — disse Charlie. — Parte Chihuahua parte Doberman. A mãe era Chihuahua. Não foi um relacionamento fácil.

— Então, o que você é? — Kate perguntou. — Um comediante sem

graça?

Ele se empertigou.

— Eu costumava cantar, agora eu atuo.

— Oh.

Ele riu.

— Você realmente não me reconhece?

Kate olhou diretamente para ele, e Charlie viu o momento em que ela o reconheceu.

— Oh, merda — disse ela.



Kate não piscou. Como pôde não ter percebido? Aturdida, pegou um par de óculos que raramente usava e os colocou antes de se virar para ele. Impossível, incrível, inconcebível — por mais que parecesse uma fantasia adolescente, em pé à sua frente, em seu apartamento, estava o bad boy do pop, Charlie Storm, com seus cílios longos e uma aparência de dar água na boca, mesmo com o rosto manchado no momento. Seus discos haviam vendido milhões. Sua vida foi vivida publicamente nos tabloides. Ele era um cara cuja saída repentina do mundo da música havia deixado sua gravadora cambaleando e seus fãs gritando.

E ele está no meu apartamento!

Kate mergulhou em uma profunda reverência.

— Vossa Alteza Real. Estou muito honrada por ter você em minha humilde casa. Como está Camilla?

Charlie sorriu.

— Muito engraçado. — Então sua expressão desanimou. Ele pegou os óculos dela, colocou no rosto e tirou rapidamente. — Jesus, não é de se admirar que você estivesse dirigindo tão mal todo o caminho. Não conseguia ver para onde estava indo!

— Eu pensei que você estivesse dormindo.

— Eu estava com muito medo de abrir os olhos. Por que você não me deixou dirigir?

— Era simplesmente mais seguro para mim.

— Nós poderíamos ter sido mortos — Charlie lamentou.

— Meus olhos não estão tão ruins. — Ela jogou os óculos de volta no

balcão e reiniciou o micro-ondas. Charlie fungou, e seu estômago roncou. O cheiro levemente adocicado a deixara com fome também.

— Então, como você se sente tendo uma celebridade para o jantar? — ele perguntou.

— Quer dizer que você realmente é famoso? — Ela ficou boquiaberta.

— Rá-rá.

O que Lucy, Rachel e Dan diriam? Kate pensou sobre isso. Ninguém jamais acreditaria.

— Por que você quer se matar? — ele perguntou.

Kate suspirou.

— Você acha que se continuar voltando neste assunto, em algum momento, eu simplesmente vou responder sem querer?

Ele lançou a ela um olhar envergonhado.

— Sim.

Ela reprimiu o sorriso.

— Que tal você ir primeiro?

— Eu estava nadando.

— Então eu também.

— Você sabe que não estava.

Kate se perguntou por quanto tempo eles poderiam jogar aquele jogo, tênis sem bolas.

— Quem era aquela na porta?

— Lucy. Ela mora no andar de baixo.

— E o que aconteceu ontem para fazer com que ela sentisse pena e que te deixou arrasada?

Kate suspirou.

— Você é fofoqueiro, Charlie. — Ela pegou dois pratos do armário e os colocou na bancada.

— Por que você não me reconheceu? Não é minha fã, então?

A boca de Kate se contraiu.

— Você nunca me fez gritar. — No momento em que as palavras saíram de seus lábios, ela desejou não ter dito aquilo. Charlie parecia que iria falar algo, mas pensou melhor. Kate lutou para encontrar alguma coisa para dizer.

— Você conhece alguma das minhas músicas? — ele perguntou. — Viu algum dos meus filmes?

— Er... eu vi você no jornal.

— O único lugar onde não quero ser visto — ele retrucou.

Kate se irritou. Que merdinha arrogante.

— Estou surpresa que não tenham se esgotado as palavras para descrevê-lo. Indescritivelmente bonito, lindo de morrer, bonito de partir o coração. Tantos superlativos, isso não faz sentido.

Charlie deu uma risada curta.

— Você está completamente certa. Eles imprimem porcaria.

Talvez ele não seja uma merdinha assim tão arrogante. Kate colocou a comida em pratos azuis.

— Deus, isso cheira muito bem. O que é?

— Guisado de Chihuahua e Doberman.

Ele estalou a língua.

— Então eu devo evitar mastigar os pedaços.

— Bife asteca e purê de batata doce. Sem pedaços mastigáveis — ela zombou de novo. — Ainda tem champanhe?

Charlie parecia culpado.

— Pode haver uma gota sobrando. — Ele derramou os últimos goles no copo dela. — Desculpe.

Kate não podia acreditar que ele tinha bebido quase tudo.

— Você tem mais alguma coisa? — ele perguntou.

— Água.

— Certo.

Kate sentou-se ao lado dele no chão, de costas contra o sofá, e equilibrou o prato sobre os joelhos.

— Você fez isso? — ele murmurou, a boca cheia.

— Sim.

— Está delicioso. Qual é o sabor? De verdade agora?

— Esse é o de Chihuahua. Pequeno, mas muito picante.

O garfo dele parou no caminho para a boca, e ela riu.

— Chocolate. Apenas alguns pedaços, mas foi esse o sabor que você sentiu.

Ele devorou tudo. Kate mal tocara a comida dela antes de Charlie terminar.

— Tem mais, se você quiser — disse ela, e ele se levantou.

Kate o observou enquanto ele se afastava. Ele era tão lindo. Suas costas largas se afunilavam até uma cintura estreita e desciam até um traseiro bonito. Um arrepio de luxúria a fez largar o garfo.



Charlie colocou o resto do doce no prato e caçou todos os resquícios ao redor do recipiente com uma colher. Levou mais tempo do que deveria, porque ele estava olhando para a bola de papel amassada ao lado do micro-ondas. Hesitou o suficiente para se convencer de que era a coisa certa a fazer, depois pegou e alisou.

Richard, isso era para nós, agora é apenas para você. Beba e engasgue.

Charlie amassou o papel novamente, tossindo para disfarçar o som, colocando-o de volta onde ele o encontrara.

— Ainda sobrou? — Kate perguntou quando ele se sentou novamente.

— Oh, Deus. Não, você queria mais? Desculpe. Pegue um pouco daqui. — Ele ofereceu a ela uma garfada amontoada.

— Não, eu não quero mais. Apenas me pergunto como você consegue comer tanto e permanecer tão esbelto. Perna oca?

— Drogas — ele disse sem perder o ritmo. — Você já tentou coca?

— Sim, com muito gelo, e não gosto.

— Sabe, eu não me lembro de comer nada tão bom antes. — Ele pensou em lamber o prato e relutantemente decidiu que era melhor não.

— Obrigada, mas duvido que seja verdade.

— Kate, estava mesmo delicioso. Já frequentei alguns dos restaurantes mais caros de Londres e Nova York, e o sabor disso estava perfeito. Minha língua está em abençoado choque. Talvez parte de mim tenha começado a viver novamente. Pode ser um sinal.

Kate sufocou uma risadinha.

— Você parece um psicopata estranho... quero dizer, psíquico.

Ele bufou.

— Falando em sinais, você já pensou nas chances de colidirmos no mar assim?

— Azar — disse Kate, ao mesmo tempo em que Charlie disse:

— Sorte.

Seu coração deu um pulo, e Charlie soube, naquele instante, que ela tentaria novamente. Ele engoliu em seco, sufocado pelo mero pensamento. Vários momentos se passaram antes que ele pudesse falar.

— O que fez você escolher aquele trecho da praia?

— Eu fui lá uma vez. Lembrei-me...

— Do quê?

— De ter me divertido. Enterrando meu pai na areia.

— Diga-me que não faz alguns meses e que você não o deixou lá. — Ele não conseguiu a risada que esperava.

— Não, nós o desenterramos novamente. Por que *você* escolheu aquele trecho?

— Eu fui lá quando criança também. Gostaria de saber se alguma vez estivemos na praia ao mesmo tempo. Meu irmão e eu sempre tentávamos criar os melhores castelos de areia.

— Alguma garota pulou neles? Talvez fosse eu.

— Então, por que você quer se matar?

— Charlie, desista. Ouvi dizer que seus CDs eram um pouco repetitivos.

— Você obviamente nunca ouviu nenhum deles — ele deixou escapar e depois ficou zangado por reagir à piada.

— Não. Você quer sorvete?

Ele assentiu. Ela realmente nunca tinha ouvido nada dele? Isso o irritava, mas o fato de a constatação incomodá-lo o irritava ainda mais. Ele se levantou do chão e se jogou no sofá. Como ela podia parecer sexy usando calça de pijama e uma camiseta? Suspirou. Kate não ia se jogar na cama com ele.

Ela voltou com dois potes azuis, entregou-lhe um e sentou-se no chão de frente para ele, com as costas pressionadas contra a parede.

— Isso não é sorvete — disse Charlie após a primeira colherada.

— Zabaione congelado. Creme, ovos e Marsala.

— É comida de anjo. — Ele sentou-se. — Deus, eu estou morto, não estou? Eu me afoguei e este é o paraíso.

— Você acha que vai para o Céu?

Ele recuou, esparramando-se sobre as almofadas.

— Isso dói.

Ela parecia tão deliciosa, sentada ali, colocando néctar na boca. Charlie queria beijá-la. Ele se perguntou como seria seu gosto. Naquele momento, seria gelado e doce. Deus, ele *realmente* queria beijá-la. Em vez disso, cheirou a sobremesa e olhou para o que restava da de Kate.

— Você não vai querer tudo?

Kate balançou a cabeça. Ele deslizou do sofá para o lado dela, lambeu os lábios e abriu a boca como um passarinho. Ela lhe serviu do creme congelado. Os lábios dele se fecharam sobre a colher e chuparam com tanta força que ela teve que puxá-la para soltar. Ele manteve os olhos nos dela

enquanto girava a sobremesa pela boca antes de engolir.

— Você fez isso pra Richard?

O alarme brilhou em seus olhos como faíscas de um fósforo.

— Você leu o bilhete — disse ela.

Ela não fazia o tipo dele, Charlie pensou. O que poderia querer com uma mulher deprimida e infeliz? Ele estava deprimido e infeliz o suficiente sem enfrentar os problemas de outra pessoa. Mas ficou intrigado e devia ser porque, se não fosse por Kate, não teria voltado daquela praia.

— Deixe-me adivinhar — disse Charlie. — Foi por causa de um cara, certo? Você está grávida, mas ele não quer? — Ele esperava que não. — Você encontrou Richard transando com outra mulher? — Procurou uma pista no rosto de Kate. — Talvez outro homem? Ou ele usou o discurso, não é você, sou eu. Você ainda o ama, mas ele não ama você? Ele é casado e tem filhos, e você acabou de descobrir? Não, espere, eu entendi. Ele é um lobisomem. — Charlie tinha certeza de que havia algo ali.

Kate olhou diretamente para ele.

— Ele não conseguiu lidar com o fato de eu ter sido diagnosticada com uma doença terminal.

Ele ofegou.

— Cristo, Kate, oh, porra, me desculpe. — Quando ele a pegou tentando reprimir um sorriso, ele rosnou. — Isso não foi engraçado.

— Sim, foi.

— Então, essa doença se chama “o resto de sua vida miserável”? — Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Eu não tinha pensado nisso, mas você está certo.

— O que aconteceu? — Charlie não queria que ela brincasse.

— Eu fui abandonada.

— Sim, eu conheço essa história.

— Quem seria louca o suficiente para dar um fora em você?

— Estão fazendo fila. — Charlie pensou em Ethan e deixou que ela pensasse errado.

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos antes de ele falar.

— Você conversou com alguém sobre isso?

— Não.

Ele pegou a mão dela, emocionando-se quando ela não se afastou.

— Que tal conversarmos um com o outro? Talvez ajude.



Kate gostava dele segurando sua mão, mas sabia que falar não podia ajudar. Um desfile de professores, assistentes sociais e psicólogos garantira que sim, mas ela percebeu desde cedo que não falar era muito mais eficaz.

— O que você acha? — Charlie pressionou.

Kate não queria conversar, mas queria que Charlie continuasse segurando a mão dela e, se outra noite sem dormir estivesse prestes a acontecer, como fora a passada, ela podia pensar em maneiras piores de passá-la.

— Ficarmos bêbados também poderia ajudar. Tem certeza de que não tem mais álcool? — ele perguntou.

— Não.

— Cigarros?

Ela balançou a cabeça.

— Cocaína?

Kate olhou para ele.

— Você é um viciado?

— Não, porra eu não sou. — Ele afastou a mão. — Eu apenas gosto de fumar, beber e cheirar coca de vez em quando.

— Mas você gostaria de estar morto.

Ele ficou em silêncio, e Kate se perguntou se ela tinha ido longe demais, mas os dedos de Charlie deslizaram de volta e ele passou a mão em torno da dela. Calor escorreu por seu corpo.

— Nós deveríamos conversar. Preciso conversar, mas não quero ser o primeiro — ele sussurrou. — Se eu começar, nunca vou parar.

— Eu não me importo. Gosto da sua voz.

— Eu não vou cair nessa. Você vai primeiro. Por favor.

Kate suspirou.

— Além do óbvio, o que você quer saber?

Charlie mordeu o lábio e não falou por um momento.

— Qual foi a pior coisa que já aconteceu com você?

Ela deu uma risada curta.

— Eu preciso trabalhar nisso. Você pode desmaiar.

Charlie sorriu.

— Intrigante.

— Me pergunte algo fácil.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Seis meses.

Ele esperou. Kate amava seu apartamento e Greenwich, mas não tinha o direito de morar em uma área decente e respeitável. Não podia custear isso com o dinheiro que ganhava, mas não pagava financiamento. Comprara o lugar à vista. Mesmo assim, lutava para pagar as contas com seu salário. A compra do apartamento só fora possível por causa de um dinheiro que ela considerava sujo; dinheiro que recusou duas vezes, mas depois aceitou. Kate pensou que se tivesse sua própria casa, estaria segura. Isso não mudaria sua atitude, mas esperava que isso pudesse mudar sua vida.

— Em que você trabalha? — Charlie tentou novamente.

— Garçonete.

Ela não disse mais nada, e Charlie suspirou.

— Você deveria estar falando, e não pensando. Conte-me sobre sua vizinha, Lucy, sobre seu trabalho ou algo assim.

Kate sabia muito sobre seus vizinhos, mas eles não sabiam nada sobre ela. Depois que se mudou para o apartamento, com um braço quebrado e um olho roxo, ela os deixou pensar que era desajeitada. Também estava com as costelas quebradas, mas Kate nunca revelou o que não podia ser visto. Rachel, Lucy e Dan falaram sobre suas vidas porque Kate os manobrou, principalmente para que não tivesse que falar de si mesma.

Charlie segurou o queixo dela e virou seu rosto para fazê-la olhar para ele.

— Kate, fale comigo.

— Lucy é linda, glamorosa e irrepreensível. Ela ferve com diversão como uma enorme bomba de sais de banho. — Kate pensou que Charlie amaria Lucy.

— O que ela faz?

— Repórter apresentadora na Radio Metro.

— Ela tem namorado?

Kate pensou em Nick. Um bastardo casado contava como namorado?

— Sim, o chefe dela, mas ele é casado.

Lucy perseguiu Nick da mesma maneira como perseguiu seu trabalho. Ela mostrou a ele o quanto o queria e caiu matando. Não o deixando escapar, Lucy arrancou-o dos braços de sua esposa. Kate não sabia por quanto tempo o caso deles poderia permanecer em segredo. Lucy não era boa em manter a boca fechada.

— Lucy é uma boa amiga? — Charlie perguntou.

Kate hesitou.

— Ela veio ver se você estava bem depois do que aconteceu ontem — ressaltou.

— Não tenho amigos próximos.

— Por que não?

— Mais fácil não ter.

Ele suspirou.

— Quem mais mora aqui?

— Dan mora no apartamento ao lado. Ele arrumou meu emprego no Crispies. É um café em Greenwich, perto do mercado. A irmã dele é coproprietária. Às vezes, ele trabalha lá, se Mel está com poucos funcionários.

— Ele parece ser seu amigo — disse Charlie.

— Ele é um artista talentoso. É o que faz da vida. Entrou em uma galeria de arte em Holland Park, viu Rachel e se apaixonou. Rachel convenceu o dono da galeria a expor três de suas pinturas, e Dan descobriu que o dono era o pai dela. Só que o pai dela não gosta de pintores, mesmo que ganhem dinheiro, apenas escultores. Dan descobriu que Rachel estava comprando um apartamento aqui e fez uma oferta em outro sem nem mesmo vê-lo. Lucy acha que ele é um idiota. — Kate suspirou.

— Foi o máximo que você já me disse e nada foi sobre você.

Ele ficou esperando e, quando Kate não falou, ele suspirou.

— Ok, então o que você achou de Dan ter comprado o apartamento?

— Que ele realmente deve amá-la.

— Eles são um casal? — Charlie perguntou.

— Não, Dan é tímido, e Rachel é desatenta. Ele fez com que eu e Lucy jurássemos não dizer nada que sugerisse a Rachel que ele gostava dela, porque ele quer contar. Só tenho a sensação de que eles estarão aposentados antes que isso aconteça.

Charlie esfregou o polegar na palma da mão de Kate.

— Você acredita em aproveitar o momento?

Ela sabia o que ele estava perguntando e ficou em silêncio.

— Conte-me sobre Rachel — Charlie disse em uma voz resignada.

— Rachel é a única filha de pais ricos e elegantes que a mandaram terminar a escola na Suíça, onde ela foi polida como um diamante. Nunca está nada menos que imaculadamente vestida e maquiada. Fala como uma rainha e sabe cozinhar e comer alcachofras. Além disso, pode dobrar os guardanapos em milhões de formas diferentes.

— Viu? Conversar não é tão difícil — disse Charlie. — Agora me conte o que aconteceu na última vez em que você viu esse cara, o Richard.

E as lembranças encheram o cérebro de Kate, inundando todos os outros pensamentos, prendendo a respiração em sua garganta como uma rolha.

Richard a beijou na noite de quarta-feira e disse que na próxima vez em que a visse, ela estaria em seu vestido de noiva. Kate sentia como se estivesse derretendo, tudo caindo em um vazio.

— O que aconteceu? — Charlie perguntou novamente.

E em voz baixa e plana, ela disse a ele.

— Nós transamos no sofá, depois na cama e ele me disse que me amava.

Kate tentou soltar a mão da de Charlie, mas ele não a soltou.

— E? — ele perguntou.

Conte a ele. Apenas conte a ele. O que importa? Ele não me conhece. Se ele achar que eu sou uma tola, e daí? Conte a ele. Era como veneno dentro dela. Difícil cuspir.

— Richard saiu às onze da noite de quarta-feira. Foi a última vez em que o vi.

Houve uma longa pausa antes de Charlie falar.

— E?

— Ele disse que me veria em doze horas no cartório de Woolwich.

— Oh, merda — Charlie gemeu.

Kate se perguntou por que ainda doía, agora que sabia o que Richard havia feito, que ele não a abandonara porque não a amava, mas porque era um jogo, uma aposta.

— Richard queria que fosse privado, apenas nós dois. Ele arranhou tudo, limusine, fotógrafo, flores, lua de mel. — Ela fez uma pausa. — Bem, ele me disse que arranhou tudo. Tudo o que eu precisava fazer era aparecer em um...

— Lindo vestido, mas ela não podia dizer isso. As palavras se prenderam em sua garganta como uma enorme bala dura, grande demais para ser engolida. A dor lancinante da humilhação tornou-se mais forte dentro dela e a dor em seu coração ganhou força. Kate estava surpresa por conseguir continuar falando.

— Eu fiz o meu vestido. Era a minha surpresa para ele. A limusine apareceu, mas quando cheguei ao cartório, Richard não estava lá. Também não havia flores esperando, e eu ainda não as recebi. Disseram que ele não havia feito uma reserva. Deixei meu telefone em casa e tive que pedir dinheiro a alguém para ligar para ele. Richard não atendeu. Então, fiquei

esperando enquanto as noivas apareciam em seus lindos vestidos, com familiares e amigos, todos sorridentes e felizes. Esperei pensando que tinha acontecido um problema, mas que ele apareceria.

Charlie ficou imóvel, agarrado à mão dela.

— Então eu pensei que ele devia ter sofrido um acidente. Que estava morto. A única coisa que o impediria de estar lá. Algum acidente esquisito que destruiria minha vida. — Kate não conseguia parar de derramar as palavras. — *Ele* foi o estranho acidente. Ele me pediu em casamento. Disse que queria ficar comigo para sempre, cuidar de mim para sempre, e eu acreditei nele. — A cabeça dela tombou. — Eu não deveria ter acreditado.

Kate respirou fundo.

— Antes do fechamento do cartório, uma mulher veio me dizer que havia conseguido entrar em contato com Richard. Ele disse que não sabia por que eu estava lá. Desisti, então. Parei de esperar. Claro, não havia limusine lá fora. Eu nem tinha minha bolsa com meu cartão de passagem. Apenas minha chave no meu sapato. Pedi a alguém para pagar a minha passagem de ônibus. E tudo no que eu conseguia pensar era: o que eu havia feito de errado? O que fiz que o fez não me querer mais?

Charlie apertou os dedos dela.

— Jesus, Kate. Olha, talvez ele perceba que cometeu um erro. Você ligou, tentou falar com ele? Ele pode ter perdido a coragem no último minuto.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Ele nunca teve a intenção de se casar comigo, Charlie. Tudo era mentira. Eu descobri na noite passada que ele me pediu em casamento para ganhar uma aposta. Eu deveria ter sido mais cuidadosa.

— O quê? Isso é uma coisa horrível de se fazer. — Ele agarrou a outra mão de Kate também. — Você encontrará alguém para amar, alguém que te mereça. Só porque um escroto te tratou como merda, não significa que você tenha que se matar.

Kate riu, e Charlie olhou para ela, em choque.

— Não foi tanto o Richard que me decepcionou, eu decepcionei mais a mim mesma. Isso me serviu bem.

Ela viu a confusão no rosto de Charlie, sem saber se poderia fazê-lo entender.

— Richard era bonito, charmoso e divertido. Ele me trouxe flores, babou na minha comida. Nós nunca discutimos. Ele nunca ficou de mau humor ou com raiva. Ele não bebia muito nem se importava com futebol. Apesar do

futebol, Dan achava que Richard era ótimo. Lucy e Rachel gostaram dele. Quanto mais eles me diziam que eu tinha sorte, mais eu começava a acreditar. Ele *era* um cara legal. Nunca me fez sentir estúpida, não me sufocou, querendo me ver o tempo todo. Ele respeitou o fato de eu estar ocupada nas noites de domingo e quarta-feira, fazendo um curso de informática.

Isso era mentira, mas Richard nunca perguntou sobre o curso, nunca perguntou sobre o passado dela. Com ele, era tudo agora, hoje, o presente.

— Ele gostou dos meus amigos. Gostou do meu apartamento. Gostou de mim. Não achei nada que ele não gostasse. Ele gostou particularmente de me levar para a cama.

Ele comprou anéis de prata combinando, porque o ouro da “Festa de Casamento” deixou seu dedo verde e, embora Kate não gostasse de anéis, ela usava para agradá-lo. Ele disse que ela era a melhor coisa que já havia acontecido com ele. Richard não tentou entendê-la ou descobrir seus segredos, e ela ficou agradecida quando deveria ter ficado curiosa.

— Pensei que o amava, mas agora vejo que não entendo o que é o amor. Eu gostei muito dele. Gostei do fato de ele ter me escolhido. Eu queria me casar com ele porque ele me fazia sentir segura. Ele disse que me protegeria e não deixaria ninguém me machucar. Engraçado, porque era exatamente com ele que eu não estava segura.

“Depois que a mulher me disse que ele não viria, meu coração se esvaziou. Como água saindo de um cano estourado, e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir que tudo se esvaísse. Eu queria que minha vida mudasse e pensei que Richard poderia fazer acontecer. Era tudo o que eu sempre quis, uma nova vida, mas não a mereço. Eu deveria ter lido nas entrelinhas, e não o fiz. Por isso eu estava no mar, Charlie. Cometi um erro e me deixei machucar. Se eu estivesse morta, não poderia mais me machucar.”

Ela se perguntou o que ele diria, se ele entenderia.

— Você já tentou se matar antes — Charlie sussurrou.

Kate expirou lentamente.

— Uma vez. Quando eu era adolescente. Um pedido de ajuda. Acho que o fato de ninguém se importar me jogou nessa depressão em particular. — Ela deu um sorriso irônico. — Sabe, nós realmente não tentamos hoje. Veja com que facilidade decidimos contra. Mudei de ideia quando você começou a me irritar, e você deixou suas roupas nas dunas, caso ainda precisasse delas.

— Eu não... sim, sim — disse Charlie.

— Então, o que o arrastou para a água? — Kate perguntou.

Então *ele* tentou afastar os dedos, e *ela* não deixou.

— Você tem que prometer não falar para a imprensa.

— Eu esperava que você não contasse a ninguém sobre o meu casamento que não aconteceu.

— Eu não confio em ninguém.

— Você quer dizer que não confia em mim.

— Eu não confio em *ninguém*.

— Eu confiei em você. Você pode confiar em mim. Posso guardar segredos. Acredite, sou especialista em guardar segredos. Então me diga, Charlie. Não ficarei chocada. Não te julgarei e não direi a ninguém. — Ela olhou nos olhos dele. — Eu prometo.



Charlie suspirou.

— Você não vai mais gostar de mim.

— Quem disse que eu gosto de você agora?

Ele olhou para ela.

— Fiz algo muito ruim.

O coração de Kate acelerou.

Ele suspirou profundamente.

— Cheguei ao máximo do que posso suportar de mim mesmo.

A mente dela viajou imaginando vários tipos de tragédias.

— O que é que você fez?

— Não foi apenas uma coisa. Foram muitas. Algumas piores que as outras. Cristo, eu queria estar bêbado. Isso tornaria as coisas mais fáceis. — Seus ombros caíram.

— Então é melhor que você não esteja.

Charlie riu, mas não havia calor em sua risada.

— Ou chapado — acrescentou ele.

Ele a agarrou com tanta força que Kate estremeceu e tentou soltar os dedos.

— Não solte a porra da minha mão — ele retrucou.

— Eu disse que não desistiria de você. — Ela colocou a outra mão em cima da dele também, estreitando a conexão entre eles.

— Eu estraguei tudo. Não apenas a minha vida, outras também. — Ele respirou profundamente. — Transei com uma menina de 16 anos em uma festa e dei cocaína pra ela. Eu nem conseguia lembrar o nome dela, e ela está

em coma. Eu poderia ser enviado para a prisão. Eu deveria estar na prisão. — Ele manteve os olhos baixos.

Kate havia lhe dito que ele não poderia chocá-la, mas ele conseguira.

Sua voz diminuiu para um sussurro.

— Eu não sabia que ela era tão jovem. Ela disse que tinha dezoito anos. Confiei na palavra dela. O que eu poderia fazer? Pedir a identidade dela?

— Charlie!

— Desculpe, desculpe. Fiquei chateado porque pensei que ela tinha levado a minha cueca. Menti para a polícia sobre o que tinha feito. Eu tive medo de ser preso.

Kate não disse nada.

— O que você está pensando? — ele perguntou com uma voz rouca. — Conte-me. Continue. Eu sei que eu sou um merda. Os jornais disseram que ela tinha dezoito anos, mas então ouvi dizer que tinha dezesseis. Eu nunca... me diga que sou um filho da puta.

— Não há necessidade de eu te dizer.

Ele gemeu.

— Você a obrigou a fazer algo que ela não queria? — Kate perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Ela estava lá embaixo dançando depois que eu saí. Brian lhe deu mais coca. A polícia o prendeu.

Kate sabia que poderia ter apontado que Charlie não era responsável pelo que aconteceu depois que ele saiu da festa, que ele não sabia exatamente o que aquele cara, Brian, havia feito ou dado a ela, mas nada disso justificava seu comportamento.

— Você não vai me dizer que não foi minha culpa? — Ele ergueu os olhos escuros em direção aos dela.

— Foi isso que seus amigos lhe disseram, o que você continua dizendo a si mesmo?

— Eu não sei. — Charlie esfregou a cabeça contra a parede.

— Eu não vou te dizer isso — disse Kate. — Você tem que assumir a responsabilidade pelo que acontece em sua vida, assim como eu.

A cabeça de Charlie girou.

— Mas o que Richard fez com você não foi sua culpa. Cristo, não era motivo para cometer suicídio, porque você foi enganada e abandonada por algum idiota. Encontre outro cara. Há muitos de nós lá fora. Não somos todos bastardos.

— Não é tão fácil.

— Sim, é.

O coração de Kate estava apertado dentro de seu peito, como se mãos tentassem forçá-lo a ocupar um espaço pequeno demais.

— É fácil para você. É famoso, rico e sexy. Um sorriso seu e as mulheres se colocam em fila para dormirem com você.

— Isso não é uma coisa boa.

Houve um silêncio por um momento antes de Kate falar novamente.

— A vida de quem mais você estragou?

— Eu sou adotado — ele deixou escapar.

— Então você é um cara de sorte.

Seus olhos suaves ficaram severos em um instante.

— O que diabos isso significa?

— Bem, eu *não* fui adotada.

Charlie olhou para ela, perplexo.

— Como isso me faz um cara de sorte?

Kate sabia que isso o faria se sentir mal, mas ele precisava parar de ter pena de si mesmo.

— Perdi meus pais quando tinha sete anos. Até os dezesseis anos, eu vivi em um abrigo e, ocasionalmente, com pais adotivos temporários. Ninguém queria me adotar. Então você teve sorte, Charlie. Pelo menos alguém quis você.

Ele se recostou contra a parede.

— Cristo, a única pessoa em quem eu confiei para me confessar tem mais problemas do que eu. — Ele se virou para olhá-la. — Por que ninguém te quis? Você devia ser uma criança fofa.

Kate bufou.

— Fofa? Não, eu não era. No começo, fingi que não precisava que ninguém me quisesse, depois eu esperava que alguém olhasse além de toda a sujeira e me visse de verdade. Por fim, eu queria ser escolhida e assim eu fui tão má quanto podia ser. Não queria amigos. Minha avaliação dizia: *Kate vive de mãos dadas com problemas*. O problema era o melhor amigo de todos.

— O que você fez?

— No meu primeiro lar provisório, joguei todos os itens de comida da cozinha no lixo. No seguinte, joguei o peixe dourado de uma criança na privada. Joguei todas as minhas roupas no canal e andei nua. Raspei o rabo do cachorro. Arranhei meu nome em todo o carro novo de uma assistente

social. Soltei o hamster quando não deveria, e o gato o pegou. — Kate estremeceu. — Eu tentei recuperá-lo. Acabei segurando a metade do corpinho de um hamster e tive que matá-lo. Foi horrível. — Ela estremeceu. — Depois disso, ninguém mais me escolheu, então não havia chance de adoção. Não era nada que eu não merecesse.

— Jesus, você era uma merdinha inventiva.

Tive meus momentos, pensou Kate.

— E você está certa — Charlie disse com um suspiro. — Eu tive sorte. Tinha apenas dez meses quando Jill e Paul Storm me adotaram. Eles não podiam ter seus próprios filhos. Só que quando eu tinha dois anos, minha mãe chegou em casa, do hospital, com um irmãozinho, Michael. Eu implorei que o levassem de volta e o trocassem por uma bicicleta. Eles me compraram uma bicicleta como se fosse um presente de Michael, então concordei que ele poderia ficar por uma semana. Michael me adorou até o dia em que morreu e eu o tratei como uma merda.

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Charlie. Ele soltou uma das mãos, levou-a à boca e começou a roer as unhas. Kate afastou a mão dele da boca e pressionou os seus dedos na coxa dela.

— Como ele morreu? — Kate perguntou.

— Acidente de carro. Há nove meses. Nós estávamos juntos. Estávamos bebendo. Cheirando coca. Ele queria que eu o juntasse com uma garota que ficou a noite toda tentando sair comigo. — Ele olhou para Kate. — Porra, elas nunca queriam Michael. Só queriam a mim. Eu costumava chamá-lo de vira-lata feio. Era uma piada. — Sua voz falhou. — Ele não era um vira-lata feio, mas talvez eu o fizesse pensar que era, porque operou os dentes e os olhos e queria que eu pagasse para que ele fizesse uma plástica no nariz. Ele achava que se ele pudesse ter uma aparência melhor, sua vida seria melhor. Ele parecia perfeito para mim, só que eu nunca lhe disse isso. Deveria ter dito. Tivemos uma briga por causa da garota. Ela concordou conversar com ele, mas ainda me queria. Eu sabia que ela estava usando Michael, mas ele não quis ouvir. Estávamos bêbados. Eu pretendia chamar um táxi pra nós, mas ele me irritou muito e disse para nós dois nos fodermos. Ele roubou as chaves do meu carro, bateu e ficou preso nas ferragens. O carro pegou fogo.

Kate parou de respirar.

A voz de Charlie caiu para um murmúrio.

— Meus pais queriam vê-lo depois, mas não podiam. Ele teve que ser identificado a partir de registros dentários.

Ele respirou profundamente e ficou de pé, limpando as palmas das mãos na camiseta.

— Então, o que há com a cama? — ele exigiu. — É como se você fosse esquizoide ou algo assim.

Kate achava que não tinha ouvido a história toda, mas aceitou a mudança de assunto. Ela também não contara tudo para Charlie. Ela o observou andar pela sala como um lobo nervoso e então ele parou ao seu lado.

— Fale comigo — ele implorou, com os olhos selvagens de dor. — Por favor.

— Sobre a minha cama? É o único móvel novo que comprei. Depois de tantos anos em orfanatos, e depois, quando vivia em casas invadidas, eu dormia em camas horríveis. Colchões infláveis que murchavam durante a noite, colchonetes cheios de pulgas que nem um cachorro tocava, sofás-cama sem estofamento, camas cheirando a urina e vômito, camas com lençóis tão ásperos que arranhavam, camas que eram não mais do que cobertores no chão, camas no chão sem cobertores. Todo esse tempo, a única coisa que sempre quis foi minha própria cama, uma cama nova. Prometi a mim mesma que um dia teria a mais bonita do mundo. É isso que eu tenho.

— Vamos transar — disse ele.

Kate recuou.

— Não. — Como ele poderia mudar tão de repente? De um pássaro com uma asa quebrada ao homem pronto para quebrar os outros. Mas apesar de toda a sua boa aparência e confiança impetuosa, Kate viu a solidão em seus olhos. Ele era bom em esconder isso, assim como ela, mas reconhecia a dor quando a via à sua frente.

— Nós podemos transar aqui. — Charlie esfregou a mão de Kate com o polegar.

— Não. — Mas Kate se perguntou o que faria se ele a puxasse para seus braços. Estremeceu, porque já sabia. Um desejo ardente de pressionar seu corpo nu contra o corpo dele, igualmente nu, provocou o caos dentro dela.

— Eu não estou acostumado a mulheres me dizendo não. — Charlie riu, e Kate se perguntou se ele pensava que ela não estava falando sério. — *O idiota é mais bonito que eu?*

Ela se fez parecer triste.

— Muito.

A testa de Charlie franziu.

— Você o aceitaria de volta?

— Nunca.

— E se ele bater na porta, ajoelhar-se e implorar por você? Dizendo que cometeu um erro terrível e quer você para todo o sempre, amém?

— Não.

— Eu não entendo, Kate. O que esse cara fez é horrível. Espero nunca ter sido tão cruelmente calculista, mas se você não quer *o idiota* de volta, por que não pode seguir em frente? Você tem todo o direito. Ele foi um merda e todo mundo vai sentir pena de você, a menos que... a menos que haja algo mais. Você não tem uma doença mortal também, tem? Nada contagioso?

Ele apertou a mão dela para mostrar que estava brincando.

Kate escolheu cada palavra com cuidado.

— Eu estou quebrada, Charlie. Quando algo terrível acontece com você, isso te faz questionar tudo. Coisas assim abalam as estruturas da sua vida. Richard me deu esperança de que eu pudesse ter um futuro diferente e depois a arrancou de mim. Passei tantos anos sendo rejeitada que construí um muro forte para garantir que nunca mais me encontraria nessa posição. Mas deixei Richard atravessá-lo e sei, agora, que não posso estar segura. Não posso confiar em mim mesma.

Kate observou os dedos de Charlie esfregando os dela.

— Não vejo sentido em nada — disse ela. — Não me sinto parte do mundo. Ninguém precisa de mim ou me quer, nem mesmo gosta muito de mim. Eu não gosto de mim. O mundo continuará girando sem mim. Não serei uma grande perda. Sou apenas uma partícula de carbono temporariamente mal usada. — Por que estava dizendo isso a ele? Ela não era assim.

O aperto de Charlie tornou-se mais forte.

— Você vai tentar de novo, não é?

— Não — Kate mentiu. Mas ele olhou para ela com aqueles enormes olhos de filhote de foca e ela não teve certeza se que ele acreditava. — Você vai?

— Eu deveria. O mundo não apenas continuaria girando sem mim, mas também daria um salto, e um salto de alegria.

Charlie soltou a mão dela. Kate esticou os dedos. Ele os tinha segurado com tanta força que estavam dormentes.

— O que mais você fez? — ela perguntou.

— Fodi e estraguei tudo.

— Me conta.

Ele hesitou.

— Eu sou tão ruim quanto *o idiota*. Já dormi com mais mulheres do que posso contar e, quando encontrei uma de quem gostei, dormi com a irmã dela. — Ele fez uma pausa. — E com a mãe também.

Kate ficou boquiaberta.

— Ao mesmo tempo?

— Isso podia ter valido a pena. — Charlie deu um sorriso atrevido, e Kate não pôde deixar de imitá-lo.

— Espero que você não tenha engravidado todas elas.

— Deus, Kate, eu não sou tão ruim assim. — Ele pensou por um momento. — Bem, eu sou, mas tenho cuidado.

— Qual era o nome da que você gostava?

— Jennifer. Por quê?

— Verificando se você consegue se lembrar.

— Quem é você de novo?

— Sereia.

Ele levou a mão ao rosto dela, mas a deixou cair antes de tocá-la.

— Você a perdeu para sempre? — Kate perguntou.

— Levando em consideração que ela e a mãe me pegaram na cama com a irmã, então eu acho que sim, você não? Enfim, não é só trepar por aí. Tem outras coisas. Eu raramente estou sóbrio antes do meio-dia e geralmente inconsciente antes da meia-noite. Eu fumo demais. Bebo demais. Uso muita cocaína. Transo com muitas mulheres, embora ainda não seja tanto quanto as pessoas pensam. Eu até peguei alguns homens. — Ele olhou para Kate enquanto dizia isso, mas ela não deixou sua expressão mudar. — Eu não ligo para coisas com as quais deveria me importar. Sou a maior merda que posso ser. Fiz disso uma arte.

Ele era como um rolo compressor agora. Kate quase podia ver as palavras saindo.

— Todo mundo quer um pedaço de mim. Todos pensam que me possuem, só porque conhecem meu rosto. Eles aparecem e dizem: eu conheço você. Mas não me conhecem de verdade.

— E os seus amigos?

— Que amigos? Não posso confiar em nenhum deles. Como eu sei que quem diz que é meu amigo é realmente meu amigo e não vai me vender para quem pagar mais? Como sei que você não vai ligar para um jornal no momento em que eu sair daqui?

— Quanto eu poderia conseguir?

— Muito. Pagaria seu empréstimo pra quitar este lugar — ele retrucou.

— Eu não fiz empréstimo. Ele já é meu.

Ele pareceu surpreso por um momento.

— Um amigo vendeu você, Charlie?

Ela observou as bochechas dele corarem de raiva.

— Sim. Não apenas se gabou de ficar comigo, mas ainda mentiu. A vaca.

— Eu nunca diria nada aos jornais — disse ela.

Ele olhou para ela, e Kate viu um vislumbre de esperança em seus olhos.

— Meu agente foi o único a se importar, mas eu sou um cliente. Dei dinheiro para ele. Era do interesse de Ethan me manter feliz. Quando comecei a ter problemas, ele me largou. Minha família nunca quis que eu seguisse neste negócio, mas eles não entendem a pressão. Depois do que aconteceu com Michael, eles... — Charlie respirou fundo algumas vezes antes de poder continuar. Kate acariciou as costas da mão dele. — Não posso confiar em ninguém. Estou cansado de ser seguido. Estou cansado de as pessoas esperarem eu me ferrar. Eles sabem que eu vou e o que é pior, querem isso. Ficam felizes por saber que não sou diferente deles. Acham que eu não mereço o que tenho e estão certos. Mas eles não veem o outro lado. Estou cansado da minha vida não ser minha, de não poder fazer o que quero, quando eu quero. Então imaginei que usaria o pouco de controle que tinha e me mataria.

Ele falou muito rápido, quase a ponto de não respirar, e então arregalou os olhos e olhou para ela.

Ele é tão bonito, Kate pensou. *Um anjo caído*.

— Nós dois sentimos pena de nós mesmos. Ninguém me quer e muitas pessoas te querem — ela disse.

— Acho que eu poderia resolver parte disso. Eu quero você — ele sussurrou.

— Mas então eu aumentaria seus problemas sendo uma das muitas pessoas que querem você.

— Eu não ligo — disse Charlie. — Você está tornando isso mais complicado do que precisa ser. Ouça-me, Kate. Eu quero você.

— Mais do que um cigarro, uma bebida ou uma cocaína?

— Neste momento, sim.

— Não é bom o suficiente — disse ela.

Charlie sorriu.

— Okay. Então posso perguntar uma coisa?

Kate assentiu.

— Se você não dormir comigo, vai me comprar cigarros?

— Não. É um hábito desagradável. Eles podem te matar. É o que diz no pacote. Desista disso.

— Que tal um pouco de bebida?

— Não. Segundo o governo, o consumo excessivo de álcool pode ser fatal.

Ele se levantou e a olhou furioso. Kate lutou para não rir.

— Vá você mesmo, se está tão desesperado — disse ela.

— Vestido assim?

— Ontem eu peguei um ônibus usando um vestido de noiva. Acho que você poderia ir à loja usando minha calça de pijama sem que ninguém erguesse uma sobrancelha. De qualquer forma, suas roupas estão secas, mas não seus sapatos.

— Por favor. Eu serei reconhecido.

— Não. Este é o momento de desistir de cigarros, pelo menos. Você deve ter força de vontade, embora, a julgar pelo estado das suas unhas, provavelmente a sua força de vontade seja uma coisinha fraca confinada em um canto estreito da sua cabeça.

— Deus, você é uma vadia.

Mas Kate pegou o vislumbre de um sorriso em seu rosto quando ele se jogou no sofá.

— Onde está a sua TV? — Ele olhou em volta como se uma fosse sair do chão como um dispositivo de última geração.

— Não tenho uma.

— Aparelho de som? CDs? — Ele levantou os pés e recostou-se.

— Não.

— Por que não, pelo amor de Deus?

— Eu gosto do silêncio. Fui criada em lugares que eram continuamente barulhentos. Sempre havia alguém gritando, brigando ou a TV estridente e não tinha nenhum lugar para me esconder disso.

— Você não gosta de ouvir música?

— Às vezes ouço no computador, quando estou costurando.

— Você é tão estranha. O que vou fazer para me divertir? Sem TV, e você não me deixa te foder. Que tal desfilar pra mim com algumas de suas roupas íntimas?

Ela levantou a cabeça.

— Você mexeu nas minhas gavetas, Charlie?

— Não é onde eu gostaria de mexer. — Ele deu a ela um sorriso lascivo.

— Gostou do que você viu?

— Melhor ainda se você as estivesse usando, por que retirá-las seria divertido.

— Bem, talvez haja algo que possamos fazer juntos. Envolve um trabalho cuidadoso com os dedos e alguma manipulação. E há uma enorme satisfação quando você termina. Espere aí.

Kate saiu da sala e voltou carregando uma caixa.

— Um quebra-cabeça? — Ele ficou boquiaberto.

— Duas mil peças.

— É indecente?

Kate fingiu ler a caixa.

— Swing nos subúrbios.

Os olhos dele se arregalaram.

— Na verdade, não. É uma cena na selva — ela disse.

Kate sentou-se no chão, abriu a caixa e procurou pelas bordas e cantos. Depois de alguns minutos resmungando consigo mesmo, Charlie desceu do sofá e se sentou ao seu lado. Sua mão vasculhou as peças do outro lado da caixa.

Eles trabalharam juntos em silêncio, mas quando seus dedos se tocaram quando alcançaram a mesma peça, Kate sentiu uma pontada de desejo. Ela levantou os olhos pra olhar para Charlie, e ela viu seu pomo de adão subir e descer.

— O que você faz à noite se não tem TV? — Charlie perguntou.

— Costuro, leio, mexo no computador.

— Quebra-cabeças?

— Sim.

— Aqui, uma peça do canto — disse ele. — Ei, olhe! Essas peças se encaixam.

— Sim, se você as forçar. — Kate as separou novamente.

— Ser garçonzete é um trabalho difícil? — ele perguntou.

— Sim. E atuar?

— Molezinha.

— Eu não sou apenas uma garçonzete — disse ela, sentindo-se na defensiva.

— O que mais você faz?

— Atendo a uma linha de sexo por telefone duas noites por semana.
Sua mão congelou na caixa e ele levantou a cabeça para encará-la.

— Tá brincando, né?

Não, ela não estava brincando. Kate não tinha certeza do que a fez dizer a ele. Bem, não era bem verdade. Ela queria surpreendê-lo. Pegou mais algumas peças.

— Então não é um curso de informática?

— Não. Também ajudo a escrever o catálogo da galeria de arte de Rachel.
Charlie ficou quieto por um momento.

— Então, o sexo por telefone... — ele começou e Kate sorriu. — Você está brincando, certo? — repetiu.

— Não.

— Você irá fazer isso hoje à noite, por acaso?

— Domingos e quartas-feiras.

— Hoje é sexta-feira — Charlie lamentou.

— Isso é verdade. — Kate espalhou várias peças de uma cor semelhante.

— Eu poderia ligar para você, de qualquer maneira. Qual é o número?

— Onde está o seu telefone?

Charlie praguejou baixinho.

— Por que você faz isso?

— Por que você decidiu ser ator, em vez de cantor?

— Eu não terminei de falar sobre o sexo por telefone. Não precisamos ter um telefone. Eu poderia ir para outra sala e poderíamos gritar.

Kate revirou os olhos.

— Por que você quis ser ator, Charlie?

Ele suspirou.

— Eu não queria mais ser eu. Queria ser alguém diferente.

— Que tipo de papéis você já interpretou?

— Você ainda não viu *nenhum* dos filmes de que participei?

Kate balançou a cabeça.

— Gosto de fazer as pessoas chorarem e gritarem — disse ele, com um tom brusco.

— Então você geralmente acaba morto depois de bater em algumas pessoas?

— Verdade.

— Você gosta de ser odiado — disse Kate.

Ele a olhou rapidamente.

— Estou farto de ser amado. A maior parte da minha correspondência vem com fotos de mulheres nuas se oferecendo para transar comigo. Talvez eu veja o papel de vilão como uma maneira de equilibrar isso.

— Duvido que tenha funcionado. Ninguém nunca te contou que as mulheres gostam dos tipos bandidos? Particularmente na tela, que elas sabem que não são ruins na vida real.

— O problema é que eu sou.

— Isso não vai impedir que as mulheres o desejem. Não é uma vantagem do trabalho?

— Não mais. Pergunto-me, se soubesse onde isso poderia acabar, se eu ainda teria seguido o caminho que segui. Ninguém me disse que, uma vez que me tornasse famoso, seria para sempre, e todo mundo estaria esperando que eu falhasse. Sempre há alguém pronto para me fazer parecer de ressaca ou dar um soco em um cara, porque ver eu me foder faz com que se sintam melhor. Você acha que eles têm uma sensação doentia de satisfação sabendo que, no fundo, sou igual a eles? — Ele fez uma pausa. — Tudo bem, pior pra eles.

— Charlie, eu acho que você gosta de atuar porque não sabe quem você é. Você acha que isso o ajudará a encontrar a si mesmo, mas não vai. Só está fugindo da realidade, da verdade.

— Não somos as pessoas certas para conversarmos sobre isso — Charlie murmurou.

— Não há mais ninguém por perto.

— Eu quero *ser* alguém — disse ele em voz baixa.

— Mas você *é* alguém. Acho que não importa o que você faça da vida, seja você ator ou garçoneiro. O importante é ser um ser humano decente e tratar as outras pessoas como você gostaria de ser tratado. Não ser egoísta. Não gosto de pessoas egoístas, de quem não pensa nos outros.

— Sou egoísta.

— Mas você tem uma qualidade redentora.

— E qual é?

— Você sabe que é egoísta. Só precisa aprender a gostar de si mesmo, Charlie, caso contrário, como mais alguém pode conhecer e gostar de você?

Ele a encarou por um momento e então a expressão irritada desapareceu do rosto dele, e ela viu a sugestão de um sorriso.

— Então, o *idiota* te ouviu enquanto você fazia isso?

— Fazia o quê? — perguntou Kate, embora soubesse o que ele queria

dizer.

— Ajudava os caras a se masturbarem.

— Eu nunca disse a ele. Ele pensava que eu estava fazendo o curso de informática.

— Por que não contou a ele?

Ela teve a chance de contar a Richard em várias ocasiões, mas algo a deteve. Imaginar que ele não aprovaria?

— Ele não teria entendido.

— O quê? Por que diabos você planejou se casar com esse cara? Estou realmente interessado em sua vida, principalmente na roupa íntima e no sexo por telefone.

Kate sorriu.

— Você tem uma mente única.

— Esse é o título de uma das minhas músicas. — Ele esperou um momento antes de continuar. — Você não me pediu para cantá-la.

— Não. — Kate viu a tensão se esvaindo dele. — Vai me dar dor de cabeça.

Ele rugiu de tanto rir.

— Por que você me contou sobre o sexo por telefone?

— Você precisa de honestidade. Compartilhou parte de si comigo e eu quis fazer o mesmo. Enfim, estou de folga esta semana. Eu deveria estar no Havaí.

— Havaí?

— Não diga isso. Eu sei que deveria ter percebido que era loucura.

— Você ia parar quando se casasse?

— Você ainda está falando sobre o sexo por telefone?

Ele deu um sorriso tímido.

— Depende — disse Kate.

— De quê?

— Se eu ainda precisasse, eu faria.

— Se você é a dona deste lugar, não pode ter sido pelo dinheiro.

Mas era.

— Por que, então? — Ele parecia confuso.

— Talvez eu goste de fazer homens chorarem e gritarem.

Ele riu. Kate olhou para a caixa enquanto ele passava um de seus dedos ao longo de um dos dela, por cima dos nós, pelas costas da mão até o pulso. Oh, merda. Seus mamilos formigavam, e ela sentiu uma onda de calor entre

as pernas.

— Olhe para mim, Kate.

Ela levantou os olhos para ele.

— O que você vê?

Ela pensou por um momento.

— Você tem um corte no rosto.

Charlie deu uma risadinha.

— Você não deveria dizer ao quinto homem mais sexy do Reino Unido que ele tem um corte no rosto.

— Quem votou? Cidadãos idosos?

— Eu realmente quero te foder — ele rosnou do fundo de sua garganta.

— Eu realmente quero estar no Havaí, mas nem sempre conseguimos o que queremos.

— Faça sexo comigo e eu te levo ao Havaí.

— Foi o que Richard disse.

Charlie suspirou em frustração.

— Eu não sou nada como aquele *idiota*.

Kate olhou para o rosto dele.

— Não, ele nunca estava com o rosto cortado.

Charlie a olhou furioso.

— Eu estou muito estressado e você não está ajudando. Vá e vista seu vestido de noiva.

— Por quê?

— Para que eu possa tirá-lo.

— Não.

— Você poderia pelo menos ter pensado nisso — ele reclamou.

— Vou para a cama. — Kate deu um pulo. Se ficasse mais, não conseguiria resistir a ele. — Vou pegar alguns lençóis e travesseiros.

Mas quando ela se afastou do armário no corredor, ele estava logo atrás dela.

— Posso dormir com você?

Ela passou por ele.

— O sofá é confortável.

Ele se inclinou na porta enquanto Kate arrumava a cama.

— Eu não vou te machucar — disse Charlie.

Kate lutou com uma fronha. Como ele poderia não a machucar? Dormiria com ela e a largaria. Ela se virou para olhá-lo.

— Você está certa — ele disse com uma voz triste. — Eu machucaria você. Machuquei todo mundo que toquei. Fique longe de mim. Partirei amanhã.

— Charlie. — Ela queria ir até ele, abraçá-lo, mas sabia o que aconteceria se o fizesse.

Ele se mexeu, roendo as unhas, depois esfregou o pescoço.

— Por que eu achei que mudaria porque não morri quando esperava ter morrido? Ainda sou o mesmo idiota fodido que sempre fui.

Kate foi até a porta.

— Então prove que você pode mudar.

— Como?

— Chega de cigarros, álcool ou drogas. Não dormir com alguém só porque você pode.

— Eu prefiro morrer.

— Bem. Vá em frente e se mate. Só não faça bagunça no meu apartamento.

Charlie riu.

— Você é louca.

— E você não é?

— Me ajude — ele murmurou. — Por favor.

— O que você quer que eu faça? Acorrente você?

— Eu não me importaria de ser algemado à sua cama.

Ele se aproximou. Kate se afastou e colidiu na parede.

— Qual é o problema? Ficou sem comentários inteligentes? — O rosto dele parou a centímetros do dela.

— Só pensando que talvez eu não me importasse de algemar você na minha cama — disse ela.

Ela não deixou de perceber a faísca nos olhos dele. Kate passou sob o braço de Charlie e entrou no corredor.

— Então eu sei que você ficará seguro no sofá. — Ela se fechou no banheiro.

O coração de Kate batia forte enquanto ela escovava os dentes. Poderia muito bem estar se arriscando ao flertar com um especialista como Charlie Storm. Ela ia sangrar. Era apenas uma questão de tempo.



Charlie se revirou no sofá. Ele queria um cigarro e uma bebida. Não, ele *precisava* de um cigarro e uma bebida. Não teria recusado um pouco de cocaína também e estava cada vez mais desesperado por Kate. Atacou as unhas, roendo as bordas. O que queria mais? Talvez, se tivesse um cigarro, ele parasse de pensar em uma bebida. Mas ele realmente precisava parar de pensar em transar com Kate.

Poderia pegar algumas libras da bolsa dela, aproveitar que estava escuro e comprar alguns cigarros e talvez uma garrafa de vinho, mas não podia comprar Kate. Seu “você tem um corte no rosto” o excitara mais do que ela poderia imaginar. Falar sobre algum defeito — Charlie sorriu. Ninguém jamais ousara fazer isso.

Mas ele não conseguiu desvendá-la. Ela sentira a conexão entre eles, vira nos olhos dela. Ela o queria, mas não admitia. Já teve mulheres assim antes, jogando duro, achando que isso as tornava mais atraentes. Elas desistiam quando percebiam que não funcionava, mas Kate não estava jogando. Charlie girou e gemeu, tentando se sentir confortável e sabendo que isso não iria acontecer. Nem ficar confortável, muito menos conseguir uma foda.

Ele queria subir em sua linda cama e em seu corpo. Queria sentir as mãos dela em torno de seu pau, depois os lábios molhados e depois o estreito aperto de sua boceta. Queria ouvi-la gemer enquanto implorava para que ele não parasse de fodê-la, mas, mais do que tudo, queria fazê-la feliz e ajudá-la a se esquecer de Richard; e era por isso que ele não se esforçara mais para compartilhar sua cama. Seu pau não concordava com essa estratégia. Estava tão duro que doía.

Charlie não estava acostumado com pessoas lhe dizendo não. Não poder ter o que queria era uma novidade, embora frustrante. Quanto mais ele tentava não pensar nela deitada no quarto ao lado, mais ela ocupava sua mente. Ele poderia ir procurá-la, perguntado se poderia se deitar sob as cobertas e apenas conversar, sabendo que levaria pouco tempo para estar dentro dela, mas não se mexeu. Suas bolas estavam duras e doloridas, mas Charlie estava determinado a fazer a coisa certa pela primeira vez em sua vida miserável e deixá-la em paz.

Fazer isso sozinho era outra opção. Sua mão deslizou dentro de suas calças e agarrou seu pau. Não ia demorar. Ele mal começou uma carícia antes de a porta do quarto se abrir. A mão de Charlie congelou no meio do aperto e sua respiração ficou presa na garganta. Oh, Deus. Ela vestira o vestido de noiva. Ele retirou a mão do seu equipamento, porque era definitivamente a coisa certa a fazer, mas ele não tinha certeza de nada.

Deveria fingir estar dormindo?

Esperar que ela viesse até ele?

Pular do sofá, arrancar-lhe o vestido e transar com ela até deixá-la inconsciente?

Nenhuma das opções acima?

O instinto disse a ele que ela não daria mais um passo, então ele se levantou. Mas ela passou por cima do quebra-cabeça e ficou na frente dele. Charlie manteve os braços ao lado do corpo, os dedos tremendo.

— Fiquei lá deitada, no escuro, imaginando se a porta se abriria e o que eu faria se isso acontecesse — disse ela. — Fingir estar dormindo? Convidá-lo para a cama? Tudo passou pela minha cabeça em um *loop*, nós dois colidindo no mar, como podemos não ter nada em comum e tudo em comum.

Charlie esperava que ela não pudesse ver sua ereção. Se ele fixasse seu olhar nos olhos dela, Kate poderia não olhar para baixo, embora fosse impossível que não percebesse a enorme barraca armada em sua calça de pijama.

— Sinto-me culpada porque quero você — sussurrou Kate.

Ele saiu de uma sensação de calor intolerável para o mesmo conforto que sentiria com um ar-condicionado enquanto o alívio o inundava, apenas para voltar para o calor do sol quando seu pênis pulsou de excitação, sabendo que algo melhor que sua mão era possível. Charlie suspeitava que o pré-sêmen estava deixando uma grande mancha molhada nas calças. Felizmente, estava escuro.

— Você deixou claro o quanto odeia o fato de todo mundo te querer. Por que me acharia diferente das mulheres que se apaixonaram por sua boa aparência e sorriso sexy?

Mas ela *era* diferente.

— Você acha que eu tenho um sorriso sexy? — Oh, Deus, isso era o melhor que ele conseguia?

— Depois de se livrar dessa marca — disse Kate.

Charlie riu.

— Você me pediu para ajudá-lo — ela sussurrou.

— Sim. — Sua voz estava cheia de emoção, mas ele tinha mesmo pedido sua ajuda? Não conseguia se lembrar, não com o cérebro embaçado pela luxúria. Só para uma coisa ele precisava de ajuda no momento, e isso estava chorando pedindo atenção.

Kate suspirou.

— Eu me perguntava o que diabos estava fazendo deitada sozinha lá dentro, com a porta fechada. Por que nós dois temos que ser infelizes? Depois do que aconteceu nos últimos dias, por que não devo transar com você?

Charlie não estava disposto a discutir. Kate alcançou a lateral do rosto dele, roçou as costas dos dedos sobre sua bochecha antes de a mão dela descer até o queixo. Um dedo correu ao longo da linha de seus lábios. Os pelos em seus braços eriçaram e a dor em sua virilha subiu para florescer em seu peito.

— Você é real? — ela perguntou.

Ele lambeu a ponta do dedo dela e colocou esta mão sobre seu coração. Batia forte e rápido, e ele sabia que ela podia sentir. Charlie sorriu, e Kate suspirou.

— O que há de errado? — ele perguntou.

— Você parece tão mau e tão sexy. Soltei um demônio que não tenho esperança de controlar.

— Eu não farei nada que você não queira que eu faça. — Ele temia que ela estivesse dizendo a mesma coisa para si mesma.

— Se você é minha recompensa por todas as coisas ruins que aconteceram comigo, então o que eu sou para você? — Kate perguntou.

— Meu anjo.

Ela bufou e ele riu.

Ele abriu bem os braços.

— Você me tem.

— Eu mudei de ideia. Desisto de você agora.

— Eu sou perfeito, apesar do machucado, obviamente. Por que você desistiria? — Ele baixou os braços.

— Você não consegue manter uma atitude por mais de dez segundos. Não consegue ficar parado por mais de vinte. Tem a concentração de uma pulga, a mente de um rato de esgoto, a boca de um estivador, e suas unhas são horríveis.

— Então você gosta de mim?

— Você pode ser ridiculamente bonito, mas também é arrogante e chorão.

Charlie mordeu o lábio, tentando não rir.

— Você é um cara mau, Charlie Storm. Uma merda total.

— Você me fantasiou sem calças, então?

— Eu mencionei que você era cabeçudo e ganancioso? — Kate rosnou.

— Você provavelmente pensa que é um amante melhor do que...

— Quem? — Charlie pressionou.

— Richard — disse ela.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Eu sei que sou melhor que *o idiota*.

— Agora você tem algo a provar.

— Você me convenceu disso. Mulher inteligente.

— Não, acho que *você* me convenceu disso.

— Oh, Kate — ele sussurrou. — Você é tão fofa. Ele deve ser louco. — E, finalmente, ele a alcançou.

As mãos dele se moveram para os quadris dela, puxando-a contra si. Quando Charlie enterrou o rosto no pescoço dela e sentiu seus lábios macios e quentes em seu ombro, ele foi varrido por uma inundação repentina de desejo. Deslizou as mãos pelas laterais do corpo dela, curvou-as ao redor do pescoço, levantou seu queixo e a beijou.

Os primeiros beijos de Charlie eram sempre iguais, o leve toque de lábios frequentemente praticado, permitindo que ele provasse uma mulher, deixando que ela o provasse.

Não daquela vez.

Ele estava tão atormentado pelo desejo que era como se fosse um estudante que conseguiu sua primeira chance de beijar uma garota. Pairava à beira de uma implosão, explosão, completa e maldita destruição.

Com fome demais para ser lento, desesperado demais para ser gentil, ele

beijou Kate como se fosse a última coisa que faria. Se ela tivesse mostrado a menor resistência, pensou que poderia ter chorado, mas sabia que ela sentia o mesmo. Suas línguas invadiram a boca um do outro, torcendo-se, com urgência, descobrindo-se. Sua cabeça girou com o cheiro dela, o gosto dela, a sensação dela, e Charlie rosnou profundamente, direto da garganta como algum tipo de animal. Isso o assustou, mas ele não pôde evitar. Nenhum deles conseguia respirar direito.

Quando seus lábios se separaram, seus olhos estavam arregalados, eles ofegavam simultaneamente e descansaram suas cabeças lado a lado, orelha a orelha, ofegando em uníssono.

— Porra, porra. Você está bem? — Charlie sussurrou.

— Não.

— Nem eu. — Ele estava em perigo iminente de gozar em sua calça. Suas bolas haviam se esticado até a base de seu pênis e começou o formigamento. *Merda, por um beijo?* As mulheres não sabiam a sorte que tinham. Se elas gozavam rápido, todo mundo ficava feliz. Se os homens gozassem cedo demais, todos ficavam decepcionados.

Ele pressionou a testa contra a dela, e eles ficaram parados por vários momentos, sem fazer nada além de se abraçarem enquanto colocavam a respiração de volta sob controle. *Aquilo* foi diferente. *Ela* era diferente.

— O que você está pensando? — ele perguntou. Já tinha perguntado aquilo a uma mulher? Não era algo que precisava fazer, porque ele sempre sabia o que elas estavam pensando.

Não com Kate.

— Que eu nunca fui beijada antes — ela sussurrou.

Charlie se afastou e deu-lhe um olhar confuso.

— Eu sou o primeiro cara a beijar você? Com o quê *o idiota* estava brincando?

— Não, você é o primeiro cara a me *beijar de verdade*.

Seu coração inchou de prazer e seus dedos brincaram com o tecido do vestido dela.

— Você me faz perder o controle.

— Você faz isso comigo também. Talvez não sejamos bons um para o outro.

Charlie engoliu em seco.

— Talvez sejamos perfeitos um para o outro.

As mãos dela envolveram as dele e apertaram.

— Eu estava iludida nesse momento — disse ela. — Passei tanto tempo costurando este vestido, colocando todo meu amor nele. Eu queria... você vai me despir?

Se *o idiota* estivesse nas redondezas, Charlie o teria espancado, esmagado seus dentes fazendo com que ele os engolisse e chutado suas bolas. Provavelmente. Por mais que Charlie tivesse feito muitas merdas, ele nunca tinha sido deliberadamente cruel. Então pensou na garota gorda que ele mandou vazar e engoliu em seco. Olhou para a janela sem cortinas. O olhar de Kate seguiu o dele.

— Eu não ligo — disse ela.

Ele a virou de costas e abaixou o zíper. O tecido rapidamente se abriu para revelar suas costas nuas e macias com a intrigante cicatriz branca. Charlie acariciou seus ombros e sua pele tremeu sob seus dedos. Como se ele tivesse tocado um fio elétrico, um calor intenso passou por suas mãos e correu até a sua virilha. O que já era difícil tornou-se incrivelmente mais difícil. Havia alguma vantagem em se usar calças largas, mesmo que tivessem efeito insuficiente.

Ele puxou o vestido de casamento para baixo e o passou pelos quadris de Kate, fazendo-o amontoar-se no chão, e então ele gemeu. A única coisa que ela usava agora era uma calcinha. Não. Não era uma calcinha; era uma faixa de contas prateadas que cruzava a parte inferior das costas e caía na dobra de sua bunda. Parecia tão perfeito que a respiração de Charlie congelou em sua garganta.

— Você tem uma bunda linda.

Ele deslizou os dedos pela bunda dela, acariciou a pele macia, passando a ponta de cada um pela fenda frisada antes de deslizar as mãos para a frente de seu corpo. Ele a puxou de volta contra o peito e enterrou o rosto no pescoço dela. Quando colocou os dedos embaixo dos seios dela, a respiração de Kate ficou descontrolada. Charlie a soltou por um momento, apenas o suficiente para ajeitar secretamente as bolas para conseguir mais algum conforto e, em seguida, puxou a camiseta sobre a cabeça, jogando-a no chão, e voltou pra perto dela, tremendo com o contato de pele com pele, empurrando-a de frente para a parede, de modo que a lateral do rosto dela descansasse contra o gesso. Ele não conseguia se lembrar de estar tão excitado antes.

— Eu amo o vestido, mas gosto mais de você — ele sussurrou.

Charlie passou os dedos pelos cabelos e baixou a outra mão para traçar a linha da faixa de miçangas que cruzava sua região lombar. Os quadris de

Kate encostaram na parede.

— Parada. — Ele soprou a palavra em seu ombro e seguiu a linha de sua calcinha até a frente de seu corpo. Ao mesmo tempo em que a segurava entre as pernas, Charlie empurrou a ponta dura de sua ereção na fenda do seu traseiro e depois mordiscou a lateral do pescoço dela. Kate reagiu com tanta força como se tivesse levado um tiro. Ela ficou tensa, gritou e se desfez nos braços dele.

— Oh, Deus — ela ofegou. — Deus, Deus, Deus.

O coração de Charlie cantou. Ele se agarrou a ela, sentindo que ela entraria em colapso se a soltasse. Beijou o ponto em seu pescoço que mordiscou, cobrindo-o com pequenas lambidas, provando sua pele enquanto ela voltava à terra.

— Você é tão quente — ele murmurou. — Minha pequena bola de fogo.

Kate respirou fundo.

— Certo, estou bem melhor. Obrigada. Acho que estou pronta para dormir agora. Boa noite.

Charlie riu.

— Posso ir pra sua cama?

— Só se você prometer parar de roer as unhas, ficar nu e chegar ao quarto antes de mim.

Ela já estava se movendo enquanto falava, mas Charlie se adiantou, correu pelo corredor e abriu a porta do quarto. Inclinou-se contra a porta enquanto tirava as calças de dormir e depois pulava para a cama. Quando Kate entrou, ele estava debaixo do lençol e fingindo roncar. Ela deslizou ao lado dele e puxou o lençol de seu rosto. Ele olhou para cima e viu seus olhos escuros observando-o, sentindo-se culpado. Já tinha visto tantas mulheres olharem para ele assim, querendo seu corpo, mas também querendo algo que ele não podia dar.

— Se você vai roncar, pode voltar para a sala — disse Kate. — Não é um hábito atraente.

O rosto de Charlie se iluminou. Amava o jeito como ela falava com ele.

— Eu não vou dormir — disse ele. — E você também não.



Quando Charlie puxou a boca de Kate para a dele, ela esperou outro beijo

duro e rápido, mas daquela vez ele a surpreendeu. Seus lábios deslizaram pelos dela em uma carícia tentadora, demorando um pouco antes que os deixasse deslizar para o pescoço dela. Ele a seduziu com todas as partes de seu rosto, lambendo com a ponta da língua, molhando-a com toda a boca, a bochecha roçando a dela, os cílios grossos fazendo cócegas na pele, o nariz suavemente acariciando, os dentes mordiscando, sua respiração provocando até que Kate não aguentou mais e empurrou a língua dentro de sua boca, pressionando os lábios contra os dele, para que Charlie tivesse que responder da mesma forma.

Havia o momento certo para ser suave, mas não era aquele. Kate precisava que ele fosse violento e forte para fazê-la esquecer. Eles se contorciam, revirando-se nos lençóis, quase como em uma briga. Ela em cima dele e então ele em cima dela. Metade dos corpos na cama, metade fora, enquanto exploravam os corpos um do outro, encontrando lugares para fazer o outro se contorcer. Seu pênis rígido era um lembrete constante do quanto ele a queria. Não importava que aquilo fosse apenas uma foda, pelo menos os dois queriam a mesma coisa, sem ilusão, sem fingimento.

Finalmente, ele a prendeu e pairou sobre ela, respirando pesadamente.

— Você está tentando me comer.

— Na torrada. Com manteiga.

Ela afastou-o e depois o agarrou novamente. Charlie pegou a mão dela e levou-a à boca, chupando os dedos.

— Manteiga é ruim para você — disse ele.

— Quem disse?

Ele mordeu a palma da mão dela, e Kate uivou. Quando abriu a boca, ele soldou os lábios nos dela e, ao mesmo tempo, empurrou a frente da calcinha para o lado, penetrando o dedo médio profundamente em sua fenda. A súbita invasão fez Kate gemer e se contorcer em sua mão. Outro dedo se juntou ao primeiro, e ela suspirou. Um momento depois, ela choramingou em frustração quando ele os retirou.

— Não seja gananciosa — ele sussurrou. — Ainda não terminei de brincar com você.

A cabeça de Charlie desceu do pescoço dela, e ele foi mordendo uma trilha até o seio dela. Onde sua boca tocava, Kate queimava. Onde isso não acontecia, ela ansiava pelo fogo. Sua língua chicoteou seu mamilo, seus dentes circulando e provocando antes que ele chupasse com força. Ao mesmo tempo, empurrou os dedos de volta para dentro dela e Kate se sentiu tão

desesperadamente arrastada pelo desejo feroz que era como se ele tivesse chegado e arrancado seu coração fora do peito.

— Cristo, Kate. Você está encharcada. Está me deixando louco.

— Eu não estou sentindo nada ainda — ela ofegou, e ele tremeu de tanto rir.

A boca de Charlie deslizou de seu seio, passou por suas costelas e estômago, até que se juntou aos dedos dele entre as pernas dela. Quando a língua tocou seu clitóris, todos os músculos de seu corpo se contraíram, os nervos dispararam, as células se expandiram. Alguns momentos de pressão suave, e ela pairou novamente à beira de desmoronar, os dedos entrelaçados aos cabelos dele.

Charlie levantou a cabeça.

— Você vai me comprar alguns cigarros?

Kate forçou os olhos a se abrirem e viu o sorriso dele.

— Okay. — Ela tentou se afastar.

Seu rosto baixou e então ele riu e a puxou de volta, apoiando o queixo na barriga dela.

— Bem, você quer cigarros ou não? — Kate tentou se livrar de suas mãos.

— Não.

Ele abaixou a cabeça e enterrou o rosto entre as pernas dela, usando a língua quente e úmida para lambê-la várias vezes antes de penetrá-la. Kate parou de tentar fugir e de puxar seus cabelos. Os lábios macios de Charlie se fecharam suavemente em torno do botão sensível do clitóris e chuparam com força, então ele o lambeu com a ponta da língua até que seus gemidos se tornaram cada vez mais rápidos. As pernas de Kate paralisaram, os calcanhares se engancharam nas costas dele e as mãos agarraram os ombros dele quando ela caiu nas garras de um imenso orgasmo ondulante que envolveu seu corpo como uma bomba efervescente e longa.

— Charlie — ela ofegou. — Oh, Deus. Eu estou desmontando.

Luzes brilharam atrás de seus olhos, seus membros tremiam e ela mal podia respirar. Kate não conseguia se lembrar da última vez que gozara assim, se é que alguma vez gozara assim. Quando forçou as pálpebras a se abrirem, viu a tensão no rosto dele, os olhos escuros encarando os dela. Ela pegou uma camisinha na gaveta, e Charlie a pegou das mãos dela. Ele já a tinha colocado antes de ela conseguir respirar novamente.

— Acho que você já fez isso antes — ela brincou.

— Eu nunca estive tão desesperado. — Ele se acomodou entre as coxas dela, cutucando sua abertura com a cabeça contundente de seu pênis. Gemeu e depois hesitou. — Você tem certeza?

Kate derreteu com a pergunta, sentindo uma rajada cremosa encharcando seu sexo. Depois de tudo o que acabaram de fazer, ele ainda pensava o suficiente nela para perguntar isso?

— Pergunte aos universitários, ligue para uma amiga, mas responda rápido — ele sussurrou.

Kate agarrou seus ombros.

— Eu sei o que quero. Você, Charlie. Eu quero você agora. Só me foda.

Em um movimento escorregadio, ele a penetrou bem fundo, com seu pau longo e duro, e ela sentiu cada centímetro de sua espessura e comprimento. Kate arqueou as costas, puxando-o ainda mais para dentro de seu corpo antes de se apertar ao redor dele.

— Oh, Cristo, Kate! — ele gritou suavemente o nome dela antes de começar a se mover, entrando e saindo, a concentração marcada em seu rosto.

Ela sabia que ele estava tentando ser cuidadoso, e ela não queria cuidado. Kate alcançou a parte de trás do pescoço dele e puxou sua cabeça contra a dela, erguendo-se para beijá-lo nos lábios. Seus lábios se fundiam enquanto ele começava a estocar, sua língua imitando a ação de seu corpo. Seu pênis parecia mais quente, maior, inchando-se dentro dela, e Kate sentiu o gozo chegando, a vibração se espalhando por seu corpo enquanto a tensão aumentava até seus limites. Charlie parou de beijá-la, ofegando em rajadas curtas. Então, retirou-se um pouco e com um impulso final explodiu dentro dela com um gemido alto. Kate se apertou em torno de seu pênis enquanto ele pulsava. O clímax dela se embolou com o dele, e ambos se enrolaram juntos, perfeitamente compatíveis.

Ninguém se mexeu, congelados na intensidade do momento. Ofegaram ao mesmo tempo e depois riram. Charlie ainda estava suspenso acima de seu corpo. Ele abaixou a cabeça e deslizou os lábios pelos dela, com tanta delicadeza que Kate queria chorar, antes que ele se abaixasse e girasse para não esmagá-la. Ele a segurou firme, ainda semiduro dentro dela, ainda beijando-a.



Charlie sabia que deveria se livrar do preservativo, mas não queria se mexer. Sua cabeça girava como se estivesse bêbado. Ele não tinha problemas para fazer as mulheres gozarem, mas muitas vezes não gozava exatamente ao mesmo tempo que elas, nem de uma maneira tão espetacular. Ficou abalado com o quanto desejava Kate, com o quanto ainda a queria. Já fizera sexo alucinante antes, mas havia algo sobre o que tinham acabado de fazer que era diferente.

Kate era diferente. Ela não estava admirada nem com medo dele. Ria pra caralho em sua companhia, e Charlie mal podia acreditar no quanto gostava dela. Sem joguinhos, ela não tinha medo de dizer o que pensava. Não pedira para ele cantar para ela, e isso foi muito importante. Ele ficava chateado quando as mulheres faziam isso, em parte porque era quase a primeira coisa que saía de suas bocas, como se isso fosse tudo que elas viam, não ele, mas um Charlie diferente. Kate simplesmente fora ela mesma. Ele finalmente conhecera alguém real.

Ele a segurou nos braços e passou os dedos pela pele dela. Não parava de tocá-la, não queria parar, mas não conseguia afastar a voz irritante que dizia que o sentimento passaria. Sempre passava. Um verme cruel mordiscando seu coração que não iria embora.

— Eu tenho que me livrar desse preservativo e me lavar — disse ele. — Vem comigo?

— Preocupado que você possa se perder?

Sim, ele estava. Ele era bom em se perder.

Os dois gemeram quando ele se retirou de dentro dela. Charlie colocou os pés para fora da cama e tirou a camisinha. Quando se levantou e se virou, Kate estendeu a mão e o verme que estragava seu prazer começou a murchar.

— Vamos lá — disse Kate. — Vou impedi-lo de cair no poço sem fundo no corredor, mas cuidado com a areia movediça no banheiro.

Charlie a deixou envolver os dedos nos dele. Ela o puxou de um cômodo para outro. Charlie estava prestes a jogar a camisinha na privada quando ela o parou.

— Você não deveria fazer isso. Melhor para o planeta colocá-la na lixeira.

Charlie hesitou. Ele sempre as jogava na privada. Não queria que ninguém sugasse seus pequenos nadadores e fizesse um bebê. Como isso poderia ser melhor para o planeta? Mais idiotas como ele? Não tinha ideia se era possível, mas sempre agia de forma segura.

Ele embrulhou o preservativo em papel higiênico e jogou-o no lixo.

Kate o puxou para se sentar na beira da banheira e pegou um pano. Ela o molhou, ensaboou e limpou o pênis dele. Os dedos de Charlie se curvaram na beira da banheira e ele abriu os dedos dos pés nos azulejos. Ninguém nunca tinha feito isso por ele antes. Ninguém jamais pensara nisso. Kate se ajoelhou e esfregou os dedos nos pelos pubianos encaracolados, girando-os nos dedos ensaboados. A outra mão acariciou seu já meio intumescido pênis. Charlie quase sentiu seu sangue parar de circular em suas veias antes de desviar para o lugar em seu corpo que mais se divertia.

— Posso depilar você aqui embaixo? — ela perguntou.

O fluxo sanguíneo inverteu. Bem, não, mas ele estremeceu, seu pau estremeceu e suas bolas tremeram. Ela estava maluca?

— Você deixa? — Kate sussurrou.

— Okay.

Ele estava maluco? Não ia coçar e lhe dar manchas? E se a mão dela escorregasse? Como poderia voltar atrás sem parecer um covarde?

— Quer me depilar também? — ela perguntou.

— Okay.

Kate forrou uma toalha macia no chão.

— Deite-se.

Charlie se deitou de bruços.

— Quer que eu faça o seu traseiro também? — ela perguntou.

— O quê? — Ele se virou. — Eu não tenho um traseiro peludo. — Ele tinha?

Ela riu. Charlie apoiou-se nos cotovelos e observou enquanto ela se ajoelhava entre as pernas dele com uma lata de algum tipo de espuma de barbear e uma lâmina descartável. Ele se encolheu com o primeiro jato de líquido azul espesso, mas quando Kate começou a massagear toda a virilha, relaxou e fechou os olhos. A combinação de seus dedos macios, mas firmes, e a espuma fria e escorregadia fez seu pênis inchar em sua mão. Nenhuma maldita sensação de perigo. Nenhuma sensação de sangue. Com o primeiro golpe longo da lâmina, Charlie prendeu a respiração.

— Não faça movimentos bruscos — disse ela.

Talvez ele devesse continuar prendendo a respiração. Então seu pau estúpido estremeceu.

— Merda. Como vou conseguir não me mexer quando meu pau tem uma mente própria?

— Eu vou tomar cuidado.

Charlie se perguntou o que ele estava fazendo, deixando uma mulher que acabara de conhecer segurar uma lâmina contra seus melhores amigos. No entanto, confiava nela.

Kate enxaguou a lâmina no lavatório e começou de novo. A combinação de uma mão acariciando seu pênis, outra puxando a lâmina firmemente contra sua pele esticada, numa mistura de prazer agudo e perigo iminente, fez o estômago de Charlie tremer como um tambor. Apenas ficou deitado e seguiu o fluxo.

Depois que ele parou de pensar no que ela estava fazendo, relaxou. Merda, era a primeira vez que se sentia tão relaxado em anos. Ela ensaboou, raspou, lavou e depois o massageou com algum tipo de coisa oleosa que cheirava bem. Seu pênis estava voltando à dureza total e suas bolas estavam cheias de energia. Dali a alguns instantes, seria sua vez de depilá-la, e ele sorriu.

— Tudo pronto — disse Kate. — Eu limpei o sangue.

— O quê?

Ele sentou-se tão rápido que quase bateu na cabeça dela.

— Cristo. — Charlie olhou para seu equipamento. Sem sangue, mas parecia maior. Uau, muito maior. Seu olhar desviou para Kate. — Eu esperava uma caveira e ossos cruzados.

Ela riu.

— Muito tarde. Use uma lâmina nova em mim. Faça o que você gostar.

Ela estava deitada na toalha. Charlie deu uma olhada em suas dobras rosadas e engoliu em seco. Ele pensou que já tinha feito quase tudo com uma mulher, mas aquilo era algo novo. Alguma paisagem era mais bonita que aquela? Pequenos vales e dobras, brilhando de excitação. O que ele ia fazer era sexy e nada sexy ao mesmo tempo. Nunca tocou uma mulher naquela área sem o objetivo de deixá-la molhada e fazê-la gozar. Então, ele mordeu o lábio, esfregou o gel com sabão em Kate antes de passar cuidadosamente a lâmina sobre a pele dela. De jeito nenhum ele poderia deixar algum tipo de forma com seus pelos. Preparava-se para depilá-la de modo a não deixar nada. Além disso, ele a queria tão lisa quanto ele.

Charlie a limpou e jogou a lâmina na lixeira.

— Não foi uma boa ideia — disse ele.

Kate levantou a cabeça para olhar para ele.

— Por que não?

— Porque agora estou incandescente de luxúria. Você é irresistível. — Ele lambeu uma trilha úmida do umbigo até o monte dela e gemeu. — Eu sou tão bom com essa lâmina. Talvez eu tenha ignorado minha verdadeira vocação. Trabalharia de graça.

Kate riu.

— Eu me pergunto qual de nós está mais macio.

Charlie sorriu.

— Só há uma maneira de descobrir.

Um dos preservativos do *idiota* foi recuperado do armário, colocado rapidamente e Charlie se inclinou sobre Kate. Ele lentamente pressionou seu pênis até que seus corpos estavam unidos, depois flexionou seus quadris para que se esfregassem.

— Por que eu nunca fiz isso antes? — ele perguntou. — Isso é tão bom. Eu sinto você tão macia.

— Há uma desvantagem.

— Não. Não me conte.

Charlie saiu de dentro dela e girou Kate, colocando-a de joelhos. Ele tinha uma das mãos no seio dela, outra no lugar que acabara de depilar enquanto se enterrava nela, esfregando-se. Seus quadris se afastaram e avançaram, sua mão a puxando para ele enquanto enfiava seu pênis dentro dela. Kate choramingou quando seu dedo encontrou seu clitóris.

— Qual... desvantagem? — ele ofegou.

— Esquece — Kate murmurou.

Ele precisava que ela gozasse porque precisava gozar. Charlie mal podia respirar o suficiente para encher seus pulmões. Um tiro de aviso pulsou em seu pênis e a dor em sua barriga se intensificou. Pau duro em calor suave. De novo e de novo. Ele lambeu o lóbulo de sua orelha enquanto seus dedos trabalhavam em seu clitóris inchado.

— Agora, Kate — ele engasgou.

Ela ficou tensa embaixo dele, com a respiração irregular, e quando Charlie sentiu o aperto mais forte em torno de seu pênis, ele se libertou.



Adormeceram no chão do banheiro. Acordaram, tomaram banho e foderam novamente. Quando ela cambaleou de volta para o quarto, ele a seguiu como

uma sombra. Não suportava ficar longe dela, nem por um segundo. Transaram em todas as posições possíveis, por todo o apartamento, incluindo a varanda quando o amanhecer começava. Charlie perdeu a conta de quantas vezes esteve dentro dela, quantas vezes ela gozou e ele gozou. Mais do que pensava ser fisicamente possível. Eles não conseguiam parar de foder, e isso o assustou.

Charlie até acordou de um cochilo e se viu deslizando nela por trás sem camisinha. Só tinha que olhar para ela para desejá-la e, assim que ela o via olhando, ela sabia o que ele estava pensando. Ele se esqueceu de desejar um cigarro ou uma bebida. Não precisava da cocaína. Kate era a sua nova droga.



Quando a manhã seguinte chegou, nenhum deles dormira muito. Charlie pensou que era mais como deslizar por períodos de inconsciente exaustão. Ficou aliviado ao descobrir que estavam de volta à cama, e não no chão, mas doía. Ele tinha o braço em volta de Kate, a perna entre as dela, as costas dela pressionadas contra o peito.

— Oh, Deus — Charlie gemeu.

— Ainda estamos vivos? Pensei que tínhamos nos matado.

— É a única maneira como quero morrer. Você... — Ele fez uma pausa e depois sussurrou em seu ouvido. — Você não está pensando em se matar, está?

— Minha... capacidade... de pensar... você... destruiu.

— Garota engraçada.

— Não consigo sentir minhas pernas. — Kate soltou um longo gemido.

Os dedos de Charlie correram ao longo de sua coxa.

— Não se preocupe. Ainda estão aqui, e elas são adoráveis.

Quando a mão dele desceu, a campainha da porta os fez pular. Kate bateu a cabeça no queixo de Charlie.

— Ignore. — Ele piscou lágrimas dos olhos.

Mas quem estava lá fora não cedeu.

— Provavelmente é Lucy. Eu vou despachá-la.

Kate rolou, tirou os pés da cama e saiu nua do quarto. Charlie olhou para trás e a seguiu.

— O quê? — ela falou no interfone.

— Kate?

Voz masculina. Seu corpo inteiro ficou tenso, e Charlie adivinhou que era o *idiota* lá embaixo.

— Quero falar com você. Posso subir?

Charlie cerrou os punhos.

— Não — disse Kate.

— Por favor. Eu sinto muito. Preciso explicar. Eu me sinto mal.

Charlie puxou Kate para o lado.

— Deixe-o subir — disse ele. — Você não quer ouvir o que ele tem a dizer?

Ela olhou para ele, mas não tentou detê-lo quando seu dedo tocou o botão de liberação da porta. Charlie entrou no banheiro e depois levantou a cabeça.

— Melhor vestir algo. Apenas não muito. Dê a ele uma dica do que ele perdeu.

Charlie encostou-se no lavatório, com o coração batendo forte. E se o *idiota* fosse maior que ele? E se Kate o quisesse de volta?

Quando Kate abriu a porta vestindo uma camiseta longa, Richard estendeu um enorme ramo de flores na altura da cintura. Talvez ele esperasse que elas oferecessem alguma proteção.

— Kate, desculpe — disse ele.

— Okay.

Ela não podia acreditar que estava parada ali conversando com ele, sem correr para a cozinha em busca de uma faca, sem lançar o pé na virilha dele. Humm, ela deveria ter colocado sapatos.

— Posso entrar?

Ela se afastou, e Richard entrou, fechando a porta atrás de si.

— Elas são para você.

Como ela não pegou as flores, ele as colocou no chão. Kate encostou-se na parede e manteve as mãos nas costas. Ela não queria que ele notasse que estava tremendo.

— Então a coisa toda foi uma aposta — disse ela.

— Sim — disse Richard. — Não posso dizer o quanto me arrependo. Para ser sincero, nunca pensei que você fosse fazer aceitar se casar comigo. É como uma bola de neve.

Kate rangeu os dentes.

— Você parece... t-terrível — ele gaguejou.

Ela adivinhou que deveria estar com os lábios inchados, o rosto arranhado por uma barba e o cabelo bagunçado. Saciada, Kate pensou e sorriu.

A luz do banheiro acendeu e os olhos de Richard seguiram para a porta do banheiro e depois de volta para ela. Quando ele abriu a boca para falar, Charlie emergiu com a metade inferior do rosto coberta de espuma de barbear, uma lâmina na mão, uma toalha enrolada ao redor dos quadris. Ele parecia ter saído direto de um anúncio de TV. Richard ficou boquiaberto, e seus olhos se arregalaram. Sabia que Charlie o havia chocado de uma maneira que ela mesma nunca teria conseguido.

— Charlie, este é o Richard.

— Oh, sim. Oi, Idiota — Charlie enfatizou o apelido.

O pulso de Kate disparou.

— Meu nome é Richard.

— Idiota combina melhor com você — disse Charlie.

Os olhos de Richard passaram entre ela e Charlie.

— Kate está doente — disse Charlie. — Ela acabou de se recuperar de um caso grave de Idiotice.

Richard levou um momento para entender. Então ele entendeu. Kate ouviu com crescente satisfação.

— Eu queria ter certeza de que ela estava bem. Percebo que não precisava me incomodar.

— Sim, você precisava, Idiota. Você foi um merda com ela — Charlie retrucou.

— Não demorou muito para se recuperar — disse Richard a Kate.

— Ei, obrigado pelas lâminas e pelo gel de barbear. Você não se importa por eu tê-los usado, né, Idiota? Eu também comi o que seria seu jantar e aquela ótima coisa que ela chama de sorvete. Muito obrigado pela grande quantidade de preservativos. Nos poupou de perder tempo comprando. — O rosto de Richard ficou tenebroso. Kate não tentou esconder sua diversão.

— Parece que não foram as únicas coisas que você usou. — Richard olhou para Kate.

Charlie colocou o braço sobre os ombros dela.

— Foi você quem a machucou. Vá se foder. — Sua voz era baixa, mas mortal.

— Ela é uma vagabunda.

Charlie foi tão rápido que Kate cambaleou quando ele se afastou dela. Os

dois homens ficaram cara a cara, tão perto que uma gota de espuma de barbear foi transferida para o nariz de Richard.

— Sabe, eu pensei que eu fosse um merda, mas você é a própria bosta borbulhando. Pediu que Kate se casasse com você por uma aposta? Você está completamente fora da porra da escada de evolução do ser humano. Por que está aqui? Gosta de uma transa, não é? Não se preocupe em responder, porque sabemos que é a verdade, mas nem mesmo ouse falar o nome dela novamente, Idiota. Você nem merece respirar o mesmo ar que a minha Kate.

Charlie empurrou Richard para fora do apartamento, pegou as flores, jogou-as em cima dele e bateu a porta. Eles o ouviram xingar e depois marchar pelo corredor.

Minha Kate? O coração dela disparou de emoção.

— Você o assustou — ela disse e fez beicinho. — Eu esperava que pudéssemos voltar, mas agora acho que ele não vai querer mais me ver.

Charlie riu.

— Você vai ter que se arranjar comigo, então.

Kate sorriu e passou os braços em volta da cintura dele.

— Obrigada, Charlie.

Ele não tinha ideia do quanto isso significava para ela, que a defendesse assim. Sempre teve que se defender sozinha, sem irmão mais velho, sem família, sem amigos.

— Pelo quê?

— Brincar de ser meu herói.

— Eu não estava brincando. — Ele colocou uma expressão de mágoa no rosto. — Eu sou seu herói.

Ele puxou a camiseta sobre a cabeça dela, jogou-a para um lado e a guiou em direção ao banheiro.

— Temos um cronograma apertado. Chuveiro primeiro, depois banheira, depois chuveiro novamente e depois na cama. Possivelmente uma pausa para comer.

Kate riu.

— Você acha que ele me reconheceu?

— Duvido.

Ela soltou a toalha de Charlie, deixou-a cair no chão e sorriu quando seu pau se contorceu em antecipação. Ele tinha um corpo fabuloso, peitoral bem definido e abdômen esculpido.

Quando olhou para ele, seus mamilos endureceram e ela riu.

— Você sabe, olhar para o meu corpo e rir não faz nada bem para o meu ego.

— Seu ego é grande o suficiente. Você não tinha um álbum chamado *The Ego Has Landed*? — O Ego pousou, em português.

— Não, era o Robbie... — Ele parou quando viu o rosto dela. — Rá, rá. Muito engraçado. Não.

Kate passou a mão no queixo dele e removeu a espuma, passando-a pelo peito dele e por seu pênis. Ele já estava rígido. Kate amava a maneira como o corpo de Charlie respondia ao seu toque. Ela o empurrou para o chuveiro e tomou controle da situação antes de se colocar de joelhos.

A água caiu em cascata sobre eles quando Kate lavou a espuma de seu pênis. Quando sua boca se fechou ao redor dele, Charlie reagiu como se tivesse sido atingido por um raio. Ele congelou com as costas pressionadas contra os azulejos. Ela lambeu a gota de umidade da ponta e passou a língua pelo comprimento. Quando o tomou devagar e profundamente em sua boca, sua respiração sibilou entre seus lábios. Enquanto a água caía sobre sua cabeça, Kate chupava ritmicamente. Seus dedos afundaram nos cabelos dela, e ele soltou um gemido gutural. Quando ela olhou para cima e o viu olhando-a de volta, o rosto dele mudou.

— Merda, Kate, me desculpe. Sinto muito — ele ofegou e jorrou em sua boca.

Quando voltou a se apoiar contra a parede, ele a levantou e limpou os lábios dela com os seus dedos.

— Eu deveria ter avisado que estava prestes a explodir.

— Eu já sabia que você era perigoso.

— Normalmente tenho mais controle do que isso. É tudo culpa sua.

— Quer que eu te mostre um truque que conheço?

Charlie lambeu os lábios.

— Eu vou gostar?

— Sim. Confia em mim? — Ele assentiu.

Kate desligou o chuveiro e o puxou de volta para o quarto sem se preocupar em secá-los com a toalha. Charlie ainda estava duro, e ela não sabia como fazê-lo amolecer. Bem, talvez aquilo funcionasse. Ela empilhou travesseiros na cabeceira da cama.

— Fique confortável. Eu só tenho que buscar uma coisa.

— Xícara de chá e torradas? — ele perguntou.

Kate revirou os olhos, mas voltou com o café da manhã, além de quatro

longos pedaços de tecido e algumas outras coisas. Ela observou Charlie olhando para tudo, mas ele não disse nada. Alimentaram um ao outro com torradas, Charlie provocando-a quase deixando-a dar uma mordida e depois afastando-a.

— Você parece gostar de me atormentar — disse Kate com um grunhido.

— Sim. — Ele puxou o último pedaço de torrada dos lábios dela e colocou-o na boca.

Kate puxou os fios de tecido entre os dedos. Charlie parou no meio da mastigação, depois se apressou para esvaziar a boca.

— Não. — Ele balançou a cabeça.

— Eu prometo que você vai gostar.

Ele cedeu.

— Oh, Deus. Não podemos fazer sexo por telefone?

— Isto é melhor. Prometo parar se você quiser.

Charlie suspirou e manteve seus pulsos na cabeceira da cama de metal.

— Sem fotos.

Kate vacilou enquanto amarrava o pulso dele.

— Eu não tenho câmera.

— Celular? — Charlie perguntou.

— Não o meu. É muito velho. Charlie, se você não...

— Desculpe, desculpe. — Ele a puxou para perto com a mão livre e roçou os lábios nos dela.

Ele fora machucado. Kate via no rosto dele. Ele não conseguia relaxar.

— Você pode confiar em mim, Charlie. Eu prometo. Nunca vou te decepcionar. Não vou me gabar de nada. Só te dar prazer.

Ele sorriu e Kate amarrou o outro pulso. Ela usou os pedaços mais longos de tecido para prender os tornozelos com as pernas bem abertas.

Charlie fez uma careta.

— Você leu o livro de Stephen King?

— *Jogo Perigoso*? Sim.

— Não tenho certeza de que seria capaz de cortar meus próprios dedos para me soltar.

Kate riu.

— Ela não fez isso. E estava algemada. Um puxão e você pode se libertar.

— Estragou minha fantasia, por que não?

Kate puxou a cortina para o lado da cama, de frente para a janela. — Apenas por segurança. Okay?

— O que você vai fazer? — ele deixou escapar.

— Prender alfinetes em cada centímetro do seu corpo e subir em você com sapatos de saltos finíssimos até você gritar por misericórdia.

Ele engoliu em seco.

— Alternativamente?

— Farei o possível para que você goze, mas não vou deixar que isso aconteça por uma hora.

O gemido estremecido dele acendeu um fogo no estômago de Kate.

— Uma hora?

Ela se sentou entre as pernas dele e pegou suas bolas, passando o polegar pela linha central em uma carícia gentil. Seu pênis ganhou vida como se um tiroteio estivesse começando.

— Que tal dez minutos? — Charlie perguntou.

Kate colocou a mão em torno da base do pênis dele e apertou os dedos, empurrando suas bolas ao mesmo tempo. Ela ouviu a respiração dele acelerar e focou em seu rosto. Charlie olhou diretamente para ela. Kate usou a outra mão para acariciar seu pênis inchado, os dedos subindo e descendo, seguindo a linha das veias, passando por baixo da cabeça bulbosa e entrando na delicada inclinação abaixo.

— Oh, Deus — Charlie murmurou, e seus olhos se fecharam.

Eles se abriram novamente quando sentiu o óleo. Kate o derramou sobre ele, deixando-o correr sobre a cabeça de seu pau e gotejando em volta da base e em suas bolas. Ela o soltou e, usando um dedo, traçou um caminho oleoso por sua cabeça brilhante, descendo por sua haste, sobre a linha mais escura no meio de suas bolas e no triângulo de carne na direção do seu ânus. Quando ela o esfregou lá, Kate ouviu a mudança em sua respiração, ficando mais lenta e mais profunda enquanto ele tentava se controlar. Mais diversão para depois.

Ela moveu a mão de volta para a base do pau dele e observou seu rosto, apertando-o quase com força suficiente para machucar. Um leve sobressalto e seus olhos se abriram para observá-la. Kate deslizou o punho um pouquinho mais alto na sua haste e apertou novamente, torcendo ao mesmo tempo. Ela fez a mesma coisa repetidamente, subindo o mais lentamente que pôde até alcançar a cabeça de seu pau e uma gota de fluido escorreu da fenda.

— Oh, merda — Charlie ofegou.

— Cuidado, Charlie.

A gota do pré-sêmen cresceu até ficar pesada demais para se manter no

lugar e depois escorregou em seu pênis como um gelo derretido. Kate abaixou a cabeça e lambeu antes de atingir seu estômago.

— Pooooooooorra.

Com a mão na base do pau dele, ela começou de novo. Aperta, sobe, aperta, sobe. Cada movimento era lento e medido enquanto Charlie tremia como um filhote de cachorro molhado.

— Que tal... não me deixar gozar... por seis minutos. — Ele engoliu em seco.

Kate usou o polegar e o indicador para massagear a ponta do pênis dele e, daquela vez, a gota de líquido conforme ela o ordenhava era maior. A mão dela se estabeleceu em torno de sua base e segurou firme quando a gota de pré-sêmen cresceu.

— Oh, meu Deus. — Charlie puxou suas amarras.

Kate continuou olhando para ele enquanto passava a língua sobre a cabeça de seu pênis, captando o gosto doce e salgado antes de passar a língua na cabeça sensível para frente e para trás. Ela sabia que estava torturando Charlie, mas seu corpo se contraía e relaxava quando a necessidade de gozar se avolumava dentro dela.

Ela não tinha certeza de quantas vezes ela tinha espremido pré-sêmen dele, mas os gemidos desesperados de Charlie a alertaram para recuar. Suas bolas estavam contraídas, e seu pênis parecia quase zangado, a cabeça vermelha-escura em um tom de sangue. Kate não o tocou, mas colocou um pano frio sobre sua virilha. Charlie deu um longo suspiro.

— Isso já durou pelo menos cinquenta minutos. Certo? — ele perguntou.

— Três.

— Nããão — ele lamentou.

Kate riu.

— Tudo bem. Dez.

— Você é uma bruxa.

Ela tirou o pano e jogou-o de lado.

— Pronto para mais?



Charlie se viu concordando. A dor em suas bolas era intensa, mas ele poderia durar mais de dez minutos.

Não podia?

O dedo de Kate tocou seu ânus, e ele arqueou quase todo o corpo para fora da cama.

— Cristo, Kate. Você não poderia avisar?

— Onde estaria a diversão se eu avisasse?

A mão dela apertou a base do pênis dele, e Charlie soube que a requintada tortura não havia terminado. Ela abaixou o rosto e chupou a cabeça do pau dele, com puxões rítmicos curtos que aumentavam sua pressão sanguínea. Ao mesmo tempo, ela circulou o anel enrugado do músculo do ânus com o dedo oleoso.

AimeuDeusAimeuDeusAimeuDeusAimeuDeus.

Ele não tinha certeza do que queria. Bem, sim, ele tinha. Não queria mais fazer sexo com um cara de novo, mas a sensação de algo em seu ânus enquanto era masturbado valia a pena repetir. Inferno, ele *tinha* que repetir.

Como diabos Kate podia fazer tanto ao mesmo tempo? Enquanto a ponta de um dedo pressionava insistentemente contra seu traseiro, outro de seus dedos havia encontrado e estava esfregando o ponto de pressão no meio do caminho entre suas bolas e seu ânus, *algo que o fez enlouquecer*. E sua boca ainda fazia mágica em seu pênis. Ela o tinha nas mãos e na boca. Poderia fazê-lo gozar, impedi-lo de gozar. Tinha o poder de dar a ele um orgasmo de girar a cabeça e o poder de tirar suas forças e mudar sua natureza para algo completamente diferente. Será que sabia disso?

Seu dedo provocou e pressionou uma trilha por seu corpo. Claro que ela sabia. Era só colocar aquelas mãos minúsculas contra a necessidade desesperada de seu corpo, e ela venceria. Charlie soltou uma risada abafada. Em resposta, Kate mudou a maneira como o chupava, revirando a boca enquanto descia e cravando o dedo no ânus dele, alcançando sua próstata. Ele estava desamparado. Charlie não conseguia falar, mal conseguia pensar, só conseguia sentir.

Ela o massageava de tempos em tempos, deixando seu corpo atormentado por estremecimentos crus. Ele forçou seus olhos a se abrirem para observá-la, viu a intensa concentração em seu rosto, seu pré-sêmen brilhando em seus lábios e pensou que isso era suficiente para fazê-lo gozar. Mais uma vez, ela o puxou de volta, trazendo-o de volta no momento em que ele estava prestes a se lançar no limbo. A pressão naquela faixa curta de carne atrás de suas bolas era intensa o suficiente para fazer seus olhos doerem.

Charlie poderia jurar que estava mais duro do que nunca, suas bolas mais

contraídas do que nunca. Nunca esteve tão perto de gozar sem poder gozar. Nunca esteve tão desesperado por isso. Os músculos de suas coxas ardiam, pontadas de fogo atacavam sua coluna, ele estava molhado de suor e podia sentir seu esperma subindo à ebulição. O orgasmo pairava, espreitava, ameaçava. Kate entortou o dedo, encontrou a próstata novamente, e Charlie choramingou. Ele abriu a boca para falar e nada saiu. Ela o esfregava por dentro e por fora, passava a língua na velocidade da luz sobre a ponta do pau dele, afrouxava o aperto em sua base, e o cérebro de Charlie explodiu.

Quando o primeiro jato explodiu de suas bolas, ele sentiu Kate pressionar esse ponto atrás de suas bolas, interrompendo o jato. *Porra, porra, porra. Que diabos?* Charlie pensou que todo o seu corpo gozaria, exceto que não estava acontecendo, e não ia acontecer. Espasmos longos e dolorosos o dominaram, e ele gritou. Sem pulsações de esperma, sem manchas de sêmen inundando sua boca, afogando-a, apenas ondulações intensas de sensação que o sacudiram da cabeça aos pés, como se ele tivesse sido preso nas mandíbulas de uma baleia assassina, de uma maneira agradável. Ele não conseguia falar, não conseguia respirar, não conseguia parar os quadris, e ele empurrou Kate. Ela enfiou o dedo de volta dentro dele, e ele gozou de novo.

Charlie não podia mais suportar, mas não podia impedir. Suas costas se arquearam quando outra contração agarrou sua virilha. Então suas pernas estavam livres, seus braços também, e ele estava tremendo nos braços de Kate.

— Meu PIN é 1234 — ele deixou escapar. — Meu código de alarme antirroubo, 4321. A trava da minha bagagem é 9999. Fui eu quem ateou fogo em todos os livros em alemão, eu que coloquei tinta vermelha na piscina — ele gemeu.

Kate acariciou seu rosto.

— Você está bem?

— Bem? Meu Deus. Foi incrível. Nunca poderei voltar a andar, mas tudo bem, desde que você seja minha enfermeira. Não acredito que *o idiota* deixou você escapar.

— Eu nunca fiz tudo isso antes.

Charlie conseguiu virar a cabeça para olhá-la. Será que ela estava mentindo? Era o tipo de coisa que as mulheres diziam a ele o tempo todo, que nunca tinham se esforçado tanto, nunca tinham transado com alguém como ele, que era o melhor, o maior, o mais quente.

— Quando comecei o sexo por telefone, passei alguns dias procurando

sites interessantes na Internet e fiz anotações para que eu parecesse autêntica.

— Alguém conseguiu terminar de falar com você sem gozar?

Ela riu.

— Não. A menos que estivessem fingindo.



Rachel olhou para Lucy, depois para Dan e depois de volta para a mesa de café. Ela estava esperando um deles falar e, do jeito que essa conversa estava acontecendo, ela achou mais provável que recebesse uma resposta da mesa de café. O bilhete suicida amassado de Kate estava na frente deles.

— Eu gostaria de nunca ter encontrado — disse Rachel. — Eu gostaria de nunca ter lhe contado.

A bola de papel caiu da lixeira naquela manhã, quando ela levantou a tampa e jogou o lixo dentro. Ela pegou o papel e, quando viu a letra, estava muito curiosa para não abri-lo. Ela desejou que não tivesse. Rachel sabia que, ao contar aos outros, piorara o problema. Kate não queria que ninguém soubesse disso e agora todos sabiam, e toda vez que olhavam para ela pensavam no que ela planejava fazer.

— Talvez não seja o que pensamos — disse Dan.

Lucy revirou os olhos. Ela pegou o papel em um canto como se fosse algo que pudesse infectá-la e leu novamente.

Para Lucy, Rachel e Dan,

Se vocês estão lendo isso, acho que nenhum de vocês tem me visto há um tempo e acharam melhor verificar se estou bem ou vocês já sabem que não. Se for o primeiro, desculpe, mas não voltarei. Se for o último, vocês sabem que não voltarei.

Não pensem que vocês falharam comigo de alguma forma. Vocês não

falharam, nem mesmo Richard. Há algo na geladeira para ele. Por favor, se certifiquem que ele o pegue.

Não há necessidade de culpar ninguém. Esta foi uma decisão minha.

Eu simplesmente tive o suficiente da minha vida.

Obrigada por serem meus amigos. Sejam felizes.

Muitas felicidades.

Kate

P.S: Meu advogado é Kevin Martineau. Liguem para ele.

— Como isso pode não ser um bilhete de suicídio, Dan? — Lucy perguntou.

Dan abriu a boca e depois fechou novamente.

— Então, o que devemos fazer? — Rachel olhou para Lucy, que deu de ombros.

— Precisamos fazer alguma coisa? Sabemos que ela não foi adiante com isso — disse Dan, quando um barulho alto veio do andar de cima. — Quero dizer, ela amassou o bilhete e jogou fora. Ela mudou de ideia. E ela está definitivamente em seu apartamento. Eu nunca a ouvi fazer tanto barulho.

— Mas parece tão definitivo — disse Rachel. — E não parece que isso é tudo sobre Richard. Ela diz que já teve o suficiente de sua vida. Isso é tão triste.

Houve outro estrondo no andar de cima e uma gargalhada.

— Eu acho que ela está bem — disse Lucy. — Esse novo amigo parece tê-la animado. Vi Richard sair daqui hoje de manhã, então ela obviamente o superou.

— Parece que ela pulou muito rápido para outro relacionamento — disse Rachel. — Você não acha que ela deveria chorar um pouco primeiro?

— Por causa de um idiota como Richard? — Lucy gargalhou.

— Devemos fazer alguma coisa? — Rachel perguntou a Dan.

— Acho que não devemos dizer a ela que sabemos sobre o bilhete. Se ela quiser conversar com a gente, ela vai — ele disse.

— Vou jogar fora — disse Lucy enquanto o som de um homem rindo ecoava pelo teto.

Charlie desconectou o telefone e a campainha.

— Não atenda a porta se alguém bater — disse ele. — Te quero só pra mim.

Ele a seguiu em todos os lugares, a menos de um braço de distância,

geralmente nem isso. Ele segurou a mão dela ou pressionou seu corpo contra o dela, desesperado para senti-la ao lado dele. Ele não queria que nenhum deles saísse do apartamento e ficou tão estressado quando Kate insistiu em levar o lixo até a lixeira, ele estava hiperventilando quando ela voltou. Charlie não poderia funcionar sem ela. Ele nunca sentiu algo assim antes. Ele não se vestiu e a manteve nua também. Mas não era só o sexo. Era Kate. Sem ela ao lado dele, ele se sentia perdido.

Por um tempo, ele não quis comer e depois não conseguiu parar de comer. Eles comeram tudo o que tinha no freezer e nos armários, consumindo brócolis e feijão, camarão e pizza, curry verde tailandês e macarrão cheio de queijo.

— Logo, eu só terei cubos de gelo — Kate disse.

— Eu sempre posso comer você. — Charlie se jogou no sofá e a puxou com ele.

— E qual parte você comeria primeiro?

— Dedos dos pés. — Ele levantou o pé e mordiscou.

Kate se contorceu quando ele lhe fez cócegas.

— Não é o meu traseiro?

— Eu deixaria o melhor para o final.

Ele a abraçou e pressionou o rosto no pescoço dela. Seu corpo estava tremendo.

— O que há de errado comigo? — Mas ele sabia. Ele estava passando por algum tipo de revogação. Desintoxicando-se.

— Você está voltando de algum lugar — disse Kate. — Você é como uma planta que não foi regada e depois há um dilúvio. Você está voltando à vida.

— Isso dói.

Kate o segurou mais apertado, traçando figuras de oito em sua pele.

Sua mente zumbiu como se um monte de abelhas passasse por uma orelha e zumbisse em torno de sua cabeça antes de voar pela outra orelha. E o barulho ficou cada vez mais alto até que ele pensou que ficaria louco.

— Vá me comprar alguns cigarros e me dê algo decente para beber — ele ofegou.

— Eu pensei que você não queria que eu saísse.

— Bem, eu quero agora. Eu pagarei a você depois.

— Não vou comprar cigarros ou bebidas para você.

Ele olhou para ela.

— Sua vaca, porra. — Mas ele a segurou com mais força.

— Você não precisa deles — disse Kate.

— Sim, eu preciso — Charlie retrucou. — Eu quero uma ou duas linhas de coca também, para me animar.

— Você tem uma vaca, do que mais você precisa?

Charlie ficou boquiaberto e começou a rir e, assim que começou, não conseguiu mais parar. Ele riu até chorar, grandes soluços que sacudiam todo o corpo e, por tudo isso, Kate nunca o soltou. Ela o abraçou, acariciou e refrescou seu rosto com uma flanela fria. Quando ele estava exausto demais para se mover, ela passou o pano sobre o corpo dele, ao longo de cada dedo, cada centímetro de sua pele, exceto o único lugar em que ele queria que ela tocasse.

— Por favor, Kate — ele implorou, sua mão avançando em direção ao seu pênis.

Ela levantou os dedos dele.

— Veja quanto tempo você aguenta.

Até observá-la fazia sua ereção subir como uma cobra encantada. Ela retomou sua carícia provocadora e ele se viu pensando apenas em Kate e no que ela estava fazendo com ele. No final, ele estava tão excitado que gozou sem que ela sequer o tocasse e jorrou sobre sua barriga. Um sonho molhado em plena luz do dia.

Mas Charlie gostava de tocá-la. Ele não conseguia tirar as mãos dela e Kate nunca se afastava. Ele não conseguia dormir, então a manteve acordada. Ele a acordou para fazer amor com ela. Ele a impediu de escovar os dentes para fazer amor com ela. No meio da cozinha, ele a puxou para o chão e a fodeu e ela nunca disse não quando às vezes ele desejava que ela o fizesse. Charlie percebeu que ele a estava substituindo por todos os seus vícios. Por que ela não viu isso?

Ele estava irritado e de mau humor. Às vezes, ele era mau com ela, completamente desagradável. Mas ele sempre se desculpava, sempre queria consertar as coisas novamente. Quando ele estava selvagem, ela o acalmou. Quando ele chorou, ela o segurou. Quando ele queria conversar, ela ouviu. Quando ele queria silêncio, ela não falou. E Charlie percebeu que não queria mais cigarros, bebida ou cocaína. Ele só queria Kate.

Kate pensou que sabia o que estava acontecendo com Charlie. Algo ruim

dentro dele estava se soltando. Ela observou o humor dele mudar de afetuoso para cruel, de choroso para maníaco, e lidou com ele da melhor maneira que pôde. Ele precisava tanto dela, que ela não teve tempo de pensar no que havia acontecido com ela. Richard não importava. Charlie sim. A necessidade de Charlie por ela a salvou. Quando ele não parava de tremer, ela o segurava. Quando tudo o que ele parecia capaz de fazer era andar pelo apartamento, arrastando-a com ele, ela pensava em maneiras de distraí-lo.

— Sente-se, senhor. O show começará em dois minutos — disse Kate. Ela o sentou no sofá, deu-lhe um bloco de papel e uma caneta. — Notas até dez — disse ela.

Depois, ela desfilou com sua roupa de baixo, algodão, renda e couro e a cueca de Charlie, até que ele se esqueceu de escrever qualquer coisa, esqueceu por que ela começou.

Quando eles começaram a dormir por períodos mais longos, os pesadelos os atormentaram. Às vezes Charlie a acordava, seu rosto gravado de medo, o dela banhado em suor. Outras vezes, ela o afastava de qualquer demônio que o tivesse agarrado. Eles tinham seus próprios tormentos e se abraçavam, recorrendo ao humor para amenizar sua ansiedade ou sexo para esquecê-lo. Suas conversas eram cheias de esperanças, sonhos e medos. Mas então, quando Kate oscilava à beira de revelar demais, ela mantinha seus segredos mais profundos, enquanto Charlie revelava todos os dele. E quando se sentiu tentada a contar tudo, usou o sexo para se distrair.

Eles estavam exaustos em um emaranhado de braços e pernas e Kate sabia que este era o mais próximo que ela já esteve de qualquer pessoa.

— Estou com medo de ter trocado um vício por outro — ele murmurou, passando as mãos sobre a pele dela.

Kate sabia que ele tinha feito isso, porque ela era viciada nele, com a visão e o som dele, o toque e o cheiro dele, seus suaves olhos castanhos que mudavam de cor conforme seu humor, seu sorriso sexy e aquele lugar atrás da orelha que o deixava selvagem, quando ela lambia.

A cada dia que passava, ela observava o desaparecimento gradual das olheiras sob os olhos dele. Seu apetite melhorou, embora ele parecesse sobreviver praticamente sem dormir. Ela doía de todo o sexo, mas isso a impedia de pensar. Kate sabia que havia sofrido uma desintoxicação própria, não física, mas mental, eliminando a culpa e a tristeza de seu sistema. Seu pensamento ficou mais claro. O que aconteceu com Richard não foi culpa dela. Charlie a fez acreditar em si mesma.

E o tempo todo, quando voltavam à vida, o dia se aproximava quando eles teriam que enfrentar o mundo exterior. Ambos sabiam disso, mas em tudo o que conversaram, nenhum deles falou sobre isso.

Eles se deitaram de bruços na cama, olhando um para o outro.

— O que você está pensando? — Charlie perguntou.

Ele perguntava isso pelo menos cinco vezes por dia e Kate nunca revirou os olhos. Ela sempre dava uma resposta.

— Estamos ficando sem comida — disse ela.

— Então não há escolha. Eu vou ter que te comer. Decidi começar com o seu traseiro, refogado em uma noz de manteiga. — Os dedos dele percorreram sua espinha até que a mão dele pousou em seu traseiro.

— Eu pensei que você deixaria o melhor para o final. Enfim, ficamos sem manteiga. Eu tenho que ir às compras.

O coração de Charlie doía com o pensamento de que ele talvez não a tivesse com ele para sempre. Ele a puxou para seus braços e a abraçou.

— Você é a melhor amiga que já tive — ele sussurrou.

Ele a olhou diretamente nos olhos e desejou que ela entendesse o quanto isso era importante para ele.

— Obrigada, Charlie.

— Eu também sou seu melhor amigo?

— Você está lá no topo com Edward.

Ele endureceu.

— Quem diabos é Edward?

— Segundo meu psicólogo, ele era um mecanismo de enfrentamento que me ajudou a lidar com a infelicidade profunda. Embora eu ache que ele quis me transferir para o psiquiatra quando percebeu que eu escolhi Edward Mãos de Tesoura como meu amigo imaginário. — Charlie riu e relaxou novamente.

— Você não tinha amigos de verdade quando criança? — Ele passou o dedo sobre a bochecha dela.

— Às vezes eu pensava que sim, mas a resposta é não.

Kate passou as mãos pelas costas dele e ele respirou fundo. Toda vez que ela o tocava, era como a primeira vez, mágica. Ondas de prazer escorriam por todos os membros.

— Você não queria amigos? — ele perguntou.

— Um teria sido bom. Eu pensei que ter um amigo seria a resposta para tudo. Mas as crianças que eu conhecia sempre me decepcionavam. Elas mentiam sobre mim ou contavam meus segredos. Elas nunca estavam lá

quando importava, então, no final, parei de pensar que amigos tornariam minha vida melhor. Se eu não tivesse, eles não poderiam me machucar. Essa foi a teoria. Na prática, todo mundo pensava que eu era uma cadela atarracada e encontravam outras maneiras de me atingir.

Charlie a abraçou um pouco mais apertado, beijou sua testa.

— Eu gostaria de ter estado lá.

— Não se preocupe, Charlie. Eu já cresci agora. Não fico fora de mim se Rachel cutucar minha boneca ou Lucy molhar meu livro.

— Eu gostaria de ter sido um irmão melhor para Michael. Eu o ignorei na escola. Nós estudávamos juntos e eu deveria cuidar dele, mas não o fiz. Estava muito ocupado sendo o Sr. Popular para me preocupar com um garotinho com saudades de casa. Eu era capitão do time de futebol, jogava tênis no município, lutava esgrima pelo país e até consegui juntar três guitarristas e um baterista mediano em uma banda meio decente. Não tive tempo para meu irmão.

— O que aconteceu com sua banda quando você saiu da escola?

— Dissolvida como neve caindo na primavera. Eu comecei outra na universidade, no entanto. Coloquei um anúncio no quadro de avisos e fiz uma audição para selecionar as pessoas. Deus, eu era arrogante.

Kate tossiu e ele riu.

— Tudo bem, eu ainda sou arrogante. Mas se eles eram uma porcaria, eu dizia a eles. A nova banda não era ruim. Eu escrevi todas as nossas músicas e uma noite, quando estávamos tocando, alguém que importava no mundo da música estava na plateia. Para grande decepção de meus pais, todos os pensamentos de fazer um bom trabalho voaram direto pela janela. Michael era o único que deveria realizar seus sonhos. — Charlie ouviu o tom em sua voz, então ele sabia que Kate tinha ouvido também.

— Quem vai fazer compras? — ela perguntou.

Grato por ela ter mudado de assunto, ele deslizou a mão entre as pernas dela.

— Nós temos que ir?

— Restam três biscoitos de queijo e eu não vou compartilhar — disse Kate. — Nós dois poderíamos ir. Eu segurarei sua mão para que você não se perca.

— Não quero sair, caso alguém me reconheça. Você vai. E traga alguns jornais. Não os decentes.

Quando Kate voltou, Charlie estava dormindo, esparramado nu no chão ao lado do quebra-cabeça, seu cabelo despenteado e seu corpo longo e esguio esticado sobre as almofadas como um grande gato indolente. Kate sentiu uma onda de carinho. O quebra-cabeça estava meio completo. Entre os períodos de frenético ato sexual, eles trabalharam juntos, criando recompensas tolas para o primeiro que posicionasse cinco peças. Um beijo no umbigo. Por dez peças, um beijo em algum lugar mais íntimo. Charlie sempre trapaceava e Kate às vezes deixava.

Sentir pena um do outro os impediu de sentir pena de si mesmos. Ele abriu seu coração para ela, e Kate se sentiu mal por não ter feito o mesmo com ele, não completamente. Ainda parecia irreal. Toda vez que ela olhava para ele, ela ainda não conseguia acreditar nisso. Ele foi a melhor coisa que já lhe aconteceu, mas ela sabia que não poderia durar. Ele era um astro, e ela era detritos espaciais.

Kate rastejou para o lado dele com um vidro de um líquido de gosto ruim usado para pintar unhas, para impedir que as crianças as roessem. Segurando a escova de nylon em miniatura entre o polegar e o indicador, ela cobriu cada uma das unhas grossas dele.

Quando ela guardou a comida e cozinhou a primeira refeição normal por dias, Charlie estava acordando. Ele também se esticou como um gato, braços e pernas estendidos, e depois se virou para procurá-la.

— India está bem — disse ele.

Kate sorriu.

— Eu procurei na internet. Ela está acordada e... graças a Deus. Que cheiro é esse? — ele perguntou.

— Comida.

Ele correu para o lado dela, passando os dedos pelos cabelos espetados.

— Não é justo — ele murmurou.

— O quê?

— Você está com roupas e eu não.

— Você sabe onde estão suas roupas — disse ela.

— Ok, eu vou colocá-las e isso vai te servir bem.

Kate riu quando ele saiu da sala. Um momento depois, ele a estava gritando.

— Kate! Venha aqui. Agora mesmo!

Quando ela entrou no quarto, não conseguiu vê-lo por um momento e, ao perceber que ele estava escondido atrás da porta, ele pulou para a frente e a

empurrou para a cama, girando-a e prendendo-a de costas. Ele se sentou nas coxas dela e Kate gemeu.

— Isso dói — disse ela.

— Isso também.

Charlie enfiou o dedo na boca dela e passou a unha pela língua. Kate engasgou, agarrou seu pulso e afastou a mão.

— O que você fez, sua bruxa? — ele resmungou. — Eu estava pronto para dar uma roidinha reconfortante, já que seus seios não estavam disponíveis, e eu pensei que eu tinha enfiado meus dedos em veneno.

— É para você parar de roer as unhas. — Kate lutou para se libertar.

Charlie franziu a testa e alcançou a boca dela com os dedos.

— Se você fizer isso de novo, pintarei meus mamilos com ele — disse Kate.

Ele sorriu.

— Você não ousaria. Você gosta de quando eu os lambo. — Ele fez uma careta novamente. — Tire.

— É para o seu próprio bem — disse Kate.

— Mas minha boca está horrível.

— Não roa as unhas então.

— Eu não gosto mais de você.

— Então você não quer o que eu cozinhei?

— Talvez eu goste de você. O que nós temos?

— Tripas e cebola.

Charlie colocou os dedos sobre os lábios dela.

— Tente novamente.

— Enchiladas.

Ele saiu de cima dela.

— E eu comprei algo para beber — disse Kate.

— Eu pensei que não era permitido álcool.

— É para mim.

— Temos que compartilhar. É justo.

— Com rimas como essa, não é de admirar que você tenha desistido de escrever músicas. — Kate evitou a mão que ia na direção de seu traseiro e voltou para a cozinha.

Charlie vestiu a calça de dormir. Ele pensou que tinha parado de escrever músicas, mas tinha uma na cabeça sobre os olhos de Kate. O medo neles quando ela estava no mar, como eles se iluminavam quando ela o provocava, sua qualidade felina quando ela se deitava debaixo dele, sua natureza selvagem quando ele a fazia gozar.

Depois que eles comeram, Charlie folheou os jornais. Ele não viu seu nome ser mencionado nem uma vez e a pesquisa na Internet que ele havia feito enquanto Kate estava fora não havia mostrado nada significativo sobre ele na última semana. Exceto que India Westerby estava bem. Dois milagres

— Eu preciso ligar para o meu agente — disse ele.

— Eu pensei que ele tinha te largado.

— Ele pode não ter falado sério.

— Okay.

— Não quero ligar para ele, mas devo.

— Você cresceu, então. — Kate puxou as pernas para o sofá. — Fazer as coisas que você sabe que deveria, acima do que o que você deseja.

— E quanto a você? Quando você cresceu? — Ele deixou cair o braço sobre os ombros dela.

— Há muito tempo, uma vez que aceitei que não havia alguém lá fora desesperado para dar um lar a uma garotinha.

O coração de Charlie doeu por ela.

— Eu aposto que você era muito doce. Que vergonha que você cresceu. Pega seu álbum de fotos e vamos ver como você era quando era mais jovem.

Houve uma pausa antes que ela falasse.

— Não tenho fotos.

Charlie foi pego de surpresa.

— O quê? Nenhuma? Nem mesmo da sua mãe e pai?

— Não. Eu não gosto de fotografias.

Kate manteve os olhos baixos e, alguns dias atrás, Charlie poderia ter deixado, mas agora ele queria saber tudo.

— Por que não?

— Eu simplesmente não gosto.

— Diga-me o porquê.

Charlie quase podia ver as rodas girando em sua cabeça enquanto se perguntava se deveria mentir.

— Depois que fugi de um lar adotivo pela terceira vez, fui mandada para um centro de atendimento a menores em Berkshire, um lugar enorme que

abriga 25 crianças. Foi-me dado um quarto grande no sótão com meu próprio banheiro e isso me deixou mal com os outros. Eu pensei que estava sendo mantida longe deles porque os funcionários me consideravam uma má influência. Eles consideravam, mas não foi esse o motivo.

Charlie colocou os pés dela no colo dele e os massageou.

— Eu pretendia agir diferente. Eu planejava dar duro na escola, passar nos exames, tentar me dar bem com todos, mas...

Charlie sentiu que ela havia mudado de ideia. Ela não diria a verdade.

— Eu briguei com uma das garotas. Ela estava contando mentiras sobre mim na escola, então eu cortei o cabelo dela enquanto ela dormia. Por vingança, ela rasgou todas as minhas fotografias.

— Lembre-me de não irritar você — disse ele. — Cristo, com sua criação, estou surpreso por você não ser uma lésbica misógina.

— Eu era, mas você me fodeu, Charlie.

— Sim, acho que sim. — Ele riu. — Mas você dificilmente pode afirmar que foi unilateral.

— Não, acho que me lembro de ficar de cabeça para baixo e para trás também.

— Você vai colocar sua calcinha de couro e sentar no meu colo enquanto eu ligo para Ethan? — ele perguntou.

— Por quê?

— Então, eu sei que vou receber uma recompensa quando falar com ele.

— Não, eu vou distraí-lo. Faça isso agora. Você precisará conectar o telefone novamente.

Charlie não tinha ideia de como Ethan reagiria. Ele disse que eles haviam terminado, mas ele era o único cara em quem Charlie confiara para lidar com seus interesses. Ethan era seu agente, gerente de negócios, assistente pessoal e publicitário há muito tempo, e Charlie não queria começar de novo com outra pessoa.

— Ethan? — Charlie disse hesitante.

— Seu idiota! — Ethan gritou.

Charlie estremeceu e segurou o telefone longe do ouvido.

— Onde você esteve? Eu tenho tentado entrar em contato com você a semana toda. Sua secretária eletrônica teve uma porra de um ataque apoplético. Eu não pegarei mais nenhuma mensagem. Seu celular está morto.

Estive em sua casa. Ninguém te viu. Eu pensei que você tivesse sido sequestrado por alienígenas.

— Eu tenho colocado minha cabeça fora de problemas — disse Charlie.

— Você está colocando *minha* cabeça em problemas — Ethan retrucou.

— O que há de errado?

— Você não merece, mas teve dois sopros de sorte. Malcolm Ward diz que se você se apresentar no show de caridade dele em setembro, ele desistirá de fazer você pagar por destruir a família dele. Eu acho que ele estava planejando amarrá-lo pelas bolas.

Charlie estremeceu.

— E por algum motivo errado, você está tendo outra chance no *The Green*. Deus, eu posso apenas presumir que os outros que fizeram o teste devem ter peidado na cara do diretor ou vomitado no colo dele para ele querer você de volta, mas ele quer. Kesner está na Escócia e amanhã será seu último dia antes de voar para a Europa. Vou reservar uma passagem para Edimburgo. Você pode voar o quanto antes. Não estrague tudo, Charlie.

— Então você ainda é meu agente?

— Eu direi quando você conseguir o papel.

— Eu parei de fumar — Charlie deixou escapar e viu o sorriso no rosto de Kate.

— Boa. Também desistiu de foder? Jody Morton telefonou diariamente para saber onde você está. Você transou com ela também?

— Não.

— Bem, o fumo é um começo — disse Ethan.

— Aconteceu mais alguma coisa com India Westerby? — Charlie não conseguia olhar para Kate agora.

A voz de Ethan mudou.

— A polícia acusou Brian Jackson de fornecer. Ele está sob fiança.

— Eles não estão procurando por mais ninguém?

Silêncio no final do telefone.

— Existe algo que você não está me dizendo, Charlie? — A voz de Ethan estava fria.

— Não. Qual a idade dela?

— Dezesseis. Você deu coca para ela?

— Não. — Charlie não conseguia olhar para Kate.

— Certo, enviarei um motorista para buscá-lo amanhã. Será cedo. Eu ligo para você quando souber a hora do voo.

— Dê-me um tempo pra passar na minha casa — disse Charlie.
— Onde você está? Porra, não me diga que está no exterior.
— Greenwich.
— Londres?
— Sim.
— Graças a Cristo por isso. Vá para casa. Agora.
Charlie desligou o telefone.
— Quantos anos tem a India? — perguntou Kate.
— Ethan diz dezesseis anos.
— É muito jovem pra alguém dar coca a ela — disse Kate. — Não que você deva dar a alguém.
— Como você sabia que eu menti para Ethan?
Ela deu de ombros e ele cedeu.
— Eu transei com ela uma vez e, quando ela me pediu, joguei um saquinho de coca na barriga dela antes de sair do quarto. Se alguém descobrir, eu serei preso e esse será o fim.
Ele e Kate se entreolharam.
— Você acha que eu mereço ser preso? — ele perguntou. — Não responda a isso. Eu sei o que eu fiz.
— Ela pediu a coca?
— Sim, mas você está certa. Eu não precisava dar a ela.
— Você não é um homem mau, Charlie. Você não se parece com Nelson Mandela e Gandhi, mas lá no fundo você não é ruim.
Ele deu um pequeno sorriso.
— Você acha que não se importa, diz que não se importa, mas eu sei que sim — disse Kate.
Ele estendeu a mão e a puxou para seus braços. — Eu me preocupo com você.
— Mas você contou mentiras, e a mentira o levará para o caminho da lama, quando você passou esta semana subindo pra desatolar suas pernas.
— Eu não minto para você.
— Bom.
— Eu tenho que ir para a Escócia para fazer o teste novamente.
— Outra chance? — O rosto de Kate se iluminou. — Isso é maravilhoso, Charlie.
— Só que eu tenho que ir amanhã.
— Okay.

— Não sei quanto tempo vai demorar. Vou ligar para você, mandar mensagem, enviar e-mail, enviar sinais de fumaça — disse ele.

— Bom.

— Você poderia vir comigo.

— Você não precisa que eu segure sua mão. Você já cresceu agora. Mas tome cuidado ao atravessar a rua. Olhe para ambos os lados. E vista uma cueca limpa, só por precaução.

— Eu não quero ir.

— Sim, você quer. Esta é sua oportunidade de consertar as coisas. Veja a quantidade de coisas boas que você já fez. Salvando-me de algas perigosas, resgatando-me das garras vis do *idiota covarde*, apresentando-me às delícias de dias inteiros transando continuamente e uma vida inteira de membros doloridos.

— Venha comigo, por favor.

— Eu tenho que ir trabalhar amanhã. A lua de mel acabou. — A voz de Kate estalou um tremor sísmico que sacudiu o coração de Charlie. — Vou emprestar-lhe o dinheiro pra um táxi — disse ela. — É melhor telefonar para um chaveiro e dê a ele seu endereço, caso contrário você não poderá entrar no seu apartamento.

Charlie a segurou com mais força, seus ossos do quadril pressionando com força os dela.

— Kate, não conte a ninguém que está me vendo. Não estou dizendo isso porque não quero que as pessoas saibam, só não quero que a imprensa saiba, e se alguém descobrir, qualquer um, a imprensa também saberá. Você não entende como eles são. Eu entendo. Os repórteres não respeitam sua privacidade. Eles escrevem mentiras sobre você, distorcem tudo o que você diz e faz. Cada palavra que proferir será gravada e usada contra você e contra mim. É muito melhor se ninguém souber sobre nós.

— Tudo bem — disse ela.

— Existe um “nós”, Kate. Não vou sair da sua vida. — Charlie pressionou o rosto no cabelo dela. — Você não quer mais morrer, não é? Não vou embora se achar que você fará algo estúpido. Esqueça o filme. Você é mais importante.

— Prometo não ser estúpida, a menos que você esteja comigo. Agora vamos lá e vista suas próprias roupas antes que eu violente você novamente.

Ela segurou a mão dele e levou-o para o quarto, retirou dele a calça de dormir e depois o vestiu, passou a cueca pelas suas pernas e depois vestiu a

calça. Ela fechou o zíper, acariciou sua ereção e fechou o botão.

Era como ser criança novamente, Charlie pensou, mas tão erótico que ele foi sufocado pela luxúria. Ele se forçou a não procurá-la porque, se o fizesse, não achava que poderia sair.

Os dedos dela roçaram o peito dele enquanto ela abotoava a camisa dele.

— O que você está pensando? — ele perguntou.

— Se eu tocar em você de novo, vou provar você de novo.

— Não — ele engasgou.

Kate sentou-o na cama e ajeitou as meias, depois as botas, amarrou os cadarços e não havia mais nada a fazer. Ela sentou-se ao lado dele na cama.

— Abra sua mão — disse Charlie. Ele deu a ela o vidro do esmalte com gosto ruim. — Coloque mais um pouco para eu não ficar tentado.

Kate pintou cada uma das unhas dele. Quando ela terminou, ele agarrou sua mão e cobriu suas unhas também.

— Só para você não ficar tentada.

Eles ficaram abraçados até a campainha tocar. Charlie a soltou.

— Tchau, Charlie — ela sussurrou. — Seja brilhante.

— Ei, eu sou uma estrela. Eu sempre brilho.

Ele se afastou, observando-a até o último momento.



Charlie passou a viagem por Londres dividido entre emoção e miséria. Ele desejou estar de volta com Kate, mas ele queria esse papel. O chaveiro estava esperando do lado de fora de sua casa. Dez minutos depois, Charlie estava lá dentro. Ele ligou para Kate.

— Olá, lindo — disse ela.

— Como você sabia que era eu?

— Ah, é você?

— Sua bruxa. Você não tem permissão para atender a mais ninguém assim. Poderia ter sido o vigário.

— Eu o chamo de querido e ele só liga às quartas e domingos. — Charlie riu e depois parou. — Você não está falando sério, está?

— Você teve notícias de Ethan?

— Não. — Ela não respondeu à pergunta dele e Charlie sentiu uma torção de ciúmes.

— Então é melhor você me ligar mais tarde, caso contrário, ele encontrará instrumentos de tortura que ele poderá não suportar.

— O que você sabe sobre instrumentos de tortura?

— Você não abriu essa gaveta?

Houve uma breve pausa antes de Charlie responder.

— Não gosto de dor.

— Mentiroso.

— Eu não gosto.

— Então você não quer que eu te amarre novamente?

Charlie sentiu um puxão na virilha ao se lembrar.

— Eu poderia voltar depois da ligação de Ethan.

Agora houve uma pausa de Kate antes que ela respondesse.

— Você precisa de uma boa noite de sono. Vejo você em alguns dias, Charlie. Fique bem.

— Você também.

No momento em que desligou, o telefone tocou novamente. Charlie atendeu.

— Olá, linda — disse ele.

— Você não vai me convencer assim — Ethan retrucou.

— Que tal se eu levar pra você uma garrafa de uísque?

— Isso pode funcionar. Certo. Encontre uma caneta.

Charlie anotou todas as instruções. Ele não ia estragar tudo.

Com as últimas palavras de Ethan ecoando em sua cabeça:

— Não estrague tudo, fique sóbrio, esta é sua última chance... — Charlie foi fazer as malas. A casa dele estava impecável. Ele estava tão acostumado a uma semana vivendo em uma bagunça com Kate que havia esquecido que uma mulher vinha duas vezes por semana para fazer com que sua casa parecesse habitada e comprar mantimentos para ele. Só agora ocorreu-lhe que ele poderia ter pegado a chave com sua governanta, e ele gemeu.

Charlie destruiu todos os maços de cigarros que encontrou, quebrando-os antes de jogá-los no lixo. Ele ficou surpreso com o pouco que se importava. Ele deu uma longa olhada nas cervejas na geladeira, mas as deixou em paz. Ele não tinha nenhum problema com álcool. Ele gostava de beber, mas havia provado para si mesmo nos últimos dias que não precisava. Não havia mais pequenos pacotes de coca escondidos em nenhum lugar. Mas Charlie passou trinta minutos checando, só por precaução. Ele teve um sexo fantástico enquanto estava chapado, mas agora ele teve um sexo fantástico sóbrio.

Ele sorriu quando pensou em Kate. Só pensar no nome dela causava arrepios de antecipação percorrendo seu corpo, mas ele sabia que teria que ter cuidado. Ele não queria que a imprensa descobrisse sobre ela. Se o fizessem, não levaria muito tempo para desenterrar *o idiota* e, antes que alguém pudesse cuspir, eles teriam Charlie como um destruidor de corações, Kate como uma vagabunda e *o idiota* como uma vítima. A infância de Kate foi difícil. Charlie sabia que ele só ouvira parte disso. Ela não precisava ver seu passado dissecado pelos jornais. Se eles conseguissem vinculá-la a ele, seu passado seria conhecido de todos e não haveria esperança de qualquer tipo de relacionamento entre eles. Ela o largaria.

Charlie congelou quando esse pensamento passou por ele. Ela o largaria porque, diferente de todas as outras mulheres com quem ele namorou, ela não estava impressionada com o fato de ele ser uma celebridade. Ela valorizava sua própria privacidade. Ele passou os dedos pelos cabelos. Isso parecia bom e ruim. Se a imprensa comesse a bisbilhotar, ela fugiria? Ele sabia que tinha que fortalecer o relacionamento deles antes que alguém pudesse ouvir sobre isso. Kate teria que aprender a lidar com a atenção da mídia, porque mais cedo ou mais tarde, ela chegaria.

Enquanto isso, ele a manteria em segredo o quanto pudesse. Ele lhe enviou uma mensagem rápida.

Já sinto sua falta, Sereia. Se eu pelo menos pudesse roer minha unha.

Com amor, Hipopótamo X.

A resposta veio quase instantaneamente.

Sinto sua falta, Hipo. Eu te disse que o esmalte só sai quando as unhas crescem? A menos que você tenha minha fórmula mágica de remoção, apenas revelada sob tortura.

Sereia do amor XX

E sua mensagem para ela.

Aguarde o que virá. Tenho algumas boas ideias pra fazer você cooperar.

Amor, Hipopótamo XXX



Kate sabia que estava protelando para ver os amigos e os vizinhos, começando com Lucy. Ela e Rachel se revezaram gritando com ela pela porta nos últimos dias, enquanto Kate se aconchegava em Charlie e os ignorava. Ela ligou para o celular de Lucy.

— Oi, sou eu.

— Quem? — Lucy respondeu.

— Quer vir tomar uma bebida?

— Estamos no telhado. Venha se juntar a nós.

Kate pegou a garrafa de vinho que ela e Charlie nunca começaram a beber e se dirigiu para as escadas.

Dan os apresentou ao telhado. Quando ele recebeu as chaves do apartamento junto com as da caixa postal, depósito subterrâneo e depósito, também recebeu acidentalmente uma da porta do telhado. Todos os quatro

tinham chaves agora e a área estava decorada com quatro cadeiras de plástico azul-claras, uma mesa e guarda-sol, algumas plantas de aparência doentia e, ocasionalmente, uma churrasqueira portátil.

Quando Kate abriu a porta, viu Lucy e Rachel de biquíni, deitadas em toalhas, de frente para o sol. Dan sentado sob o guarda-sol conversando com outro cara. Kate percebeu que era Fax, amigo de Richard, e se perguntou se ele havia feito algum progresso com Lucy.

— Trouxe uma oferta de paz. — Kate levantou a garrafa gelada.

— Que coincidência. Temos copos — Dan disse com um sorriso. — Prazer em vê-la novamente, estranha.

Kate sentou-se ao lado de Fax.

— Como você está, Kate? — ele perguntou.

— Bem.

Rachel sentou-se e colocou os óculos de sol.

— Estamos preocupados com você. Pelo que sabemos, você fez algo estúpido.

— Rachel! — Lucy retrucou.

— Eu fiz algo estúpido — disse Kate. — Eu não percebi quem era Richard Winter.

Fax suspirou como se estivesse prestes a dizer algo e depois se calou. Dan serviu o vinho e o distribuiu. Ela o ouviu murmurar algo para Rachel, que então parecia envergonhada.

— Sinto muito pelo que aconteceu com Richard — murmurou Fax.

Kate piscou com força. Ela sabia que eles conversariam sobre isso.

— Eu pensei que ele se importava com você — disse Fax. — Ele também me enganou. Foi uma coisa de merda o que ele fez.

— Quanto foi a aposta? — Kate perguntou.

— Duas mil libras — disse Fax. — Eu sinto muito. Eu nunca pensei que ele iria continuar com isso. Quando ele sugeriu na noite da “ *festa de casamento* ”, depois que você claramente não queria ser escolhida como noiva, pensei que ele estivesse brincando. Então eu pensei que ele tinha se apaixonado por você. Quero dizer, vocês pareciam bem juntos.

O peito dela se apertou. Nunca houve um momento em que Richard fosse genuíno. Ele caminhou até a mesa onde ela, Lucy e Rachel estavam sentadas, procurando uma tola ingênua e encontrou uma.

— A que devemos brindar? — Dan perguntou.

— O novo namorado de Kate — disse Lucy antes que alguém pudesse

falar.

Kate se encolheu.

— Qual o nome dele? O que ele faz? Onde você o conheceu? — Rachel perguntou.

Dan e Fax se viraram para encará-la.

— O quê? — ela perguntou.

— O Serviço Secreto nunca deveria ter recusado você. — Dan sorriu para ela.

— Muito engraçado, Daniel.

Kate sabia que se não dissesse nada a eles os deixaria desconfiados.

— O nome dele é Hipopótamo. Ele é alto, com cabelos escuros e lisos. Ele é gentil, engraçado e está entre empregos no momento. Eu o conheci no litoral.

— Qual é o nome verdadeiro dele? — Lucy perguntou.

Kate pensou rapidamente.

— Hipólito.

— Deus, não admira que você o chame de hipopótamo — disse Lucy. — Ele é grego? Se não, o que seus pais estavam pensando?

— Quando você foi para o litoral? — Rachel assumiu o interrogatório.

— No dia em que eu deveria ir ao Havaí.

— Havaí? Por que... oh... — Rachel fez uma pausa.

Kate pensou que poderia calá-la, mas ela estava errada.

— Você esbarrou nele, então?

— Literalmente. Nós estávamos nadando. Ele veio na minha direção e me bateu no nariz.

Kate viu o olhar que Rachel lançou a Lucy, mas Dan derrubou seu vinho e houve uma confusão quando eles todos se afastaram às pressas da mesa. Grata pela distração, Kate esperava que tivesse contado a eles o suficiente, mas Lucy e Rachel não puderam deixar passar.

— Onde ele mora? No litoral? — perguntou Lucy.

— Não, norte de Londres. — Mas ela não sabia onde, e o pulso de Kate disparou. Por que Charlie não disse?

— Que tipo de trabalho ele está procurando? — perguntou Rachel.

— São vinte perguntas — disse Dan. — Ele é animal, vegetal ou mineral? Definitivamente animal, Kate pensou.

— Não é de admirar que as mulheres saibam tanto. — Fax ergueu as sobrancelhas.

— Sim, mas os homens sabem as coisas importantes — disse Dan.

Rachel virou-se para encarar Dan e depois olhou para Kate.

— Que tipo de trabalho?

— Ela é como um míssil que procura calor. — Dan pegou o pote de bronzeador que Rachel jogou nele.

— Eu acho que ele leva jeito pra muitas coisas — disse Kate, sufocando um sorriso.

— Ele é casado? — perguntou Lucy.

— Não.

— Quando você vai vê-lo de novo? — Lucy perguntou.

— Não faço ideia.

— Mas você quer vê-lo novamente? — Rachel perguntou.

Kate assentiu, incapaz de falar a verdade, que não achava que poderia viver sem ele.

— Você não vai recuar, vai? — disse Lucy. — Não queremos ver você se machucar novamente.

— Eu superei Richard, acredite em mim. — Kate desejou poder pular no ar e gritar bem alto.

Um pombo pousou perto da toalha de Lucy. Dan jogou um pedaço de limão e ele voou para procurar outro local de descanso.

— Então a vida está ótima? — Rachel pressionou. — Futuro parecendo pêssego?

Kate inclinou a cabeça para um lado.

— Sim, a vida está bem.

— Planejando o futuro? — Rachel acrescentou.

Kate não perdeu o olhar que Lucy lançou a Rachel, mas ela não tinha ideia do que isso significava.

— Rachel, Você não vai pedir um favor a Kate? — disse Dan.

Kate teve a nítida impressão de que ele queria mudar de assunto.

— Ooh, sim, temos as pinturas para a nova exposição — disse Rachel. — Ficaria muito grata se você pudesse arrumar um tempo para ajudar com o catálogo.

— Eu poderia ir depois do trabalho amanhã.

— Obrigada, Kate. Isso seria ótimo — Rachel sorriu para ela.

Kate recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Ela sobreviveu ao interrogatório sem revelar nada. Ela ficou um pouco surpresa por não terem perguntado mais sobre o que aconteceu com Richard. Eles não pareciam

zangados por ela não ter dito que iria se casar. Talvez eles não se importassem.

Ela ainda pairava na periferia do grupo. Eles eram amigos dela? Kate não tinha certeza, mas estava tentando. Sua pele formigava. O sol estava bom depois de ficar no apartamento por tantos dias, mesmo que ela estivesse se divertindo com Charlie. Sua boca se contorceu, querendo sorrir.

— Não adormeça — disse Dan. — Eu adormeci por uma hora na hora do almoço e veja o que aconteceu.

Kate abriu os olhos. Dan levantou a camiseta para revelar um contorno pálido em formato de círculo no peito dele. Rachel riu.

— Estou apenas esperando minha hora, Rachel — disse ele.

Kate se perguntou se Rachel finalmente viu o quanto Dan a adorava. A vida era muito curta para desperdiçar passando separados, um tempo que eles poderiam passar juntos.

— Vocês já estão saindo? — perguntou Kate.

A julgar pelos rostos chocados, a resposta foi não.

— Por que você não pergunta a ela, Dan? Se ela disser não, pelo menos você saberá em que ponto você está.

Kate fechou os olhos. Ela sabia que ela tinha passado dos limites, o que explicava o completo silêncio. Talvez ela não devesse ter dito nada.

— Quer ir ao cinema hoje à noite? — a voz de Dan chiou um pouco.

— Okay — Rachel falou quase antes de Dan terminar.

Kate sorriu para si mesma.

— Lucy, você gostaria de ir ver um filme comigo? — Fax deixou escapar.

Deus, ela realmente tinha o toque de combinar, pensou Kate.

— Por que não? Nick está ocupado esta noite — disse Lucy.

Pelo canto do olho, Kate viu o rosto de Fax cair.

— Vamos juntos então — Rachel anunciou. — Você e Hipo também querem vir, Kate?

— Eu tenho compromisso hoje à noite.

Mas Kate teve uma onda de desejo de fazer parte de um grupo de amigos saindo juntos. Richard raramente queria sair com alguém que Kate conhecesse. Ele tolerava idas ocasionais ao *pub* com Simon e Fax. E isso não poderia acontecer com Charlie, que não queria ser visto em público com ela. Kate sabia que ele estava preocupado com a imprensa a incomodando e ela também se preocupava com isso, mas por um motivo diferente.

Kate deveria estar disponível das oito à meia-noite de domingo, recebendo ligações de caras que queriam falar sujeiras para ela ou que ela falasse sujeira para eles. Ela era bem paga pelo número de horas que ela estava logada e precisava do dinheiro, mas não queria mais fazer isso. Ninguém a perseguiria para continuar. Ninguém sabia como ela era. De fato, Kate achava provável que as mulheres que trabalhavam nessas linhas de bate-papo e fingiam ser sereias na casa dos vinte anos, provavelmente fossem solitárias de cinquenta anos. Os homens faziam delas quem eles quisessem que elas fossem de qualquer maneira.

Kate excluiu sua conta antes que pudesse mudar de ideia. Ela teria que reduzir suas despesas.

Às duas para as oito o telefone tocou.

— O que você está vestindo? — Charlie sussurrou.

Kate riu.

— Calcinha verde.

— Calcinha de renda?

— Não, aquelas com buracos.

Ele gemeu.

— Estou sufocando com luxúria.

— Estou desistindo do sexo por telefone.

Ele choramingou.

— Que momento para escolher.

Kate colocou o telefone entre o ombro e a bochecha e levou o café para o sofá.

— Por quê? O que você está fazendo?

— Eu tenho minha mão na minha calça. Ouça.

Ela riu.

— O que estou ouvindo?

— O som de um pistão de aço infeliz, mas galopante.

Kate começou a rir.

— O que você está lendo?

— Estou tentando manter uma conversa de sexo por telefone aqui.

Ela sorriu com a indignação em sua voz.

— Eu disse que estou desistindo. Eu não sou boa nisso.

— Bem, talvez você precise praticar.

Kate não disse nada.

— Essa foi uma dica — disse ele.

— Você tem alguém aí com você? — ela perguntou.

— Não.

— Bem, finja.

— Consuela, limpe meus discos de platina novamente.

— Eu também tenho minha mão na minha calça, mas eu queria que fosse a sua mão que estivesse na minha calça — Kate murmurou em um tom sensual e tomou um gole de café.

— Mmm — Charlie murmurou. — Continue espanando, Consuela.

— Eu quero comer você — Kate ronronou. — Eu quero correr minha língua ao longo de seu pau longo e grosso e provar cada centímetro glorioso de você. — O copo balançou em sua mão e ela o colocou no chão.

— Você não limpou direito, Consuela. Faça isso novamente. Espane para cima e para baixo e faça rápido.

Kate engoliu o nó na garganta.

— Você pode sentir meus dentes em você, Charlie, traçando aquela veia grossa? Vê-lo pulsando? Você confia em mim? Que tal se eu levar suas bolas aveludadas para dentro da minha boca e chupar. Você gosta disso? — Um arrepio de desejo a percorreu.

— Como você pode falar ao mesmo tempo? — ele perguntou com uma voz rouca. — Consuela, tire esse espanador daqui.

— Envolve seus dedos em volta de você mesmo, Charlie. Empurre para baixo. Agora mova sua mão para cima. Mantenha-se mais apertado.

— Cristo, Kate. É o bastante. Você não está muito longe, você sabe. Eu poderia dirigir.

— Estou tão apertada e molhada, Charlie. Pensar em você me deixou excitada. Meus mamilos doem. Meu coração está acelerado. Se você entrasse na sala agora, eu ia gozar sem você nem me tocar. — Ela realmente quis dizer isso.

— Kate. — Ele engasgou.

— Tirei meu sutiã. — Ela deslizou a mão para o mamilo que endureceu em seus dedos.

— Não faça isso por mais ninguém.

— É por isso que não estou mais fazendo isso, Charlie. Eu só quero gozar para você. Eu só quero sentir seu pau dentro de mim, todo longo, grosso e quente. Eu quero que você me foda mais e mais. Quero que você me faça

gritar.

Ela o ouviu dar um gemido trêmulo. Uma longa pausa se seguiu.

— Consuela vai ter que me lavar agora — disse ele.

— Diga a ela para limpar atrás das orelhas.

— Não foi tão longe.

Kate riu.

— Boa noite, hipopótamo.

— Boa noite, sereia. Vejo você quando eu voltar.

Uma única lágrima escorreu pelos cílios de Kate e escorreu por sua bochecha. Isso fez sua pele coçar e ela queria esfregá-la, mas não o fez. Ela precisava lembrá-la de que era forte, porque se apaixonara por Charlie Storm e sabia que ele iria partir seu coração.



Quando Kate entrou no saguão na segunda-feira de manhã, Dan estava encostado na parede, esperando por ela. Ele só trabalhava esporadicamente no Crispies, mas quando ia, esperava por Kate para que eles pudessem caminhar juntos até lá.

— Bom dia. — Dan abriu a porta externa para Kate passar.

— Bom dia. Como foi o filme? — ela perguntou.

— Não faço ideia. — Dan sorriu.

Kate olhou para ele e sorriu.

— Não me diga que você tomou coragem?

— Talvez eu tenha.

Eles entraram em Greenwich Park, dividindo o caminho com um grupo de corredores idosos.

Dan bocejou.

— Fiquei acordado a noite toda pintando. Eu poderia ter passado sem ir hoje, mas Mel ligou às sete da manhã e exigiu minha presença. Sam está doente. Novamente.

— Quem você estava pintando? — Kate perguntou.

Dan andou mais rápido e, quando Kate o alcançou, viu os restos de um rubor em seu rosto.

— Você pintou Rachel?

— Ela adormeceu. Ela parecia tão fofa. Só que não acho que seu pai

queira essa pintura na galeria.

Kate riu.

— Não conte a Rachel. Quero terminar antes de mostrar a ela.

— Okay. Er... Dan?

Ele olhou para ela.

— Não conte a ninguém no trabalho o que aconteceu com Richard.

Ele assentiu.

— Você tem certeza de que está bem? Ainda não acredito que ele fez isso.

Eles se afastaram quando um caminhante mais forte disparou na frente deles, seu traseiro balançando como dois sacos de geleia.

— Vocês ficaram bravos por eu não ter contado sobre o casamento? — perguntou Kate.

— Lucy e Rachel bufaram um pouco. Eu gostaria que você tivesse contado, Kate. Nós estaríamos lá por você.

Ela lançou um olhar agradecido, mas ficou feliz por não terem testemunhado sua humilhação.



Kate trabalhava no Crispies de segunda a quinta-feira por pouco mais que o salário mínimo, sendo garantido a ela que as gorjetas eram enormes. Às vezes eram, mas muitas vezes não. Pelo menos o horário dela não era ruim e ela podia ir caminhando para o trabalho. O café também funcionava à noite, mas Kate só trabalhava no turno diurno. Mel, a irmã mais velha de Dan, não gostava de Kate e Kate não gostava de Mel, mas Tony, chefe de cozinha e sócio, gostava dela. Ele era um italiano de quarenta anos que ainda morava com sua mãe e flertava como um louco com tudo que usasse saia, embora nunca com Mel.

— Onde está o seu bronzado? — Tony perguntou quando Kate entrou na cozinha.

— Eu estava muito ocupada passeando. — Kate sorriu, pensando em todo o nojo que sentia por Richard, ela estava pelo menos agradecida por ele tê-la feito manter o casamento em segredo.

— Você deveria me deixar levá-la para a Itália — disse Tony. — O sol sempre brilha em mim. Eu poderia lhe mostrar um tempo verdadeiramente

muito bom. — Ele piscou.

Kate revirou os olhos.

— Tony, quem lhe disse que você era um garanhão italiano está errado. Você é mais como um pônei malhado.

— Que insulto. — Ele passou a mão por seus cabelos ralos. — Eu pensei que era o amor da sua vida.

— Somente quando você cozinha para mim. Em todos os outros momentos, não.

— Ah, sim, esse é Richard — ele resmungou.

Kate se fez continuar sorrindo.

— Não mais.

O rosto de Tony se iluminou.

— Sério? Quer dizer que tenho chance de novo? Venha aqui e prove meu molho aputanesca. Quero que você prove da minha mão.

— Por incrível que pareça, Tony, vou ter que recusar. São oito e quinze da manhã. Prefiro tomar um café.

— Você está partindo meu coração.

— Eu pensei que Lois tivesse feito isso.

Lois era outra das garçonetes que provocava Tony.

— Todas vocês partem meu coração. Exceto Mel — ele murmurou. — Ela quebra meu espírito.

Kate riu.

— Parem de perder tempo conversando e continuem com o que deveriam estar fazendo — Mel retrucou por trás deles.

Tony começou a bater em panelas e Kate se retirou para o salão do café.



Charlie pediu desculpas a James Kesner, o diretor, por seu comportamento na última audição. Ele não rastejou, nem ofereceu explicações. Se Ethan sabia que ele estava bêbado e chapado, então Kesner foi quem lhe contou, então Charlie achou que ele só precisava ser perfeito hoje. Ele apertou a mão de todos na sala, exibiu seu sorriso enorme e fez tudo o que podia para conseguir o papel de uma vida. Charlie executou a peça que preparou e leu várias páginas do roteiro.

Quando terminou, Kesner recostou-se na cadeira e o encarou por alguns

segundos sem dizer uma palavra. O coração de Charlie bateu forte, mas ele encontrou seu olhar e não desviou os olhos.

— Quando foi a última vez você usou algum tipo de droga, Charlie?

— Mais de uma semana atrás.

— Álcool?

— O mesmo.

— Diga-me: por que eu deveria ter você no meu filme?

— Porque eu melhorei minha atuação e sou perfeito para o papel.

— E?

Charlie se perguntou o que ele queria que ele dissesse.

— Eu admirei o que você fez com *The Way Back* e *Rainwalker*. Nada de mais. Mas eu teria sido melhor que Depp. Ele estava muito fora do muro.

Kesner riu.

— Você pode estar certo. Okay, Charlie Storm, você conseguiu.

Por um momento, Charlie não reagiu. Por alguns segundos, ele não entendeu que lhe ofereceram o papel. Então sorriu. Ele fez isso. Queria pular e gritar, mas supôs que beijar o cara era uma má ideia. Agradecimentos educados, por outro lado, devem ser totalmente aceitáveis.

— Obrigado. Agradeço por me dar outra chance.

— Não deixe que eu me arrependa. Meu assistente enviará uma cópia do contrato ao seu agente hoje e enviará um e-mail mais tarde com a programação da filmagem. Em breve, teremos uma reunião de pré-produção na Irlanda. Ansioso por trabalhar com você, Charlie.

Charlie apertou as mãos de todos novamente, saiu da sala de reuniões do aeroporto e depois correu procurando os banheiros para que ele pudesse vomitar. Seu estômago acabou se movendo do *rock and roll* para uma valsa lenta.

Quando ele se recompôs, pegou o telefone do bolso. A primeira pessoa que ele deveria ter chamado era Ethan.

— Kate? Eu consegui! Kesner acabou de me dizer. Fiz alguns comentários ruins sobre ser melhor que Depp e ele riu e me deu o papel. Cristo, eu não posso acreditar.

— Muito bem, Charlie — Kate sussurrou.

— Por que você está sussurrando?

— Não posso deixar Mel me pegar no telefone. Espere. Vou me esconder em algum lugar.

Charlie balançava a perna, a emoção borbulhando em todos os poros.

— Okay, seguro agora — disse Kate.

— Você vai me dizer o quão bom eu sou?

— Ninguém mais apareceu na audição? — ela perguntou.

Seu coração cantou. Ele amou o jeito que ela reagiu a ele.

— Claro que eles apareceram.

— Pessoas que estavam realmente tentando conseguir o papel?

Quando Charlie pensou sobre isso, ele percebeu que não sabia.

— Ei, pare de pensar — disse Kate. — Você sabe que isso lhe dá dor de cabeça. Você conseguiu o papel porque vai ser ótimo nele. Vamos encarar. Você é um ser humano fantástico, talentoso e maravilhoso. Você é bom demais para este filme. Com sua energia irrestrita, poder brutal e futurismo visionário, Kesner deveria estar agradecendo. Eles têm sorte de ter um ator com sua incrível integridade artística.

— Eu sabia que tinha impressionado você.

Kate gargalhou.

— Existem algumas cenas de amor — disse ele em uma voz sedosa.

— Bem, é por isso que você conseguiu o papel. Esta última semana foi uma longa audição. Kesner e eu combinamos. Ele queria que eu tivesse certeza de que você estava pronto para o trabalho.

— E eu estava?

— Às vezes.

— Hmm. — Charlie desejou que ela estivesse lá. Ele queria beijá-la, beijar o sorriso que ele sabia estava no rosto dela.

— O que você está fazendo para comemorar? — ela perguntou.

— Levando você para a cama hoje às nove?

— Ah, Cama, aquele novo restaurante em Knightsbridge onde eles tiram os chicotes se você derramar ketchup na mesa?

Ele riu.

— Desculpe, mas eu já tenho pra onde ir hoje à noite — disse Kate.

A decepção inundou sua felicidade.

— Onde?

— Estou ajudando na galeria de arte de Rachel.

— Quando você estará de volta?

— Às onze, eu acho.

— Okay. — Ele estaria lá cinco minutos depois.

— Onde você está agora? — perguntou Kate.

— No banheiro masculino no aeroporto de Edimburgo. Onde está você?

— No banheiro feminino do Crispies. — Kate riu.

— Acabei de vomitar.

— Acabei de fazer xixi.

Ele riu.

— Enquanto converso com você?

— O banheiro estava muito tentador e não tenho muitas folgas.

— Kate? Telefonei para lhe contar primeiro.

— Não conte a Ethan. Ele ficará com ciúmes.

— Tchau, sereia.

— Tchau, Hipo.

Charlie não ligou para Ethan até que ele reservasse um assento no próximo voo para Londres. Ethan o colocou em um voo às quatro e Charlie não quis esperar tanto tempo. Algumas palavras doces para bajular a recepcionista, distribuição de autógrafos, e ele poderia estar fora dali em pouco mais de uma hora. Ele se sentou em um canto do salão executivo com um jornal, café, um sanduíche de frango e ligou para Ethan.

— Oi, Ethan, eu consegui.

— Graças a Deus.

— Eu quis dizer o uísque. Eu não consegui o papel.

— Charlie, não brinque.

— Sim, eu consegui. — Sua voz transbordou de felicidade.

— Eu sabia que você poderia fazer isso. Muito bem. Quando o contrato está chegando?

— O assistente de Kesner o enviará hoje.

— Não estrague tudo agora — disse Ethan. — Você não precisa ficar bêbado ou chapado para comemorar.

— Não, não mais.

Houve uma pequena pausa.

— Então os rumores sobre você e Jody Morton são verdadeiros?

Charlie bateu a xícara de volta na mesa e derramou café sobre o jornal.

— Eu te disse que nunca dormi com ela. Ela queria, mas eu não estava interessado. Não é o meu tipo.

— Eu não acredito em você.

Charlie suspirou.

— Você não vai levá-la ao jantar em Devonshire? — Ethan perguntou.

— Ela vai? — Charlie perguntou. — Eu nem sabia que ela estava no Reino Unido.

— Quem você vai levar?

— Ninguém. Eu estava usando Jennifer Ward, mas acho que ela não estará disponível. — Charlie ouviu Ethan murmurar baixinho.

— Então, com quem você está transando atualmente? — Ethan perguntou.

Charlie ficou calado.

— Vamos lá, Charlie. Eu te conheço muito bem. Se você não bebe e se droga, encontrou outra coisa para fazer. Atriz ou modelo?

Charlie apertou os lábios.

— Eu sou seu maldito empresário. Eu deveria saber. Atriz ou modelo?

— Nem um nem outro.

— Cantora?

— Ela é garçonete.

— Ah, merda.

O bom humor de Charlie evaporou.

— Foda-se, Ethan. Eu realmente gosto dela.

— Você realmente gosta de todo mundo enquanto transa com eles — Ethan retrucou.

— Kate é diferente.

— Suponho que ela esteja fingindo não ficar impressionada por você ser Charlie Storm.

— Na verdade, ela não ficou impressionada — Charlie respondeu.

— Jesus, Charlie. Tenha uma vida. Você é quem você é. Você sabe como é este mundo. Você não pode confiar em ninguém. Este é o momento errado para iniciar um relacionamento com alguém. Você deveria estar comprometido com o seu trabalho, não transando com a porra de uma garçonete.

Charlie lutou para encontrar o botão e desligar o telefone, seus dedos tremiam muito.



Quando Kate chegou à Galeria Bellingham eram quase sete horas. Um incidente no metrô deixou as linhas fechadas e tudo caótico. Ela esperava pegar uma carona de volta a Greenwich com Rachel e Dan, mas se eles não planejassem sair às dez, Kate teria que voltar sozinha, porque ela sabia que Charlie viria às onze.

A placa de fechado estava colocada, mas a porta estava destrancada e o sino preso nela tocou.

— Tranque depois que você entrar — Rachel falou.

Kate não viu ninguém.

— Como você sabe que sou eu?

— A última peça de Gustav Mazov. Um buraco. Olhe. — Rachel enfiou a cabeça por uma enorme tela vermelha pendurada no centro da galeria e fez uma careta.

Kate deu um grito falso.

Dan saiu do escritório, segurando uma garrafa de vinho. Ele olhou para Rachel e suspirou.

— Eu gostaria de poder dizer que melhora o trabalho do artista, mas não posso. Quer uma bebida, Kate?

— Só se for um copo bem grande.

— Você adivinhou que prazeres temos pela frente, então? — Ele fez uma careta semelhante à de Rachel.

Kate pegou o copo da mão dele.

— Quando vocês dois vão sair de novo?

— Vamos jantar amanhã — disse Dan com um sorriso bobo.

— Bem, vocês podem ir a um *pub* hoje à noite se fizermos isso rapidamente. — Kate não acrescentou que gostaria que eles escolhessem um *pub* em Greenwich para que pudessem levá-la para casa.

A galeria atendia principalmente aos turistas de Londres, mas Rachel

usava um anexo para mostrar trabalhos mais inovadores. Sua primeira exposição ocorreu algumas semanas depois que eles se mudaram para os apartamentos em Greenwich. Rachel convidou Lucy e Kate para ajudar a deixar a galeria parecendo cheia e fingir comprar pinturas. Dan estava lá porque uma de suas peças estava exposta. Naquela noite, ele escutou uma conversa entre Kate e Jack Bellingham, e depois Dan levou Kate para passar ao longo de todas as pinturas, pedindo sua opinião. Quinze minutos depois, ele declarou que ela era uma crítica de arte profissional e frequentemente a incomodava para descobrir como ela sabia tanto. Kate não contou a ele.

— Número um da lista — disse Rachel, caneta pronta, prancheta pronta.
— Vá devagar, para que eu possa escrever cada palavra.

— Chama-se Wall — Dan leu no título.

Kate correu os olhos sobre a peça. Um óleo sobre tela de tamanho médio, mostrando parte de uma parede de tijolo vermelho-escuro com um céu azul brilhante e sem nuvens, como pano de fundo. Ela respirou fundo.

— Okay. A imagem recortada é oferecida como uma contradição, um equilíbrio entre o intimamente familiar e o clinicamente abstrato. O pano de fundo é de energia estática, com a sugestão de disfunção suspensa na forma como os tijolos estão alinhados. A sensação de deslocamento, decorrente da incompletude da imagem, gera questões sobre a funcionalidade dos objetos do cotidiano.

Rachel rabiscou. Dan ficou boquiaberto.

— Ainda não consigo entender como você faz isso — disse ele. — É como ouvir alguém falar coreano. Tem certeza de que não estudou Arte Moderna, História da Arte, Arte de Besteira?

Kate riu.

— Não. Saí da escola aos dezesseis anos.

— Então você deve ser uma artista.

— Eu já disse, não posso pintar um círculo.

— Pare de incomodá-la — disse Rachel. — Eu não me importo com como você faz isso, Kate. Continue.

— Você gosta da pintura? — perguntou Dan.

— Não, simples porcaria — disse Kate e seguiu em frente.

O próximo apresentava uma criança pequena tirando ou vestindo suas roupas. A cabeça da criança estava coberta pela roupa.

— Pronto para dormir — Dan murmurou.

— Eu gosto disso. É fofo — disse Rachel.

Kate engoliu em seco.

— É?

— Você não acha? — Rachel parecia confusa.

Kate mordeu o lábio por alguns momentos antes de falar.

— Uma imagem chocante e perturbadora, em que pinceladas ousadas e amplas são usadas para combinar com a obscurecida distinção entre inocência e sexualidade. A sensação de catástrofe que está esperando para acontecer é ecoada no modo como as cores são compartimentadas, de modo que a pintura parece descer ao colapso disfuncional.

— Outro disfuncional? — Dan perguntou.

— Todos os artistas não são disfuncionais? Enfim, gosto da palavra. — Kate sorriu.

— Mas não gosta da pintura? — Rachel perguntou novamente.

— Não muito. Embora seja bem pintada. — Kate seguiu em frente.

— Acho que não gosto mais — disse Rachel.

Kate virou-se para ela.

— Não diga isso, Rachel. Se você acha isso fofo, tudo bem. É o que significa para você que é importante. Você não deve ser influenciada pelo que penso.

— Então me lembre: por que estamos aqui? — Dan perguntou. — Qual é o sentido de um catálogo?

— Porque o que Kate diz dá autenticidade às peças — disse Rachel.

— Você quer dizer que faz com que soem melhor do que são? — Dan ergueu as sobrancelhas.

— E você pode cobrar mais por elas. — Kate passou para o próximo trabalho.

— Cuidado com o que você vai dizer — disse Dan.

Kate ficou na frente de um dos retratos dele.

— Um novo artista talentoso revela seu brilho e estilo irreverente em toda a sua glória explosiva. O estado de espírito travesso do sujeito é paralelo às pinceladas retorcidas e aos detalhes requintados dados aos olhos. Que tal isso?

— Eu amo você — disse Dan.

Kate sorriu.

— Quem é essa?

Dan fingiu bater nela. O retrato era de sua irmã, Mel.

— Eu não terminei — disse Kate quando Rachel começou a seguir em

frente. — Mas por baixo da superfície está um indivíduo confuso, cujo rosto tanto assusta quanto atrai. A sugestão da loucura está sutilmente presente.

— Deus, não escreva isso, Rachel. Mel vai me matar.

— Oh, é Mel? — Rachel perguntou.

Dan se virou horrorizado, apenas para vê-la sorrindo.

Kate brincou com o resto, admirando particularmente o trabalho de um artista, onde em uma pintura muito escura de uma cozinha, a única área de luz era emitida por uma geladeira foi criada usando uma massa de fios de seda. A menos que você estivesse perto, parecia pintado.

— O que é isso? — ela perguntou, olhando para um vazio na parede. — Ou isso é arte muito moderna?

— O artista prometeu que isso estaria aqui hoje à noite, no entanto não veio. Muito obrigado por isso, Kate. Eu sei que eu deveria estar fazendo isso, mas não consigo encontrar as palavras certas.

— Para ser sincera, ninguém deveria escrever sobre pinturas. Esse é o objetivo delas, não é? Imagens, não palavras. A única pessoa que pode dizer o que isso deve ser é a pessoa que a criou. Supondo que eles saibam. Talvez você esteja certa sobre a criança se arrumar para dormir. Talvez seja exatamente isso, pintado por um pai ou mãe amorosa. Mas talvez tenha sido pintado por um pedófilo.

Rachel empalideceu.

— Deus, espero que não.

— O problema é que metade das vezes esses artistas modernos não têm ideia do que estão fazendo. Não é verdade, Dan? — Kate perguntou.

— Eu sempre sei.

— Isso é porque você faz retratos — disse Rachel.

— Uma pintura deve ser interessante sempre que você a olha, não apenas na primeira vez em que a vê; caso contrário, qual é o sentido de colocá-la na sua parede? — disse Kate.

— Como você consegue suas ideias? — Dan perguntou. — Quando você era criança, seus pais a arrastaram pela Tate e pela Galeria Nacional?

— Não sei de onde vêm as ideias. Eu abro minha boca e a porcaria sai. Nós terminamos?

Não era tão simples assim, mas Kate não tinha a intenção de dizer a verdade, que seu interesse pela arte era uma maneira de manter um olho em seu pai.

— Entrega para uma senhorita Sereia — Charlie falou no interfone.

Ele sorriu em antecipação. O trinco da porta destravou e ele entrou. Passava pouco das onze e meia. Tarde, mas não muito tarde. Ele tinha ficado preso em uma reunião com um consultor financeiro, apesar de ele mesmo lidar com a maioria de seus negócios. Seu diploma de economia devia ser usado para alguma coisa.

— Não achei que você viesse. — Kate se inclinou sobre o corrimão, observando-o subir correndo.

— Eu não devia vir. Você foi muito malvada, saindo hoje à noite. Eu não gosto mais de você. — Ele tentou agarrá-la e Kate correu.

— Bem. Cai fora, então! — ela gritou.

Ela tentou fechar a porta, mas Charlie colocou o pé no caminho e a forçou a abrir. Ele a agarrou, empurrou-a para dentro e a empurrou contra a porta, fechando-a com força no processo. Ele pressionou os lábios nos dela, gemendo em sua boca. Eles se beijaram tanto que, quando se separaram, ofegavam simultaneamente, como se tivessem surgido na superfície após um profundo mergulho. Charlie acariciou sua bochecha.

— Cristo, Kate. Como eu senti sua falta. Você realmente não queria que eu caísse fora, queria?

— Ainda não.

Ele ficou de pé e olhou para ela.

— Então, como foi seu dia?

— Perfeito agora.

Ele deu um sorriso lento.

— E além de conseguir o papel de uma vida, como foi o seu?

— India está fora do hospital e eu não tomei uma bebida, não fumei um cigarro, não cheirei uma linha de cocaína nem tive uma foda.

— E qual deles foi oferecido a você?

— Apenas a bebida.

Charlie pegou a mão de Kate e entrou no apartamento.

— Montou algum de nossos quebra-cabeças?

— Não.

Ele pegou um quadrado de tecido na bancada e olhou para Kate.

— Você cortou seu vestido de noiva?

Os olhos de Kate brilharam.

— Quer ver o que eu fiz com isso?

Charlie pensou que ele provavelmente deveria.

— Sirva-se — disse Kate e estendeu as mãos como se estivesse

equilibrando bandejas de bebidas nas palmas das mãos.

Ela usava uma saia jeans cinza e camiseta de algodão rosa com gola em V. Nada nos pés dela. Os dedos de Charlie voavam de uma mão para outra.

Kate riu.

— Faça sua escolha, a blusa ou a saia.

Ele olhou e depois passou a blusa dela por cima da sua cabeça. Charlie sentiu como se estivesse deitado na cadeira do dentista com toda a umidade sendo sugada da boca. Ele estava até desconfortável, embora em uma área um pouco mais baixa que a boca.

— O que você acha? — Kate perguntou.

Charlie mal era capaz de pensar. Sua reação a Kate foi puro reflexo. Seu pau já alegre tornou-se mais alegre. A frequência cardíaca dele dobrou e a necessidade dela quadruplicou. O sutiã sem alças tinha babados de contos que na verdade não pareciam esconder nada. Na verdade, parecia estar oferecendo a ele os mamilos deliciosos de Kate. Os dedos dele abriram a saia e a puxaram para baixo. Um gemido profundo retumbou de algum lugar dentro dele. Sua calcinha era um pedaço de tecido em forma de coração, com três finas cordas de cetim puxadas de ambos os lados para curvar-se sobre os quadris. No centro do tecido havia um pequeno hipopótamo.

Ele abriu a boca e nada saiu. Ela estava parada com as mãos inquietas, o cabelo todo bagunçado e um sorriso nervoso nos lábios. Charlie suspirou.

— Diga algo bom, ou melhor — disse Kate.

Charlie passou a camisa dele por cima da cabeça e a deixou cair.

— Algo bom, ou melhor. Você é muuuuito malvada. Você estragou a minha surpresa. — Ele tirou os sapatos e desabotoou as calças. — Quer tirar minha roupa?

Os dedos dela deslizaram para o cócs da calça dele, roçaram a ponta do pênis dele e ela riu.

— O que aconteceu com sua boxer, Rambo?

— Eu estava tão sensível e macio depois daquela depilada que achei que seria interessante ter o comando.

— E você tem? — Kate deslizou a mão mais profundamente dentro da calça dele e passou os dedos em volta dele.

— Tinha até agora.

Ela o levou para o quarto pelo pau dele.

— Estive pensando em você o dia todo — disse ele. — O meu comportamento foi o melhor possível. Kesner realmente gostou de mim. Até

me lembrei de agradecer.

Kate puxou as calças dele pra baixo e ele saiu delas.

— Eu ficava imaginando você gritando comigo se eu estragasse tudo. Eu queria...

— Queria o quê?

— Queria fazer você se orgulhar de mim — ele murmurou. — Queria mostrar que mudei.

Ela segurou o rosto dele com as mãos.

— Eu não conheci sua versão antiga. Eu só conheço o Charlie que fez meu nariz sangrar, o cara com olhos tristes que eu pensava ser um tubarão, o Charlie que me salvou. Não conheço o Charlie que fumava demais, bebia demais e tomava muitas drogas, porque você não fez nada disso comigo. E eu gosto bastante do Charlie que fode demais, contanto que ele faça isso comigo.

— Eu quero tanto você que estou com medo — ele sussurrou.

— E eu estou com medo de te querer tanto — Kate sussurrou de volta.

Ele deslizou os dedos sob as laterais da calcinha dela e apertou sua bunda, puxando-a para ele, esfregando-a em seu pênis antes de empurrá-la contra a parede. Charlie pressionou os lábios nos de Kate e mergulhou em sua boca. O calor que ele encontrou lá se espalhou em seu corpo e os dedos dos pés dele se curvaram. O cheiro dela o deixou selvagem, o gosto dela era quase mais do que ele podia suportar. Charlie beijou seu pescoço e foi lambendo um caminho até os mamilos enquanto passava os polegares sob o sutiã meia taça. Ele descobriu um fecho escondido na frente, abriu-o e o tecido caiu no chão.

— Oh, Deus, seus seios — disse ele com um gemido.

— São pequenos.

— Simplesmente perfeitos. A forma, o peso, a sensação e o gosto desses mamilos de framboesa.

— Por que os homens gostam tanto de seios?

Charlie olhou para ela com a boca presa ao redor do mamilo. Ele a soltou com um estalo suave e lambeu os lábios.

— Você está me pedindo para pensar quando todas as células do meu corpo estão trabalhando para alcançar aqueles poucos momentos adoráveis de não pensar?

Ela riu.

— Sim.

— Cristo. Você é tão exigente. — Charlie foi mordendo-a enquanto

descia pelo seu corpo, pontuando cada frase com um beijo. — Eu não tenho a menor ideia de por que os homens gostam de seios. — Beijo. — Porque eles não os têm? — Beijo. — Porque a maioria das mulheres os esconde e eles querem o que não podem ter? — Beijo. — Porque eles têm um gosto muito bom? — Beijo. — Porque excita as mulheres quando os homens os sugam? — Beijo. Ele alcançou o umbigo dela.

Charlie tirou a calcinha dela enquanto circulava a língua em torno do belo umbigo. Quando ele esfregou a bochecha contra ela, Kate gemeu. Ele desceu ainda mais para acariciar o interior de suas coxas. Ela já estava molhada. Ele podia ver as dobras dela brilhando. Sua vagina parecia brilhar enquanto ele olhava. Kate gemeu quando ele a beijou entre suas pernas, sua língua deslizando através dos vales de seu sexo até encontrar seu clitóris. O pênis de Charlie pulsava enquanto ele a chupava.

Ele colocou os joelhos mais confortavelmente no chão e a prendeu contra a parede, as mãos nos quadris dela. Algumas lambidas da língua dele sobre o seu clitóris e ela gozou contra sua boca com um grito baixo e uma inundação de creme. Charlie lambeu e chupou e sentiu o orgasmo dela rolar da boca até o pênis, o que liberou um surto de pré-esperma em resposta. Ele foi beijando-a enquanto descia pelo seu corpo, segurou-a até que ela parasse de tremer e depois foi beijando o corpo de Kate enquanto subia por ele.

— Mais — Kate sussurrou contra sua boca.

Charlie sorriu e a virou de frente para a parede. Ele inclinou seu pênis para que deslizasse entre suas pernas, ao longo das dobras de seu sexo, envolto em seu calor úmido enquanto ele empurrava seus quadris firmemente contra as costas dela. Ela se contorceu e apertou as coxas ao redor dele e ele gemeu.

— Não se mexa — ele disse. — Fique quieta por um minuto.

Não que ela se mantendo parada fizesse alguma diferença. Cada parte dele doía por Kate. Ele passou as mãos sobre os ombros dela, amando a sensação acetinada de sua pele. Os olhos dele permaneceram na cicatriz, perguntando-se quando ela confiaria nele o suficiente para dizer como ela a conseguiu. Então ele deslizou os dedos na frente do corpo dela para acariciar seus seios. Charlie gemeu quando as pontas dos mamilos ficaram mais apertadas sob seu toque. Mesmo quando ele disse a si mesmo para não fazê-lo, ele roçou os quadris contra ela, deixando seu pau escorregar e deslizar em sua umidade.

— Oh, sentir você é tão bom — ele sussurrou.

Ele desejou que ela estivesse tomando a pílula, desejou que ele pudesse empurrar dentro dela sem ter que vestir uma capa. A cabeça larga de seu pênis cutucou a entrada do corpo dela e Charlie se viu dobrando os joelhos para que pudesse empurrar para cima e deslizar dentro dela. *Tão fácil. Apenas empurre.*

Enquanto ele ainda tinha algumas células cerebrais em funcionamento, ele se afastou. Ela o tentou além da razão. Kate colocou os dedos trêmulos em volta dos dele e o levou para o quarto. Ela se deitou de lado e olhou enquanto ele pegava um preservativo no armário ao lado da cama e o colocava sobre seu pau.

— Eu sempre acho que quero brincar por horas e depois não consigo me conter — disse ele com um gemido de frustração. — É tudo culpa sua.

Ela riu. Charlie rosnou e a empurrou de costas. Ele levantou as pernas dela no ar e as nivelou em direção ao peito.

Quando ele olhou para ela, gemeu.

— Oh, Deus. Você precisa prender suas pernas.

Segurando seus tornozelos, ele abriu as pernas dela. Seus olhos se fecharam apesar de seus esforços para mantê-los abertos quando ele deslizou diretamente dentro dela. *Fundo, fundo, fundo.* Era como mergulhar em uma piscina profunda, a sensação inebriante de se sentir sendo totalmente dominado.

Kate começou a fazer pequenos barulhos como miados, e todas as esperanças que Charlie tinha de ir devagar começaram a evaporar. Depois de três longos golpes nela, ele se derreteu em inebriantes explosões, empurrando seu pênis dentro e fora de seu canal apertado. Seus dedos agarraram os tornozelos dela enquanto ele empurrava. Ele podia sentir sua boceta apertando em torno de seu pau, puxando-o quando ele se retirava, e a última ponta de dedo de Charlie na beira do penhasco escorregou. Ele entrou nela como astro pornô supergaranhão ao qual ele uma vez assistiu, pensando que o filme tinha que ser acelerado.

Talvez não.

— Oh, Cristo — Charlie gemeu —, eu não consigo parar.

— Pense... eu quero... você?

A força de seu crescente clímax o deixou pairando entre a felicidade e a dor, mas ele estava realmente incapaz de desacelerar. Ele sentiu Kate gozar e ela pulava nele, a cabeça batendo de um lado para o outro. A única parte dela que ela podia mover.

— Charlieeee — ela gemeu.

Suas bolas pegando fogo, Charlie caiu na escravidão do atrito implacável, quente e escorregadio. Seus músculos ficaram tensos e sua frequência cardíaca disparou fora de equilíbrio. Ele teve um súbito e momentâneo medo de que o que ele e Kate tivessem fosse bom demais, que não fosse permitido ser perfeito. Algo daria errado. Então tudo aconteceu ao mesmo tempo, sugando-o para dentro de um vórtice físico e mental, e ele mergulhou nela com altos gritos de prazer.

Depois que o último tremor delicioso deslizou de seu corpo, Charlie saiu de Kate e relaxou as pernas. Ele lidou com o preservativo e depois colocou o rosto ao lado do dela. Seus membros ainda tremiam e sua respiração continuava instável.

— Eu machuquei você? — ele sussurrou. — Desculpe.

— Mais — Kate sussurrou e se aconchegou mais perto.

Charlie passou os braços e as pernas ao redor dela. Junto com o sentimento de profunda satisfação sexual, ele estava com medo. Ele temia que estragasse tudo, porque era o que ele sempre fazia. Não importava o quanto ele não quisesse estragar tudo, era o que acontecia.

Ele continuou a abraçá-la por muito tempo depois que ela adormeceu.



Os olhos de Kate se abriram quando Charlie a sacudiu.

— O que foi?

— Não... eu quero — ele ofegou.

— O quê? — Ela estendeu a mão para acariciar seu rosto.

— Eu tive um pesadelo — ele sussurrou. — Sonhei que tinha perdido você. Oh, Deus, não me deixe. Não me deixe.

Ela o puxou para seus braços.

— Está tudo bem, Hipo. Eu estou aqui.

— Você é minha.

— Eu sou sua — disse Kate.

— Eu não quero estragar tudo. Você significa muito para mim.

O nó na garganta de Kate era difícil de engolir. Ela pensou que nunca mais poderia confiar em ninguém depois de Richard, mas Charlie era impossível de resistir.

A mão dele deslizou entre as pernas dela. No momento em que ele começou a esfregar o clitóris entre o dedo e o polegar, o corpo dela respondeu. Ele a encarou atentamente, observando o rosto dela. Kate sentiu como se algo estivesse se expandindo dentro dela, uma tempestade com trovões em um dia de verão, prometendo relâmpagos, nuvens escuras rolando acima da cabeça até que o peso do ar dificultasse a respiração.

— Você está tão quente, molhada e doce — disse ele com um gemido. — Eu amo fazer você gozar. Diga-me como você se sente.

— Oh, Deus, eu não sei se posso.

— Tente.

— Começa quente e reconfortante, mas desde o início, há uma sensação de que algo está se aproximando. — Ela engoliu em seco. — Uma espécie de intenso... aperto na minha barriga. — As palavras começaram a sair apressadas. — Se você mudar o que faz, o ângulo, a pressão, isso muda algo dentro de mim também, podem acelerar, podem diminuir, mas continuam chegando. Como uma nuvem de cogumelos de uma explosão ou uma grande onda correndo para a praia. Nada pode parar isso e você sabe que vai te cobrir, engolir você, e você quer, mas você também não quer, não ainda, então você foge e foge só que você não pode fazer nada para que isso não aconteça.

Ela soltou um longo gemido quando os dedos persuasivos de Charlie a puxaram para o coração das trevas, apenas para que ela fosse lançada de volta à luz, rápido como uma flecha.

— Oh, Deus, Charlie, Charlie.

Kate ficou rígida e estremeceu quando seu corpo ficou tenso e relaxado com o aperto tenaz de seu orgasmo. Então os lábios dele estavam por todo o rosto dela, beijando e beijando, e Kate sabia que ia morrer quando ele a deixasse, porque ela não queria viver sem ele.

Ele jogou o lençol e montou nela, os joelhos de cada lado dos quadris dela, a mão em seu pênis ereto. Seus olhos pareciam negros na penumbra.

— Kate. — Ele respirou o nome dela em um longo suspiro.

— Sim.

— Oh, Deus. Eu quero gozar em cima de você. Eu quero foder seu umbigo, foder seus seios, foder sua boca doce. Eu quero jorrar meu esperma por toda a sua barriga. Eu quero me esfregar na sua pele. Eu quero que você me prove. Eu quero provar você.

Kate estendeu a mão e pegou o frasco de óleo que já havia usado antes.

Ela deslizou um pouco entre os seios, empurrou o frasco para fora do caminho e depois pressionou os seios. Charlie gemeu. Ele se moveu na cama mais pra cima e deslizou a cabeça arredondada de seu pênis no vinco que Kate havia feito. O suspiro longo e trêmulo, que ele soltou enquanto ela segurava os seios ao redor dele dizia a ela que ela estava fazendo isso certo. Essa era outra novidade para ela, outro ato pesquisado pelo sexo por telefone. Muitos homens tinham essa fantasia e, dessa vez, com Charlie, também a excitou.

— Oh, inferno — Charlie ofegou.

Ele mexia os quadris para frente e para trás, mas Kate controlava o movimento de seu pênis. Apertado, solto, apertado, solto e ela o deixou avançar para que ela pudesse lambar sua cabeça.

— Fode, fode, fode.

Ele se afastou e se agachou quando fitas prateadas de creme jorraram sobre ela. Charlie jogou a cabeça para trás e ofegou sua libertação, banhando sua barriga em esperma quente e grosso. *Ele é tão bonito.*

Charlie apoiou os joelhos na cama e pairou sobre ela. Ele girou um dedo no fluido perolado e o arrastou pelo mamilo dela. Kate pegou uma gota e lambeu o dedo lentamente.

— Eu queria que estivesse dentro de você. Eu gostaria de poder ter gozado dentro de você. — Ele passou a mão sobre o estômago dela. — Nunca lave novamente.

— Isso não será muito higiênico.

Ele inclinou a cabeça e lambeu o mamilo que havia besuntado.

— O romance já morreu?

Nunca, Kate pensou. O que ela e Charlie tinham nunca morreria.



Kate não pensou que Charlie estivesse acordado, mas quando ela fechou a porta do guarda-roupa, ele abriu os olhos.

— O que você está fazendo? — ele murmurou.

— Eu tenho que me preparar para o trabalho.

Os olhos dele se arregalaram.

— Neste minuto?

Kate sorriu.

— Bem, se eu não tomar o café da manhã, não secar o cabelo e correr até lá, você poderá me abraçar um pouco mais.

— Por que você tem que ir trabalhar? — ele gemeu e se mexeu para tentar agarrá-la.

Kate deu um passo atrás.

— Bem, vamos ver. Porque eu preciso ganhar dinheiro, porque eles estão me esperando e eu não decepção as pessoas, porque eu gosto de trabalhar, embora um dos meus chefes seja um castigo, porque se eu fizer mais sexo com você, ficarei aleijada por toda a vida.

— Não, não vá. Volte para a cama. Eu quero lamber você toda.

— Parece adorável, mas o chuveiro foi mais rápido e eu tenho que ir trabalhar.

Ele se apoiou no cotovelo e olhou para ela.

— Você me lavou.

— Charlie! Não posso trabalhar com seu esperma em todo o meu peito.

— Por que não?

Ela suspirou e revirou os olhos.

— Oh, tudo bem — ele resmungou. — Me dê um beijo então.

— Prometa que você me deixará ir depois.

— Absolutamente.

Kate olhou para ele, esparramado de frente, sobre a cama dela, o lençol enrolado em torno de seus quadris delgados, e seu coração acelerou.

— Charlie, eu não posso *simplesmente* te beijar.

— Bem, eu posso *simplesmente* te beijar. Prometo. Venha aqui.

Kate foi até a beira da cama e ele olhou para ela e gemeu.

— Deus, o que você está vestindo? Saia preta curta, blusa branca e óculos de aro preto? Você parece uma colegial. Isso não vai demorar muito.

— Você faz isso soar tão atraente. — Kate se inclinou e lambeu os lábios dele.

— Pasta de dentes. Trapaça — ele sussurrou.

Ele passou a mão pela perna dela, por baixo da saia, pela coxa e deslizou os dedos sob o tecido da calcinha, puxando-a pelas pernas.

— Oh, renda rosa. Agora você definitivamente não pode trabalhar ainda.

— Volto em cinco segundos. — Kate tirou sua calcinha e voltou para o banheiro.

Quando ela voltou, Charlie estava recostado contra uma pilha de travesseiros, um brilho nos olhos, a mão acariciando suavemente seu pênis ereto. Kate lutou brevemente com as roupas, decidiu que não tinha tempo e se ajoelhou aos pés da cama. Ela colocou uma das mãos em torno da base de seu pênis para mantê-lo na posição vertical, envolveu os lábios em torno de sua cabeça e se preparou com a outra mão.

— Jesus, Maria, mãe de Cristo — Charlie engasgou e quase a empurrou da cama.

Antisséptico bucal funciona, então. Kate deu uma risadinha e engoliu por acidente, embora a maior parte do líquido verde escorresse de seu pênis e caísse na cama.

— Muito esperta, Kate. Vou dar o troco. — Ele estremeceu. — Oh, porra. Espere e veja. Puta merda. Quando você menos esperar. Oh, Cristo, isso é bom.

— Quer tentar?

— Sim — ele disse.

Kate conteve seu sorriso.

— Ficar sem sexo por um dia.

Seu rosto caiu e então ele sorriu.

— O que você ia dizer? — Ele se virou e a prendeu de costas na cama.

— Pra você ficar sem sexo por uma semana, mas isso é muito cruel. —
Kate deu um suspiro pesado.

Charlie assentiu.

— Não posso esperar que você aguarde tanto tempo.

Ela riu. Os dedos dele abriram os botões da blusa dela.

— Oh, sutiã rosa. Agradável. Eu quase me distraí, mas não completamente. Tentar o quê?

— Garganta profunda.

Ele gemeu e puxou suas bolas para baixo.

— Não na frente das crianças.

— Eu nunca fiz isso, mas li sobre isso. O telefone...

— Sexo? — ele perguntou.

Kate assentiu. Ela puxou os travesseiros na cama e deitou-se de costas, com a cabeça apoiada sobre eles.

— Não fique muito entusiasmado ou vou morder.

Ele soltou um gemido borbulhante.

— Eu não vou me mexer.

— Joelhos aqui. Pau aqui — disse Kate.

Os olhos de Charlie estavam tão arregalados, Kate sentiu seu coração palpitar. Ela pensou que ele provavelmente já havia feito isso várias vezes. Ele deslizou a mão dentro do sutiã e brincou com o mamilo enquanto ela lambia seu pênis. Quanto mais úmido, mais fácil seria.

Ele começou a respirar com mais força e Kate tirou a mão de seu pênis e colocou as duas nos quadris dele. Ele olhou diretamente nos olhos dela quando ela deslizou seu pênis em sua boca.

— Oh, meu Deus, Kate. Você não tem ideia.

Ela não tentou engoli-lo muito fundo, mas concentrou-se em puxá-lo para dentro e depois empurrá-lo para fora, deixando a língua deslizar pela parte de baixo dele, deixando a curva do seu pênis se encaixar na curva da garganta dela. Quando ele saiu, um rastro de saliva ainda os unia e Kate sentiu um jorro de creme sair de sua vagina.

— Doce, doce — Charlie ofegou enquanto deslizava para frente e para trás.

O antisséptico bucal a dessensibilizou um pouco, mas ela se concentrou em não se esforçar demais, e o fato de ela permanecer no controle e não Charlie permitiu que ela relaxasse. Um momento depois, Charlie se afundou

em seu rosto. Ele moveu os joelhos levemente e recuperou um pouco de controle.

Os dedos de uma das mãos acariciaram o pescoço dela e ele agarrou uma das mãos dela e a colocou lá.

— Sinta-me... na sua garganta — ele ofegou. — Oh, porra. Kate. Anjo. Ninguém nunca...

Kate agitou a língua o máximo que pôde. Não que houvesse muito espaço, e engoliu. Ela sabia que ele estava perto de gozar. Seu pênis estava diferente.

— A-agora — ele ofegou.

Kate engoliu em seco e puxou os quadris dele em seu rosto. Seu esperma disparou direto para sua garganta e ela quase se sentiu enganada. Charlie tagarelou incoerentemente. Ele estava fazendo o possível para não empurrar violentamente demais e Kate acariciou suas costas enquanto ele entrava e saía de sua boca, seus gritos ofegantes de prazer enviando ecos de calor através dela.

Quando ele finalmente saiu, ele tremia tanto que caiu de costas.

— Não posso falar — ele resmungou.

Kate levantou-se da cama e ajustou a blusa. Ela bebeu metade do copo de água ao lado da cama e vestiu a calcinha rosa. Ele foi bastante rápido, mas se ela não se mexesse, iria se atrasar.

— Obrigado, parece um pouco inadequado — disse ele. — E eu não fiz você gozar cinco vezes.

Kate fez uma careta.

— Apenas cinco?

— Parece que perdi a sensação nos quatro membros. Jesus, Kate, isso foi inacreditável.

— Todo esse treino com banana funcionou então?

Os olhos dele se arregalaram.

— Você está brincando.

— Er... sim. E se quebrasse? Eu podia engasgar. — Então eu estou...

Um pequeno bicho a mordiscou.

— Eu te disse que você estava.

Ela foi em direção à porta.

— Tenho que ir a um lugar hoje à noite, então eu vou ligar para você depois, okay?

Ela calçou os sapatos. Quando se virou, seu sorriso estava no lugar.

— Okay. Certifique-se de fechar a porta quando sair.



Dan não estava esperando por ela lá embaixo para ajudar a amenizar o efeito do atraso, então Kate correu a maior parte do caminho para o trabalho. Ela tinha que admitir ter um certo interesse próprio na garganta profunda de Charlie. Apesar de todas as declarações que ele fazia sobre como ele se sentia em relação a ela, Kate ainda se sentia como Cinderela. Charlie poderia escolher suas estrelinhas. Por que ele a queria? Bem, talvez se o sexo com ela fosse ótimo pudesse fazer a diferença. Só que não. Ele estava indo a algum lugar hoje à noite. Tudo bem, mas por que ele não disse a ela para onde estava indo? Kate odiava estar com ciúmes, mas não podia evitar.

Kate esperava que Mel não estivesse agradecendo o café com sua presença, mas infelizmente sua chefe estava do lado de fora da porta, olhando para o relógio quando Kate chegou.

— Desculpe — disse Kate, ofegante, tentando ignorar a pontada no seu lado.

— Aconteceu alguma coisa? — Mel vociferou.

— Sim, desculpe. — Kate mordeu o interior de suas bochechas para segurar a risadinha.

— Você pode ficar vinte minutos no final do seu turno e compensar o tempo.

— Certo.

Kate trabalhou duro, tentando não pensar. Ela limpou mesas, encheu potes de sal e pimenta, dobrou guardanapos e, quando os clientes chegavam, os servia. Mesmo enquanto ela lutava para esvaziar sua mente, tudo em que ela conseguia pensar era em Charlie. Terminaria mal. Como não poderia? Eles viviam em mundos diferentes. Ela não era o tipo dele. Ele a estava usando. Ela entendia a paranoia dele sobre a imprensa, mas certamente eles poderiam ir juntos a algum lugar, certo? Em um horário adequado. Estaria escuro em um cinema. Ninguém o reconheceria.

Ele tinha vergonha dela? Okay para foder, mas não para ser vista com ele. Mas o sexo foi fantástico. O melhor que ela já teve. Algo sobre eles combinava, parecia certo, embora Kate soubesse que todos os relacionamentos eram assim no começo. Loucos e apaixonados surtos de

transa até as coisas se acalmarem e o cara começar a peidar na cama, arrotar na sua cara ou rolar e ir dormir, em vez de abraçar. Ela e Charlie chegariam tão longe?

Kate não pôde deixar de voltar ao fato de que ele não havia dito a ela para onde estava indo naquela noite. Um sentimento de mágoa se transformou em aborrecimento, por ela não ter sido convidada. Por que ele não disse a ela?

— Tem alguém aí? — Tony bateu na cabeça dela com uma colher de pau.
— A comida está pronta para a mesa cinco.

— Desculpe.

Talvez ela estivesse exagerando, mas não conseguia evitar. Ela pensou que poderia dormir com ele e não se envolver emocionalmente? Ela endureceu seu coração muito antes de Richard e ainda assim foi enganada. Agora Charlie tinha se infiltrado enquanto suas defesas estavam baixas. Eles estavam tendo um relacionamento, quer eles quisessem ou não.

O terrível, assustador, maravilhoso era que Kate sabia exatamente o que estava errado. Ela se apaixonou. Isso deveria ser uma coisa boa, mas não para ela. Ela estava assustada. Permitir-se amar significava dar a alguém o poder de machucá-la. E Kate havia sido machucada tantas vezes, porque as pessoas sempre a decepcionavam. Disseram que a amavam e depois a deixaram. Ou bateram nela. Ou a expulsaram. Ou foram embora. Ou morreram. Então era melhor não se apaixonar. Melhor e mais seguro. Exceto que era tarde demais. Tarde demais para Kate, pelo menos. As pessoas se apaixonavam por Charlie o tempo todo. Ela era apenas mais uma numa longa fila. Não duraria. Mas, oh, como ela queria que durasse.



Charlie não ligou naquela noite. Kate ficou sentada olhando para o telefone, o celular perto da orelha, sabendo que era uma idiota, mas incapaz de fazer algo a respeito. Ela estava deitada na cama, acordada, esperando a campainha tocar. Isso não aconteceu. Quando não houve ligação na manhã seguinte, Kate entendeu a mensagem.

Ela nunca perseguiu ninguém em sua vida. Ela não era estúpida. Não de verdade. Ela passou por problemas suficientes para se deixar abater pela rejeição. Kate desconectou o telefone, desligou o celular e o deixou no apartamento. Os telefones eram uma perda de tempo, de qualquer maneira.

Ninguém ligaria para ela. Ela não tinha ninguém para ligar. Se não fosse pelo fato de pagar só se você usar, Kate nem se incomodaria de tê-los.

Então, no final da tarde, enquanto ela estava trabalhando, outro pensamento a atingiu, um que a fez tropeçar e derrubar uma tigela de maçã e amora, provocando um escândalo de Mel. E se ele tivesse voltado para a praia? Ele disse a ela que conseguiu o emprego, mas ele era ator, e se ele mentisse, e se algo desse errado? O estômago de Kate agitou-se. Agora ela estava desesperada para ligar para Charlie e não podia. Sem o celular, ela não tinha o número dele.

Quando Kate voltou para a cozinha com o esfregão, Lois estava empoleirada em um banquinho perto da janela, lendo o jornal, enquanto Tony olhava para as pernas dela.

— Poorraaa — Lois gemeu.

— Pensando em mim de novo? — Tony perguntou.

— Não, Charlie Storm. Ele é tão bonito que deveria levar um tiro. Então eu poderia empalhá-lo e pendurá-lo na minha parede.

Tony murmurou algo incompreensível e voltou a bater na massa da pizza. Kate se aproximou de Lois.

— O que você acha, Kate? Gosta dele? — ela perguntou.

— Quem não gostaria? — Kate olhou para a foto de um Charlie sorridente, com o braço em volta de uma bela ruiva. — Com quem ele está?

— Jody Morton, aquela atriz americana. Eles estavam em alguma instituição de caridade. Dizem que ela terminou recentemente com o namorado. Eu acho que ela ia se casar com aquele cara do *Senhor dos Anéis*? Não demorou muito para encontrar outra pessoa, não é? Eles não parecem perfeitos juntos?

O coração inchado e dolorido de Kate estava esmagado sob as costelas.

— Ainda assim, pessoas como nós nunca teriam chance. Eles só se relacionam entre eles mesmos. Mas é bom sonhar.

Kate sabia que fofocas e boatos vendiam mais jornais do que a verdade. Mas a imagem doeu. Muito provavelmente a foto não significou nada. Ainda doía.

Pelo menos ela sabia que ele não havia se matado.



Kate chegou em casa, exausta por suas tentativas de reprimir pensamentos sobre Charlie. Ela o via em todos os lugares que olhava, em tudo o que tocava. O rosto dele quando ela o provocava. O rosto dele quando ele gozava. Seu sorriso adorável. Surto de dor se espalharam por seu corpo como um fogo violento na grama seca. Ela verificou o celular, mas ele não ligou, não deixou uma mensagem de voz nem mandou uma mensagem. Ela desligou novamente. Kate poderia ter telefonado para ele, mas ela se ateve aos últimos vestígios de seu orgulho, deixou o telefone fixo desconectado e desligou a campainha. Agora, ela não queria falar com ele. Ela apagara as chamadas enquanto ainda podia.

Com uma fatia de queijo e uma torrada na mão, ela foi se sentar na varanda. Mesmo que ela aceitasse, seu futuro nunca poderia ser o que ela queria, seus sonhos tornaram a vida suportável, uma maneira de escapar de uma realidade sombria. Quando ela foi levada para o abrigo, Kate cometeu o erro de revelar seus sonhos para os outros, sem perceber que isso lhes dava munição para provocá-la e machucá-la. Ela aprendeu a guardar as coisas para si mesma e a viver em seu próprio mundo.

Não fazia muito tempo que ela começou a acreditar que o que pensava que seria um futuro miserável poderia ser mudado. Kate aceitou o dinheiro que havia recusado anteriormente para poder comprar um apartamento. Ela resistiu por um longo tempo, mas percebeu que estava se punindo também. Qual era o sentido daquilo?

Com seu apartamento próprio e a coisa mais próxima de amizade que ela já tinha encontrado quando conheceu Rachel, Lucy e Dan, além de um emprego regular, mesmo em um pequeno café, a vida parecia mais brilhante. Mas ela permitiu que Richard a machucasse e agora Charlie tinha mergulhado em sua vida. Uma foto dele dançando com uma mulher bonita mostrou a Kate que ela ainda era a mesma pessoa destruída, insegura e patética. Um envolvimento começado e terminado em um momento não precisava significar nada.

Mas significava.

Kate estava perdendo seu controle sobre uma vida com Charlie porque era feita de fumaça, uma ilusão oca. Ninguém jamais a amaria verdadeiramente.



Charlie sentiu o controle de sua vida deslizando por entre os dedos e não gostou. Ele passou o dia inteiro sentado em um quarto de hotel vazio, sendo entrevistado por vários jornalistas de todo o mundo. Ele respondeu as mesmas perguntas várias vezes. Não, ele não estava saindo com Jody Morton. Não, ele e Jody Morton não estavam tendo um relacionamento. Não, Jody não estava morando com ele. Não, ele nunca conheceu o ex-noivo dela.

Ninguém acreditou nele. Quanto mais ele negava, mais sorriam os presunçosos. Mas Charlie sorriu também e interpretou o cara charmoso, atencioso e encantador que Ethan havia dito para ele ser. Quando a última jornalista bajuladora e seu fotógrafo gay maníaco saíram, Charlie caiu no sofá e peidou.

— Que bom que você segurou isso — disse Ethan.

— Ela teria me dito que isso era a coisa mais doce que ela já cheirou. Inferno, pensei que ela estava prestes a fazer sexo comigo naquele momento, com você e o fotógrafo na sala.

Ethan riu.

— E o artigo dela sobre você será o mais cruel.

— Eu sei, mas eu não queria levá-la para jantar.

— Você não poderia, de qualquer maneira, eu providenciei para você acompanhar Natalie Glass hoje à noite. Reservei uma mesa no Nobu.

Charlie resmungou.

— Não, eu estarei ocupado.

— Não, você não estará, Charlie. Natalie foi informada de que ela será a protagonista feminina em *The Green*. Vocês dois vão trabalhar juntos. Quero suas fotos nos jornais.

— Hoje não, Ethan, por favor. Eu quero ver Kate.

— Eu não me preocuparia com sua pequena garçonne. Acho que ela já deve ter percebido que você está fora da vida dela.

Charlie sentou-se.

— O que você quer dizer?

Ethan jogou o jornal para ele.

Quando Charlie viu a fotografia na página cinco, ele xingou. Ele e Jody Morton estavam abraçados e Charlie estava rindo. Ele não conseguia se lembrar do porquê. Não teria sido nada do que ela disse. Ela poderia entediá-lo com uma companhia de petróleo. Ela não fez nada além de falar sobre pessoas que conhecia em Hollywood e sua enorme casa. Eles apenas dançaram, mas não parecia tão simples assim. O artigo com a foto também não implicava que

fosse tão simples assim. Não é à toa que ele esteve repudiando perguntas o dia todo. Ele não queria ir para o maldito evento, mas Ethan insistiu, e agora que ele conseguiu ficar bem com Ethan, ele não queria estragar tudo.

Charlie sabia que ele poderia ter pedido a Kate para ir ao evento de caridade com ele. Talvez ele devesse ter feito isso, mas não queria, porque ela era dele e ele não queria compartilhá-la. Ele se perguntou se ela tinha visto a foto. Os braços dele poderiam estar ao redor de Jody, mas Kate estava em seu coração. Ela sabia disso?

Ele queria ligar para ela, mas não conseguiu encontrar o celular.

— A mesa está reservada para as oito. Um carro vai buscá-lo e depois buscar Natalie — disse Ethan.

— Eu vou?

— Vocês precisam um do outro.

— Eu fiz planos.

A boca de Ethan se apertou.

— Cancele-os. Você me deve, Charlie. Você está na ponta de uma faca aqui. Sua vida não é sua. É metade minha e metade de todos os outros. O preço de ser uma celebridade.

Charlie colocou a unha do polegar entre os dentes e depois tirou o dedo da boca. Kate, ele pensou e sorriu.



No caminho para o trabalho, na manhã seguinte, Kate checkou sua caixa de correio. Uma conta de gás e um cartão quadrado rígido, um convite de Rachel para a pré-estreia na Galeria Bellingham. Do outro lado do convite, Rachel escrevera

Bebida grátis e petiscos requintados. Traga Hipopótamo! XX - Rachel

Dan esperava Kate na rua.

— Onde Rachel está conseguindo os petiscos requintados? — Kate perguntou enquanto eles passavam pelo parque.

— Ela está fazendo todos eles.

Kate se lembrou da última pré-estreia. Dado um orçamento muito limitado por seu pai, Rachel usou fornecedores baratos que consideravam vol-au-vents de cogumelos viscosos e salsichas cozidas demais em palitos o auge da sofisticação. Rachel passou a noite toda se desculpando pela comida.

— Estou ajudando — Dan disse com um sorriso.

— Agora, até você me dizer isso, pensei que seria bom. Por que você não pede a Tony para ajudá-lo?

— Essa é uma boa ideia. Você acha que ele teria tempo?

— Se ele receber um convite, arrumará tempo.

Kate se desviou do caminho quando uma criança em uma bicicleta veio em sua direção. Apesar de ser cedo ainda, várias mães estavam sentadas no parquinho, olhando seus filhos atormentarem uns aos outros.

— Como você e Rachel estão? — Kate perguntou.

— Ótimo — disse Dan. — Estou impressionado com o quanto temos em comum. Ela gosta de filmes de vampiros. Nós assistimos ao meu favorito

ontem à noite. *Evolução do submundo.*

Essa não parecia Rachel.

— Você tem certeza de que ela gosta desse tipo de filme?

O rosto de Dan caiu.

— Você quer dizer que ela pode ter simplesmente dito que gostava?

Kate teve que morder a parte interna da bochecha para não rir.

— Ela se encolheu no sofá e escondeu o rosto no seu ombro?

— Sim, mas eu fiz isso também.

Kate soltou uma risada.

— Mas acho que não foi porque você estava com medo. Você conhece o teste. Ela conhece as cinco maneiras certas de matar um vampiro?

— Oh, merda. — Dan gemeu.

— Não se preocupe. Isso mostra o quanto ela gosta de estar com você. Leve para casa uma comédia romântica hoje à noite. E flores. Faça a ela pequenas surpresas assim e ela achará que você é maravilhoso.

— Foi assim que Hipo conquistou seu coração?

— Não, ele simplesmente entrou.



Quando Kate e Dan passaram pela porta, Mel entregou-lhe um envelope.

— O que é isso? — Kate perguntou. — Não é meu aniversário.

— Advertência por falta de pontualidade.

— Você é clarividente ou algo assim? — Kate olhou para o relógio e percebeu que passava um pouco da hora.

— Isso é pelo outro dia. Você receberá outro por esta manhã. Três e você está fora.

— Mel, não seja tão implicante. Kate me esperou hoje. É minha culpa que ela esteja atrasada, embora castigá-la pelo atraso de hoje seja um exagero.

— Você vem me fazer um favor. Para ela isso é trabalho. Ela é paga para chegar aqui a tempo. Ela não deveria ter esperado por você, se você a atrasaria.

Dan revirou os olhos para Kate. Ela sabia que não havia nada que ele pudesse fazer. Se Mel quisesse demiti-la, ela estaria fora. Kate se perguntou o que mais poderia acontecer.

Ela descobriu às quatro da tarde, quando Charlie entrou.

Kate fugiu para a cozinha.

Um momento depois, Lois entrou correndo, suas mãos batendo de emoção como uma galinha esquizofrênica.

— Oh, meu Deus. É Charlie Storm. Sentado em uma das minhas mesas. Eu não acredito. Você acha que ele se importaria se eu tirasse uma foto dele com meu celular?

Mel disparou para a janela da porta da cozinha e voltou-se para Lois, os olhos arregalados de alegria. Kate sentiu-se doente.

— Charlie Storm no meu café! Oh, Deus. Lois, vá lá e sirva-o.

Quando Lois abriu a porta do batente, Mel começou a digitar números em seu telefone. Kate pegou um pedido de um tímido Tony e aceitou. Ela manteve os olhos longe de Charlie, mas ouviu.

— Boa tarde — disse Lois, roendo as unhas de uma das mãos e oferecendo um cardápio com a outra. — Nossos pratos de hoje são espinafre e noz-moscada.

— Desculpe — disse Charlie. — Perdoe-me, mas gostaria que Kate anotasse meu pedido.

— Mas você está sentado em uma das minhas mesas.

— Essa é da Kate?

Pelo canto do olho, ela viu a direção que ele estava apontando e suspirou.

— Sim.

Pela primeira vez, Kate desejou ter clientes em todas as suas mesas.

— Você é um amor — disse Charlie.

Kate olhou em volta para vê-lo sorrindo para Lois. Ela virou as costas e começou a limpar uma mesa. Dan se aproximou.

— Você quer que eu o sirva? — ele sussurrou.

— Por favor.

Um momento depois, ela ouviu Charlie chamar por ela novamente. Dan passou por Kate e encolheu os ombros.

— Kate, eu posso trocar uma palavrinha, com você, por favor? — Mel chamou da porta da cozinha. O tom doce disse a Kate que ela estava com problemas.

Kate carregou uma bandeja de pratos sujos. Mel ficou de pé, com as mãos nos quadris amplos, olhando para ela.

— Por que você o está ignorando? — Mel vociferou. — Vá servi-lo. Ele chamou por você. Ele... — Mel parou. — Por quê? Como ele conhece você?

— Kate saiu correndo com um cardápio e o largou na mesa de Charlie.
— Algo cheira bem. Quais são os especiais? — ele perguntou.
Kate inclinou a cabeça para o ouvido dele, mas falou claramente.
— Os testículos cozidos servidos com sangue de cabra aquecido são bem saborosos. Talvez você queira um coração envolto em tripas de ovelhas apimentadas. Também temos pau fatiado em molho de conhaque. Oh, não, o chef não tem este último e está procurando voluntários.
O velho na mesa ao lado deixou cair a faca no chão com um barulho.
— O sangue da cabra está fresco? — Charlie explodiu.
Tudo ficou quieto.
— Coagulando bem — Kate respondeu.
— Acho bom, eu vou querer as bolas então, com um bolo e café. — Ele abaixou a voz. — O que eu fiz?
— Eu já volto com o seu pedido, senhor.

Charlie a observou se afastar e seu coração deu um pulo ao ver aquela saia preta e avental branco e a blusa amarrada nas costas. Ele queria levantar aquela saia e passar as mãos sobre o traseiro dela. O cabelo dela precisava ser penteado, a gola da blusa dela precisava ser endireitada, os lábios dela precisavam ser beijados. Não havia nenhuma frágil artificialidade na maneira como ela se movia e se vestia. Ela não estava tentando atraí-lo. Ela era apenas Kate. E ele a irritou. Ele suspirou.

Quando Kate saiu da cozinha, o café estava cheio, principalmente com mulheres brandindo celulares, tirando fotos dele. Charlie acabara de apertar a mão de uma mulher chamada Mel, que lhe disse que era dona do café e como estava encantada por ele ter ido até lá.

Kate bateu o prato com tanta força na frente dele que ele e o bolo saltaram.

— Alguma geleia? — Charlie perguntou.

Kate jogou um pequeno pote plástico de geleia de framboesa no colo dele, evocando uma restrição na respiração dos outros clientes.

— Você tem de morango?

Charlie pegou no ar.

Em meio aos aplausos, Mel chamou:

— Kate? Aqui. Agora.

Kate atravessou pisando duro.

— O que você pensa que está fazendo? — Mel exigiu.

— Nada, eu...

O café inteiro ficou em silêncio novamente. Kate congelou e Charlie se perguntou o que ela ia fazer. O olhar dele se moveu para sua boca e ficou preso. Mesmo chateada, ela o encheu de desejo. Ele queria empurrá-la contra uma parede e prendê-la com todo o comprimento de seu corpo e beijá-la até que ela não conseguisse respirar, embora ele suspeitasse de que ela iria acertá-lo nas bolas com um dos joelhos. Charlie esperava que ela saísse, mas ela não o fez. Ela andou a passos largos, agarrou a gola da camisa dele com os dois punhos e pressionou os lábios nos dele. Ela o beijou com tanta força que doeu.

Então ela saiu.

Charlie sorriu. Ela ainda o queria.

De repente, ele foi atacado por uma multidão de mulheres com a intenção de imitar Kate. A dona do café as afastou do caminho e chegou ao seu lado.

— Eu sinto muito. Vou despedi-la. Não sei o que ela estava pensando — ela disse com um suspiro.

Charlie podia ver que ela estava pensando a mesma coisa. Ela lambeu os lábios.

— Não a demita.

Quando ele se livrou da massa de corpos e saiu, Charlie sentiu a sorte que tinha de todos os quatro membros ainda estarem presos no lugar. Ele foi objeto de centenas de fotos, assinou seu autógrafo vinte e duas vezes, sete vezes em partes do corpo e beijou as bochechas de trinta mulheres, um homem e um cachorro. Charlie limpou os lábios novamente. O cachorro tinha sido um acidente, embalado nos braços de uma mulher e vestido com uma pequena roupa cor-de-rosa, com gorro combinando, ele pensou que era um bebê e então já era tarde demais para recuar.

Não havia sinal de Kate lá fora, mas ele não esperava que ela ficasse. Ele fugiu para o carro, perseguido por um grupo determinado. Ele tentou ligar para ela, mas não conseguiu contato com seu celular ou telefone fixo.

Charlie dirigiu para o apartamento de Kate. Ele teve que estacionar na estrada porque ela não atendeu a campainha para deixá-lo entrar no estacionamento. Desesperado, ele pulou o portão de segurança e ficou abaixo da janela dela.

— Julieta — ele gritou. — Traga sua bunda magra aqui.

Kate se escondeu atrás das cortinas, balançando a cabeça. Ele era um

completo lunático. Ela riu e depois ficou zangada consigo mesma. Abrindo as portas de vidro, ela saiu na sua varanda. Ela olhou para baixo e Charlie sorriu quando a viu. O coração dela deu uma cambalhota inversa com várias voltas e caiu bem nas mãos dele. Quando ele começou a falar, ela não conseguiu se mexer.

— *Que suave! Que luz passou através para além da janela?*

“É o Leste, e Kate é o sol.

“Levante-se, justo sol e mate a lua invejosa,

“Que já está doente e pálida de dor

“Que sua criada é muito mais justa do que ela.”

Ele olhou nos olhos de Kate. Ela queria seguir seu coração e mergulhar nos braços dele. Sua voz era tão suave e lírica, era como beber néctar. As palavras saíram dele e foram direto para dentro dela. Quando ele terminou o discurso de Romeu, ele esperou.

No começo, Kate não sabia o que dizer, então ela sorriu.

— Bunda magra?

— Talvez eu precise verificar. Eu poderia estar errado.

— Venha. — Ela tinha a força de vontade de um vampiro passando por um banco de sangue.

— O que eu fiz? — ele perguntou quando Kate abriu a porta do apartamento.

Mas quando ela o puxou para dentro e o beijou, ele esqueceu o que havia perguntado.

Os dois estavam nus antes de chegarem ao quarto. Uma vez lá dentro, Charlie a prendeu contra a parede com seu peso, sua respiração alta e irregular. Ele circulou o polegar em torno de seu clitóris e depois deslizou os dedos entre suas dobras úmidas. Enquanto o corpo dela tremia, ele a segurou.

— Pronto, firme, vá — ele sussurrou emocionado por ela ter gozado tão rápido.

— Você acha que eu gozei rápido? — Kate perguntou e caiu de joelhos. Ela colocou os dedos em volta do pau dele, apertando suavemente.

Charlie gemeu e colocou a mão sobre a dela. A pressão ordenou uma gota de umidade perolada da ponta de seu pênis. A língua de Kate se apressou e lambeu. Ele ofegou e afundou os dedos nos cabelos dela. Ela o chupou profundamente em sua boca, apenas uma vez, e depois o soltou. Quando ela afastou a cabeça, ele a afastou.

— Não — Charlie disse com uma voz estrangulada. — Eu quero estar dentro de você.

Ele a puxou para a cama e a empurrou de costas. Tomando seus pulsos em uma das mãos, Charlie os segurou acima de sua cabeça enquanto ele se ajeitava entre suas coxas, a cabeça de seu pênis já a meio caminho de casa.

— Charlie — Kate sussurrou. — Um preservativo.

A segunda vez que ele quase fez isso. Ele procurou na gaveta da cabeceira e rasgou o pacote com os dentes. Ela o fazia esquecer. Ela o deixava tão selvagem que ele não conseguia pensar. Ele deslizou no preservativo e depois empurrou os pulsos dela por cima da cabeça. Charlie mergulhou dentro dela, golpes profundos e fortes que os empurravam mais e mais pra cima na cama até que ela foi pressionada contra a cabeceira de metal. Ainda assim, ele não parou, não pôde parar até que o som que ela fez lhe dissesse que ele a estava machucando. Charlie a arrastou de volta para baixo na cama, dobrando as pernas dela para que ela pudesse vê-lo tomando-a e se atirando dentro dela novamente.

Ele manteve os olhos no rosto dela, observando-a observá-lo. Ele queria desacelerar, mas não conseguiu. Ele queria ser lento e gentil. Por que ele não podia fazer amor com ela assim? Ela fazia isso com ele e ele não podia pensar.

— Charlie, Charlie — Kate gemeu seu nome e arqueou sob ele.

— Goza comigo — Charlie ofegou.

Ele tentou se segurar, conseguiu por alguns momentos, mas a sensação dela se apertando ao redor dele era demais para resistir. Charlie explodiu nela como um carro de corrida saindo da linha, o prazer os fundindo juntos, então ninguém sabia onde um terminava e o outro começava.

Ele ficou tremendo em cima dela por um momento e depois se levantou, para que Kate pudesse endireitar as pernas. Charlie caiu de novo.

— Você está tentando me matar? — ela perguntou.

Ele resmungou.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa. Eu sempre pretendo ir devagar, mas nunca posso, não com você. Acho que estou com medo de que você desapareça. — Os dedos dele deslizaram pelo pescoço dela, pela bochecha até os lábios.

— O que quer que eu tenha feito, me desculpe — disse ele.

— Por tudo o que você fez, eu te perdoo.

Ele a beijou gentilmente, roçou os lábios nos dela e suspirou.

— Perdi meu telefone ontem — disse ele. — Estou sempre anotando e esquecendo onde. Liguei para você uma vez que o encontrei, mas você desligou o seu.

— Estava ocupada.

— O que você tem feito?

— Trabalhando.

— Fazendo o quê? — ele pressionou.

— Trabalhando, no trabalho — disse Kate.

— Perdi meu telefone, honestamente. Estava na geladeira.

Ela riu.

— E o sorvete estava na mesa de café?

— Rá-rá-rá.

Kate mordeu o lábio.

— Você perdeu seu telefone e eu aposto que acabei de perder meu emprego.

— Ela não vai demitir você. Eu disse a ela que tinha provocado você beliscando seu bumbum.

Kate ficou boquiaberta.

— Depois que eu te beijei?

— Ei, isso acontece. Elas estavam em fila pra fazer o mesmo que você depois que você saiu. Eu estaria aqui mais cedo, só que eu precisava acalmar as coisas para você com Mel.

— Já estão em termos do primeiro nome?

— Ela me deu o número de telefone dela. Aposto que ela atenderia o telefone se eu ligasse.

Kate suspirou.

— Você poderia ter me ligado — disse ele, acariciando sua bochecha com os dedos. — Nenhuma mensagem da senhorita Sereia? Não há correio de voz da minha sensual sereia? Eu poderia pensar que você não se importa.

Não escapou da atenção dele que ela não respondeu a isso.

— Acho melhor telefonar para Mel e pedir desculpas — disse Kate. — Eu nem terminei meu turno.

— Ligue para ela agora. Ela ainda estará de bom humor por ter me conhecido. — Ele sorriu.

Kate afastou o telefone do ouvido enquanto Mel gritava, desculpou-se o mais rápido possível e terminou a ligação.

— Eu tenho que ir amanhã de manhã para compensar o tempo que perdi

hoje.

— Ela é todo coração. Então, o que eu fiz? — Charlie perguntou, torcendo os mamilos dela com os dedos.

— Nada.

Ele suspirou. Isso ia dar trabalho.

— Não conseguia me lembrar de nenhum dos seus números sem o meu celular. Você não está na lista telefônica. Eu chequei.

— Não.

Charlie esperou. Ele pensou que isso era por ele não ter ligado, agora já não tinha certeza.

— O que você vai fazer amanhã à noite? — ele perguntou.

— Lavar meu cabelo.

— Fui convidado para uma festa no Armageddon. Quer ir? — Ele mordiscou sua orelha e Kate se contorceu.

— Tem comida?

Charlie rolou de costas e riu.

— Não consigo pensar em mais ninguém que perguntaria isso. — Ele se virou para encará-la. — Kate, eu não quero que você se machuque. Se a imprensa ligar você a mim, eles não a deixarão em paz. Fiz um filme com Jody Morton, dancei com ela uma vez e eles já estavam nos fazendo planejar nosso casamento. Não quero compartilhar você, mas quero que você venha.

— Então, tem comida? — Kate perguntou novamente, sorrindo.

— Sim, e você será a única mulher que come, porque o resto delas permite apenas cinco calorias por dia ao corpo.

— Bom, sobra mais para mim.

— Vou enviar um carro para você, assim não somos vistos chegando juntos — disse Charlie.

Ele viu Kate pronta para ficar com raiva, então a puxou para seus braços e pressionou a boca contra a orelha dela.

— É para o seu próprio bem. Acredite, você não quer chamar a atenção da imprensa.

— Okay.

— Bom, agora eu quero pedir que você faça outra coisa por mim — disse Charlie.

— Eu preciso descansar primeiro.

— Não que... bem, ainda não. Quero que você venha comigo ver meus pais. — O corpo dela ficou tenso. Ele sabia que a havia chocado.

— Quando? — Kate perguntou.
— Sábado.
— Você precisa que eu segure sua mão? — Kate deslizou os dedos pelos dele.
— Exatamente isso.
— Tudo certo.
— Obrigado — ele sussurrou e a beijou na ponta do nariz, deslizando os lábios até a boca.
Kate se afastou.
— Como você faz isso? Em um minuto você me deixa tão brava que quero te matar, e no próximo você está tão desamparado que eu mataria qualquer um que tentasse machucá-lo.
— Eu tenho jeito com as palavras — disse ele, mantendo a cara séria.
— Não, acho que não — disse Kate.
— Então deve ser as outras coisas que eu posso fazer com a minha boca.
— Ele inclinou a cabeça em seu seio e lambeu seu mamilo.



Dan estava esperando Kate lá fora na manhã seguinte.

— Mel está te arrastando pra lá de novo? — Kate perguntou. — Quantas vezes esta semana?
— Como não estou pintando minha obra-prima, posso me dar ao luxo de ser legal com ela e, pelo menos, ser alimentado.
— Bem, ande rápido. Não me atrase.
— Você tem sorte de ainda ter um emprego.
Kate vacilou e olhou para o rosto dele.
— Eu sei que você não trabalha às sextas-feiras, então por que eu esperei por você? — Dan ergueu as sobrancelhas.
— Ah, ontem.
— Então, você o beijou antes ou depois que ele beliscou seu bumbum?
— Depois. Se ele pode tomar liberdades, não vejo por que eu não deveria.
Kate percebeu que ela e Charlie ainda eram um segredo. Ninguém juntou os pontos ou, se juntaram, não tinham chegado à resposta certa.
— Mel ficou furiosa? — perguntou Kate.
— Só que ele beliscou seu traseiro, e não o dela.

Kate riu.

O Crispies estava mais cheio que o normal, a esperança de que Charlie pudesse reaparecer era quase tangível. Os clientes procuravam por ele, conversavam sobre ele, perguntavam sobre ele. O pensamento de Mel — tendo funcionários suficientes para alimentar os clientes — era que, se ele veio uma vez, poderia vir novamente. Kate se recusou a ceder à pressão de Mel para explicar como ela conhecia Charlie, mas foi só porque eles estavam muito ocupados que Kate ganhou um alívio temporário.

Mel implorou para que ela trabalhasse a tarde também e, embora Kate pretendesse procurar uma roupa nova para vestir no Armageddon, ela precisava manter Mel feliz, então ficou. De qualquer forma, agora que ela havia perdido o dinheiro do trabalho no sex fone, ela realmente não podia comprar coisas que só usaria uma vez. Algo usado teria que servir.



Ethan apertou a campainha de Kate e esperou que ela atendesse.

— Kate? Eu sou Ethan Silver, agente de Charlie. Posso subir?

— Claro.

Ela estava esperando na porta e Ethan viu imediatamente do que Charlie gostava nela. Ela era alta e magra, com cabelos cortados curtos. Seus grandes olhos cinzentos brilhavam em seu rosto. Ela parecia uma versão feminina de Charlie — além do vestido vermelho. Ethan apertou sua mão estendida.

— Olá — disse Kate. — Entre.

— Prazer em conhecê-la. Você é muito bonita.

Kate riu.

— Certo. Quando foi a última vez que testou seus olhos?

Por um momento, Ethan achou a reação dela genuína, mas depois descartou a ideia. Ela estava procurando o que poderia conseguir.

— Você não é o que eu esperava — disse Kate enquanto Ethan entrava em seu apartamento.

— Explique.

— Eu pensei que você seria um homem careca, de rosto vermelho, que falava como um raio e se movia ainda mais rápido, mas você é mais alto que Charlie e um pouco como Kevin Costner.

Ethan riu.

— Acho que é um elogio.

— Supondo que eu goste de Kevin Costner.

— Você gosta?

— Eu gosto — disse Kate — Então, você veio me dizer que não estou convidada para o Armageddon?

Ethan balançou a cabeça.

— De modo nenhum. Meu motorista está lá embaixo, esperando por nós. Charlie me pediu para arrumar um carro e eu pensei em vir e ver quem fez um bom trabalho em domá-lo. Qual é o seu segredo?

— Diga não e fale sério. Ele está muito acostumado a ter as coisas do jeito dele.

Ethan sorriu.

— Garota esperta. Certo, vá se trocar e sairemos.

A boca de Kate se apertou.

— Ah — ele disse. — Você está pronta. Desculpe. — Ele deu um sorriso irônico. — Kate, o vestido parece... adorável, mas hoje à noite haverá muitas pessoas que perceberão que você está vestindo algo de uma cadeia de lojas. Mostre-me o que mais você tem.

Kate levou-o ao quarto e abriu o guarda-roupa. Ethan folheou suas roupas. Não havia muito o que escolher, mas a coisa barata de algodão que ela usava era óbvia demais. Ele pegou um vestido verde, uma calça jeans e uma blusa rosa sem mangas.

— Experimente o vestido primeiro. Vou esperar no outro quarto.

Enquanto Kate se trocava, Ethan olhou ao redor do apartamento. O quarto dela era fabuloso, mas o resto do lugar era estranho. Como ela poderia viver sem móveis? Ele ficou surpreso por Charlie não ter comprado alguns para ela. Ethan deu uma risada curta. Provavelmente já estavam a caminho. Ele passou a mão sobre a máquina de costura. Ela não parecia uma mulher que costurava. Pegando o tecido nas caixas, ele percebeu que Kate fazia roupas íntimas. Ele encontrou dois sutiãs meio acabados, um com pequenas pérolas presas em redemoinhos curvos nos mamilos, o outro feito de couro creme macio. Eles eram requintados e um lampejo de luxúria lambeu a virilha de Ethan.

— Isso está melhor? — Kate disse atrás dele.

Ele colocou o sutiã de volta onde o encontrara e se virou para olhá-la.

— Não, tente a blusa rosa e o jeans.

— Eles são muito velhos.

— Isso não é um problema.

Kate surgiu alguns momentos depois, mas Ethan ainda não estava satisfeito. Nada de mau gosto suficiente.

— O que você está vestindo por baixo dessa blusa?

— Sutiã verde sem alças.

— Vamos dar uma olhada.

Kate hesitou.

— Você não tem nada que eu não tenha visto antes — disse ele, embora não tivesse certeza de que isso fosse verdade.

Kate tirou a blusa por cima da cabeça.

Ethan suspirou.

— Parece um sutiã. Uma coisa rendada fabulosa, mas ainda um sutiã.

— É um sutiã — Kate retrucou.

— Você fez isso?

— Está bisbilhotando?

— Vamos ver o que mais você tem.

Ele passou pelo quarto dela e abriu a gaveta de cima. Ethan teve o início de uma ereção no momento em que colocou os dedos no conteúdo.

— Você fez isso? — Ele levantou um bustiê de cetim rosa envolto em pequenos arcos.

— Sim.

— Use isso. — Não era o que ele pretendia, mas ele tinha que vê-la usando. Quando Kate voltou, Ethan engoliu em seco e tentou não olhar para os seios empinados. — Isso é melhor. Dê uma olhada.

Kate estava na frente do espelho de corpo inteiro preso à porta do guarda-roupa e piscou para o reflexo.

— Você parece sensacional — Ethan disse em seu ombro. — Jeans rasgados e uma peça fabulosa de lingerie apertada. Uma mistura de casual e sofisticado. Todos se perguntarão quem você é.

— Quem sou eu? — Kate sussurrou.

— Realmente, você está ótima. — Ele registrou a confusão em seus olhos e suas bochechas coradas. — Charlie não diz coisas boas para você?

— Sim, mas ele espera dormir comigo.

Ethan rugiu de rir.

— Bem, eu não, mas você está ótima. — Seus olhos caíram nos seus sapatos pretos e planos. — Você tem sapatos diferentes?

— Sandálias de dedo?

Ethan pensou nos Jimmy Choos e Manolo Blahniks que estariam em exibição e sorriu.

— Por que não?

Kate chutou as sapatilhas e colocou os pés em tiras de plástico vermelhas. Ethan olhou para cima e para baixo e sorriu. Não tinha sido o que ele planejava. Ele mudou o visual de barato para sexy, mas intrigante. Ele estava imaginando uma puta, mas talvez isso não importasse. Charlie teria um ataque quando a visse assim.

Kate pensou que Ethan falaria sobre Charlie no carro, mas ele estava mais interessado em falar sobre ela.

— Há quanto tempo você faz lingerie?

— Anos.

— Onde você vende?

— Eu não vendo. É só para mim.

— Bem, esse bustiê venderia na Harrods. Quinhentas libras pelo menos.

— Sim, certo. — Kate sorriu.

— Eu tenho um amigo que pode estar interessado em comprar algumas das suas coisas. Por que você não me faz algumas amostras? Todo o tipo de material, mas tamanhos grandes. Só porque as mulheres são grandes, não significa que não devam usar lingerie sexy.

— Você está falando sério? — Kate perguntou, imaginando se ele a estava enrolando.

— É claro que eu falo sério. — Ele lhe deu seu cartão. — Coloque isso no seu bolso e envie as peças para mim quando estiverem prontas.

Ele se recostou no banco e Kate esperou o interrogatório começar.

— Charlie me disse que você é garçonne.

— Sim, em um café em Greenwich.

— Mas você quer ser atriz?

— Não.

— Você canta?

— Não.

— Quer modelar?

— Não.

— Você não quer realmente ser uma garçonne.

Kate gostou bastante da surpresa em seu rosto.

— Por que não? Paga as contas.

— Que segredos você tem em seu armário, Kate Snow?

Kate ficou instantaneamente alerta, presa diante do predador.

— Sou simples como pareço.

— Então, se e quando os jornais começam a fareja, eles não vão encontrar um marido e três filhos ou outro osso suculento?

— Não mais suculento do que qualquer coisa de Charlie.

— Que segredos ele tem que eu não conheço?

Ethan poderia estar sorrindo, mas Kate não confiava nele. Ela conhecia o tipo dele e a bajulação não funcionava nela. Ela se inclinou para ele.

— Não diga a ele que eu te contei, mas ele pode atirar um material pegajoso e estranho de seus dedos... e voar de prédio em prédio. Oh, não, espere, esse pode ser o Homem-Aranha. Eu fico tão confusa.

Ethan riu.

— Algo mais?

— Você teria que perguntar a ele.

— Como vocês se conheceram?

Kate se perguntou o que Charlie havia dito.

— Natação.

— Natação? Aposto que você não podia acreditar nos seus olhos. O que você fez? Fingiu se afogar? — Ethan riu e Kate se irritou.

— Eu não estava fingindo.

Isso o fez se sentar, mas ela desejou não ter mordido à isca.

— Você está falando sério? Afogando-se? Cristo, isso é ótimo.

Kate viu sua mente percorrendo maneiras de melhorar a reputação de Charlie.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

Kate não achava que poderia voltar atrás agora.

— Fomos pegos por uma onda. O tempo ficou desagradável. Charlie me manteve boiando.

— Eu quero todos os detalhes.

— Você terá que perguntar a Charlie.

— Prefiro que você me diga.

Kate balançou a cabeça.

Ethan suspirou, mas mudou de assunto.

— O que os seus pais fazem?

— Mortos.

— Usa drogas?
— Paracetamol.
— Maus hábitos?
— Eu como manteiga de amendoim com a colher e às vezes me esqueço de lavá-la — disse ela.
Ethan riu.
— E eu não gosto de compartilhar — acrescentou Kate.
— Nem Charlie.
— Talvez seja ele que se esqueça de lavar a colher.
— Ele é um cara confuso — disse Ethan.
Kate não respondeu.
— Então, você vê Charlie como seu tíquete de refeição, Kate? Vida extravagante com um rico astro pop que virou ator? São visões de Hollywood e casas com piscinas dançando na sua cabeça? O que mais você pode querer?
Ele ficou sentado lá, tão presunçoso e convencido que Kate queria chocá-lo. Ela esperou um momento antes de responder.
— Alguém que não vá me bater. — Seus olhos dispararam para os dela e ela deu de ombros.
— Não se apaixone por ele, Kate. Ele pode não bater em você, mas vai machucá-la.



Kate sabia do Armageddon, mas nunca esteve lá. Os clubes eram muito caros e o Armageddon era considerado mais difícil de entrar do que qualquer outro lugar. Além do letreiro de néon vermelho e de dois homens do tamanho de pequenos elefantes em pé na entrada, o clube não passava de uma grande casa residencial de frente dupla e pilar triplo.

Quase antes que o carro parasse de se mover, o motorista de Ethan deu a volta para abrir a porta traseira e deixou que eles saíssem. Uma vez lá dentro, Ethan balançou um convite com bordas douradas para um cara com rosto de pedra, magro como bolacha, e conduziu Kate em direção à fonte da música agitada. Kate parou perto de um par de portas duplas grotescamente bonitas, cobertas por entalhes de animais rosnando. Ela teve um momento de inquietação antes de Ethan empurrá-la para dentro do salão.

Uma onda de rostos virou em sua direção. Kate imaginou o que eles estavam pensando. Quem é ela? Eu a conheço? Eu deveria conhecê-la? Ethan pegou seu cotovelo, guiando-a para o bar. Ele pegou duas taças de uma linha de taças de champanhe e entregou uma a ela.

— Nada mau — disse ele após o primeiro gole.

Kate não queria beber nada. Ela queria fugir. Por que ela deixou Ethan convencê-la a usar jeans? Todas as mulheres usavam vestidos de coquetel. Paradas ao lado de homens em ternos pretos, brilhando como joias espalhadas pela sala. Kate se sentiu deslocada, como se tivesse aparecido em uniforme escolar em um dia de roupas comuns. Os olhos dela caçaram Charlie.

Ela o encontrou com uma das joias mais brilhantes. A mulher usava o

vestido mais sexy que Kate já tinha visto — pedaços de tecido vermelho enrolados na diagonal ao redor do corpo, como se ela estivesse envolvida em uma enorme fita de cetim. Em qualquer outra pessoa, pareceria que ela estava saindo de suas roupas, como uma mulher Hulk, mas nessa mulher parecia deslumbrante. Kate esvaziou o copo e encontrou um cheio colocado na sua mão.



Charlie viu Ethan, registrou a mulher ao seu lado e depois virou de volta para a mulher que estava com ele, antes que seu olhar se voltasse para Kate novamente. Que diabos ela estava usando? Jeans? Pelo amor de Deus! Ele foi tomado por uma pontada de culpa. Ele deveria ter comprado um vestido para ela. Ele não tinha pensado nisso. As mulheres ao seu redor usavam grifes, provavelmente vestidos que os estilistas haviam implorado para que usassem. Eles até se aproximaram de Charlie para endossar seus ternos, camisas, gravatas. Cristo, por que Ethan a deixou ir vestida daquele jeito? Mas sua blusa... seus seios... Charlie olhou. Foda-se, Kate parecia tão sexy e deslumbrante que seu pau endureceu contra seu zíper. Graças a Deus estava escuro.

Ele não deveria tê-la deixado vir. Como ele poderia se afastar dela? Ele pensou que eles poderiam dançar um pouco e ninguém notaria, mas isso não iria acontecer. Charlie se obrigou a colocar o braço sobre o ombro de Natalie Glass e observou Kate procurando por ele, até que seus olhares se encontraram. Kate sorriu. Ele não. Ele viu o rosto dela cair e voltou-se para Natalie. Merda. Por que diabos ele fez isso?



Kate viu o braço de Charlie se mover pelo braço da mulher de vermelho e um lampejo de dor queimou seu coração como um pedaço de carne jogado em um churrasco. Quando ele deliberadamente desviou o olhar, Kate decidiu ir para casa. Por que pedir para ela vir e depois ignorá-la? O braço de Ethan se moveu sobre o ombro dela e quando ela tentou se afastar, ele a manteve no lugar.

— Gerald, como está indo? — Ethan agarrou Kate com mais força e

apertou a mão do homem na frente deles.

— Ótimo, Ethan. Esta linda jovem é uma das suas?

— Receio que não. Kate, eu quero que conheça Gerald Sweetman, sócio da ZeronFilms.

Kate apertou a mão dele. Os dois homens conversaram por um tempo antes de Ethan seguir em frente.

— Ethan, querido. Faz muito tempo.

Ethan soltou Kate para trocar um beijo triplo no ar com uma mulher em um vestido com o decote baixo o suficiente para quase mostrar seu umbigo pelo franzido.

— Você está linda esta noite, Foxie — disse Ethan. — Essa é Kate. Kate, conheça Foxie Merton. Foxie escreve para a Hello.

Kate recebeu o mesmo beijo que não era um beijo. A mulher entregou-lhe um cartão de visita rosa e respondeu a algumas perguntas vagas de Ethan, antes de ele puxar Kate.

— Eu não sabia que Ethan Silver representava Kate Harmon — alguém murmurou enquanto passavam.

— Não era Kate Taylor? — outra voz perguntou.

Ethan riu. Ele passou o braço pela cintura de Kate. Os dedos dele tocaram sua pele nua e ela se encolheu.

— Eles estão intrigados. Mantenha-os assim — ele disse ao ouvido dela.

Ele pegou outras taças de champanhe de um garçom que passava e entregou uma a Kate. Ela sabia que não deveria mais beber até que comesse, caso contrário, cairia no sono ou só... cairia. Ela tentou não procurar por Charlie, mas ele sempre parecia estar na periferia de sua visão, sempre com a mulher de vermelho. Ele nem veio dizer olá. A decepção roeu seu coração.

Quando Ethan se virou para falar com outra pessoa, houve um toque em seu ombro nu. Um cara de cabelos escuros e rosto pálido estava sorrindo para ela.

— Oi, qual é o seu nome? — ele perguntou.

— Kate.

Houve uma pausa e Kate percebeu que ele não estava se perguntando quem ela era, mas esperava que ela o conhecesse. Ela não conhecia.

— E você é? — ela perguntou.

— Morgan Price. Você provavelmente me viu no Save. Na BBC2.

— Eu não tenho televisão.

A julgar pela mandíbula caída, Morgan ficou pasmo com a ideia de uma

casa privada de seu brilhantismo.

Kate teve pena dele.

— É sobre o que?

O rosto dele relaxou novamente.

— É um drama de ficção científica. Uma equipe especializada de detetives viaja pelo país, caçando assassinos em série e sequestradores. Sou Paul Arrow, o personagem principal. — Ele olhou para ela interrogativamente. — Você trabalha no palco, então?

— Não.

— Cantora?

— Não.

— Modelo?

— Não.

— Ela é uma talentosa estilista — disse Ethan ao passar. — Ela faz suas próprias calcinhas.

Kate rangeu os dentes quando os olhos de Morgan se iluminaram como velas.

— Uau. Você fez isso? Ele tocou as costas do bustiê de Kate.

— Sim. — Ela se afastou dos dedos dele.

— Agora você mudou de não para sim, quer ir a algum lugar e me mostrar o que há por baixo?

— Não. — Ela não faria porra nenhuma disso. — Charlie apareceu entre eles, uma bola de beligerância.

Morgan hesitou, depois se afastou.

Charlie levou Kate para o lado da sala.

— Que porra você está vestindo?

Kate olhou para os jeans e depois para os vestidos das outras mulheres e sabia que não importava o que ela usasse, ela nunca ficaria tão bem.

— Ethan me disse para trocar o vestido que eu pretendia usar e ele estava certo. Eu teria parecido pobre. Agora, pareço diferente. Se você não gosta do que eu estou usando, que pena.

— Você está deliciosa, mas todo mundo vai notar você. Essas aqui são piranhas treinadas.

— Charlie, venha dançar — alguém choramingou pelo ombro de Kate. A mulher de vestido vermelho se colocou entre eles e passou os braços em volta do pescoço de Charlie. — Você não vai me apresentar?

— Kate, esta é Natalie Glass. Natalie, Kate. Natalie estará no *The Green*

comigo.

— Onde eu te vi? — Natalie perguntou a Kate. — Você não foi figurante em *The Conservatory*?

— Sim, a armadilha de vespa — disse Kate.

Charlie riu. Kate olhou Natalie se afastando com Charlie. Ela brigou por um momento com o viscoso monstro verde que pretendia consumir seus órgãos internos, mas ciente de que olhar para *Miss Vestidolascado* apenas incentivava o rápido crescimento do monstro, Kate se afastou. Natalie lhe lançou um sorriso triunfante e Kate sorriu o mais brilhantemente possível, antes de dar as costas para os dois.

Kate percebeu agora que Charlie a havia convidado na tentativa de compensar sua negligência. Ele sabia que ela estava chateada com a outra noite e o fato de ele não ter telefonado para ela, mas Kate não podia ver por que ele se incomodou em pedir que ela fosse até ali. Ele nem queria parar e falar com ela, então ela preferia não estar ali. Ela partiria depois de comer.

A comida havia sido servida em uma sala ao lado e, quando a viu, Kate deu um passo para trás. Essa deve ser a mais magnífica e extensa mesa de comida que ela já viu. Ela ficou parada por um momento, devorando-a com os olhos. Parecia bonito demais para comer. Tudo estava servido em bandejas de prata e tudo era miniatura. Pequenos círculos de pão cobertos com cream cheese, patê ou salmão defumado. Uvas tão minúsculas que Kate não pensou que fossem uvas, até que experimentou uma. Havia caixas de massa em forma de estrela encimadas por um camarão rosa encaracolado. Pequenos rolos do tamanho de ameixas e uma exibição de frutas exóticas que ela já viu no supermercado, mas nunca comprou porque custam duas libras cada. Havia bandejas de caviar, ostras em camadas de gelo e um monte de coisas que ela nem reconheceu. Também não havia mulheres em nenhum lugar perto da comida. Apenas velhos.

Kate pegou um prato e se serviu do salmão defumado, foi passando ao longo da mesa, quando ela terminou seu prato estava empilhado e seu estômago roncava em antecipação.

— Eu gosto de uma mulher com um apetite saudável — disse uma voz perto de sua orelha. — Posso pegar uma bebida para você?

Kate se virou para ver um homem pequeno em pequenos óculos de arame, segurando um prato com quatro itens bem arrumados. Os olhos dele estavam no nível do peito dela. Kate de repente ficou horrorizada ao pensar que a comida fosse racionada para os convidados. Ela se perguntou se deveria

tentar colocar algumas coisas de volta.

— Não, obrigada — ela respondeu.

Kate queria ser deixada para comer em paz, mas sentiu que isso não aconteceria. Ela encontrou um canto livre e encostou-se na parede. Momentos depois, o homenzinho ficou ao lado dela, o olhar ainda fixo em seu peito.

— Uma novidade — disse ele.

Kate esperava que ele estivesse se referindo à comida.

— Você não vai vomitar tudo de novo?

— Não. — Só se ele tentasse beijá-la.

— Você só come uma vez por semana, é isso?

— Algo parecido.

— Eu sou Matt Reisen. Você é?

— Kate Snow.

— Onde eu posso ter visto você? — ele perguntou.

— Crispies?

Ele lambeu os lábios e piscou.

— Parece atrevido. Eu poderia muito bem ter visto. Pegue meu cartão. Ligue pra mim. Tenho certeza de que posso encontrar uma coisa para você.

Kate equilibrou o prato em uma das mãos e empurrou o cartão no bolso com os outros que estava juntando. Ela selecionou uma lâmina de queijo do seu prato e o mordeu. Ela sabia que ele estava olhando. Os olhos dele se moveram do peito para a boca. Ele se aproximou um pouco.

— Na verdade, tenho um projeto interessante no momento. Os grandes estúdios vão brigar por isso. Uma espécie de *Lock Stock* e *FullMonty* misturados. É sobre um cara que trabalha em um salão de beleza para cães em Swansea e ele está convencido de que um dos cães que ele cuida é a reencarnação de sua esposa morta, Bitsy. Ele a matou enquanto passavam a lua de mel em Chihuahua.

Kate riu e percebeu que não só ele não estava brincando, mas que esse filme não era uma comédia.

— Parece fascinante — disse ela, e comeu um pouco mais rápido. Ela deu um suspiro de alívio quando alguém veio para levar o cara embora, surpresa por não estarem carregando uma jaqueta branca com mangas muito longas.

— Olá, docinho.

Kate torceu a boca em aborrecimento quando uma mão estranha se serviu de um de seus camarões-rei de coco. Quando os dedos estenderam a mão novamente, Kate os esfaqueou com o garfo. Pertenciam a um americano alto

e loiro.

— Ai.

— Pegue pra você — disse ela.

— Não tem mais. Eu acho que você pegou todos eles.

O rosto de Kate ficou quente.

— Você não compartilha? — ele perguntou.

— Não, você deveria ter sido mais rápido.

— Palavras que nenhuma mulher jamais me disse antes. — Ele sorriu.

Uma boca cheia de dentes perfeitos e uniformes. — Eu sou Jake Hartness.

Qual o seu nome? Onde posso ter visto você?

Kate suspirou novamente. Essas pessoas eram chatas.

— Crispies?

— Sim, eu lembro agora. Você foi ótima.

Ela começou a rir.



Charlie ficou tenso quando viu Kate rindo, e quando ele percebeu com quem ela estava, partiu em sua direção. Jake Hartness era tão liso quanto cuspe. Ethan pegou o braço de Charlie quando ele passou.

— Eu quero falar com você.

— O quê? — Charlie não tirou os olhos de Jake, que estava muito perto de Kate.

— Kate me disse que você salvou a vida dela.

— O quê? — Charlie virou-se para encarar Ethan.

— Nós poderíamos usar isso, Charlie, e desfazer sua recente publicidade negativa de uma só vez. Transformar você da noite para o dia de diabo sujo em anjo atraente.

— Não.

— Como assim, não? Esta é uma grande oportunidade. Você é um herói da vida real. Você não conseguiu resgatar seu irmão, mas salvou Kate. Arrancou-a das mandíbulas da morte. — Ethan riu de sua própria piada. — Mandíbulas? Entendeu?

As mãos de Charlie se fecharam em punhos ao seu lado. Às vezes Ethan era um idiota.

— Ela me salvou.

Ethan vacilou.

— Mas ela disse...

— Tenho certeza do que ela disse — disse Charlie em uma voz fria. — Mas ela me salvou. Então esqueça.

O olhar de Charlie voltou para Kate e ele gemeu. O maldito Hartness a apoiou contra uma mesa. Kate parecia ter sido encurralada por uma cobra rei. Se ela se inclinasse mais para trás, tombaria.

— Ethan, resgate Kate — implorou Charlie.

— Por quê? Parece que ela está se divertindo.

Charlie sabia pelo tom de Ethan que ele o irritou.

— Talvez seja por isso que eu quero que você a resgate — disse Charlie.

— É você quem ela acredita ser o Homem-Aranha. Você a resgata.

— O quê? Ethan, por favor. Se eles acharem que estamos juntos, não a deixarão em paz.

— É por isso que você a está evitando?

— Você sabe o que acontecerá se descobrirem que ela está comigo.

Uma mulher puxou o braço de Charlie.

— Oi, Ethan. Charlie, você deve vir conhecer Cyn. — Charlie lançou um olhar suplicante na direção de Ethan e deixou-se levar.



Kate estava exausta por ter que fingir interesse em conversas chatas e repetitivas. Ela não tinha ideia do que eles estavam falando, de quem eles estavam falando ou por que estavam falando com ela, mas isso não os impediu. Todo mundo que falou com ela era um diretor, produtor, promotor, ator muito importante. Se eles ainda não eram a grande coisa, eles pretendiam ser a próxima grande coisa.

Até onde Kate sabia, toda a indústria era composta de idiotas pretensiosos. No entanto, ela podia sentir desespero em todos eles, o conhecimento que eles não podiam se dar ao luxo de não serem vistos, porque se eles não falassem com a pessoa certa — e quem diabos sabia quem era — eles perderiam alguma oportunidade que nunca mais voltaria.

De certa forma, ela entendia. Eles tinham um sonho e o perseguiam. Se eles não conseguissem, não seria por falta de tentativas, e aqueles que já conseguiram se agarravam ao que tinham no caso de alguém tentar arrancá-

los deles. Como uma bolha de sabão soprada de uma varinha, sua bela vida poderia desaparecer em um instante. Charlie quase perdeu a dele, mas ele teve uma segunda chance. Kate também, mas essa não era a vida para ela.

O olhar de Kate voltou para Charlie, brilhando ao redor da sala como um cometa, deixando um rastro de luz atrás dele, iluminando os outros por um momento, porque eles estavam perto dele. Ele parecia tão estranho para ela quanto algo do espaço profundo, intocável, inexplicável e inatingível. Este tinha sido um erro terrível. A única coisa que eles tinham em comum era o mar. Agora eles viviam em mundos diferentes.

Kate deu um suspiro de alívio quando Ethan a pegou pelo cotovelo e educadamente a afastou de mais um produtor.

— Divertindo-se? — ele perguntou.

— Não consigo pensar quando me diverti tanto. Ah, sim, seria quando eu saí do banheiro na escola com a saia enfiada na calcinha e ninguém me disse até a hora de ir para casa.

— Você está despertando muito interesse.

— Não, eu não penso assim. Eles querem conversar, não ouvir. Tenho uma placa dizendo “escuto idiotas”? E por que as únicas pessoas que querem falar comigo são do sexo masculino?

— Além da razão óbvia?

— Que razão óbvia?

Ethan olhou para os seios dela. Kate suspirou.

— Ethan, os caras com quem conversei conversariam com uma porta se pensassem que ela ouviria e faria barulhos apropriados. Foi-me oferecido um papel em um filme de arte muito elegante, com algumas cenas de nudez essencial e um ménage de bom gosto. Eu ouvi sinopses de filmes que fazem o Silêncio dos Inocentes parecer um conto de fadas, o pior dos quais envolvia galinhas vampiras e uma mulher que teve um filho com um crocodilo. O que penso do nome Crocobaby?

Ethan riu.

— As mulheres aqui estão interessadas apenas em pessoas que possam ajudar sua carreira. Todas as outras mulheres são rivais mortais a serem evitadas ou descartadas, porque elas podem ter o mesmo papel, contrato de modelo ou homem. Toda mulher nesta sala quer ser mais magra, mais alta, mais bonita e mais brilhante. Já houve uma grande confusão porque duas estrelinhas apareceram com o mesmo par de sapatos que mal podiam ser vistos sob os vestidos.

— Alguém mais está usando minhas sandálias de dedo? — Kate tentou parecer alarmada.

Ethan riu.

— Você também não ajudou em nada ao mencionar Crispies, porque ninguém sabe que é um restaurante em Greenwich. Todos eles acham que é um filme pornô.

— Eu sei. — Kate suspirou. — Estou começando a acreditar nisso. Até me ofereceram um papel no Crispies Dois.

Ela procurou pelo salão até encontrar Charlie. Ele estava parado agora, não um cometa, mas o brilho de uma fogueira noturna, espalhando luz e vida em um círculo ao seu redor. Como um maldito diamante, ela pensou, porque você quer que isso fique aceso para sempre, mas eventualmente apaga.

Isso sempre acontece. Então queima seus dedos. Ela observou enquanto ele conversava alegremente com todos, com a mão no braço da mulher ao lado dele, beijando outra que veio até ele. Ele era tão bonito que fez seu coração doer.

Mas essa não era a vida de Kate. Ela era uma tola de pensar que poderia ser.

— Por que Charlie não fala comigo? Ele me pediu para vir, mas ele não me trouxe. Agora, ele nem quer ficar perto de mim ou dançar comigo.

— Ele conhece muitas dessas pessoas. Eles são bons amigos.

— Não posso ajudar sua carreira. Eu não conheço as pessoas certas. Sou apenas uma novidade, não sou? E sabemos o que acontece quando a novidade acaba.

A confiança de Kate explodiu como um rojão úmido. Ela se sentiu barata. Talvez ela não tenha julgado isso direito. Talvez Ethan quisesse que ela visse que não se encaixava.

— Ele está interessado em você porque você é diferente, mas Charlie possui a atenção de um peixe dourado — disse Ethan.

Kate estremeceu. Ela era divertida de foder, mas não duraria. A verdade correu por suas veias como veneno de ação rápida.

— Você quer ir para casa? Vou pedir ao meu motorista para levá-la.

— Não. — Kate respirou profundamente e forçou um sorriso

Ela mudou de ideia. Ela nunca teria a chance de ir até ali novamente. Ela virou as costas para Ethan e foi direto para a vazia pista de dança. Apesar do fato de ser um clube, ninguém estava dançando. Provavelmente porque as mulheres se preocupavam com a possibilidade de cair fora de seus vestidos.

Levou apenas alguns momentos antes de Jake se juntar a ela. Então alguns outros dançaram ao redor deles.

Quando as mãos do americano se moveram em sua direção, Charlie estava lá de repente, puxando-a para longe.

— Eu estava dançando com alguém — ela retrucou.

— Você está dançando comigo — disse Charlie.

Kate sabia que ele era um bom dançarino, mas não importava se ele se movesse como um fantoche de cordas, porque os órgãos dela reagiram como se fossem atraídos magneticamente pelos dele. Seus quadris desejavam roçar os quadris dele, mas cada vez que ele a procurava, ela fugia dele. Quando a música terminou e ele se inclinou para falar com ela, Kate agradeceu e foi embora.

Ela foi direto para o banheiro. Ela não queria falar com ele. Ele a convidou para o clube e passou a maior parte da noite a ignorando, fingindo que não estavam juntos, mas ele nem queria que ela dançasse com mais ninguém. Ele a machucou. Ela entendia que ele não queria que a imprensa soubesse que eles estavam juntos, mas a maioria das pessoas que ela conheceu eram atores como ele ou pessoas da indústria cinematográfica. Ele tinha vergonha dela.

Kate também estava reconsiderando a motivação de Ethan, se perguntando novamente se ele tinha um objetivo oculto. Talvez ele quisesse que ela parecesse estúpida, quisesse que Charlie visse uma garçonete pobre de jeans velho e tivesse vergonha de dar um fora nela. Ela teria ficado tão mal no vestido de algodão? Ninguém mais estava usando. Kate precisava de alguns momentos para se recuperar. Então ela iria para casa.

Ela pensou que os banheiros estavam vazios, mas os gemidos inconfundíveis de um casal envolvido em uma sessão de satisfação mútua emanavam da última cabine.

— Sim, assim, sim, oh...

A mulher era vagamente articulada, o cara só gemia.

Kate nunca foi capaz de entender a atração de transar em um banheiro. Lucy havia feito isso em mais de uma ocasião e estava cheia das habilidades atléticas de Nick, mas Kate não gostava disso. Quanto menos você tocar lá, melhor.

Ela ficou no lavatório, não porque estava interessada em ouvir o dueto, mas porque não queria ir a lugar nenhum perto de Charlie até ter suas emoções sob controle. Mas ela deveria ter se apressado porque quando a

porta da cabine se abriu e ela viu os rostos corados do par através do espelho, Kate soltou um suspiro e fugiu.

— Kate, pare.

Ela não tinha chegado muito longe no corredor. Não adiantava correr, eles se reconheceram. Ela se virou e Nick correu para o lado dela.

— Não conte a Lucy.

Kate colocou as mãos nos quadris.

— Por que não?

Nick hesitou.

— Por que não devo contar a ela? — Kate perguntou. — Presumo que não era sua esposa. — O queixo dele disse a ela que não era.

— Eu não quero magoá-la. — O tom agudo de Nick irritou Kate.

— Eu acho que você já fez isso.

— Sylvie estava apenas disponível. Foi só uma foda. Não significou nada.

A mulher emergiu e caminhou pelo corredor atrás de Nick. Kate se perguntou se Sylvie achava que isso não significava nada.

— Nós dois somos casados. Nós sabemos o ponto — disse Nick. — Por favor, não diga nada.

Sylvie deslizou o braço pelo de Nick. Kate foi embora.

— O que há de errado, Nick? — Sylvie perguntou.

— Ela ameaçou contar à minha esposa.

— A cadela. Ela vai?

— Espero que não.

Kate os ouviu e ficou tentada a contar a verdade a Sylvie.

Kate encontrou outro banheiro e se demorou um pouco antes de voltar para o salão principal. Ela se perguntou se o motorista de Ethan lhe daria uma carona de volta. Enquanto olhava para a multidão, procurando uma maneira de escapar sem esbarrar em Charlie, um copo de vinho atingiu seu rosto. Kate gritou em choque. O copo não quebrou, mas machucou sua bochecha. Kate piscou os olhos quando o vinho tinto escorreu pelo rosto e pescoço. Uma jovem garota, usando um vestido preto de gola, estava sorrindo. Ela tinha longos cabelos loiros e um rosto de bebê. Kate nunca a tinha visto antes. Ela parecia jovem demais para estar em uma boate.

— Por que diabos você fez isso? — Kate perguntou.

— Mantenha suas mãos longe do meu pai.

— O quê?

Quando as pessoas começaram a se reunir, Charlie apareceu ao lado de Kate. Ele a pegou pelo cotovelo e a puxou para fora da sala. Ethan segurou a garota loira pelo pulso e os quatro acabaram no corredor do qual Kate acabara de sair.

— Ele me disse o que você tentou fazer — a menina gritou, lutando para se afastar de Ethan para alcançar Kate.

— Ei, acalme-se — Ethan estalou. — Do que você está falando?

— Cadela — a adolescente rosnou. — Ela é uma vagabunda.

O rosto e o peito de Kate estavam manchados de vinho. Sua blusa estava arruinada. A frente de seu jeans estava molhada e pegajosa e quando a garota abriu a boca, o coração de Kate desenvolveu os soluços.

— Ela tentou fazer meu pai transar com ela no banheiro.

Tudo ficou claro. Aquela era a filha de Nick.

— Isso não é verdade — disse Kate.

— Você está chamando meu pai de mentiroso? — A garota estava chorando agora, correntes sujas de rímel escorrendo pelo rosto.

— Onde está o seu pai? Vamos encontrá-lo — disse Ethan.

— Faça com que ela prometa deixá-lo em paz.

— O que está acontecendo? Gemma, o que está acontecendo? — Nick caminhou pelo corredor.

Que conveniente aparecer agora, Kate pensou, percebendo que ele provavelmente orquestrou a coisa toda.

— Papai, é ela, não é ela? Quem tentou fazer você fazer sexo com ela?

— Isso é ridículo — disse Kate.

— O que é isso tudo, Kate? — Nick olhou para ela.

Nick a emboscou. Ele sabia que Kate não gostaria de dizer o que viu na frente da filha dele. Ela sentiu como se tivesse sido atropelada por um trem que agora a estava arrastando ao longo dos trilhos em alta velocidade.

— Você o conhece? — Charlie perguntou.

Ele parou com os membros em um desleixo frouxo, mas Kate ouviu o calafrio em sua voz.

— Sim.

— Você estava no banheiro com ele? — Charlie parecia diferente. Desapegado.

— Ele estava lá quando entrei, mas houve um mal-entendido — disse Kate.

— Você foi quem cometeu o erro — Nick retrucou. — Vamos lá, Gem.

Vamos levá-la para casa.

— Vou contar a todos sobre você — gritou Gemma.

— Nick? — Kate chamou enquanto se afastavam. — Então eu também vou.

Nick olhou furioso, mas levou a filha em direção à saída.

— Graças a Deus ninguém mais viu isso — disse Ethan. — Kate, você deveria sair. Aqui está o dinheiro para um táxi. — Ele empurrou duas notas de vinte libras na direção dela.

Kate ignorou o dinheiro e virou-se para Charlie.

— Aquele era o amante de Lucy. Lucy sabe que Nick é casado, mas acho que ela pensou que o relacionamento deles era um triângulo, com a esposa dele no outro canto. Ela não tem ideia de que faz parte de um quadrado ou, sabendo como é Nick, um hexágono. Entrei no banheiro das mulheres e ouvi Nick e uma mulher fodendo. Eu não pude prometer não contar a Lucy. Eu aposto que Nick acabou de se vingar.

Kate viu Charlie relaxar, o alívio em seu rosto quando ele aceitou o que ela disse. Ela olhou para Ethan e não tinha certeza do que viu no dele. Ele olhou para Charlie, depois colocou o dinheiro de volta na carteira e foi embora.

— Está mais para retaliar primeiro — disse Charlie, tocando as fitas molhadas no top de Kate.

Kate estava com nojo.

— Pra mim já chega.

Charlie colocou o braço sobre o ombro dela.

— Eu também. Venha para casa comigo.

— Você tem certeza de que quer que eu vá?

— Sim.

— Melhor me encontrar um cobertor ou um saco de papel marrom.

Ele parecia perplexo.

— Pra quê?

— Você não quer ser visto comigo, quer?

Charlie estremeceu.

— Bem, pode ser uma boa ideia se você for primeiro e esperar na esquina.

Kate tentou afastar o braço dele, mas ele a puxou para mais perto.

— Por favor, não. Estou tentando te proteger. A imprensa está lá fora, esperando, se agitando como cães na esperança de levar um osso. Você quer

que eles contem a todos a sua história de vida? Se eles nos virem juntos, descobrirão cada namorado que você já teve, todos os erros que você cometeu. Seus inimigos estarão na fila para esfaqueá-la. E todos os amigos que você pensou que tinha acabariam não sendo amigos, porque eles a venderiam por uma TV de tela plana ou por um feriado. As pessoas de fora não se importam se imprimem mentiras ou a verdade. Eles só querem vender uma foto ou uma história.

— Eles não estavam aqui, no entanto. Você não precisava me ignorar aqui. E não acho que a imprensa seja tão ruim quanto costumava ser.

Os ombros dele caíram.

— Eu sinto muito. Querida, você simplesmente não sabe o quanto isso pode ficar ruim. É em você que estou pensando. Eles são abutres. — Ele torceu uma mecha do cabelo dela. — Vamos. Vamos para casa.



Quando Kate saiu, um flash disparou em seu rosto. Ela correu pela rua sozinha.

— Mantém ou descarta? — perguntou Mike Fry, fotógrafo de Simon Baxter.

— Mantém — disse Simon. — Mas vamos dar uma olhada nessa.

Mike mudou a configuração, verificou a imagem e deu a câmera para Simon.

— Eu não a reconheço — disse Mike.

— Caralho! É a Kate.

— Moss?

Simon ficou boquiaberto com a imagem.

— Não, Kate Snow.

— Quem é ela?

— Ninguém em quem estamos interessados. Ela costumava sair com um amigo meu, Richard Winter. Eu não esperava vê-la saindo do Armageddon. O que é isso em cima dela? Ela sofreu um acidente?

— Parece que ela derramou alguma coisa. Tem certeza de que não quer a foto?

— Não. Já te disse, ela não é ninguém.

Não exatamente ninguém. Simon olhou furioso quando ela desapareceu na esquina. A cadela estúpida lhe custara duas mil libras. Ele não podia acreditar que ela havia dito sim para Richard. Quem quer se casar com aquele idiota? O que diabos ela estava fazendo no Armageddon? Talvez a foto não tenha sido totalmente inútil.

— Eu mudei de ideia. Mantenha isso — disse Simon.
— Muito tarde. Ei, olhe pra esquerda. Não é Charlie Storm? — Mike levantou a câmera e o fotografou. — Vale a pena seguir?
— Sim, tem algo acontecendo.
— Mas ele está sozinho — disse Mike.
Simon bufou.
— Não por muito tempo, eu acho. Pegue o carro.

Quando o táxi preto parou ao lado de Kate, a porta se abriu e Charlie sorriu para ela do banco de trás.

— Precisa de uma carona? — ele perguntou.
— Eu preciso da sua jaqueta.
— Eu vou te aquecer.

No momento em que ela entrou no táxi, ele a puxou em seus braços e a beijou. Era impossível, pensou Kate. Ela era incapaz de resistir. Isso a fez perceber como era ser viciada, sentir-se incapaz de sobreviver sem se fixar no que você ama. Os suaves e gentis lábios de Charlie mordiscaram os dela como se ela fosse uma iguaria divina a ser saboreada lentamente.

— Você cheira fabulosamente bem. Sabonete e vinho — ele sussurrou.
— Que combinação. Também tem um gosto interessante.
— Você esteve fumando.

Ele gemeu.

— Um cigarro.

— Eu não quero que você fume. — Kate olhou diretamente para ele. — Isso está te matando de uma maneira muito estúpida.

— Eu nunca mais vou fazer isso.

Ela sorriu e pressionou os lábios nos dele, mergulhando em sua boca. Os braços de Charlie deslizaram em volta dela, puxando-a para mais perto. Desta vez, o beijo foi longo e duro. Quando eles se separaram, ela estava ofegante.

— Eu passei a noite toda querendo fazer isso — disse Charlie. — Toda vez que alguém falava com você, eu queria bater neles. — Ele enterrou o rosto no pescoço dela e lambeu a pele dela. — Sinto muito se você pensou que eu estava ignorando você. Eu não queria. Oh, Deus, estou paranoico, a imprensa vai destruir isso. Eu sinto muito. Você me perdoa? — Ele apertou a mão dela com tanta força que doeu.

— Sim. Eu perdoo você.

— Bom, então podemos assistir ao filme de que você participou quando voltarmos? Como se chamava? Crispies?
Kate bateu nele.



— Eu não vou subir lá, porra — Mike retrucou, olhando para a estrutura de madeira que cobria os carros estacionados.

— Sim, você vai — disse Simon. — Nós escalamos o portão. Quão mais difícil é isso? Você poderá ver direto no apartamento dela.

— Como você sabe que é o apartamento certo?

— É, confie em mim.

— Estamos em propriedade privada, Simon.

— Não se preocupe. Vai valer a pena.

Mike suspirou e largou a câmera.

— Coloque uma perna para cima.



Charlie quase puxou o braço de Kate para fora do soquete quando ele a puxou para o quarto dela.

— Devagar — disse Kate.

— Não posso. Como você me deixa incapaz de pensar? — Charlie sussurrou enquanto deslizava a mão dentro da frente do jeans dela. — Oh, Deus, você está toda molhada.

— Vinho tinto.

— Não, não é. É você, sua pequena sirigaita.

Ele desceu a mão e a cabeça de Kate se inclinou para trás. Ela ofegou e agarrou a camisa dele. Os dedos dele se moveram dentro de sua calcinha, tocaram seu clitóris, esfregaram-no rapidamente e ela quase desmaiou da explosão de prazer que a varreu.

— Eu amo como posso fazer isso com você — ele gemeu.

Clique.

Charlie soltou os pequenos botões em sua blusa e separou-os para expor seus seios. Ele abaixou a cabeça e fixou a boca ao redor do mamilo, provocando-o com os dentes. Kate respirou fundo. O top caiu no chão. Seus

jeans o seguiram.

Clique.

Os dedos dela deslizaram para desabotoar as calças dele. Não foi fácil, porque sua ereção os tornava rígidos. Ela caiu de joelhos e tirou as calças e a cueca juntas. Charlie gemeu quando ela colocou a cabeça sob a camisa dele e beijou o interior de suas coxas. Quando ela pegou as bolas dele na boca, ele afundou os dedos nos cabelos dela.

Clique.

— Oh *porra-porra-porra-porra-porra* — ele gemeu. — Kate, você está brincando com fogo.

Clique. Clique. Clique. Clique. Clique.



Nick fez uma tentativa de controlar os danos enquanto levava sua filha para casa, embora Gemma estivesse tão bêbada que não sabia ao certo quanto ela estava percebendo.

— Sabe, Gem, acho que posso ter cometido um erro — disse ele. — Kate é amiga de um dos meus colegas. Eu acho que foi um mal-entendido. Kev me dando o troco por uma brincadeira que eu fiz. Melhor não contar à sua mãe, ela ficará chateada.

— Mamãe vai achar isso engraçado — Gemma disse.

— O mesmo tipo de graça que jogar uma bebida sobre alguém? E o copo? Você poderia ter cortado o rosto dela.

Silêncio.

— Vou te dizer o que vamos fazer — disse Nick, esperando que isso funcionasse. — Que tal eu não contar à mamãe o que você fez? Foi um milagre que ela tenha deixado você vir hoje à noite. Se ficarmos calados, você não será impedida de sair mais noites num futuro próximo. O que você acha? Nós temos um acordo?

Gemma não respondeu. Sua cabeça estava contra a janela, a boca aberta. Ela adormeceu, ou talvez desmaiou. Nick suspirou.

Nick foi recebido por uma gritaria do inferno de sua esposa, Debra, de qualquer maneira, porque no momento em que Gemma entrou pela porta da frente, ela vomitou no tapete persa.

— Como você pôde deixá-la se embriagar? — Debra gritou.

— Ela deve ter roubado as bebidas que ela tomou. Eu não podia acompanhá-la o tempo todo.

— Em um minuto você me dirá que é minha culpa por deixar você levá-la — Debra gritou.

Sim, porra, Nick pensou.

Depois que Gemma foi para a cama e Debra deixou claro que o sexo estava fora do cardápio, Nick fingiu perceber que havia perdido a carteira. Ele fez um telefonema imaginário para o clube e partiu em outra direção com a desculpa de recuperá-la. Ele precisava falar com Lucy antes de Kate.

Nick pensou ter percebido um clarão enquanto tocava a campainha de Lucy, mas quando olhou em volta, não conseguiu ver de onde vinha a luz e não voltou a acontecer. Então Lucy abriu a porta em sua camisola minúscula transparente e seu cérebro se transformou em mingau.

— Eu pensei que você estivesse com Gemma.

— Sim, mas senti sua falta. — Nick a puxou para seus braços e a beijou.

— Mmm. Você parece tão sexy de smoking — Lucy sussurrou.

— Não tão sexy quanto você. — Nick chutou a porta atrás de si.

Ele deslizou as mãos por baixo do tecido escorregadio, subiu pelas coxas e o traseiro nu dela.

— Lucy, eu tive um problema hoje à noite. Eu estava comprando um pacote de coca de um pássaro no banheiro das damas do Armageddon e Gemma entendeu errado e pensou que eu estava atrás de outra coisa.

Lucy ficou rígida em seus braços e ele a manteve firme contra ele.

— Ei, querida, é claro que não, mas Gemma acabou jogando uma taça de vinho tinto em Kate.

— Kate? — Os olhos de Lucy se arregalaram. — O que Kate estava fazendo no Armageddon?

— Não faço ideia, mas deixei Gemma pensar que Kate veio atrás de mim para distraí-la do que realmente estava fazendo. Só que eu não tinha ideia de que ela jogaria vinho na cara dela. Então, se você tiver uma vizinha enfezada batendo na sua porta, dizendo que sou um idiota completo, me desculpe. As coisas ficaram fora de controle.

Nick achou que isso parecia razoável. Ele deslizou a mão sobre o mamilo de Lucy, mas o um por cento desocupado de seu cérebro começou a se perguntar o que Kate estava fazendo no clube. Como diabos ela conheceu Ethan Silver e Charlie Storm? O que ele tinha perdido?

— Precisamos fazer algo sobre Kate, porque quando eu trago Gemma

aqui, ela pode esbarrar nela — disse Nick. Pareceu-lhe uma boa ideia contratar Dan para pintar sua filha. Enquanto Gemma estava posando para Dan, Nick passava uma hora na cama explorando posições com Lucy. — Eu disse a Gemma que cometi um erro, mas sei que aborreci Kate.

Lucy gemeu quando Nick esfregou os seios dela.

— Você pode passar a noite?

— Oh, amor, eu adoraria, mas tenho meia hora, no máximo.

Lucy tirou os braços da camisola vermelha, deixando-a deslizar sobre os quadris e cair no chão.

— Melhor não desperdiçar nada. — Ela pegou a mão de Nick e o puxou para o quarto. — Você trouxe a coca?

Opa!

Nick pensou rápido.

— Eu joguei fora. Eu estava muito preocupado de Gemma encontrá-la.

— Nós não deveríamos fazer isso, de qualquer maneira. — Lucy desabotoou a camisa dele.

— Você vai pedir desculpas a Kate? Eu tive que inventar algo rápido e não fui muito justo com ela.

— Você realmente a chateou? — perguntou Lucy, os dedos nas calças dele.

Nick pensou no rosto de Kate. Ele não tinha certeza de que iria se safar com isso.

— Sim, chatee. Eu não queria. Ela ficou muito chateada comigo. Se eu fosse ela, estaria planejando minha vingança.

Ele não se atreveu a ir além disso.

— Como ela estava chateada? — perguntou Lucy, suas mãos se afastando do lugar que ele mais queria que ela tocasse. Ele suprimiu um gemido de decepção. — Você a fez chorar? — ela perguntou, desaprovação clara em sua voz.

Nick sentiu que havia perdido outra coisa.

— Qual é o problema?

Lucy caiu na cama.

— Estamos todos preocupados com Kate. Richard era um idiota, fingindo que se casaria com ela por conta de uma aposta. Nós pensamos que eles eram perfeitos juntos e então ele fez aquela trapaça de merda. Que idiota.

Nick pensou que Kate era a idiota. Ela conhecia o cara apenas alguns minutos. E lua de mel no Havaí por uma semana? Louco.

— Você ainda está com pena dela por isso? — Nick perguntou, sentando-se ao lado dela.

— Ela é apenas... bem, instável. Ela mal superou Richard antes de entrar em outro relacionamento com um cara chamado Hipo. Depois que Rachel encontrou o bilhete... — Lucy parou no meio da frase.

— Que bilhete?

— Eu não deveria dizer nada.

Não havia frase que Nick amasse mais, além de “posso chupar seu pau”? Ele adorava segredos, alcançando-os de qualquer maneira possível, alguns meios mais agradáveis que outros.

— Que bilhete, Lucy? — Nick a puxou para o colo e deixou a boca cair no pescoço dela.

E nos trinta minutos seguintes, entre gemidos e gemidos, Lucy contou-lhe tudo.



Quando Kate abriu os olhos, o sol da manhã brilhava através da janela e a atingiu no rosto. Ela gemeu e rolou para Charlie, que estava deitado ao lado dela, de bruços, com o rosto pressionado em um travesseiro. Ele virou a cabeça e seus olhos se abriram. Kate observou quem, o que e onde afundar antes que ele desse um pequeno sorriso. Ele deslizou pela cama, levando o edredom com ele e beijou a nádega nua de Kate. Descansando o queixo na cavidade das costas dela, ele deslizou as mãos debaixo dela, até que os seios dela pousassem nas palmas das mãos dele.

— Eu quero ficar na cama o dia todo — Charlie murmurou em seu rim.

— Eu pensei que íamos ver seus pais.

Ele retirou as mãos e rolou de costas.

— É por isso que eu quero ficar na cama.

Kate se virou para encará-lo.

— E eu pensei que era porque você queria ver o que eu poderia fazer com meus mamilos.

Ele deu um sorriso cheio de desejo e Kate estremeceu.

— O que você pode fazer?

— Mais tarde. — Ela sentou-se.

— Não, não mais tarde, agora. — Ele a puxou para baixo. — Você sabe

que não deve me provocar.

Passou mais uma hora antes de se vestirem. Kate estava enrugada pelo tempo que passou no chuveiro com Charlie. Ela não estava reclamando.

Kate vestiu o vestido verde que Ethan havia rejeitado.

— Você parece tão fofa nisso — disse Charlie.

— Sério?

— Bem, você parece mais fofa quando não está usando nada, mas isso pode assustar meus pais. A cor combina com você, ressalta a tonalidade jovem da sua pele. — Ele deslizou as mãos pelas coxas dela, sob o tecido. — E tem a vantagem adicional de ser fácil de retirar.

Tentou puxar, mas Kate o deteve.

— Você está tentando me enrolar, Charlie.

— E você verá o porquê.

Ele tentou novamente levantar o vestido, mas Kate se afastou.

— Há um táxi esperando lá embaixo — ela lembrou.

— Eu não ligo.

Era como lidar com uma criança, Kate pensou. Ela finalmente o persuadiu a sair com a promessa de um regalo mais tarde. Agora ela teria que pensar em alguma coisa. Não era muito difícil. Charlie estava disposto a tudo o que faziam na cama e fora dela, e se Kate não sentisse o mesmo, isso poderia fazê-la desconfortável. Contanto que fossem apenas os dois, a vida era perfeita. Charlie era tudo de que ela precisava.

Agora Kate sabia o que significava vício.



— Não está preocupado com alguém me ver agora? — perguntou Kate, quando o táxi parou do lado de fora de uma deslumbrante casa de toldos brancos.

— Eles são vampiros. Eles só saem à noite. — Ele abriu a porta. — Dê uma olhada ao redor. Eu vou me trocar. — Charlie foi para as escadas.

— Vire alguém bonito e charmoso — Kate falou pra ele.

— Piada muito antiga e não engraçada.

Ela se sentou no degrau de baixo e recostou-se. Os olhos de Kate pousaram no teto e, então, ela soltou um suspiro de alarme, bateu a mão contra a boca. No alto, anjos e demônios brincavam em uma paisagem de

nuvens e se ela não estivesse de costas, teria caído.

Kate trabalhou duramente para manter sua vida o mais sólida possível, mas sempre soube que sua existência estava em equilíbrio delicado, uma camada frágil entre memórias difíceis e esperanças irrealistas. Às vezes, fragmentos do passado que ela pensava que tivessem sumido borbulhavam em sua mente — o rosto da mãe, as mãos do pai, a faca, sangue no chão, sangue na mãe. Kate mantinha essas lembranças enterradas embaixo de toneladas de pedra, mas ocasionalmente encontravam uma forma de sair.

Charlie virou seu mundo de cabeça para baixo de uma maneira positiva e agora a casa dele tinha feito isso girar novamente fora do seu eixo. Kate olhou para o teto, examinando a cena. Agora ela sabia por que não tinha visto o trabalho do pai em nenhuma galeria. Ele estava pintando afrescos.

Ela ouviu Charlie descendo as escadas. Ele parou quando a viu deitada no degrau mais baixo.

— Qual é o problema?

— Estou contemplando o seu afresco.

Charlie olhou para cima.

— Sim, é legal.

— Você que fez?

— Estava aqui quando comprei a casa.

Graças a Deus por isso.

— Há quanto tempo você mora aqui? — ela perguntou.

— Dezoito meses. Por que você não andou por aí?

— Não quis. — *Muito distraída.*

Houve um longo silêncio antes que ele falasse novamente.

— Ninguém nunca resistiu à tentação de andar pela minha casa.

Kate não se mexeu.

— Fiquei presa no teto.

— Por quê?

Ela não conseguia pensar em uma mentira convincente.

— Você sabe, às vezes é tão profundo que é como espiar o Grand Canyon — ele retrucou.

Kate moveu o olhar do teto para ele.

— Você já esteve no Grand Canyon?

— Sim, já. É uma experiência estranha, porque quanto mais você olha pra isso, menos tem ideia do que está olhando. Um pouco como você. Não faço ideia do que se passa na sua cabeça ou do que você quer da vida. Por que

você não me deixa entrar?

— Você não ia querer estar na minha cabeça. Não é um bom lugar.

Charlie a levantou.

— Deixe-me entrar — disse ele gentilmente.

Ela queria dizer a ele para continuar batendo, mas as palavras se alojaram em sua garganta. Finalmente, ele deu de ombros e apertou a mão dela.

— O carro está na garagem — ele disse e a levou até lá.

Ele abriu a porta do passageiro de um Lexus SC430 prateado.

— Belo carro — disse Kate.

— Pouco útil em Londres. Você tem sorte se puder fazer mais de 16 quilômetros por hora.

No momento em que saíram de casa, Kate se sentiu melhor, mas o humor de Charlie se deteriorou.

— Jesus, olhe para aquele idiota — disse ele, quando um carro parou diante de uma estrada lateral a mais de cem metros de distância.

Kate não achava que o outro motorista tivesse feito algo errado, mas Charlie continuou a encontrar falhas em todos os veículos que chegavam perto dele. Ele manobrou o Lexus com cautela, como se fosse um velho carro no meio da agonia do fim. Kate imaginou que suas ações resultavam de uma relutância em fazer a viagem, e não uma indicação de como ele costumava dirigir.

— Pode percorrer mais de trinta quilômetros por hora? — ela perguntou.

Charlie lançou a ela um olhar de dor.

— Estou tentando ser um bom motorista.

— Quer que eu dirija?

— Não.

— Eu vou tomar cuidado.

— Ainda assim, não.

— Eu estraguei apenas dois carros.

Sua boca tremeu e ele acelerou.

— Então, quanto tempo desde que você viu seus pais? — ela perguntou.

— Um tempo.

— Por que agora?

— Porque sim.

Kate estendeu a mão e a colocou no joelho dele.

— Por que você me quer com você?

— Dividir a atenção — ele murmurou.

— Bem, se você está tentando desviar a atenção deles pra mim, preciso de algumas dicas sobre o que esperar.

Não houve resposta. Kate pensou que espremer sangue O+ de uma pedra parecia mais fácil.

— Que tal começarmos pelo mais simples e vamos construindo. Quais são os nomes deles?

— Jill e Paul.

— Como é sua mãe?

Charlie ficou em silêncio por tanto tempo que Kate se perguntou se ele havia esquecido o que ela havia perguntado.

— Rigorosa? Fofinha? Duas cabeças? Um bico? — ela perguntou.

— Não coloque sua colher de chá no açucareiro. Não há como dizer o que vai acontecer. — Seu tom era tão sombrio que Kate sentiu um arrepio de inquietação.

— Seu pai?

— Não é um macho alfa.

Kate podia ver e sentir Charlie serpenteando. Suas mãos agarraram o volante como se esperasse que ele fosse arrancado, as juntas dos dedos formando linhas brancas de pedaços ósseos bem definidos.

— Quer que eu segure o volante para que você possa roer as unhas? — Kate perguntou.

Ele nem sorriu.

— Como seus pais morreram? — Charlie perguntou de repente.

— Comidos por piranhas.

Ele riu e Kate viu a tensão em seus ombros diminuir.

— Expedição na Amazônia — disse ela. — O barco virou. Estavam discutindo. As pessoas que estavam com eles pensaram que eles não sabiam nadar, mas na verdade estavam lutando contra dentes afiados. Tudo acabou em minutos.

Charlie riu de novo. Ela quebrou o feitiço.

— O que realmente aconteceu? — ele perguntou.

— Vírus Ebola. Desagradável.

— Você não quer me dizer. — Ele olhou para ela.

— O assunto hoje é com você, Charlie, e eu não estou pronta — disse Kate.

Quando eles pararam para abastecer, ela saiu para esticar as pernas e atravessou o pátio do posto de combustível. Kate viu as costas dele enrijecerem quando ele levantou o bico do suporte. Duas adolescentes haviam saído de uma SUV, com papel e canetas nas mãos. Elas ficaram remexendo até ele terminar na bomba, depois uma empurrou a outra para frente. Kate sentiu uma inesperada onda de orgulho por estar com ele. No momento seguinte, as meninas dispararam em lágrimas enquanto Charlie andava em direção à loja para pagar.

O pai delas chegou a Charlie antes de Kate.

— Seu bastardo desprezível. Teria te matado escrever seu nome em um pedaço de papel?

Charlie o ignorou e caminhou até o balcão. Kate ficou na porta.

— Não se afaste de mim enquanto estou falando com você — berrou o homem.

Kate ouviu o “foda-se” de Charlie, então ela estava certa de que o homem também. Ela estremeceu.

— Vocês acham que são melhores que o resto de nós. Minhas meninas quase explodiram de emoção quando viram você sair daquele carro. Elas têm sua foto em todas as paredes. Elas escutam sua música o tempo todo. Você só tem o que tem por causa delas e de outros como elas. Você é um bastardo egoísta e descuidado.

Charlie se afastou do balcão e passou pelo homem sem dizer uma palavra. Ele pegou Kate pelo cotovelo, mas ela se desvencilhou dele, querendo se desculpar por ele, já que ele não fez isso sozinho. Enquanto Charlie se afastava, Kate avançou. A mulher asiática atrás do balcão estendeu uma folha de papel e duas barras de chocolate para o pai zangado.

— Ele deixou isso para suas filhas.

O homem pegou a folha.

— O que ele disse? — a mulher perguntou.

“Desculpe, meninas. Saí da cama do lado errado esta manhã, mas não deveria ter descontado isso em vocês. Obrigado por seus lindos sorrisos. Por favor, me perdoem.” Ele assinou com Charlie Storm e deu dois beijos.

— Oh, isso é gentil — disse a mulher.

O homem murmurou.

Charlie abriu as portas, então Kate entrou direto no carro. Ela apertou o cinto de segurança e Charlie voltou para a estrada.

— Você não vai me chamar de bastardo? — ele perguntou.

— Eu não sei, Charlie. Você é?

— Sinto que toda vez que alguém me pede um autógrafo, eles pegam um pedaço de mim.

— Eles eram crianças e o pai delas estava certo. Você só tem o que tem por causa delas e de outras como elas.

— Talvez eu não queira o que tenho — ele retrucou.

— Então a culpa é sua. Não delas.

— Você não sabe como é. Eles agem como se eu fosse algum tipo de herói.

— Não se lamente. — Ela viu a boca dele endurecer. — É tão difícil ser o herói de alguém?

— Eu não quero que pensem em mim assim. Eu não valho a pena.

— Então você está no emprego errado — disse Kate. — Você não pode escapar, Charlie. Você não pode desfazer o fato de que você é famoso.

— Você gostaria de mim se eu não fosse?

— Eu já disse que não gosto de você.

Ele deu uma risada curta e ficou em silêncio novamente. Um momento depois, ele disse:

— Deixei um bilhete para elas e duas barras de chocolate.

— Eu sei, e elas vão te amar para sempre.

— Oh, Deus.

— Se você tiver comprado uma barra de chocolate pra mim, eu também — disse Kate.

— Vou parar no próximo posto de serviço.

— É tarde demais agora. Eu mudei de ideia. Você terá que adivinhar o que eu quero. Vinte perguntas.

— Isso envolve lambar? — ele perguntou.

— Não, já foi uma.

— Chupar?

— Duas.

— Foder?

— Droga.



Charlie desligou o motor, mas não se mexeu. Kate olhou para a casa inteligente, de frente dupla e pontilhada de seixos. Dois pilares dóricos que sustentavam um dossel plano ficavam em ambos os lados da porta da frente de um brilhante azul-escuro. Árvores em forma de pinheiro cresciam em vasos de terracota de cada lado.

— Eles estão esperando você? — ela perguntou.

— Não.

Kate saiu do carro e foi para o caminho de cascalho. Quando ela se moveu em direção à porta da frente, ela ouviu Charlie se aproximar atrás dela.

— Devo tocar a campainha ou você tem uma chave?

Ele apertou a campainha.

Kate não tinha certeza do que esperar. Ela não tinha ideia de por que Charlie a levara. Quando ele esmagou os dedos dela, tudo o que Kate pôde fazer foi não se afastar. A porta se abriu e ela se viu diante de uma mulher que ela presumiu ser a mãe de Charlie.

Jill Storm era pequena, fina e pálida. Ela usava um suéter creme sem forma e uma saia azul-marinho. Raízes cinzas apareciam em seus cabelos e ela parecia encolhida, como se algo tivesse sugado a vida dela. Kate observou seus olhos enquanto olhava para Charlie. Eles ganharam vida por um momento antes que a luz desaparecesse novamente.

— Olá, mãe. — Charlie soltou a mão de Kate e deu um passo à frente.

Ele lentamente moveu os braços para cima e ao redor de sua mãe, abraçando-a contra o peito. O abraço durou pouco. Sua mãe interrompeu,

afastando-se e virando-se para Kate.

— E quem é esta?

— Mãe, esta é Kate Snow. Kate, esta é minha mãe, Jill — disse Charlie.

Kate estendeu a mão para apertar a mão dela. Parecia fina e frágil como a asa de um pássaro.

— É melhor você entrar — disse a mãe dele.

O pai de Charlie estava no corredor, uma versão alta da mãe de Charlie, magro e branco, com cabelos grisalhos. Ele olhou para Kate tão atentamente que ela se viu dando um passo para trás.

— Olá, pai.

— Charlie.

Kate viu os dois se abraçarem. Os braços de seu pai envolveram Charlie, abraçando-o com força. Dessa vez, Charlie soltou primeiro.

— Essa é Kate. Ela é minha amiga e sabe de tudo.

— Mais do que nós então, Charlie — disse sua mãe.

Um silêncio constrangedor desceu. Kate podia sentir os três lutando pela coisa certa a dizer.

— O que você quer? — Jill perguntou.

— Conversar — Charlie murmurou.

— É melhor você entrar na estufa.

Era uma casa organizada, pensou Kate, uma casa bem controlada. Tudo limpo e arrumado, sem sinal de poeira, o carpete aspirado recentemente e sua mãe nem sabia que eles viriam. Kate a imaginou sempre preparada. Tudo ordenado em sua vida, mas não foi suficiente para salvar seu filho mais novo.

Charlie segurou a mão de Kate quando eles entraram em uma estufa com teto de vidro cheio de grandes plantas frondosas e cactos espetados. Ele a puxou para um sofá de vime marrom de dois lugares, enquanto seus pais estavam sentados de frente para eles em cadeiras combinando. Ninguém falou.

Paul pigarreou.

— Cinco meses e três dias, Charlie.

— Desculpe. Estive ocupado — disse Charlie.

— Você vê muito sua mãe e pai, Kate? — Paul perguntou.

— Os pais de Kate morreram quando ela tinha sete anos — disse Charlie.

— Ela passou a infância sob os cuidados da autoridade local. Ninguém a queria. Ela acha que tenho sorte porque fui adotado.

Kate assistiu com desconforto enquanto seus pais lançavam olhares

feridos um para o outro.

— Eu *tive* sorte — disse Charlie.

Kate apertou os dedos dele.

— Eu... er... eu... — Ele balançou a cabeça. — Como isso pode ser tão difícil, quando eu deveria ser um mestre com palavras?

Kate sabia o porquê. Ele estava procurando *suas* próprias palavras, não aquelas que lhe foram dadas.

— Não quero machucá-la, mãe — disse ele —, mas eu quero saber quem sou eu.

O lábio inferior de sua mãe tremeu.

— Quero saber por que eu sou eu — Charlie pressionou. — Quem me fez? De quem eu herdei o cabelo? Olhos de quem? Meu pai biológico é alto? Minha mãe biológica é alta? Eles também são péssimos em matemática? Por que a música está no meu coração? Por que não gosto de leite? Por que eles me abandonaram?

A mãe dele estava tão pálida e quieta que parecia ter morrido.

— Nós criamos você, Charlie — disse o pai. — Nós amamos música. Sua mãe toca violino. Eu toco saxofone. Eu sou péssimo em matemática. Não importa que seus pais biológicos tenham desistido de você, porque queríamos você. Nós fizemos você.

Charlie começou a morder a unha e puxou a mão da boca.

— Eu sei que vocês me queriam. Sou grato por tudo que vocês fizeram. Vocês são minha mãe e meu pai e sempre serão. Eu amo vocês, mas isso é algo que tenho que fazer. Eu entrei em contato com a agência de adoção. Eles rastrearam minha mãe biológica. Eu queria que vocês soubessem caso a imprensa descubra e faça disso uma refeição.

— *Quando* a imprensa descobrir — disse Paul.

— Você entrou em contato com ela? — Jill perguntou em voz baixa.

— Não.

— Ela não queria você, Charlie. Ela nunca tentou entrar em contato com você ou descobrir como você estava. — Os dedos dela afundaram na almofada ao seu lado. — Não foi ela quem te abraçou quando você teve pesadelos. Onde ela estava quando você quebrou sua perna? — Sua voz ficou estridente. — Ela não ouviu você cantar na Catedral de Westminster. Ela...

— Eu sei — disse Charlie.

— Ela deixou você em um carrinho de supermercado fora da Tesco. — A voz de Jill estalou como um galho seco. — Ela nem o deixou em algum lugar

seguro e quente. É o quanto ela se importava com você.

Charlie estava tremendo.

— Nós queríamos você e lhe demos uma casa. Nós o protegemos e confiamos em você. Michael confiou em você. — Sua mãe soltou um único soluço de algum lugar profundo dentro dela.

Kate agarrou a mão de Charlie enquanto ele balançava. O ar na estufa, já espesso e pesado, ficou difícil de respirar. Kate assistiu ao drama se desenrolar com crescente ansiedade, querendo arrastar Charlie para fora de lá e fugir.

— Você não voltou desde que Michael morreu e agora vem nos dizer que vai procurar seus pais de verdade porque já não somos bons o suficiente. — Sua mãe estremeceu. — Me desculpe, eu não sou a mãe que você queria, mas você acha que sua mãe de verdade vai te amar mais?

— Você é minha mãe de verdade — disse Charlie. — Ela não...

— Você sabe que dia é hoje, Charlie? Você escolheu hoje dentre todos os dias para fazer isso? — Jill começou a chorar.

Charlie empalideceu. Ele soltou Kate para alcançar sua mãe e depois se afastou.

— Deus, me desculpe. Eu sinto muito por tudo. Perdão por não ter voltado. Desculpe por deixar você sofrer sozinha.

Paul pegou a mão da esposa e fez um carinho nela. Os dedos de Kate voltaram aos de Charlie e ele se agarrou a ela como se estivesse prestes a passar por uma cachoeira.

— Michael nunca usou drogas. Por que ele usou naquela noite? — Jill perguntou. — O que aconteceu? Precisamos da verdade agora, Charlie.

Os dois rostos que olhavam para ele pareciam sombras, frágeis espectros cinzentos, mal vivos porque quando o filho deles morreu, parte deles também morreu.

— Eu te contei o que aconteceu. Eu disse à polícia. Passei os últimos cinco meses tentando esquecer. Os jornais me fizeram parecer um herói e eu não era. Um herói teria salvado Michael.

— Sabemos que você tentou, filho — disse o pai. Ele olhou para a esposa. — Precisamos ouvir novamente o que aconteceu.

Charlie esvaziou como se o ar tivesse sido sugado dele.

— Michael começou a noite de bom humor, comprando bebidas para todo mundo, brincando. Ele queria que as pessoas gostassem dele. Ele preferia sair comigo porque sempre havia uma multidão de encostados. Ele

pensou que era porque eles gostavam de mim, mas eram mariposas ao redor de uma luz. Eles não podiam se ajudar. Eles pensavam que eu era algo que não era.

Charlie olhou para Kate e depois se virou para encarar seus pais.

— Michael gostava de uma das garotas da nossa mesa e eles flertaram um pouco. A verdade é que ela provavelmente pensou que poderia usá-lo para chegar até mim.

— Você deu drogas a ele para compartilhar com ela — disse Jill.

A voz de Charlie era firme.

— Não, eu não dei.

— Michael não usava drogas — disse Jill em um sussurro, balançando a cabeça. — É você quem usa drogas. Michael não. Não o meu Michael.

Jill colocou os braços em volta de si mesma e se balançou. Kate sentiu a mudança em Charlie e sabia o que ele ia fazer.

— Você está certa. Dei-lhe um pouco de coca para compartilhar com ela.

A mãe dele ficou tão branca que Kate pensou que desmaiaria. Charlie apertou os dedos de Kate, mas não olhou para ela.

— Eu disse a ele que ele poderia pegar meu carro e fingir que era o dono. Ele só tomou uma cerveja. Depois disso, ele ficou com a Red Bull. Ele não estava bêbado. — A cabeça de Charlie caiu. — Ele partiu com a garota e ouvimos o acidente de dentro do *pub*. — Sua voz falhou. Kate viu uma lágrima escorrer pelo rosto dele.

— Ele estava consciente quando você chegou lá? — perguntou o pai.

— Não.

— Mas você puxou a garota para fora. — O peito de Jill arfava enquanto ela respirava ofegante.

— A porta de Michael estava aberta. Fiz tudo o que pude para tirá-lo, mas... os pés dele... os pés dele estavam presos. Fiquei com ele o máximo que pude e depois o fogo... — A voz de Charlie vacilou, diminuindo para um sussurro suave. — Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu queria tirá-lo de lá. Eu sinto muito. Eu sinto muito.

Lágrimas rolaram pelo rosto de Jill. A cabeça dela balançava de um lado para o outro, estranhos barulhos chorosos saindo de sua boca.

— Você disse à polícia que as drogas eram de Michael — disse Paul.

Isso foi o que Charlie havia dito a Kate também. Ele estava mentindo agora para tentar ajudar sua mãe, mas Kate achou que era um erro.

— Minhas. — Charlie olhou para o pai.

— Você também disse a eles que Michael pegou o carro sem a sua permissão — disse Paul.

— Eu dei as chaves para ele.

Kate balançou a cabeça. Isso estava errado.

— Você sujou o nome de seu irmão para manter seu próprio nome limpo — disse a mãe. — Suponho que você pensou que já que Michael estava morto, isso não importava.

— Sinto muito — Charlie sussurrou.

Kate não acreditava nisso. Charlie estava mentindo, tentando proteger seus pais da verdade sobre o filho que haviam perdido. Quase como se soubesse o que ela estava pensando, ele olhou para ela e apertou seus dedos, seus olhos dizendo: fique quieta.

— Então, por que você está aqui nos dizendo isso hoje? Tentando impressionar a sua mais recente cabeça vazia com sua honestidade e bravura? — perguntou Jill.

— Kate não é...

— É isso? — Jill perguntou, esfregando as lágrimas das bochechas. — É para isso que você veio aqui, para nos contar que mentiu sobre Michael e quer encontrar seus pais de verdade? E você não teve coragem de fazê-lo por conta própria. Bem, muito obrigada, Charlie. Você pode ir agora. Não há mais nada a ser dito.

Por um momento ninguém falou. Kate olhou entre os três e algo estalou.

— O que é isso? — ela perguntou. — O que está acontecendo aqui?

— Isso não tem nada a ver com você — disse Jill.

— Estou aqui com Charlie por isso. Você perdeu um filho e isso é terrível. Nem consigo imaginar como deve ser a dor pela qual você está passando, mas você tem outro filho e ele está sentado aqui na sua frente. Ele está sofrendo e você está agindo como se ele fosse um estranho.

Paul e Jill se entreolharam.

— Eu me preocupo mais com Charlie do que você. — Kate engoliu em seco. — Como pode ser? Vocês são os pais dele. Ele disse que sente muito. Ele não estava dirigindo o carro. Michael estava. Michael não precisava usar as drogas, ele não precisava pegar o carro. Charlie não o forçou a isso. Ele tentou salvá-lo e não pôde. Você não entende como é isso para ele? Charlie se culpa o suficiente sem que você o culpe também.

Quando Kate terminou de falar, houve silêncio. O pai de Charlie olhou para o chão de azulejos. Charlie estava fungando. A mãe dele se levantou.

— Deveria ter sido você — disse Jill.

— Não! — Kate ofegou.

— Jill, não. — Paul tentou puxá-la para baixo, mas ela deu de ombros.

— Você deveria ter morrido, não Michael. Você era o imprudente, não ele. Ele não merecia o que aconteceu. Ele tinha muito pelo que viver, muito a conquistar. Ele poderia ter feito qualquer coisa, podia ser alguém. Ele trabalhou duro e você dançou pela vida, não se importando com ninguém além de si mesmo. — Ela cuspiu as palavras e Charlie se encolheu em cada uma. — Você descansava, tocando seu violão, fingindo ser uma estrela pop enquanto Michael passava horas praticando, tentando acompanhar você. Você passou em todos os exames de piano com distinção, mas não fez nenhum esforço. Michael queria uma distinção, apenas uma, mas nunca conseguiu. — Jill se afastou, engolindo em seco.

— Basta, Jill — disse o marido.

Charlie ficou congelado. Ele não estava mais segurando a mão de Kate. Os dedos dela estavam em volta dos dele, mas os dele estavam moles e sem resposta.

— Michael nunca mais terá aniversários. Ele nunca vai vir aqui e nos apresentar a namorada dele, nos dizer que está noivo, que vai se casar ou ser pai. — Jill estava quase gritando. — Nunca haverá esses momentos para nós. Nós nunca vamos segurar os filhos dele em nossos braços. E a culpa é sua, Charlie. Por que você deu drogas a ele? Por que você deixou que ele pegasse seu carro?

Kate ficou de pé, mas Charlie ficou na frente dela.

— Eu não — ele retrucou. — Eu menti. Fiquei sentado aqui, olhando para duas pessoas que me deram um lar confortável, uma boa educação e o melhor amor que puderam e senti o quanto lhes devia e sabia que era hora de pagar um pouco dessa dívida. E sou grato, sou. Eu sinto muito. Eu pensei que poderia te fazer feliz se você pensasse que Michael não era o culpado, mas eu não posso, posso? Não importa o que eu diga, você sempre me culpará, porque eu não consegui tirá-lo da porra do carro.

Eles estavam todos de pé agora, Paul segurando Jill, Kate atrás de Charlie.

— A cocaína era de Michael. Ele comprou porque estava tentando atrair uma garota para longe de mim. Ele pegou o carro sem que eu soubesse. Ele tirou as chaves do meu bolso. Ele nunca ficava satisfeito com o que tinha. Ele era um cara gentil e engraçado, mas sempre se sentia em segundo lugar

porque não era como eu.

Kate puxou seu braço, mas sabia que não poderia pará-lo.

— Você poderia fazê-lo se sentir especial, mas não o fez. Quando ele reclamou que suas orelhas eram de abano, você concordou com ele e as consertou. Você consertou os dentes dele e não havia nada de errado com eles.

Jill tentou interromper, mas Charlie continuou falando.

— Você o fez praticar piano quando ele preferia jogar futebol. Você o fez competir comigo. Você não o deixou ser Michael. Ele sempre foi o irmão mais novo de Charlie. Ele era ótimo como ele era. Ele não merecia morrer, você está certa, mas ele merecia melhor de todos nós.

Charlie pegou a mão de Kate e a puxou para fora de casa com sua mãe em perseguição, gritando com ele.

— Eu vou escrever um livro, Charlie. Vou contar a todos como você realmente é. Veja o que acontece com sua preciosa carreira, se as mulheres ainda vão quer você.

Charlie tentou puxar Kate para o carro, mas ela soltou a sua mão.

— Charlie, acalme-se. Por favor.

Seus olhos ardiam de fúria.

— Não me diga para me acalmar. Entre no carro.

Kate pegou as chaves da mão dele e se lançou para trás.

— Não se mexa — disse ela, afastando-se quando ele a alcançou. Ela correu para a casa.

A porta ainda estava aberta. Kate respirou fundo e entrou. Ela ouviu a mãe de Charlie soluçando e seguiu o som. Paul e Jill estavam em uma cozinha tradicional, abraçados. Paul fez sinal para Kate voltar. Um momento depois, ele se juntou a ela no corredor. Parecia que alguém havia atropelado sua alma. Kate percebeu o que tinha visto nos olhos dele antes e não gostou disso, era de exaustão profunda.

— Lamento que você tenha testemunhado isso — disse ele.

— O que aconteceu naquela noite, Charlie nunca se perdoará. Você tem que acreditar que ele fez tudo o que pôde para tirar Michael do carro, mesmo que ele possa não acreditar. Se ele deu a Michael as drogas ou as chaves do carro é irrelevante. Ele sempre se sentirá responsável pela morte de seu irmão. Ele tem que viver com isso. Não é o suficiente?

Paul olhou para ela.

— Eu não ligo para quem deu o que a quem. Perdemos dois filhos naquela noite, não um.

— Charlie está tão infeliz. Ele está desesperado para saber que você o ama.

— Nós o amamos, é apenas... ele é difícil. O fato de ele estar procurando sua mãe biológica apesar do que aconteceu é demais para nós agora, principalmente para Jill.

— Charlie tentou se matar — Kate deixou escapar.

Mesmo enquanto ela falava as palavras, ela não tinha certeza se tinha feito a coisa certa. O resto de cor foi drenado do rosto de Paul.

— Oh, Cristo. — Ele cambaleou e apertou o peito.

Kate tinha medo de que ele tivesse um ataque cardíaco.

— Eu sinto muito. Eu... — Ela queria as palavras de volta.

— Não conte a Jill — ele sussurrou.

Kate balançou a cabeça.

— Ninguém sabe. Só eu. Eu te disse porque quero que você entenda a dor que ele sente, o quanto ele precisa que você o ame. Ele perdeu parte de si mesmo quando o irmão morreu.

— O que ele fez? — Paul perguntou. — Comprimidos?

— Ele tentou se afogar no mar.

Paul respirou fundo, trêmulo.

— O que aconteceu? Ele mudou de ideia?

Kate hesitou antes de responder.

— Nós dois mudamos.

Paul apoiou-se na parede.

— Oh, meu Deus. Foi algum pacto? O que...?

— Nós éramos dois estranhos. Nós nos conhecemos por acaso. Eu também estava infeliz. Então, eu entendo o quão desesperado ele estava, o quão solitário, o quão não amado. Por favor, não dê as costas para ele. Ele tem que... se encontrar, e ele quer o seu apoio.

— Você acha que ele tentará novamente? — Paul perguntou.

— Ele precisa de razões para não querer tentar novamente.

— Como você?

Kate deu um pequeno sorriso.

— Talvez eu seja apenas uma solução passageira para Charlie, uma cola fraca que mantém as coisas juntas. — Ela sentiu uma pontada de dor ao dizer

isso. — Ele precisa se resolver, aprender a gostar de si mesmo novamente antes que possa seguir em frente. Parte disso é entender de onde ele vem.

— Sua mãe biológica. — Paul suspirou. — Dissemos a ele tarde demais, quando ele era adolescente. Deveríamos ter dito algo quando ele era pequeno, mas Jill não queria. Ela queria fingir que ele não era adotado e eu concordei. Foi depois que dissemos a ele que as coisas começaram a dar errado.

Paul passou os dedos pelos cabelos e apertou os lábios. Kate viu Charlie nos maneirismos.

— Diga a ele que também gostaria de conhecer sua mãe biológica. Não tenho certeza de que Jill poderia lidar, mas gostaria de agradecer à mulher por nos dar Charlie. Eu o amo, você sabe. Jill também. Charlie tem sido muito bom para nós.

Kate olhou para uma fotografia na prateleira do aquecedor.

— Esse é o Michael? — Um cara sorridente, com cabelos castanhos encaracolados e covinhas estava segurando uma prancha de *surf*.

— Sim.

— Eu poderia pegar essa foto emprestada?

— Você pode ficar com ela. Temos outra. — Paul abriu a moldura e deu a foto a ela.

Kate a enfiou na bolsa.

— Teria sido o aniversário de Michael hoje, é por isso que a hora que Charlie escolheu foi ruim. A Jill teve dias melhores. Traga Charlie de volta. Sinto falta dele.



Kate saiu da casa e encontrou Charlie andando de um lado para o outro ao lado do carro. Quando a viu, ele parou e estendeu a mão.
— Me dê as malditas chaves.

— Eu vou dirigir — disse Kate.

Ele se encostou na porta para impedi-la de abri-la.

— Você não está coberta pelo seguro.

— Bem, eu prometo não te matar no caminho de volta.

Seu rosto permaneceu como pedra.

— Você precisa se acalmar, Charlie. Vou dirigir por um tempo e então você pode assumir. Okay?

Ele suspirou, mas foi para o outro lado e esperou Kate abrir a porta.

— Por que você voltou?

— Eu esqueci minha bolsa.

Kate esperava que ele não percebesse a mentira.

— Você viu? As famílias não são só doçura e leveza — ele murmurou enquanto Kate se afastava.

— Eu gosto do seu pai.

— Mas não da minha mãe?

— Agora não. — Kate escolheu suas palavras com cuidado. — Ela não deveria ter dito aquilo, mas está cega pela dor.

— E eu não estou? — ele retrucou.

— Charlie, não. Isso não é só sobre você.

Nenhum dos dois falou novamente até Charlie dizer:

— Este é o caminho errado. Perdemos a estrada. Encontre um lugar para

retornar.

Kate fez o que ele disse e seguiu as instruções para voltar à estrada principal.

Eles continuaram em silêncio por um tempo e, em seguida, Charlie disse:

— Eu esqueci que era o aniversário dele.

— Eu não acho que esse foi o problema.

Ele torceu as mãos no colo.

— Sinto falta dele.

— Eu sei que você sente.

— Como você sente falta da sua mãe e pai?

Kate manteve os olhos na estrada. Essa era sua chance de dizer a verdade a Charlie, mas depois da cena na casa dos pais dele, ela não quis.

— Claro que você sente — ele murmurou.

— Não me lembro deles — disse Kate. — Eu nem me lembro como minha mãe era. Não me lembro como era ter alguém que se importava comigo porque queria, não porque foi pago para fazer isso.

— Eu... isso é triste.

— Isso é a vida.

— Você deve ter construído alguma ligação com as pessoas que cuidaram de você.

Não, ela não construiu, porque nada durou. As pessoas seguiram em frente ou ela o fez, então não havia sentido.

— Eu disse que não era uma criança fácil — disse Kate. — Acho que me comentei mal porque estava testando pessoas, vendo se elas poderiam me amar mesmo quando eu era ruim. E enquanto os empurrava para longe, ainda esperava que alguém me dissesse que eu era bonita e inteligente, que poderia ser o que quisesse. Você teve isso.

— E joguei fora.

— Não, você se alimentou, floresceu. Jill e Paul fizeram você, Charlie, e eles amam você. Eles o amam, não importa o que você fez. Isso é algo especial. Então, quando você procurar a mulher que te deu à luz, lembre-se de que isso foi tudo o que ela fez; deixar você crescer dentro dela. Sua mãe e seu pai de verdade estão lá, naquela casa. — Kate ouviu-o fungando.

Charlie soltou um suspiro trêmulo.

— Acho que seus pais não foram comidos por piranhas.

— Não.

— Nem foram mortos pelo vírus Ebola.

— Não.

Charlie esperou e Kate sabia que ele esperava que ela dissesse mais, mas ela não podia. Sua boca parecia que ela estava comendo bolachas secas. Ela não queria se lembrar. Nem mesmo contemplar a lembrança transformou seu estômago em uma massa fervente de vermes.

— Acabei de abrir a porra do meu coração e você ainda não pode falar comigo. — Sua voz ficou mais dura. — Talvez eles nem estejam mortos. Eles estão vivendo felizes em um trailer em Milton Keynes? Talvez eles tenham te expulsado. Talvez você os tenha abandonado. Você inventou sua história para me fazer sentir pena de você?

Kate mordeu o lábio.

— Você transou por aí, Kate? Engravidou? Fez um aborto? Que segredos você está escondendo?

Ela ficou vermelha de raiva. Como ele teve coragem de virar as coisas para ela? Ela não conseguiu se impedir de vociferar.

— Drogas de quem, Charlie? Chaves do carro roubadas ou entregues?

— O que você acha? Você sabe como eu sou. Pare aqui.

Kate pisou no freio, desligou o motor e virou-se para encará-lo.

— Diga-me a verdade.

— As drogas eram de Michael. Ele roubou as chaves. — Charlie fixou os olhos em algum ponto distante. — Eu estava tentando facilitar para eles. Eu pensei que se eles pudessem me culpar, poderiam me perdoar. Mas a coca era de Michael. Ele comprou, tirou as chaves do meu bolso. — Ele fez uma pausa. — Mas eu menti para eles.

Ele se virou para Kate, seus olhos escuros cheios de dor.

— Ele estava consciente quando cheguei ao carro. Eu arrastei a garota para fora. Ela estava respirando, mas inconsciente. Michael me pediu para tirá-lo, gritou comigo que eu não estava puxando-o forte o suficiente, não me esforçando o suficiente. Eu teria cortado a porra das suas pernas se pudesse, mas não havia como movê-lo e o fogo ficou mais forte e eu sabia que ele iria morrer. Ele sabia disso também. Ele me implorou para não o deixar.

Kate estendeu a mão para pegar a mão dele, os dedos dele tremendo nos dela.

— Mas eu tive que deixar. Eu não conseguia respirar. Eu tive que deixá-lo. Oh, Deus. Ele gritou. Então ele parou. Ele não estava consciente, então, mas eu...

Ele começou a chorar, arrancou a mão da dela e pulou para fora do carro.

Quando ele saiu pela estrada, Kate foi atrás dele. Ele saltou para o poste mais próximo e o chutou. Kate segurou o braço dele e tentou afastá-lo.

— Charlie, não.

— O governo enviou a eles uma conta pelo poste de luz. Como eles puderam fazer aquilo? Enviar uma conta por um maldito poste de luz para uma família de luto?

Ele chutou novamente e depois acertou o poste com o punho. Sangue jorrou dos nós dos dedos e Kate se agarrou ao braço dele.

— Por favor, Charlie.

Ela o segurou enquanto ele lutava para se libertar, sujando os dois com sangue, mas ela não o soltou e no final Charlie parou de lutar. Por um momento, ele a deixou abraçá-lo. Kate colocou os braços em volta da cintura dele e pressionou a cabeça no ombro dele. Então ele puxou as chaves do bolso dela e correu.

— Eu quero dirigir. É a porra do meu carro — ele gritou.

Charlie entrou no lado do motorista, pretendendo sair sem ela, preocupado com a segurança dela se ela voltasse com ele, mas com medo pela segurança dele, se ela não o fizesse. Kate abriu a porta do passageiro e sentou-se. Ele a encarou por um momento, esperou até que ela apertasse o cinto de segurança e depois rugiu na escuridão.

Ele dirigiu rápido. As luzes passaram voando. Ele ultrapassou todos os veículos que estavam na frente. Outros motoristas tocaram a buzina, o barulho permanecendo em sua cabeça muito depois de ele ter deixado o veículo em seu rastro. Ele estava exagerado e imprudente, balançando à beira do desastre.

— Você confia em mim, Kate?

— Sim.

— Você não confia, mas não deveria mesmo.

Charlie passou por um veículo mais lento e ficou do lado errado da estrada, apenas se afastando quando os faróis se aproximaram piscando, acompanhado por outra sinfonia de buzinas. Ele olhou para Kate, esperando vê-la segurando as laterais do assento, mas suas mãos estavam cruzadas no colo. Ele queria que ela gritasse para ele diminuir a velocidade, parar, deixá-la dirigir.

— Você confia em mim, Kate? — ele perguntou novamente.

— Estou confiando em você com a minha vida.

Ela soltou um suspiro quando Charlie ultrapassou uma fila de três

veículos e só conseguiu recuar bem em cima de uma curva acentuada.

— Quando você vai me dizer para diminuir a velocidade?

— Eu não vou.

— Você não está assustada?

— Sim.

— Então por que você não está gritando comigo?

— Você quer que eu grite? — Kate perguntou.

— Sim. Você é minha moderadora. Você é quem me impede de derramar por cima do copo, não me deixa roer as unhas, não me deixa ser um idiota, me impede de me matar.

— Você tem que tomar o controle do seu futuro.

— Qual psiquiatra te disse isso? Este é o seu futuro também. Se eu morrer, você morre comigo. — A estrada se abriu em uma via dupla e o carro avançou.

— Diga-me para diminuir a velocidade — ele exigiu.

— Devagar, Charlie.

— Eu vou se você me abrir o zíper e envolver sua boca em volta do meu pau. — Ele olhou para longe da estrada para o rosto dela. Os olhos dela estavam fixos nos dele.

— Não — ela disse. — Se vamos morrer, não será minha culpa.

Charlie estava fervendo. Fúria e culpa explodindo em sua corrente sanguínea, contorcendo-se como cobras lutando até que cada parte dele estava ferida ao ponto de quebrar. Ele pisou no freio e saiu da estrada para um local para piquenique. Dirigindo para o fundo de um estacionamento vazio, ele cantou pneu, derrapando para uma lateral antes de desligar o motor. Ele virou para encará-la. O rosto de Kate estava pálido na escuridão, os olhos arregalados. Ele estava respirando em suspiros curtos e rápidos. Ele queria que ela o parasse. Por que ela não tinha feito isso?

— O que aconteceu com seus pais? A verdade — ele disse.

Kate hesitou.

— Eu abro meu coração para você e você não pode me dar uma coisa simples. — Ele agarrou a cabeça dela e apertou seus lábios contra os dela. Pressionando as costas no banco, Charlie a prendeu no lugar. Uma das mãos se moveu para o seio dela, amassando-o através do vestido, apertando o mamilo entre os dedos. Ela se contorceu de dor e tentou beijá-lo de volta, mas ele não deixou. Ele não queria que ela fosse gentil.

Charlie a arrastou pra fora do carro passando por cima do banco dele,

jogando-a contra a porta.

— Fale comigo — ele gritou.

As mãos dele estavam sobre ela, subindo sob o vestido dela, rasgando-o sobre a cabeça dela. Charlie parou de pensar. Ele arrancou o sutiã, jogou a cabeça no peito dela e a mordeu.

Kate uivou de dor.

— Vá se foder, Charlie. Isso dói.

Ela tentou afastá-lo, mas ele afastou os braços dela, agarrou seus pulsos e os segurou com uma das mãos.

— Diga-me para parar — ele implorou.

Os dedos dele mergulharam dentro da calcinha dela e momentos depois a peça estava em pedaços no chão e os dedos dele estavam nela. Charlie a puxou para a frente do carro e a girou para que ela se deitasse de bruços sobre o capô, esparramada nua na frente dele. Quando ele soltou os pulsos, ela tentou se levantar, mas ele a manteve onde estava.

— Diga-me para parar — ele implorou. — Kate, eu quero que você me diga para parar. Diga-me para eu ir me foder, para eu ir embora, te deixar em paz. Por favor.

Ele mexeu no zíper e liberou a ereção. Ela era a única coisa importante para ele, mas ele não a merecia. Ele queria que ela visse como ele realmente era. Charlie nem puxou as calças, apenas empurrou o pau entre as pernas dela e a fodeu. Kate soluçou ruidosamente e depois ficou em silêncio.

Ela não conseguiu se mexer. O capô do carro estava quente, duro e a machucando. Charlie estremeceu contra ela quando seu espermatozoário correu por suas coxas. Kate sabia exatamente por que ele fez isso. Ele queria afastá-la. Ele não tinha ideia de como era familiar para ela, ser abusada, ser amada e depois abusada novamente. Ela sentiu algo molhado nas costas e o corpo dele tremia. Ele estava chorando. Quando ele se afastou dela, ela respirou fundo e saiu da frente do carro.

— Sinto muito — ele soluçou. — Eu sinto muito.

Kate se virou. Ele ficou com lágrimas escorrendo pelo rosto, os olhos fechados, o pênis para fora da calça. Ela pegou sua calcinha esfarrapada e se limpou antes de passar o vestido sobre a cabeça. Charlie ainda não havia se mexido. Ele nem parecia estar respirando. Seus olhos estavam fechados, seus punhos cerrados, como se tivesse sido congelado pelo horror do que havia

feito.

Kate se aproximou dele e deixou os dedos roçarem os dele.

— Abra seus olhos, Charlie. Ainda estou aqui.

— Desculpe — disse ele, sua voz quase inaudível. — Eu sinto muito. Não acredito que fiz isso. Eu te forcei, eu te estuprei...

Kate segurou a mão dele, não o deixou se afastar.

— Abra seus olhos e olhe para mim. — Ela segurou o olhar dele. — Você não me estuprou.

— Eu te machuquei — ele sussurrou. — Eu não queria te machucar. Por que eu fiz isso com você? Por que você deixou que eu fizesse? Por que você não me disse para parar? — Ele começou a tremer. — Oh, Deus, não foi sua culpa. Desculpe.

Ela passou os braços pela cintura dele.

— Eu vou ficar bem, Charlie. Está tudo certo.

Seus braços permaneceram caídos ao seu lado. Ele ficou como uma estátua caída.

— Não está nada bem — disse ele. — Diga para eu te deixar em paz. Diga-me para ir embora.

— Não.

Ele suspirou ruidosamente.

— Eu não quero que você me ame. Eu não valho a pena.

Kate o abraçou com força.

— Minha mãe não me ama mais — Charlie sussurrou, parecendo tanto um garotinho que o coração de Kate se contorceu.

— Sim, ela ama. Ela está de luto pelo que perdeu. Ela está machucada como você. Meu Deus, Charlie, pense como você se sentiria se perdesse seu filho, alguém que amou todos esses anos, tudo o que queria para ele se foi em um instante. Suas vidas mudaram para sempre naquela noite. Isso matou algo dentro deles. Eu sei que você também está sofrendo. Eu sei que você passou por algo indescritivelmente terrível, mas ele era filho deles. Eles o viram crescer, alimentaram, riram e se orgulharam dele. Eles tinham sonhos pra ele e todos os sonhos se foram.

Kate acariciou suas costas, beijou-o. Ele não respondeu.

— Eles sabem que você está sofrendo e estão bravos com Michael por isso. Eles estão com raiva porque se ele tivesse sido mais cuidadoso, isso não teria acontecido. E eles se sentem culpados por estarem com raiva. Vocês estão todos inundados de emoções. Sua mãe te ama, mas ela precisa de tempo

e, mais do que qualquer outra coisa, ela precisa que você continue a amá-la.

Finalmente, Charlie a abraçou. Kate o abraçou, beijou as lágrimas salgadas de suas bochechas.

— Seu pai me disse que gostaria de conhecer sua mãe biológica. Ele quer agradecê-la por desistir de você. Ele disse que eles tiveram sorte, porque ficaram com você. Eles têm medo de te perder, Charlie.

— Estou tão fodido. Sinto muito — ele sussurrou. — Eu não deveria ter feito isso com você. Eu nunca vou fazer isso de novo.

Ela beijou o nariz dele.

— Já passei por coisas piores.

— Oh, Cristo.

Ela se abaixou, colocou-o de volta nas calças, gentilmente fechou o zíper e abotoou.

— Você queria que eu dissesse não? Bem, não precisa mais dirigir como um adolescente — ela disse enquanto voltava para o carro.

— Deus, me desculpe.

— E não é mais preciso pedir desculpas.

Quando Charlie voltou para a estrada, Kate fingiu dormir. Ela estava mais magoada do que ele imaginava. Ela pensou que ele era diferente, mas quando ele tinha descarregado sua raiva nela, Kate se perguntou se ela havia cometido outro erro. Ela desejou que ele não estivesse machucado, mas deixá-lo machucá-la foi tudo em que ela conseguiu pensar pra fazê-lo enfrentar o que quer que fosse que o estava comendo por dentro. O que ela sabia sobre isso? Talvez ela tenha piorado as coisas. E se não ele não parasse por aí? E se o abuso continuasse, como aconteceu com Dex. Havia algo nela que a levava a caras destruídos? Kate queria acreditar que Charlie cumpriria sua promessa de nunca mais machucá-la. Ela precisava acreditar, porque não podia deixá-lo.



— E i, acorde.

Kate se mexeu para encontrar Charlie acariciando sua orelha. Ela abriu os olhos e piscou.

Tudo estava escuro como breu.

— Onde diabos estamos?

— Na minha garagem.

— Não há luz?

— Automática, mas apagou. Estamos aqui há um tempo.

Ele saiu do carro. Um momento depois, as luzes se acenderam e ele deu a volta para abrir a porta do lado de Kate. Ele pegou a mão dela, mas não olhou para ela. Ele a conduziu a um lance de escadas íngremes e destrancou a porta que os levava para dentro da casa. Quando entraram no corredor, os olhos de Kate subiram para o teto pintado e ela estremeceu.

— Com fome? — Charlie perguntou, ainda não olhando para ela.

Nenhum deles tinha comido desde o café da manhã, mas Kate se sentia mal.

— Posso pedir uma comida mais tarde, se quiser — disse Charlie.

Kate sabia que ele se sentia culpado por machucá-la, e deveria mesmo, mas ele tinha que encontrar um modo de lidar com isso por si só. Ela já fora mãe dele o suficiente.

— Você quer ir para casa? — ele sussurrou.

Ela levou os nós dos dedos dele ralados aos lábios e os beijou.

— Não. Quero que você me mostre sua casa. — Kate fez questão de que sua voz soasse animada.

Eles ficaram quietos enquanto andavam e ele se agarrou à mão dela como uma criança pequena. A sala principal era linda, nada de velho ou desarrumado. Tapetes exóticos em tons de azul e marrom estavam espalhados pelo chão de madeira clara. Uma enorme TV de tela plana dominava uma parede e as outras exibiam uma série de pinturas que Kate poderia ter escolhido ela mesma. Três grandes sofás de couro branco, cheios de almofadas azuis felpudas, estavam dispostos em torno de uma mesa de café moderna. Os livros estavam em pilhas arrumadas. Nada fora do lugar.

— Ooh, móveis — disse ela. — Você mesmo escolheu?

Ele deu de ombros, seu rosto gravado com angústia, sombras escuras sob seus olhos.

— É como estar no cinema. — Kate ficou ao lado da enorme TV. — Como você liga?

Charlie pegou um controle remoto, pressionou-o e a TV ligou e desligou. Outro botão trouxe música. Um terceiro fechou as cortinas.

— Qual é o botão da Batcaverna? — ela perguntou.

Nem mesmo a sugestão de um sorriso. Kate se perguntou se, se ela tivesse chorado e soluçado, isso faria diferença. Sua capacidade de superar isso o impedia de fazer o mesmo?

A cozinha, com suas superfícies brilhantes de granito e utensílios de aço escovado, parecia ter saído de uma sala de exposições. Ela passou os dedos sobre uma tábua de carne.

— É uma cozinha fabulosa — disse Kate, e ela achava mesmo isso.

A sala de música era dominada por um piano de cauda, o chão estava coberto por um mar de papel. Charlie saiu de sua letargia e pegou as folhas do manuscrito com tanta pressa que Kate sabia que ele estava escondendo alguma coisa.

— Você tem um jardim? — ela perguntou.

— Um pequeno.

Ele acendeu as luzes e abriu as portas francesas. Kate olhou para um quintal que parecia todo composto por plantas e árvores. Um pátio de tijolos com padrão de espinha de peixe curvava em direção a um pequeno gramado, e escondido no canto havia uma mesa com tampo de mosaico azul e branco e quatro cadeiras de metal.

— Podemos tomar café da manhã aqui — disse ela.

Sem resposta.

Kate se perguntou se deveria ir embora, mas ele ainda se agarrava à mão

dela. A única vez que ele a soltou foi para ligar a música. Ela voltou para a sala de jantar e admirou a mesa de vidro com pratos pintados à mão e talheres de cabo azul. Seis copos curvos e de boca larga que pareciam impossíveis de usar estavam em cima de um jogo americano prateado em forma de estrela. Kate tinha certeza de que ninguém nunca havia se sentado lá para comer. A casa de Charlie não era uma casa.

Ela tocou a borda da mesa de jantar.

— Isso é da IKEA?

— Não, isso é... certo, muito engraçado, Kate.

Mas ela o viu dar um pequeno sorriso e se sentiu feliz.

A última sala no térreo era um cruzamento entre uma loja de eletrônicos e uma loja de música. Estava cheio de equipamentos, fios e alto-falantes por toda parte, três guitarras em suportes, vários amplificadores, uma caixa de seleção de pedais, outra TV de tela plana e um teclado. Ordem caótica, este era o coração de Charlie.

— Eu pensei que você tivesse desistido da música — ela disse.

— Às vezes sou inspirado a escrever.

— Escreveu uma música sobre mim?

Os olhos dele se arregalaram.

Kate sorriu e abraçou-o.

— Charlie, às vezes você é tão transparente quanto o vidro. O que você estava correndo para pegar naquele piano?

— Essa foi apenas uma peça sobre essa bruxa de mulher que deixava todos os homens com quem dormia completamente loucos.

— Isso é sobre mim. — Kate riu.

Ele levou a mão dela aos lábios e beijou seus dedos.

— Você me deixa louco de desejo — disse ele, olhando nos olhos dela.

— Às vezes... muito louco. Eu sinto muito.

— Eu sei.

O último lugar que Charlie mostrou a ela foi seu quarto. As roupas que ele tirou naquela manhã estavam em um pequeno ninho no tapete. As meias estavam dentro das cuecas, que estavam dentro das calças, e estavam jogadas assim como ele saiu delas.

— Se você posicionar seus pés direito, você poderá colocá-los novamente — disse ela.

— Às vezes sim.

Kate revirou os olhos e entrou no banheiro, as paredes e o chão coberto

por pálido azulejo Travertino, uma dispersão de luzes de halogênio no teto. As torneiras de prata brilhavam, assim como um enorme toalheiro em forma de vela segurando um conjunto de macias toalhas de banho em tons decrescentes de azul. O box tinha uma parede de vidro impecável e uma grande banheira de hidromassagem no canto. Para Kate, este era um banheiro feito no céu.

— A banheira demora muito para encher?

Charlie colocou a banheira para encher.

— Vou pegar algo para beber.

E, finalmente, Kate esperava que tudo desse certo, porque ela sabia de uma maneira de fazê-lo rir de novo.



Quando Charlie voltou, a porta do banheiro estava fechada. Acima do zumbido da jacuzzi, ele podia ouvir Kate praguejando.

— Merda, merda, merda.

— Kate? Você está bem?

— Não, eu não, porra. Não entre.

Era como balançar uma barra de chocolate na frente de uma criança e esperar ouvir as palavras não, obrigado.

Charlie abriu a porta.

— Foda-se — ele disse, depois riu.

Kate estava em um mar de espuma parecendo em pânico. A espuma cobria o chão do banheiro e subia pelas paredes como um fungo alienígena. Charlie fechou a porta para salvar o tapete do quarto e atravessou o banheiro. Ele largou a garrafa de champanhe e as taças, perdeu-as na espuma e desligou as torneiras da banheira.

— Quanto sabonete você esguichou? — ele perguntou.

— A garrafa inteira. A tampa saiu. Quando voltei, não consegui encontrar uma maneira de desligar as torneiras. Isso danificará os ladrilhos?

— Eu não ligo para os ladrilhos.

Kate levantou o vestido por cima da cabeça e se deixou cair na espuma.

— Oh, Deus — ele sussurrou. — Veja o que eu fiz com seu corpo bonito.

Os dedos dele tocaram uma marca no seio dela, uma mancha de sangue no ombro dela. Havia manchas de sangue por toda ela, felizmente dele. Mas

os machucados foram culpa dele. Ele traçou cada marca com os dedos, memorizando cada uma e desejando poder voltar atrás.

— Eu deveria levá-la para um hospital, eu deveria...

— Eu estou bem, Charlie. Eu não estou quebrada.

Ele passou os dedos sobre a bochecha dela e quando ela virou na carícia dele como um gatinho sendo acariciado, algo quebrou dentro dele.

— Por favor me perdoe. Eu juro que nunca mais vou perder o controle assim. Por mais furioso que eu possa estar, nunca mais vou machucá-la.

— Nem mesmo se eu arranhar seu carro?

— Não brinque, Kate.

Lágrimas se juntaram no fundo de seus olhos. Ele piscou e elas se derramaram, rolando pelas bochechas.

— Não me perdoe rápido demais. Eu quero compensar você. Eu vou...

— Ele se agitou. — Vou comprar um vestido novo para você. Uma... uma nova máquina de costura. Eu poderia começar...

— Charlie! Tudo que eu quero é um banho.

— Deixe-me lavá-la.

— Isso seria legal.

Kate entrou nas bolhas. Quando ela se sentou, quase desapareceu. Charlie soprou a espuma até encontrar os copos e depois serviu o champanhe. Agachado na espuma branca ao lado da banheira, ele bateu o copo contra o dela.

— Eu prometo nunca te machucar novamente.

— Prometo não deixar você me machucar. Agora entre aqui e me lave.

Charlie se despiu e deslizou atrás de Kate. Ele viu mais marcas nas costas dela e mordeu o interior de sua bochecha com tanta força que o sangue escorreu em sua boca. Kate recostou-se contra ele e deslizou as mãos sob a espuma, acumulando montes de penugem branca nos seios.

— Você gosta de mulheres com peitos enormes? — ela perguntou.

— Eu gosto dos seus. Eu gosto do jeito que eles enchem minhas mãos com exatidão, do jeito que embalam meu pau.

Ele acariciou os mamilos dela com a ponta dos dedos, emocionado que eles ficaram duros com o toque dele, além de espantado que ela ainda o desejasse depois de tudo o que ele havia feito. Era muito mais do que ele merecia.

Kate inclinou-se sobre ele para pousar o copo e Charlie se aproximou da marca que ele não havia feito. — De onde veio essa cicatriz nas suas costas?

— Eu fui esfaqueada.

Ela poderia ter sido de fato, mas o medo e a fúria passaram pelo corpo de Charlie. Por um momento, ele não conseguiu falar e disse:

— Achei um pouco alto para ser o seu apêndice.

Kate deu uma risada. Ele a puxou contra seu peito e cuspiu a boca cheia de espuma que espirrou em seu rosto.

— Acho que não foi um acidente.

— Não.

Ele esperou, mas ela não disse mais nada. Ele desejou que ela se abrisse e o deixasse entrar. Afastando a espuma, os dedos dele permaneceram na marca de mordida que ele fez em seu seio.

— Sinto muito, Kate. — Charlie beijou seu pescoço. — Você quer me bater ou algo assim? Não sou melhor que o bastardo que te deu essa cicatriz.

— Você é diferente. Você não quebrou meu braço ou minhas costelas, não dividiu meu lábio nem me deu um olho roxo.

Outra onda de adrenalina e Charlie endureceu.

— Oh, Deus. *O idiota?* Eu vou matá-lo, porra.

— Não Richard. Antes dele.

Houve uma longa pausa.

— Quer me falar sobre isso?

— Você não é o único com um botão de autodestruição, Charlie.

— Você não pode desculpar o comportamento de um idiota dizendo que estava pedindo. Não posso desculpar meu comportamento porque você não me disse para parar.

— Eu devia ter ido embora na primeira vez que Dex me bateu.

Algo se quebrou dentro de Charlie então, horror por alguém ter batido nela, horror por ele ter feito o mesmo. Ele queria implorar que ela não o deixasse. Ele queria dizer a ela para ir, que ele não era e nunca seria bom o suficiente para ela.

Ele a abraçou com força e pressionou os lábios nos cabelos dela. Ela cheirava a limão. Ela sempre cheirava a algo novo e fresco. E alguém a machucou. Ele era como o fodido, ele a machucou também. *Oh, Deus, que bagunça eu estou fazendo disso.*

— Por que você não foi embora? — ele sussurrou.

— Porque ele disse que estava arrependido e prometeu que não faria isso de novo. E... e achei que eu merecia, porque o irritei.

Desculpas e promessas dos agressores, Charlie pensou. Ele fez o mesmo.

Como ele poderia mostrar a ela que ele era diferente, principalmente quando sua ereção a cutucava na bunda?

— Você contou a alguém?

— Não. Não gosto de falar de mim mesma e também não falo de outras pessoas. Eu aprendi cedo, é melhor manter a boca fechada. Segredos são segredos por boas razões. Se eu reclamava e choramingava, as coisas pioravam. De qualquer forma, mesmo que eu quisesse contar a alguém sobre Dex, não tinha ninguém para contar. As únicas pessoas com quem eu saía eram os amigos dele.

Charlie soltou um suspiro trêmulo em seu ombro, soprando a espuma em uma pequena chuva de neve. *Oh, Deus, eu poderia tê-la perdido antes mesmo de conhecê-la.*

— O que aconteceu com ele?

Kate hesitou novamente.

— Fale comigo, Kate. Por favor.

— Uma noite, Dex realmente se perdeu. Ele gritou, eu disse algo estúpido e ele me bateu. Ele quebrou meu braço e algumas costelas, me nocauteou e, quando acordei, ele tinha ido embora.

Charlie parou de respirar. Ele a abraçou, abraçou-a com força.

— Descobri depois, ele foi a um *pub* e brigou. Na hora de fechar, um cara que ele tinha ofendido estava esperando do lado de fora. Ele só bateu em Dex uma vez, com o punho no estômago, mas ele rompeu alguma coisa e ele foi levado ao hospital. Ele quase morreu.

— Oh, merda. — Charlie pressionou o rosto no cabelo de Kate.

— No dia seguinte, os pais dele me colocaram para fora do apartamento. Eles ficaram com raiva porque eu não avisei quando Dex não voltou para casa. Eu dei alta a mim mesma do hospital à meia-noite, porque estava com medo do que ele poderia fazer se não me encontrasse no apartamento quando voltasse. Deitei na cama com o braço em gesso, grata por estar sozinha, pensando que ele provavelmente havia pegado alguma mulher para me ensinar uma lição e, em vez disso, ele estava pior do que eu. — Ela estremeceu. — Eu sei que parece ruim, mas quem bateu nele me fez um favor. Eu estava determinada a nunca mais confiar em ninguém. Fiquei bem por um tempo. Então eu conheci Richard Winter.

E então eu.

— Acho que foi o máximo que você já me disse sobre seu passado.

— Merda, estamos condenados. No momento em que me abro, as pessoas

se afastam de mim.

Charlie a rolou, de modo que eles ficaram deitados de frente um para o outro.

— Você contou ao *idiota* sobre Dex?

— Não. Eu disse que não gosto de falar sobre coisas pessoais. Eu sou uma pessoa muito privada. Meus problemas são meus e de mais ninguém.

— Mas você está falando comigo. — Ele levantou o queixo dela com o dedo.

— Eu confio em você.

O coração de Charlie inchou e ele exalou, soprando espuma do rosto dela.

— Depois do que...

— Esqueça isso, Charlie.

Ele não conseguiu. Como ela poderia pensar que ele conseguiria?

— Dex foi quem esfaqueou você?

— Não.

Ele deu um gemido alto.

— Jesus, Kate. A imprensa iria comer você.

— Então é melhor não contar a verdadeira razão pela qual não gosto de tirar fotos.

— Eu acho que você deveria. Você teve uma vida tão fodida que está me fazendo sentir muito menos pena de mim mesmo. Isso é muito melhor do que ficar sentado olhando para um psiquiatra. — Ele fez uma pausa. — Oh, Deus, isso soou terrível. Você não precisa me dizer nada.

— Eu quero — disse Kate e esvaziou o copo. Ela se aconchegou contra o peito dele. — Lembra que eu tinha o quarto do sótão no orfanato? Foi assim que o funcionário do orfanato que cuidava de mim teve alguma privacidade quando ele me fodeu e tirou fotografias.

Charlie estremeceu e derramou sua bebida.

— Merda, Kate. Quantos anos você tinha?

— Quatorze.

— Oh, meu Deus. India... — Dor e culpa sufocaram sua voz.

— Foi diferente, Charlie. Você estava em uma festa se divertindo. India queria sexo. Eu não. Esse cara deveria estar cuidando de mim.

Nojo por ele ter sido outro em uma fila de pessoas que machucaram Kate fez o estômago de Charlie revirar e seu coração doer. Ele a tratou como... Ele engoliu um soluço.

Kate pressionou a cabeça no ombro dele.

— Eu disse a Linda, minha assistente social, mas alguém deu um álibi para o desgraçado, para que ela acreditasse que eu menti. Quando Ray voltou ao meu quarto, ele trouxe outro homem. Ele disse que se eu contasse novamente, da próxima vez haveria três.

Charlie a abraçou o mais forte que pôde. Ele queria protegê-la e cuidar dela para sempre e nunca deixá-la se machucar novamente, só que como ele poderia lhe dizer isso depois do que havia feito? Por que ela deveria acreditar nele?

— Tenho a sensação de que há fotos minhas com quatorze anos flutuando on-line. É por isso que não gosto que minha foto seja tirada.

— Como você lida com tudo isso? — ele sussurrou.

— Aceitando. Não arrasto isso atrás de mim como uma mala de grandes dimensões. Não me queixo nem lamento o que não posso consertar. Eu tenho que viver no mundo que segue.

— Mas você tentou se matar.

— Eu deixei minhas defesas baixarem.

— Eu passei pela sua guarda? — ele perguntou.

— Eu acho que você *é* minha guarda.

Ela ainda poderia dizer isso depois do que ele fez? Charlie beijou seus cabelos. Ele poderia ser um homem melhor. Kate faria dele um homem melhor. Ele tremeu quando ela passou as mãos pelo corpo dele, varrendo as bolhas.

— Eu sou um bastardo — Charlie sussurrou. — Eu te magoei. Não tem desculpa. Só espero que você possa me perdoar.

— Quando você se perdoar. Eu sei que foi um dia ruim. Coisas terríveis foram ditas e não podem ser desditas. Mas nunca faça isso de novo.

— Eu juro que nunca mais vou machucá-la.

— Bom. Deixe-me lavar suas costas.

Não é tão fácil, Kate. Faça-me rastejar.

— Eu deveria estar lavando você.

— Mas você tem uma pele tão sedosa e macia.

— Você parece uma cobra e acho que cortou minha circulação.

Kate arrastou os dedos sob a espuma e desceu pelo estômago para envolvê-los em torno de seu pênis.

— Isso não são minhas costas — disse ele.

— Eu era inútil em biologia. — Uma lambida em seu mamilo arrancou dele um gemido.

— Nesse caso, são minhas costas. Continue esfregando.

Charlie pegou seu sorriso com um beijo. Ela tinha um gosto tão doce que a cabeça dele estava girando. Kate se afastou e deslizou por seu corpo, pousando pequenos beliscões e mordidas ao longo de suas costelas. Antes que sua boca se assentasse em torno de seu pênis, Charlie a puxou de volta para cobrir seu rosto com as mãos. Quando seus lábios macios de cetim se abriram de uma vez para a língua dele, Charlie sabia o quão perto ele estava de estragar tudo, quão sortudo ele era por ela ainda estar em seus braços e não ter dito para ele ir se foder ou até mesmo denunciá-lo à polícia. Ele a queria para sempre e o pensamento fez seu coração doer.

— Sinto muito — ele murmurou.

— Você não precisa se desculpar. — Ela desceu pelo peito dele, lambendo-o todo o caminho.

— Sim, eu preciso. — Ele levantou a cabeça para olhá-la nos olhos. — Você é especial para mim e eu sei que quase destruí tudo. Eu tenho vergonha de mim mesmo.

— Eu poderia ter parado você.

— Você poderia? — Charlie perguntou. — E se você tentasse e eu continuasse?

Kate deslizou para cima e colocou as mãos em volta do pescoço dele.

— Nós já conversamos sobre isso, Charlie. Você teve um dia terrível. Alguém que você ama e que ama você disse uma coisa horrível e você revidou. Não importa que você me atacou. É isso que eu tenho tentado explicar. Há algo em mim que faz...

Ele sentou-se tão rápido que uma onda de água caiu sobre a lateral da banheira.

— O quê? Não fale bobagem. Isto é importante. Não há nada em você que me faça querer machucá-la, que deve fazer alguém querer machucá-la. Não se atreva a se culpar. Eu estraguei tudo. Não mereço você, mas vou mostrar que posso ser um homem melhor. Eu não quero te perder. Nunca. Eu nunca me senti assim antes. — Ele respirou fundo, seu coração subindo pela garganta enquanto olhava nos olhos dela.

— Kate, eu... acho que te amo.

Oh, Deus, ele conseguiu dizer isso em voz alta? Sim, ele conseguiu. Sua frequência cardíaca dobrou e sua boca secou. Ele guardou essas palavras por tanto tempo que mal podia acreditar que conseguiu dizê-las. Só que Kate não tinha dito nada. Ela estava olhando para ele, mas por que ela não dizia algo?

Charlie segurou a mandíbula dela e balançou-a para cima e para baixo, como se tentasse fazê-la falar.

— É bom saber que você se importa comigo também — disse ele com uma voz rouca.

— Hipopótamo, eu sou sua desde a pancada no nariz.

Seu coração saltou contra o dela, como se os dois órgãos pudessem se beijar. Então seus lábios se encontraram e a cabeça de Charlie rodou. *Seja gentil*, ele disse a si mesmo e, pelo menos desta vez, ele conseguiu não esmagá-la. Suas mãos se espalmaram nas costas dela, Charlie foi devagar. Ele queria beijá-la de volta à felicidade, fazê-la voltar a acreditar nele. Hoje ele tinha sido malditamente vil, mas algo bom saiu disso. Kate estava falando com ele sobre o passado dela. Ele não gostou do que ela disse, mas ela começou a confiar nele.

Ele deslizou a língua sobre o lábio superior dela e sugou-o em sua boca. As mãos dela seguravam a cabeça dele, os polegares acariciando logo abaixo dos olhos. Ela estava se esfregando contra ele, seus corpos deslizando um contra o outro. Tão fácil apenas deslizar seu pau para dentro — Charlie virou pedra.

Oh, merda, o que eu fiz? Que diabos eu fiz?

Kate inclinou a cabeça para trás para olhar para ele.

— Eu não usei proteção — ele gemeu. — Oh, Deus, me desculpe.

— Charlie, está tudo bem.

— Não, não está. Eu estraguei tudo. Eu sou uma merda. Eu nunca fiz isso antes. Nunca perdi a cabeça, não que eu me lembre. Foda-se, foda-se. Quero dizer, e se...

— Estou tomando pílula.

Ele fechou os olhos, a cabeça cheia de mil pensamentos. Ele teve a visão de Kate grávida e os dois lutando com as instruções de montagem para um berço. Então ele pensou em todas as vezes que usou camisinha com ela quando não precisava e ele abriu os olhos e os arregalou.

— Pense — disse Kate.

Charlie fez como lhe foi dito. Ah. Uma chance pela primeira vez e ele estragou tudo, estragou o que deveria ter sido especial. Ela fez a coisa certa, não dizendo a ele. Só agora ela tinha feito isso. Ele se fez não sorrir.

— Quando você ia me contar? — ele sussurrou.

— Quando chegasse o momento certo.

— Eu sou um idiota.

— Sim, você é.

Ele soltou uma risada sufocada.

— Finja que esta noite é a nossa primeira vez.

— Mas eu já...

— Não. Você não estava pensando em mim. Desta vez você estará. Faça isso ser bom.

Kate gritou quando Charlie se levantou e a pegou nos braços. Ele a sentou na beira da banheira, pegou uma toalha e a envolveu. Espuma voou por toda parte.

— Precisamos comer — disse ele. — Comida italiana, tailandesa, indiana? Eu poderia tentar a argentina. Talvez tenhamos que esperar um pouco. — Ele mandaria um avião para trazer uma refeição.

— Você não tem nada na sua geladeira?

— Na geladeira? — Ele piscou. — Eu não faço ideia.

— Posso ir ver?

Ele assentiu. Kate secou os cabelos e Charlie enrolou uma toalha em volta da cintura.

— Você tem uma camisa velha que eu possa vestir? — ela perguntou.

Charlie entrou no quarto e no armário dele. Ele tinha cerca de cem camisas. Nenhuma delas era velha. Ele pegou uma fina camisa branca e vestiu uma cueca antes de voltar.

No momento em que Kate abotoou a camisa, ela riu.

— Dá pra ver através do tecido.

Charlie levantou as sobrancelhas.

— Sério?

Kate pegou a mão dele e o puxou para a cozinha.

Charlie duvidava que houvesse algo comestível lá dentro, mas Kate checou a geladeira, abriu alguns armários e sorriu.

— Trinta minutos. Está quente o suficiente para comer no jardim?

Ele encontraria uma maneira de tornar o clima quente, se era isso que Kate queria.

Cozinhar acalmava Kate. Charlie colocou uma música, alguma coisa de jazz com alma, serviu-lhe uma taça de champanhe, deu-lhe um beijo e desapareceu. Ele teve um dia infernal e ela não tinha a intenção de descarregar seu passado nele, mas se eles tivessem alguma chance juntos, não

haveria segredos. Charlie era tão aberto e direto, e Kate ainda escondia algo enorme. Um dia ela diria a ele, mas não hoje.

A cozinha era como algo saído de uma revista. Kate correu seus dedos sobre a linda bancada de granito. Havia manchas de turquesa iridescente espalhadas por toda a bancada e, dependendo de onde ela parasse, elas brilhavam intensamente ou fracamente sob a luz. Kate limpava enquanto cozinhava. Charlie pegou talheres, copos e pratos e então desapareceu novamente depois de ter voltado duas vezes para beijá-la.

Quando Kate saiu, carregando o suflê de queijo que afundava lentamente e a tigela de salada, foi como entrar em uma caverna de fadas. Charlie colocou velas em xícaras por todos os lugares, entre as plantas, ao longo da cerca e em todo o tijolo de espinha de peixe, além de um caminho entre onde ele estava sentado à mesa e à porta da cozinha. Ele usava uma camisa branca que combinava com a dela e uma gravata borboleta preta. Quando ele se levantou, Kate riu. Sem calças, apenas boxer. No centro da mesa havia um vaso de flores amarelas. Um nó irrompeu em sua garganta.

Ela colocou as tigelas na mesa e jogou os braços em volta dele.

— Oh, Charlie, tudo parece lindo. Até você.

Ele sorriu e Kate sentiu suas mãos deslizarem sobre sua bunda nua.

— Não é um lugar adequado pra essa comida, mas podemos nos contentar.

Ele puxou uma cadeira para Kate se sentar e serviu mais champanhe enquanto ela servia a comida.

Um bocado e ele estava gemendo.

— Oh, Deus, isso é delicioso.

— Vários ovos fora da data de validade, um pedaço de queijo mofado, cortei todos eles em pedaços, manteiga, farinha, bem, depois de peneirar as larvinhas, e o leite, que cheirava só um pouco mal.

Charlie parou de mastigar.

Ela sorriu.

— Só brincando.

— Se comprarmos os ingredientes, você vai cozinhar aquele Chihuahua de novo?

— Okay.

— E a sobremesa de sorvete?

— Ah, bem, se você comer todo o seu jantar, talvez haja um prazer depois. Não é bem zabaglione, mas quase.

Charlie colocou um dos pés dela dentro dos dele debaixo da mesa. Uma das mãos descansava em seu braço. Kate levantou o outro pé e, enquanto ele tomava um gole de champanhe, ela passou os dedos dos pés pela coxa dele e por baixo da cueca.

Ele gemeu.

— E eu pensei que poderíamos terminar o jantar sem que eu tivesse que te seduzir.

Ele agarrou o tornozelo dela e impediu que os dedos dos pés fossem mais longe.

— Desmancha prazeres. — Kate fez beicinho.

— Eu não posso comer se você fizer isso e eu preciso comer para que eu possa fazer isso com você.

Ele a observou enquanto comia cada pedaço e Kate sentiu como se ela fosse uma criança na véspera de Natal, desesperada para ir para a cama, animada com o que estava por vir.

Ela limpou os pratos e as bandejas e voltou com a mistura que tinha preparado. Sorvete do freezer de Charlie, xerez e alguns biscoitos triturados. Charlie empurrou a cadeira para trás da mesa.

— Nos meus joelhos — disse ele.

Kate montou nele e colocou a mistura na boca dele.

Ele lambeu os lábios e sorriu.

— Quase tão doce quanto você. — Os dedos dele lutaram com os botões da blusa dela e a abriram. — Mais — ele disse e abriu a boca.

Outra colherada e então Kate uivou quando os lábios dele se acomodaram ao redor do mamilo. Ela estremeceu quando o sorvete derreteu e Charlie engoliu em volta dela. Então o calor voltou e ela gemeu. Kate gemeu ainda mais alto quando sentiu as mãos dele deslizarem sob a blusa e acariciarem sua bunda.

— Mais. — Charlie olhou diretamente em seus olhos. — Mas você desaperta esta gravata borboleta primeiro. Está me estrangulando.

Kate tomou um bocado da sobremesa antes de deslizar a tigela e a colher sobre a mesa atrás dela. Ela não parou depois de desabotoar a gravata de seda preta, mas abriu os botões da camisa dele. Ele parecia tão sexy que Kate não conseguiu engolir por um momento. Seus olhos escuros, cabelos desgrehados, a leve barba por fazer nas bochechas. Não era à toa que todos o amavam. Ele poderia escolher mulheres bonitas. Por que ele...

— Pare de pensar. Isso lhe dará rugas. — Ele abriu a boca. — Alimente-

me, Kate.

Ela colocou uma colher de sorvete logo acima do mamilo. Charlie estava nele antes que ela tivesse chance de registrar como estava frio. Com as mãos na cintura dela, ele a segurou e a angulou para trás enquanto lambia e bebia antes de levantar a cabeça para lhe dar um sorriso largo.

— Mais — ele disse.

A colher seguinte pousou em seu mamilo e Kate se inclinou para pegar a sobremesa pingando e depois chupou. Ela deslizou a mão no cóis da cueca dele e acariciou seu pênis. Charlie sibilou.

— Nem pense em colocar uma colher lá. Temos que entrar antes que eu encontre outro lugar para me alimentar de você — ele sussurrou. — Eu não quero assustar os vizinhos. Estou tentando convencê-los de que, apesar do paparazzo ocasional estacionado do lado de fora, sou apenas um cara comum.

Kate desceu do joelho dele e começou a limpar a mesa.

— Deixa. A governanta vai limpar isso.

— Um homem comum faria isso sozinho — disse Kate.

Charlie revirou os olhos, mas empilhou os pratos.



Charlie era um santo. Bem, ele não era, mas naquele momento, ele pensava que era. Ele limpou todos os pratos e copos sujos e os arrumou na máquina de lavar louça enquanto Kate colocava a cozinha de volta em ordem. Ela até pegou a mão dele e o fez sair e apagar todas as pequenas luzes. E embora isso devesse ter diminuído seu ardor, não tinha. Isso o fez querer mais.

— Esconde-esconde — disse Kate. — Você fica aqui, de olhos fechados, e conta até cinquenta. — Ela tirou a camisa.

O olhar de Charlie deslizou para seus mamilos atrevidos.

— Cinquenta não. Vinte e cinco. — Charlie jogou a gravata para o lado e tirou a camisa, depois passou a mão pelo pênis e fechou os olhos.

Aos vinte e cinco ele abriu os olhos. Seu coração batia forte enquanto ele procurava por todo o térreo. Nenhum sinal dela. Charlie apagou as luzes antes de subir, direto para o quarto. Ele tinha certeza de que a encontraria em sua cama, mas ela não estava lá. Intrigado, ele foi procurar em outros lugares, incluindo o outro andar. Não havia outro lugar para se esconder, exceto... *oh, merda.*

Charlie correu de volta para o quarto e abriu a porta do closet. Kate estava sentada no canto com a caixa azul na mão. A caixa estava fechada. Então Charlie estreitou os olhos. O que ela estava vestindo?

Kate ficou de pé, com as mãos nas costas, e sorriu. As gravatas dele. Enrolada ao redor dos seios, pelos braços, pelo pescoço, pelas pernas, pela cabeça. Entre as pernas dela. Ele piscou. Então, ela levantou as mãos para mostrar o que segurava. *Porra.* Charlie pegou fogo. Um raio não poderia ter

sido mais eficaz. Suas bolas formigavam e seu pau vibrou como uma broca.

Ninguém nunca tocou na sua caixa, nem sua faxineira, ninguém. Ele empilhou coisas por cima... Ele nunca teve ninguém por perto para ficar... Droga. Ele abriu a boca para dizer que tinha uma explicação, depois se perguntou qual? Adereços para um filme? Presentes de uma fã? Presentes para... seu agente?

— Tem pilhas? — perguntou Kate.

Ele suspirou. Seus joelhos tremiam e sua bunda também.

— Já está carregado — ele sussurrou.

— Ajoelhe-se na cama — disse ela.

De alguma forma, as pernas de Charlie o carregaram através do quarto. Ele tirou a colcha e ajoelhou-se de quatro no lençol escuro. O vibrador azul que Kate segurava era longo e fino, feito de um material de geleia macio e suave com espirais por todo o comprimento. Comprou depois de suas experiências com homens porque, embora Charlie gostasse das sensações, ele gostava mais de mulheres. Ele ficou aliviado ao ver lubrificante na mão dela também.

No momento em que ele sentiu a mão dela em suas costas, a luxúria se reuniu em sua virilha. Isso não era errado, nem pervertido, nem sujo, mas não era algo que ele queria que a imprensa descobrisse. Charlie sentiu como se tivesse aberto sua alma para Kate. A mão dela pressionou na sua espinha e ele deixou a cabeça cair sobre a cama, de modo que suas nádegas ficaram para cima. Charlie fechou os olhos.

O colchão afundou quando ela subiu atrás dele. Ele sentiu os braços dela roçarem suas coxas, uma combinação de sua pele macia e suas gravatas, e ele tremeu. Com todo o senso em alerta, Charlie se ofereceu a ela. Ela tinha todo o poder. Sua língua molhada roçou o topo de sua nádega e ele gemeu na cama. Um toque de ponta de dedo acariciou suas bolas e ele mordeu o lençol. Ela soprou nele e Charlie sentiu a umidade brotar na cabeça do seu pau.

Quando ela abriu as nádegas dele, Charlie se preparou para a frieza do lubrificante, mas foi a língua dela que ele sentiu, percorrendo a fenda de seu traseiro, circulando seu ânus e passando sobre aquele triângulo de pele e chegando às suas bolas. Agora, ela ia usar o lubrificante, ele pensou, mas ela não o fez. Charlie gemeu quando sentiu a umidade quente de sua língua de volta em seu ânus. Ele gemeu novamente quando ela soprou suavemente, quente ficando frio em um instante.

O que ela estava pensando? Ela estava fazendo isso porque achava que

ele queria? Ele se encolheu quando uma gota de lubrificante deslizou por sua fenda. Então o dedo de Kate estava massageando-o, pressionando contra a entrada de seu corpo até que ele se sentiu relaxando. Dois segundos de felicidade até que a cabeça do vibrador substituiu seu dedo.

Charlie tentou engolir. Não foi possível. Desistiu e apenas se certificou de continuar respirando. Kate se inclinou sobre ele e esfregou os seios nas costas dele enquanto girava a ponta do eixo em torno da entrada do corpo dele. Ele podia ouvi-la respirar, rápido e agitado. Ele sentiu o coração dela batendo junto com o dele. Saber que isso a estava excitando também deu a Charlie tudo o que ele precisava. Ele empurrou para trás e o vibrador entrou.

Ele deu um gemido abafado quando o vibrador rodopiou no seu traseiro e tocou sua próstata.

— Oh, merda — Charlie ofegou.

— Tudo bem? — ela sussurrou.

— Sim. Não. Mais ou menos.

Em um momento, tudo mudou. Uma leve queimadura mudara para uma plenitude prazerosa. Charlie podia respirar. Então Kate pegou o vibrador e começou a movê-la. O calor explodiu em seu intestino, flashes de fogo percorreram sua corrente sanguínea e seu pênis inchou.

Não, Charlie gritou com suas bolas. Ainda não, porra!

Ele queria transar com Kate enquanto ela fazia isso, ter seu pênis empurrando nela enquanto ela empurrava nele, mas o pensamento de se mover, mesmo uma polegada, estava além dele. Cada pequena manobra que ela fazia, massageava sua próstata. Então o vibrador começou a tremer em profundas vibrações que ele sentia por todo o corpo. E Kate o empurrou, balançou e o torceu dentro dele.

Os joelhos de Charlie tremeram e ele fez o possível para prendê-los no lugar. Ele queria que ela fizesse isso a noite toda.

Mais trinta segundos seriam adoráveis.

Ele não tinha certeza de que ainda estava respirando. Nem que seu coração ainda estivesse batendo.

Que hora para ter uma epifania.

Charlie reuniu todas as moléculas de sua força de vontade e falou.

— Pare.

— Qual é o problema? — Kate perguntou. — Eu machuquei você? Oh, Deus...

Ela puxou o vibrador e Charlie suspirou.

— Não. Não está machucando. É bom. É muito bom. — Ele engoliu em seco para tentar colocar um pouco de umidade em sua boca. — Quero estar em você.

— Deixe-me somente fazer a dança dos trinta e sete laços.

Ele se recostou nos travesseiros e viu como ela se desenrolava. Não deveria ter sido erótico ou exótico, mas era. Gravatas simples, listradas e xadrez, aquelas com elefantes, bolas de futebol, lábios, gravatas horríveis que brilhavam e uma que tocava: *Wewishyouamerrychristmas*, em uma voz aguda que ficava mais baixa e mais lenta até que finalmente desaparecesse. Ele não tinha ideia de por que ele ainda guardava isso.

Sim, ele sabia.

Kate estava ao seu lado em um instante.

— O que é isso?

— Michael me deu isso.

Ela o puxou para seus braços quando ele começou a chorar.

— Foda-se, foda-se — Charlie soluçou. — Por que ele pegou minhas chaves? Por que eu não o parei?

Kate acariciou seus cabelos.

— Por que ela disse isso? — ele sussurrou.

Kate deslizou para baixo e se deitou ao lado dele.

— Não me deixe. — Ele a beijou em todo o rosto. — Não me deixe.

— Eu não vou.

— Oh, Deus — ele ofegou. — Eu não te mereço.

Kate mordiscou sua orelha, passou a língua em torno dela e Charlie gemeu. Nada importava então, exceto os dois. Kate era dele. Ela estava deitada ao lado dele e ele tinha a chance de fazer amor com ela sem barreiras entre eles. Ele ficou tão envolvido com o que ela estava fazendo com ele que esqueceu que isso deveria ser para ela. Se não tivesse sido por essa gravata, Charlie pensou que ele teria gozado antes de entrar completamente nela. Cristo, Michael estava cuidando dele?

Se você estiver aí, obrigado. Mas vá se foder agora, companheiro.

Ele deitou-se sobre Kate, apoiando-se nos cotovelos, e a beijou. Seus doces lábios se abriram e Charlie caiu dentro. Suas línguas se comportaram como crianças que saíam ao sol depois de terem ficado presas o dia inteiro por causa da chuva. Brincar de perseguir beijos, esconder e procurar, tocando até que eles tiveram que se separar para respirar.

No momento em que Charlie posicionou seu membro contra a entrada do

corpo de Kate, os dois começaram como se o conhecimento do que eles estavam fazendo fosse como se eles subitamente tivessem chegado em casa. Esquecido o que aconteceu antes, isso era um presente de Kate e ele sabia que não foi dado levemente. Charlie esfregou seu membro contra as dobras sedosas dela. Seu pré-sêmen, o creme dela, se misturaram e ele podia sentir o cheiro do almíscar subindo ao redor deles. Quente, molhado, perfeito.

A cabeça do membro dele separou suas dobras e deslizou dentro dela. Calor dentro do calor. Charlie deslizou nela uma fração de cada vez, querendo memorizar cada segundo de cada momento. Ele sentiu os músculos dela o apertarem, os dedos dela cravaram nos braços dele, a respiração dela bateu no rosto dele, e ele viu seus olhos adoráveis sorrirem para ele.

Ele ignorou suas bolas, pedindo permissão para disparar. Ele ignorou seu pau, desejando a chance de empurrar.

— Oh, sentir você é tão bom, Charlie — ela sussurrou.

Ele continuou empurrando, puxando, pouco a pouco, enchendo-a. Charlie não podia apressar este momento perfeito.

— Kate — ele sussurrou quando seus quadris finalmente se encontraram.



Kate o puxou para baixo, então ele se deitou em seu peito e eles se beijaram novamente com ele não se movendo dentro dela. Ela sabia que Charlie estava se equilibrando à beira de perder o controle, porque ela também. Se ela se deixasse gozar, Charlie iria com ela e Kate queria que esse momento durasse o máximo que pudesse.

Ela acariciou suas costas, traçou padrões com os dedos, escreveu palavras que não sabia dizer. Seu pênis a encheu, e embora Kate não quisesse, os músculos de sua vagina o apertaram gentilmente.

Charlie gemeu.

— Coloque-o dentro.

Seus quadris balançaram e seu pênis afundou dentro dela.

— Você vai primeiro — disse Kate.

Ele soltou uma risada sufocada e ela sentiu o som percorrer seu corpo. Ela podia sentir a textura do pênis dele, o calor dele, pequenos tremores correndo por ele quando o puxou. As mãos dele pousaram sobre os quadris dela e a seguraram. Charlie deu uma estocada forte e Kate começou a doer

com a necessidade de gozar. Os tendões no pescoço de Charlie se destacaram e ele apertou a mandíbula quando começou a se mover.

A força de seus impulsos afastou os joelhos dela. Kate queria agarrá-lo, mas Charlie a manteve firme. Ambos gritaram, gemidos ofegantes e gemidos ficando mais altos quando o orgasmo aumentou dentro deles.

— Deixe-me mover — Kate implorou.

Ela estava tão perto de gozar, um ávido pulso de necessidade abrindo e fechando entre as suas pernas, deixando uma sensação requintada. No momento em que as mãos dele deslizaram dos quadris dela, Kate se atirou para cima e Charlie se forçou para baixo. Em longas e profundas estocadas em seu corpo e lentas retiradas. O doce prazer de seu pau enchendo-a fazia seu coração martelar em seu peito.

Uma veia pulsou nas têmporas de Charlie.

— Kate — ele ofegou.

Seus corpos batiam juntos, moviam-se em harmonia, a fricção a envolvia, provocando-a até que ela perdeu a capacidade de pensar, apenas sentia. Tudo o que importava estava aqui, agora, ela e Charlie juntos, e Kate sentiu a explosão de estrelas dentro dela. O fogo ardia em suas veias e ela se desfez em um instante, todo o corpo preso pela tração do prazer explosivo seguido por um instante de êxtase, espasmo após espasmo.

Mas Charlie não gozou. A tensão estava clara em seu rosto, mesmo sua boca se torcendo em um sorriso.

— Novamente — ele sussurrou.

Ele era louco? Mas, mesmo quando Kate abriu a boca, ele mudou o ângulo de seu impulso, entrou no corpo dela em tempo rápido e o protesto morreu nos lábios dela. Na agonia do final de um clímax, subiu a fênix de outro, o êxtase ondulando em sua espinha.

Kate pensou que mal tinha forças para se mover, mas ela tinha. Levantando-se nas estocadas do pênis de Charlie, mas deixando-o assumir o controle. Kate se moveu sem pensar, presa no ritmo dele até que todas as células do corpo dela doíam novamente por alívio.

— Por favor — ela implorou. — Oh, Charlie.

Ela o sentiu sacudir, sentiu o primeiro jato de esperma e então eles gozaram juntos, chorando, soluçando, tremendo.



Kate abriu os olhos sem saber se havia adormecido ou desmaiado. Charlie ainda estava em cima dela, embora ligeiramente para o lado. Seu pênis ainda estava dentro dela. Ela suspirou e ele abriu os olhos.

— Você é perfeita — ele sussurrou.

Kate sorriu.

— Você acha que poderíamos nos matar assim? Vamos fazer um pacto. Se quisermos nos matar, é assim que faremos. Nos fodendo até a morte.

— Quando tivermos noventa e nove.

— Vamos sem dizer.



Charlie estava deitado na cama ao lado de Kate, observando-a dormir. Ele confiava nela e ela confiava nele, e era uma sensação estranha, uma sensação de calor, como se ela o tivesse envolvido em algo seguro e confortável. Charlie não conseguia se lembrar da última vez em que confiou em uma mulher. Kate era mais do que amante dele. Ela era sua amiga, seus sonhos, sua vida. Ele fez algo horrível com ela, mas ela lhe deu outra chance. Kate sabia mais sobre ele do que qualquer um e não havia fugido. Ela tentou ajudar. Havia muita coisa sobre ela que ele ainda não sabia, quem a esfaqueou, para começar, e a questão do que aconteceu com os pais dela, mas ele podia esperar.

Ele se aconchegou mais perto e traçou o contorno dos lábios dela com o dedo. Ele conseguiu dizer a ela que a amava, mas não pretendia deixar isso escapar enquanto eles estavam nus em um oceano de espuma. Ele nem mesmo queria dizer isso enquanto eles estavam na cama, embora quando ele a tinha fodido sem camisinha as palavras pairaram em seus lábios. Charlie queria que fosse especial. Ele pensou em levá-la para Paris ou Roma, encontrando o lugar mais romântico com a lua sobre suas cabeças e... ele suspirou. Deitado com ela descansando em seu peito em todas aquelas bolhas, quando ele ainda estava atormentado pela culpa pelo que havia feito, não tinha sido o momento certo. Mas as palavras surgiram de algum lugar e ele não podia tomá-las de volta.

Charlie desejou que Kate tivesse dito que o amava. Outras haviam dito, mas não o conheciam. Charlie queria que Kate dissesse, queria que ela acordasse, o olhasse nos olhos e dissesse as três palavras que ele queria ouvir.

Ele soprou suavemente nos lábios dela.

Kate estremeceu.

— Coloque-o dentro.

Charlie sorriu e então o sorriso desapareceu porque quando ele pensou sobre isso — *eu acho que te amo* — não era a mesma coisa que dizer a ela que a amava. Ele pensava que a amava ou sabia disso? Sabia. Ele a amava. Então, por que ele não disse isso? Charlie fez uma careta. Para alguém que deveria ser bom com as palavras, ele foi preparado para isso. Mas ela disse que era dele e ainda estava ali, na cama dele, deitada ao lado dele. Ela era sexy e engraçada e no momento em que ele terminava de fazer amor com ela, ele estava desesperado para fazê-lo novamente. Mas ele gostava de conversar com ela, discutir com ela, irritá-la.

Kate era diferente.

Kate era quem ele queria.

Enquanto ele estava contemplando uma maneira adequada de acordá-la, seu celular vibrou na mesa de cabeceira. Charlie teria ignorado, mas era Ethan.

— Eu estou do lado de fora. Me deixar entrar.

— Estou ocupado.

Charlie deslizou a mão livre entre os seios de Kate, até a garganta. Ela abriu os olhos.

— Você precisa ver os jornais — disse Ethan. — É ruim.

Uma vez que Charlie se levantou, Kate rolou para o lugar quente que ele havia desocupado. Ela se aconchegou no recuo em seu travesseiro, respirou e sorriu. Ontem à noite, ele disse que a amava. Bem, quase. Ele pensava que a amava. Ela gostou que fosse algo em que ele pensasse. Ela se perguntou quantas vezes ele disse “eu te amo” e se ele já quis dizer isso. Ele pensar que a amava era bom. Não era algo para apressar.

Kate virou de costas e olhou para o teto. Ela era louca? Não estava nada bom. Que tipo de vida ela poderia ter com Charlie? O mundo dele estava a milhões de quilômetros do dela. Ele era inteligente e talentoso. Ela deixou a escola aos dezesseis anos, mas na realidade muito antes disso, considerando a quantidade de tempo que ela ficou fora. Além disso, ele estava seriamente ferrado. Talvez pior que ela. Ela não precisava de mais alguém que em um momento quase a estuprasse e no outro dissesse que achava que a amava.

Mas ele não era como Dex. Charlie fez tudo o que pôde para afastá-la e ela não se foi. Porque se ele pensava que a amava ou não, Kate sabia que ela o amava.



Dez minutos depois, Kate desceu com o roupão branco macio de Charlie. Ele e Ethan estavam em profunda discussão. Quando ela viu o rosto preocupado de Charlie, seu coração apertou. O que foi agora?

Ethan entregou-lhe o jornal.

— Página dois. Respire fundo.

A respiração profunda não ajudou. Kate deu um gemido de horror. A manchete era: TOMADA POR STORM, a foto estava um pouco borrada, mas clara o suficiente, ela e Charlie em seu quarto, quadris e lábios juntos, completamente nus. Kate escaneou o texto ao lado da foto. Dava seu nome e que ela trabalhava em um café de Greenwich. Charlie apertou os dedos dela.

— É legal fazer isso? — ela perguntou. — Tirar fotos através de uma janela?

— Não, não é. Podemos processar, mas o estrago está feito — disse Ethan.

— Pelo menos há apenas uma foto — ela murmurou.

Ethan fez uma careta e virou a página.

— Desculpe.

Kate sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Havia uma foto dela em seu vestido de noiva, uma foto — antes — onde ela ainda sorria e mais algumas dela e Charlie no apartamento, desta vez com os seios à mostra, uma foto indistinta, mas ainda assim. O artigo descrevia Kate como uma noiva descontrolada que abandonou o noivo para ir para a cama com Charlie Storm. Kate leu duas vezes para garantir que ela não tinha imaginado tudo. Ela não tinha. *Eles* tinham.

— Eu não entendo. Como eles conseguiram essas fotos? Quem tirou fotos minhas no meu vestido de noiva? — Embora ela pensasse que sabia a resposta para isso. Richard ou alguém que ele conhecia. Fax.

Charlie deslizou o braço por cima do ombro dela.

— Se *o idiota* estava fazendo uma aposta, ele provavelmente queria uma prova de que você apareceu no cartório.

Kate afundou por dentro, os olhos fixos naquela foto dela em seu vestido, o sorriso em seu rosto, a alegria em seus olhos. Fax a viu entrar no prédio, esperou até que ela saísse e depois contou a Lucy. A bile subiu à garganta de Kate.

— Eu tive que lutar através de uma matilha de cães de caça africanos para entrar aqui — disse Ethan. — Este é apenas o começo. Eles não vão deixar você em paz agora, Kate. Tudo o que você faz, aonde quer que você vá, eles estarão olhando. Todos os erros que você cometeu voltarão para assombrá-la. Tudo o que você veste será criticado. Tudo o que você disser será distorcido. Eles tentarão te destruir.

Charlie a puxou para dentro dos braços dele.

— Cale a boca, Ethan. Você não está ajudando. Não vai ser tão ruim assim.

— Só estou avisando a ela o que terá que aturar se ficar com você.

Charlie a agarrou com mais força.

— Não assim.

— Ei, seja realista. Kate não é do ramo. Ela não sabe como é. Se ela tem algum segredo, aqueles aparelhos de raios-X ambulantes por aí os descobrirão. Você tem algum segredo, Kate? Há algo que eu deva saber sobre você?

Se Charlie não a estivesse segurando, Kate sabia que teria entrado em colapso.

— Acho que sim — disse Ethan.

A frieza em sua voz era inconfundível. Kate se perguntou o que ele sabia.

— Não, ela não tem — Charlie retrucou. — Kate não abandonou ninguém. *O idiota* a usou para uma aposta e ele a preparou para isso. Eu quero processar por invasão de privacidade.

— E piorar as coisas? Você agita as coisas agora e elas realmente vão para você. Deixe morrer por conta própria. Você tem que deixar o país, de qualquer maneira, isso irá ajudar.

— O quê? Para onde eu tenho que ir?

— Você é necessário em Dublin amanhã. Uma reunião de pré-produção para *The Green*. Eu fiz uma reserva pra você em um voo hoje à tarde.

— Kate vem comigo. Reserve um assento para ela também.

— Eu não tenho passaporte. — Outro espasmo de dor tomou conta de seu coração. Ela havia preenchido uma inscrição e Richard havia dito a ela que resolveria.

Charlie olhou para ela, incrédulo.

— Você nunca esteve no exterior?

— Não.

Ele pressionou o rosto nos cabelos dela.

— Você pode conseguir um para ela, não pode, Ethan?

— Não no domingo e não tão rapidamente. Deixe-me levar Kate para casa. Isso vai afastá-los.

— Por que eu iria querer que eles se afastassem? Eles sabem que estamos juntos agora. Nós *estamos* juntos — disse Charlie.

— Então, enquanto você estiver fora, você quer que eles estejam sentados à porta dela, incomodando-a, tirando fotos dela comprando papel higiênico ou limpando o nariz? É assim que vamos lidar com isso. Vamos fingir que foi uma aventura. Um par de encontros. Dessa forma, eles provavelmente a deixarão em paz. Apenas tenha mais cuidado quando voltar.

— De jeito nenhum. Eu não vou — disse Charlie. — Eu não vou deixá-la.

— Você irá sim — Ethan estalou. — Você não tem escolha. Esta é a sua carreira. Não há mais chances. Vou cuidar da Kate.

Charlie pegou a mão dela.

— O que você acha? Não quero que você tenha que lidar com isso sozinha.

— Eu não gosto de pessoas me dizendo o que fazer. — Kate olhou para Ethan, sabendo que ele queria se livrar dela, se perguntando como Charlie podia não ver.

— Eu não vou — Charlie repetiu, levantando os dedos para a bochecha dela.

Kate colocou a mão sobre a dele e olhou nos olhos dele.

— Eu vou ficar bem, Charlie. Você tem que ir.

Ele suspirou.

— Preencha um pedido de passaporte enquanto eu estiver fora. Deixe Ethan lidar com isso.

Mas nem morta!

— Quando você vai voltar? — Kate perguntou.

Charlie olhou para Ethan.

— Quarta-feira.

— Essa é a noite da exposição na galeria de Rachel — disse Kate.

— Eu irei e sairemos para uma refeição depois.

Kate sorriu.



Ethan e Kate saíram pelos fundos da casa enquanto Charlie foi distrair o grupo de jornalistas na frente. Kate teve que usar as roupas de Charlie, um par de calças com cordão e uma camiseta branca, o vestido, ainda molhado, caído no chão do banheiro.

— O que houve com as suas roupas? — Ethan perguntou enquanto eles estavam sentados no carro.

— Charlie experimentou meu vestido e rasgou-o.

— Sério? — Ethan virou-se para olhar para ela.

— Não — disse Kate com uma risada forçada.

— Fiquei surpreso em encontrá-la lá hoje de manhã, depois do que aconteceu no Armageddon.

Kate se virou no banco para olhar para ele.

— Nada aconteceu no Armageddon. — Ethan não gostava dela e ela não estava certa do que fazer sobre isso.

Quando eles viraram em Elm Gardens, um grupo de fotógrafos esperava do lado de fora da entrada do quarteirão de Kate.

— Eu te disse. Esta é a vida que você quer, Kate? Sendo incomodada pela imprensa?

— Eu quero Charlie. Vou aceitar o que vier com ele. — A voz dela era firme e clara.

Ethan olhou para ela por um momento antes de falar.

— Vou distraí-los enquanto você entra. Não fale com ninguém. Nem faça nenhum comentário.

Kate fugiu para o prédio. Ela subiu correndo as escadas, passando direto por um cara que estava sentado no degrau mais alto, lento demais para pegá-la, e deu um suspiro de alívio quando ela estava segura em seu apartamento. No momento em que ela fechou a porta, o telefone tocou. Então um cara bateu na porta dela. *The Mirror* estava no telefone. Kate desligou, mas quando ela começou a ligar para Charlie, tocou novamente. Desta vez, um repórter do *Star*. Kate desconectou a conexão e ligou para Charlie no celular.

— Acabei de entrar — disse Kate.

— Volte — implorou Charlie.

— Você não está indo para o aeroporto?

Ele gemeu.

— Por que você não tem passaporte?

— Eu nunca precisei de um.

— Quero levá-la ao mundo inteiro e não posso levá-la para um jantar sem que alguém nos incomode. E que porra é essa?

— Um repórter na porta.

— Não abra.

Kate olhou através do olho mágico.

— Ah, tá tudo bem. É o Dan. Fique bem, Charlie. Vejo você na quarta-feira. Você quer me encontrar na galeria? Você se lembra onde é?

— Sim. Bellingham. Holland Park. Vejo você lá então. — Ele fez uma pausa. — Kate?

— Sim?

— Obrigado por ontem com mamãe e papai, foi... bem, você sabe.

— De nada. Tchau, Charlie.

Ela abriu a porta e deixou Dan entrar.

Ele entregou a Kate um punhado de papel. Mensagens.

— Eles os colocaram na caixa de correio de todos, tentando entrar em contato com você. Eu me livrei do cara do lado de fora da sua porta. Eu o ameacei com a polícia. Nós escapamos para o telhado.

— Oh, Deus, desculpe.

— É melhor você subir. Eu deveria avisar você, Rachel e Lucy estão um pouco chateadas. Bem, muito chateadas. Eles estão fora de si por você não ter dito a elas que estava saindo com Charlie Storm e ficaram furiosas comigo porque elas acham que eu deveria saber, depois do incidente no Crispies.

— Ah. — Os ombros de Kate caíram.

— Bela bunda, no entanto. — Dan sorriu.

— De quem?

— A sua, claro, mas não conte a Rachel. Não que haja algo errado com a dela — acrescentou.

— Certo. — Kate riu de sua expressão mortificada. — Dan, posso te pedir um favor?

— Pode.

Kate tirou a foto de Michael Storm da bolsa.

— Este é o irmão de Charlie.

— Ele morreu, não foi? Saiu nos jornais.

— Se você não estiver muito ocupado, acha que poderia pintar ele e Charlie em algum tipo de luta? Não tenho uma foto de Charlie, mas espero que exista uma no jornal que você possa usar. Apenas coloque roupas nele.

Dan riu.

— Vou ter que pagar parcelado.

— Você não precisa me pagar, Kate. Eu vou fazer isso de presente. Se você não tivesse dito algo na semana passada, eu ainda estaria irremediavelmente só olhando para Rachel.

— Acho que as coisas avançaram, não?

Dan sorriu.



Kate enviou Dan de volta ao telhado. Ela vestiu o biquíni, aliviada ao ver que cobria a marca de mordida no peito, e vestiu uma camiseta comprida. Charlie estava mais chateado com o que aconteceu do que ela. Ela sabia que ele nunca faria isso de novo. Kate suspirou. Isso soou um pouco familiar demais.

Quando ela chegou ao telhado, parou abruptamente. Lucy, Dan e Rachel estavam encostados na parede do parapeito, olhando para a rua. Ao lado de Lucy estava um Nick de peito nu, em jeans baixos, a mão apertando as costas de Lucy.

Kate olhou para longe. À direita, ela podia ver os suportes dourados do Millennium Dome, à esquerda, os arranha-céus de Canary Wharf erguendo-se em um céu nublado. Kate atravessou e deslizou ao lado de Dan.

— Ei, você está louca? Não deixe que eles te vejam — ele disse e a conduziu de volta. — Aqui, tome uma taça de vinho.

Ele pegou a garrafa da mesa e serviu um copo para ela. Lucy e Rachel pararam na frente dela. Lucy usava o menor biquíni que Kate já vira. Três triângulos de prata do tamanho de biscoitos de queijo.

— Charlie Storm — disse Rachel. — Você está saindo com uma celebridade e não nos conta? Eu pensei que éramos seus amigos.

— Vocês são — disse Kate e olhou para Nick. Três deles eram. — O motivo pelo qual não contei está lá embaixo na rua.

Nick se sentou em uma cadeira e puxou Lucy para o colo.

— Boas fotos. Quer me dar uma exclusiva sobre como é sair com o bad boy Storm?

— Não.

— Você sabe o que está fazendo, Kate? — Lucy perguntou. — Quero dizer, Charlie Storm? Ele vai te mastigar e te cuspir. Ele está usando você.

Uma faixa de ferro apertou o coração de Kate. Ela se sentou em uma borda de concreto com o vinho.

— Como você o conheceu? — Rachel perguntou. — Foi realmente no litoral?

Kate assentiu.

— Ele vai dar um fora em você — disse Lucy. — Ele tem uma reputação terrível. — Os dedos de Kate se apertaram ao redor da haste do copo.

— Você poderia ganhar dinheiro com isso — disse Nick. — Por que você não me conta o seu lado da história? Eu poderia colocar você no programa de amanhã.

Kate se arrependeu de ter subido ao telhado. Ela engoliu um bocado do vinho branco quente.

— Vamos pagar um bom dinheiro, Kate — disse Nick. — Afinal, você é uma amiga. — A mão dele segurou o seio de Lucy.

Kate abriu a boca e depois fechou novamente.

— Ele te levou a algum lugar legal? — Rachel perguntou. — Como ele é? Você já esteve na casa dele? Você conheceu alguém famoso? E o mais importante, ele virá para a abertura na quarta-feira?

— Ei. — Dan colocou a mão no braço dela. — Kate veio aqui para escapar das perguntas.

— Apenas uma, então — implorou Rachel. — Ele virá para a abertura?

Kate trabalhou a resposta em sua cabeça antes de falar.

— Eu o convidei, mas não sei se ele virá. — Ela se perguntou o que ia fazer com Nick. Ele ficou olhando para ela e, por baixo do seu sorriso de serpente, Kate sabia que ele estava se perguntando se ela diria alguma coisa a Lucy.

— Ele poderia levar algumas outras celebridades também? — Rachel perguntou. — Quem ele conhece?

— Não faço ideia. — Kate virou o rosto para o sol, desejando que as perguntas parassem. Talvez ela devesse avisar Charlie para não ir.

— Nick me contou o que aconteceu no Armageddon — disse Lucy.

Kate abriu os olhos e virou-se em sua direção.

— Ele contou?

Nick colocou os braços sobre os ombros de Lucy, seus dedos provocando os triângulos que cobriam seus mamilos.

— Desculpe, Kate — ele se desculpou. — Eu sei que te coloquei em problemas com Charlie. Eu estava em pânico por causa de Gemma. Eu não

queria que ela soubesse que eu estava comprando uns envelopes de coca para mim e Lucy, então inventei uma mentira sobre uma mulher em um top rosa vindo atrás de mim. Eu nem tinha visto que você estava usando uma blusa rosa. A próxima coisa que sei é que Gemma jogou a bebida na sua cara. Claro, agora que ela leu nos jornais sobre você e Charlie Storm, ela sabe que você não se interessaria por alguém tão inferior como eu. Ela está desesperada para pedir desculpas, principalmente se Charlie estiver por perto.

— Você não é inferior. — Lucy se virou para beijá-lo nos lábios.

Sim, você é, pensou Kate, que é casado e prende Lucy a ele e transa com mulheres nos banheiros quando tem a chance.

— Vou buscar Gemma. Dan vai pintar o retrato dela, então eu vou trazê-la para as sessões. — Nick mordeu a clavícula de Lucy. — E quanto mais ele demorar, melhor.



Charlie tinha acabado de se sentar no assento 1A e esticou as pernas longas, quando Natalie Glass apareceu. Ela inclinou a cabeça e o beijou na bochecha. O perfume almiscarado que ela usava era tão avassalador, Charlie apenas suprimiu o desejo de espirrar. Ele pensou em comprar um perfume para Kate e percebeu que ela nunca usava nenhum. Mas era porque ela não gostava ou porque não podia comprar? Outra coisa que ele não sabia sobre ela.

— Charlie! Você parece bem.

— Olá, Natalie. Quer se sentar ao lado da janela?

— Não, eu estou bem no corredor. Eu estou um pouco nervosa.

Não lhe passou pela cabeça que Natalie comparecesse à reunião. Fazia sentido, embora ele se perguntasse por que Ethan não havia dito a ele.

— Estou realmente ansiosa para trabalhar com você. — Natalie sorriu. — Nós vamos nos divertir tanto. — Ela levantou sobrancelhas finas uma após a outra e piscou.

A piscada deixou claro para Charlie o tipo de diversão que ela tinha em mente e ele não estava interessado. Ela era linda. Olhos enormes e escuros com cílios pretos grossos. Um sorriso que ofuscava. Dentes perfeitos. Cabelo escuro comprido e elegante. Peitos enormes. E ele não a queria.

Ele sorriu.

Ele nem queria uma noite com ela. O sorriso dele se alargou. Se ele não

tivesse percebido que era por causa de Kate, ele poderia ter pensado que estava doente. Charlie recostou-se na cadeira e pensou na leve torção em um dos dentes inferiores de Kate, no cabelo espetado e despenteado com a aparência de recém-saído da cama, nos seios que se encaixavam perfeitamente nas mãos dele. E os olhos dela. Oh, Deus, ele amava os olhos dela, o jeito que eles mudavam de cor com o humor dela. Ele até os amava quando ela estava zangada com ele.

O avião taxiou até a pista e Natalie se contorceu.

— Você vai segurar minha mão? — ela sussurrou.

Charlie segurou seus dedos e Natalie sorriu em agradecimento.

— Vi você nos jornais hoje — disse ela. — Bela bunda.

— Sim, ela tem, não é? — Charlie ficou satisfeito ao ver o sorriso cair do rosto de Natalie, mas não conseguiu desviá-la.

— Tenho a sensação de que vou ser manchete na próxima semana. Alguns idiotas do 24/7 convenceram meu ex a revelar detalhes íntimos sobre nossa vida sexual. — Ela fez beicinho. — Não fui eu quem quis ir à porra do clube, em primeiro lugar.

Charlie queria se sentar ao lado de Kate na primeira vez que ela subisse em um avião, queria ver o olhar em seu rosto quando visse as nuvens.

Natalie inclinou a boca no ouvido de Charlie.

— Rascal's. Você já foi? Vale qualquer coisa lá, e eu quero dizer *qualquer coisa*. Ethan está tentando impedi-los de publicar, mas ele não tem esperança.

— Pensei na última edição da Hello! Ela estava cheia de fotos da sua casa e jardim. — Charlie extraiu a mão, agora que estavam no ar.

— Você leu? Eles foram tão legais. Eles ficavam pedindo minha opinião sobre o melhor lugar para tirar as fotografias. Eles forneceram flores e roupas e me deixaram ter cópias de todas as fotos depois de eu concordar com as que eles poderiam usar. E eles pagaram. Esse é o tipo de imprensa que eu gosto.

— Não tenho certeza se você pode ter os dois lados. Optamos por nos colocar nos olhos do público e temos que aceitar o que vem com ele. Estamos felizes o suficiente com a boa publicidade e o dinheiro. Só ficamos chateados quando pensamos que eles estão sendo injustos. Não podemos ditar a atenção que queremos.

Isso foi muito filosófico para ele. Charlie se perguntou se ele parecia estar falando sério. Ele verdadeiramente quis dizer isso.

— Mas não somos apenas nós que nos machucamos, não é? — disse

Natalie.

— Não. Às vezes eles vão longe demais. Isso é uma questão hoje, e o pedido de desculpas que eles sem dúvida acabam emitindo não compensa o dano que causaram, mas a imprensa nunca vai mudar.



Quando o avião pousou em Dublin, Charlie tinha certeza de duas coisas, Natalie Glass queria desesperadamente entrar em suas calças e ele queria desesperadamente mantê-la fora delas. Não era que ele não gostasse dela. Qualquer cara gostaria. Bem, qualquer cara normal. Nada de errado em fantasiar, mas ele não iria além. Charlie estava determinado a provar que ele poderia ser fiel. Kate confiou nele e ele não a decepcionaria. Mas quando Natalie pressionou seu corpo contra o dele no táxi a caminho do hotel, Charlie reconheceu que seriam alguns dias difíceis.

Como ele imaginava, um pedido para se encontrar no quarto dela às sete, para que pudessem descer juntos para jantar, levou-o a encontrá-la ainda molhada do chuveiro. A pequena toalha que estava entre ele e corpo nu dela se abriu e acidentalmente caiu no tapete enquanto ela voltava para o banheiro. Claro, ela se inclinou para pegá-la, dando-lhe uma vista espetacular de seu traseiro. Ela deixou a porta do banheiro aberta. Charlie apertou sua mandíbula.

— Sirva-me uma bebida, Charlie — ela falou.

Ele abriu o frigobar, notando que o selo já estava quebrado.

— Do que você gostaria?

— Vodca e laranja.

Ele encontrou duas garrafinhas no lixo. Ele tinha a sensação de que, depois de mais algumas vodcas, o sutiã de Natalie se soltaria misteriosamente. Por outro lado, ela provavelmente não usaria sutiã.

— Fecha meu vestido, querido?

Sim, ele estava certo. O vestido estava aberto nas costas. Ele puxou o zíper e Natalie se virou e se lançou em sua direção. Charlie interceptou com a bochecha. Ele mordeu o lábio para não rir. O vestido de seda azul tinha decote baixo na frente, com duas sombras na seda, onde os mamilos apontavam para ele como canos de armas. Ele deu um passo para trás, pegando o copo, e o empurrou na mão dela.

— Você não quer um? — ela ronronou e lambeu os lábios.

— Desintoxicando — disse ele.

Ele precisava de toda a sua inteligência para manter intacta sua integridade recém-adquirida.

Quando chegaram ao último prato, Natalie estava muito bêbada, e Charlie, muito sóbrio. Ele tentou regular a quantidade de álcool que ela consumia, mas ela comia tão pouco que o álcool devia ter percorrido sua corrente sanguínea mais rapidamente do que uma cobra em movimento. A outra coisa que ela fez foi comer devagar, mastigando cada bocado para sempre. Só para ter algo para fazer, Charlie começou a contar. Sessenta e cinco segundos para cada pedacinho que ela colocava entre os lábios. A refeição tinha que estar gelada, quando ela terminou. Ele nunca esteve tão entediado em sua vida.

Natalie tentou forçá-lo a comer a sobremesa, mas ele sabia muito bem que seria o único a comê-la. Ele recusou o café. Charlie queria ir para a cama e ligar para Kate. Quando Natalie se levantou, ela cambaleou.

— Opa! — Ela riu e segurou o braço de Charlie.

Charlie não gostou dos olhares perspicazes que atraíram quando deixaram o restaurante e seguiram para o elevador. Natalie se pendurou nele como um polvo.

— A culpa é sua, por eu estar bêbada. Eu precisei beber a sua parte do vinho também.

— Desculpe. — Charlie não estava arrependido. Na verdade, ele esperava que ela desmaiasse no momento em que ele a levasse de volta ao quarto.

— Onde está sua chave? — ele perguntou.

Depois de uma luta, Natalie conseguiu tirá-la da bolsa.

— Eu não me sinto bem — ela murmurou.

Ele não ficou surpreso. Charlie a conduziu pela porta e Natalie foi em direção ao banheiro. A queda parecia genuína e ele foi ajudar.

— Eu vou vomitar — ela ofegou.

E vomitou. Por todo o chão do banheiro e por todo Charlie. De certa forma, ele ficou agradecido porque agora não havia tentação.

Seu celular tocou enquanto ele tentava limpar a bagunça.

— Ei, o que você está fazendo? — Kate perguntou.

— Você não quer saber. — Charlie olhou para as toalhas que jogara na banheira.

— Sim, eu quero — disse ela.

— Limpando vômito. E antes que você pergunte, não é meu. Queria que você estivesse aqui.

— Por quê? Para que eu pudesse ajudar?

— Sim. — Charlie riu.

Natalie gemeu da cama e correu de volta para o banheiro.

— Quem está vomitando? — Kate perguntou.

— Natalie Glass. Ela faz parte do *The Green*.

— A do vestido vermelho lascado no Armageddon?

Ele ouviu a mudança de tom. E mentiu.

— Não me lembro.

— Charlie, você está dizendo mentiras. Você está no quarto dela?

— Sim, mas eu não estou fazendo nada. — Charlie se virou quando Natalie vomitou novamente.

— Apenas limpando o vômito — corrigiu Kate.

— Isso não está na descrição do meu trabalho.

— Consiga alguém para fazer isso, então.

— Não acho que isso esteja na descrição do trabalho de ninguém. Bela mira, Natalie. Pelo menos você acertou a bacia, dessa vez.

— Quando estiver no seu quarto, me ligue — disse Kate. — E jogaremos um pequeno jogo de médico e paciente.

— Eu preciso de um banho primeiro.

— O telefone é à prova d'água? — Kate perguntou.

Charlie se animou. Ele encontrou uma sacola plástica e tornou o telefone impermeável.



Na segunda de manhã, Kate entrou no Crispies pela porta que Dan mantinha aberta para ela. Ela olhou para o relógio. Na hora. Mas o sorriso cheio de dentes de Mel fez com que o sorriso de Kate se dissolvesse como sorvete em uma calçada quente. Algo estava errado.

— Como está se sentindo, Kate? — perguntou Mel, parecendo outra pessoa.

Dan colocou a palma da mão na testa da irmã.

— Você não está com febre. — Ele deslizou a mão no nariz dela e apertou-o. — Ah, isso está quente. Não é um bom sinal. — Ele piscou para Kate. — Oh, não, eu estou errado. É o nariz de um cachorro que deve ser frio. Acho que você está saudável, Mel.

— Cai fora, Dan — respondeu Mel.

Ele riu.

— Assim está melhor. Eu pensei que você estivesse realmente doente.

Kate tirou a jaqueta e pendurou no banheiro dos funcionários. Lois passou, com a boca e os olhos bem abertos, enquanto encarava Kate com algo que se aproximava da reverência. Duas das outras garçonetes se amontoaram em um canto, sussurrando.

Seria um longo dia.

Kate foi até a cozinha, esperando que Tony a animasse, mas em vez do flerte que ela começava a gostar, ele continuou cortando cenouras a uma velocidade vertiginosa. Kate estava irritada, constrangida e preocupada, tudo ao mesmo tempo. Ela voltou para a área de jantar e encontrou Mel ainda conversando com Dan.

— Vamos estar muito ocupados hoje — disse Mel. — Eu tive que servir ontem, porque algumas pessoas não vieram ajudar. — Ela olhou para o irmão.

— Eu te disse que estava ocupado. Eu tenho trabalho próprio.

Mel revirou os olhos e virou-se para Kate.

— Teve um bom fim de semana?

A boca de Kate caiu aberta. Ela apertou os lábios. Mel nunca se interessou pelo que qualquer pessoa da equipe fazia fora do trabalho.

— O que você fez com Charlie? — Mel perguntou.

À menção do nome dele, uma carga crepitante encheu o ar quando todas as pessoas ao redor se ligaram na conversa. Lois se aproximou e espanou as cadeiras atrás deles.

— Ele me levou para conhecer os pais dele. — Kate tampou a boca com a mão. Merda, ela era uma completa idiota?

— Oh. Meu. Deus. Ele deve estar falando sério. Ele vem hoje? Por favor, ele pode vir hoje? — As mãos de Mel dançaram de emoção.

— Ele está na Irlanda. Não conte a ninguém que fomos ver os pais dele — implorou Kate.

Mel franziu a testa e, em seguida, seu rosto se iluminou como se tivesse visto o Papai Noel descer pela chaminé com presentes para ela, e não para Dan.

— Okay, mas mantenha em segredo também que ele está na Irlanda. Se um cliente perguntar, diga que você o espera a qualquer momento.

— Mas... — Kate parou quando viu o jeito que Mel a olhava. Uma ordem não, um pedido. — É só que... — Kate fez mais uma tentativa.

— As pessoas vão vir até aqui se acharem que existe uma chance de Charlie Storm aparecer — retrucou Mel.

— Mas o jornal não disse exatamente onde eu trabalho. Existem muitos cafés em Greenwich.

— Tenho certeza de que não vai demorar muito para as pessoas descobrirem. — Mel evitou os olhos de Kate. — Afinal, ele esteve aqui semana passada. Eles acham que ele vem sempre. Atrairemos um tipo diferente de multidão.

— As únicas estrelas estarão em seus olhos. — Dan riu.

Mel virou o rosto que Kate conhecia tão bem. Irritada e envergonhada.

— Você ligou e contou a eles? — Dan perguntou.

O olhar de Mel mudou para o teto de vidro.

Droga, Kate pensou.

— Mel, me diga que você não fez isso — disse Dan. — Por favor, diga-me que você não usou o nome de Charlie para encher este lugar.

Mas Kate sabia que sim, porque espalhar que Charlie poderia chegar a qualquer momento seria ótimo para os negócios.

— Claro que não.

Dan suspirou.

— Você poder ser um irmão gentil, em vez de malvado, e receber a entrega do vinho? — perguntou Mel.

Kate sabia por que ela se livrou de Dan. No momento em que ele estava fora de vista, ela seguiu Kate como um filhote, ansiosa por migalhas.

— Então, como ele é? — perguntou Mel.

Kate passou o pano sobre uma mesa e apertou os lábios.

— Como você o conheceu?

Kate foi para a próxima mesa.

— Você pode me dizer. Nós somos amigas.

Kate se virou e cruzou os braços.

— Quem é você e o que você fez com minha chefe?

— Oh, muito engraçado. Vamos, Kate. Me conta tudo.

— Eu não posso falar sobre ele — Kate tentou explicar. — A imprensa vai distorcer tudo.

— Nós não somos a imprensa. — Mel fez outra tentativa de transmitir sinceridade e falhou.

Kate estremeceu quando uma vassoura bateu no pé dela. Lois varreu o chão atrás dela, curvada com as antenas tremendo.

— Como você o conheceu? — Mel perguntou. — O pau dele é realmente...

— Mel — Tony gritou da cozinha. — Venha aqui.

Kate deu um suspiro de alívio. Mel sempre se sobressaltava com Tony.

— Ele cantou *Just one Look* para você? Eu amo essa — Lois murmurou com uma voz sonhadora no ombro de Kate. — Eu tenho todos os álbuns dele. Você acha que ele poderia autografar pra mim?

— Eu não sei — disse Kate, quase desejando que Mel a tivesse despedido.

Kate ouviu uma batida na janela da frente. Os olhos dela se arregalaram. Ela não podia acreditar. Dez minutos antes de abrirem e já tinha uma fila de pessoas na calçada.

Dan passou voando.

— Eu tenho que ir ao atacadista. Até logo.

Mel saiu da cozinha, lançou um olhar culpado para Kate e começou a polir os espelhos. Outra novidade, Mel trabalhando.

O fiasco de Charlie bateu no momento em que a porta se abriu. Os olhares curiosos e perguntas impertinentes deixaram Kate com uma dor de cabeça latejante. A inveja de boca aberta era algo com o qual ela podia lidar, mas o ódio mal disfarçado a deixou desesperada para fugir.

O intervalo não chegava nunca.

Ela se escondeu no depósito da loja, sentou-se em um tambor de óleo de cozinha e ligou o celular. Charlie tinha enviado uma mensagem.

Pensei em você e agora eu tenho que lidar com um grande problema, eu estou indo tomar o café da manhã. Queria que você estivesse aqui XX Hipopótamo.

Você me deu um grande problema. Milhões de pessoas no Crispies porque acham que você pode aparecer aqui XXX Sereia.

Logo após o texto “mensagem enviada” aparecer na tela, o telefone tocou.

— Como eu posso ligar para você, se você mantiver o telefone desligado?

— Charlie exigiu.

Kate sorriu.

— Bom dia para você também.

— Eu quero você — Charlie sussurrou. — Eu quero continuar nossa discussão sobre a noite passada. — Kate sentiu um aperto familiar entre as pernas apenas com o som da voz dele.

— Você não resolveu o seu pequeno problema? — perguntou ela.

— Não era pequeno, e sim, eu resolvi. Eu estou tomando café da manhã. Ei, tire as mãos da minha torrada. — Kate ouviu uma mulher rir e sentiu uma pontada de inquietação.

— Natalie? — Kate desejou que ela não tivesse perguntado.

— Sim.

Houve sons de uma briga e, em seguida, uma mulher falou ao telefone.

— Ele é irritante, Kate. Não sei como você o aguenta.

Então o telefone voltou às mãos de Charlie.

— Eu ligo para você hoje à noite — disse ele. — Vou ficar preso o dia todo.

Kate ouviu Natalie rir.

— Nas reuniões — acrescentou.

— Okay, eu tenho que ir agora — disse Kate em voz baixa.

— Tchau, Sereia.

Kate ouviu mais risadas e depois o telefone foi desligado. Ela o fechou e empurrou-o no bolso, com o pé chutando o tambor. O som das risadinhas de Natalie ecoou dentro de sua cabeça. Kate queria ir para casa e enterrar a cabeça debaixo do travesseiro, mas, em vez disso, se forçou a passar pela porta.

Ela passou por Tony, ocupado cozinhando extra de tudo, e espiou pela janela circular de vidro da porta de correr. O lugar estava cheio de pessoas tagarelas. Ótimo, Kate pensou, Charlie está tomando café da manhã com uma mulher bonita, que apesar de vomitar ainda é linda, enquanto ela precisava servir o café da manhã a alguns frequentadores regulares de mau humor e a uma multidão de intrometidos barulhentos e parecer feliz com isso. Ela não estava com ciúmes. Ela não estava. Ela nunca se deixou apegar o suficiente a alguém para que se sentisse assim.

Apesar de sua vida difícil, Kate não se sentia insegura. Ela não tinha problemas com a aparência ou o corpo. Ela aprendeu a nunca mostrar esse tipo de fraqueza. Era um convite para agressores. Ela aceitava o que tinha, embora isso não significasse que às vezes não tivesse inveja de outras pessoas. Não pelo dinheiro, carros ou casas, mas pela família amorosa, pelos amigos, pelo fato de terem pessoas que se importavam com elas. Kate nunca tinha ficado com ciúmes de um cara antes.

Ela desejou ter um passaporte.



A única coisa boa de estar ocupada: isso a impedia de pensar. Todo mundo estava correndo pra ela.

— Sim, estamos esperando ele mais tarde.

— Não, você não chegou tarde. Ele deve chegar aqui a qualquer momento.

— Ah, sim, ele vem sempre aqui.

Mel respondeu às perguntas que Kate ignorou. Os clientes que queriam se demorar eram forçados a continuar fazendo pedidos e, se tentassem ficar só no chá ou no café, Mel apontava para o aviso de pedido mínimo que estava no final de cada cardápio naquela manhã.

Kate levou um prato de lasanha para a mesa doze e sorriu para o jovem sentado ali, um cara loiro de rosto redondo e um sorriso fofo. O tipo que geralmente dava uma grande gorjeta.

— É sempre tão cheio? — ele perguntou.

— Crispies é muito popular.

— Trabalha aqui há muito tempo?

— Não. Há mais alguma coisa que eu possa trazer para você? — perguntou Kate.

— Vou tomar uma taça de vinho tinto. Traga uma pra você também.

— Um pouco cedo para mim, obrigada. Então, para qual jornal você trabalha?

Ele riu.

— *The Star*. Andy Swift. Quer me dar uma exclusiva, Kate? Como vocês se conheceram? Como ele é na cama? Esse tipo de coisas. Cinco mil libras?

— Não.

— Dez.

Ela engoliu em seco.

— Não.

— Vinte — Andy ofereceu.

Kate se afastou, seu coração batendo forte.

Toda vez que ela se aproximava da mesa dele, ele aumentava o preço.

— Dê-me uma ideia se estou chegando mais perto — ele reclamou.

— Não.

O rosto do repórter caiu. Kate se afastou da mesa e se viu diante de uma loira alta com mais ou menos a sua idade. Antes que Kate pudesse dar um passo para o lado, uma mão disparou e lhe deu um tapa forte na bochecha. Kate ofegou e sua própria mão voou em uma tentativa tardia de proteger seu rosto.

— Cadela — ela gritou para Kate.

Kate deu um passo para trás, esfregando a bochecha formigando. O lugar

inteiro ficou quieto.

— Deixe-o em paz. Ele é meu.

— Certo. — Kate se virou.

Isso estava se tornando um sofrimento. Ela podia ver o que Charlie tinha que aturar. Pessoas estúpidas e loucas. Antes de Kate dar dois passos, ela sentiu um golpe no ombro e cambaleou para frente.

— Pelo amor de Deus! — Kate gritou e cerrou os punhos.

Houve um grito agudo vindo de algum lugar, não de Kate, e então o lugar ficou tumultuado. Ela se virou e viu o repórter do *Star* segurando o pulso da loira. Ele arrancou uma faca das mãos dela. Kate a viu cair no chão e girar para debaixo de uma mesa. Inferno, ela pensou, que bom que ele estava ali, afinal. Quando se deu conta de que ele teria sua história, mas não a que ele esperava, Kate deu um suspiro pesado.

— Kate. — Tony apareceu na frente dela e a pegou pelo braço, puxando-a para fora do caos da área de jantar e levando-a para a cozinha. Somente depois que ele colocou os dedos nas costas dela e lhe mostrou o sangue, Kate percebeu que havia sido esfaqueada.

— Oh, Cristo — ela ofegou e cambaleou.

Tony arrastou o banquinho com o pé, sentou Kate e desabotoou a blusa dela.

Mel entrou correndo na cozinha vindo do seu escritório.

— Que diabos de confusão é essa? Tony, o que você está fazendo?

Kate olhou para cima, viu a angústia no rosto de Mel e sabia que não era por ela.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — A boca de Mel era uma linha dura.

— Pelo amor de Deus, Mel. Você não vê o sangue? Uma lunática esfaqueou Kate.

— O quê?

— Ela me esfaqueou? — Kate ainda não podia acreditar.

— Vou chamar a polícia. Precisa de uma ambulância? — perguntou Mel.

— Não — disse Kate. — Nem polícia.

— Mas ela esfaqueou você! — Mel gritou.

— Por favor. Eu vou ficar bem. Não quero que você ligue para ninguém. Não é tão ruim, é?

— Não se preocupe — Tony a tranquilizou. — Ela só pegou de raspão na sua omoplata.

— Porra. — Kate gemeu quando ele segurou uma toalha de papel sobre a ferida.

— Vá lá e veja o que está acontecendo — disse Tony a Mel. — Um cara pegou a mulher que fez isso e tirou dela a faca, mas tenha cuidado. Não chegue perto dela.

As costas de Kate doíam agora. Latejando. Lágrimas surgiram em seus olhos e ela piscou. Foi isso que ela conseguiu por namorar Charlie?

— Eu sabia que o curso de saúde e segurança seria útil. Mas nunca pensei que teria que remover a blusa de uma mulher. — Tony piscou. — Isso só precisa de algumas tiras de esparadrapo. Mantenha sua mão aqui. Ele puxou o braço de Kate sobre o peito e sobre o ombro e depois pegou a caixa de primeiros socorros da parede. — Você está em dia com a vacina contra o tétano?

— Sim.

— Não gosta de hospitais, não é?

Kate balançou a cabeça. Ela se recusou a ir ao curso quando Mel pediu voluntários. Kate arqueou as omoplatas quando ele passou um pano esterilizado nas costas.

— Não é a primeira vez que alguém a ataca. — O dedo de Tony roçou sua cicatriz.

— Acidente na infância — disse Kate.

— Isso não é tão ruim. Eu só vou alinhar as bordas da ferida.

— E por que você está me dizendo isso?

— Nós devemos tranquilizar o paciente. Você é a minha primeira. Não conto com a farpa no dedo de Lois.

— Eu removi a farpa.

— Oh, sim. Bem, para garantir que as tiras permaneçam no lugar, colarei mais duas paralelas ao corte para mantê-lo seco. Nenhum sexo vigoroso, a menos que seja comigo.

Kate gemeu.

— Honestamente, não é tão ruim.

Ao tentar tranquilizá-la, ele a estava preocupando.

— O que não é tão ruim, o sexo com você? — ela perguntou, tentando aliviar o momento.

— Não, isso é brilhante — disse ele, rindo. — É melhor você ir para casa. Pagarei um táxi.

— Eu estou bem, Tony. Eu só fiquei chocada.

A porta se abriu e os dois se viraram para ver a mulher que a esfaqueou ao lado do repórter. Tony entrou na frente de uma Kate sem blusa.

— Fora da minha cozinha — disse ele.

— Você está bem? — Andy perguntou.

— Saia.

— Esta é Tiffany Samuels — disse Andy. — Ela quer se desculpar e explicar.

— Tudo bem — disse Kate. O pedido de desculpas era inútil, mas ela gostaria de uma explicação.

— Você tem certeza, Kate? — Tony perguntou.

Kate assentiu.

— Vá em frente, Tiffany — Andy insistiu.

— Até um mês atrás, eu estava noiva de Charlie. Era um segredo. Não queríamos que a imprensa descobrisse. Só que... ele rompeu e partiu meu coração.

Lágrimas começaram a rolar por suas bochechas. Kate não ficou impressionada.

— Me desculpe por ter machucado você. Por favor, não chame a polícia. Algo arrebentou dentro de mim quando vi o jornal ontem. Eu pensei que Charlie tinha terminado comigo porque eu era comum. Quero dizer, eu não sou uma estrela de cinema nem cantora, mas não há nada de especial em você. Você é apenas uma garçonete, então não pode ser isso.

Caramba, Kate pensou.

— Eu... — ela começou a dizer que não conhecia Charlie há muito tempo e depois viu os olhos reptilianos do repórter e fechou a boca.

— Eu ainda o amo — soluçou Tiffany. — Eu pensei que se eu pudesse fazer você ir embora, ele voltaria para mim. Eu gostaria de ter mantido o bebê. Então ainda teria uma pequena parte dele.

Oh, Cristo, a mulher é louca.

— Mas ele não queria — ela sussurrou. — Ele disse que isso arruinaria a carreira dele. Ele me pediu para fazer um aborto.

— Há quanto tempo você estava saindo com ele? — Andy perguntou.

Kate se perguntou se ele estava gravando tudo isso.

— Três meses.

— Qual é a sua reação a isso, Kate? — Andy virou-se para ela.

Kate saiu da sala. O que ela deveria dizer? Os olhos do homem estavam brilhando. Ele não se importava se era verdade ou não. Ele teve sua história.

Kate foi até o banheiro dos funcionários e se trancou em um cubículo. Ela enviou uma mensagem para Charlie.

Você conhece Tiffany Samuels?

XX Sereia.

Kate estava determinada a não se mexer até ter notícias dele. Ela não acreditou na mulher. Ela suspeitava que houvesse todo tipo de pessoas estranhas por aí, esperando oportunidades surgirem das rachaduras. Mas Kate esperava que Charlie nunca tivesse ouvido falar disso. O telefone tocou com uma mensagem.

Não. Procurando joalheria?

XXX Hippo

— Kate, você está aí?

Era Mel. Kate deu descarga no vaso sanitário não utilizado e saiu.

— Você está bem? — Mel perguntou.

— Sim.

— Você parece um pouco pálida.

— Estou bem.

— Eu trouxe isso para você vestir. Belo sutiã, por sinal. Onde você conseguiu isso? Charlie comprou para você?

— Não.

Mel ofereceu a Kate uma de suas blusas, uma coisa horrível com flores vermelhas e amarelas. Kate mordeu o lábio para impedi-la de se encolher de horror.

— Obrigada.

— Você pode ir para casa, se quiser.

— Acho que prefiro trabalhar. Kate vestiu a blusa e encostou-se ao lavatório para olhar seu rosto pálido. Uma fugitiva de um asilo olhava de volta.

Mel abriu a porta.

— Não teria durado, de qualquer maneira. Eles sempre ficam com pessoas do mesmo meio. Pessoas como nós são apenas emoções baratas.

Aquela farpa doía mais do que a facada nas costas. Era isso o que ela era para Charlie? Uma emoção barata? Talvez isso tenha sido um teste. O que ele faria quando soubesse o que havia acontecido?

Respirando fundo, Kate entrou na área de jantar. Havia mais clientes do que nunca. Todas as cadeiras foram ocupadas e as pessoas ainda estavam alinhadas do lado de fora. Ela se perguntou quanto tempo levaria antes que

Mel decidiu que a renda extra não valia a pena. Crispies perderia seus frequentadores regulares e esses curiosos partiriam assim que percebessem que não seriam tratados com um espetacular sobrevoos pelo contingente de artistas britânicos.

Kate continuou seu trabalho, sorriu e disse o mínimo possível. Suas costas estavam doloridas, mas não era um grande problema. O contínuo “você está bem?” a incomodava muito mais. Ela não gostava quando as pessoas faziam escândalo. No lado positivo, as dicas foram ótimas.

Quando ela viu os dois policiais entrarem, Kate deu um gemido mental. Tiffany havia ido há muito tempo, sem dúvida, para revelar tudo, inclusive os seios, ao repórter do *Star*. Kate se perguntou se deveria ligar para Charlie e avisá-lo, ou talvez deveria ligar para Ethan.

— Kate Snow? — perguntou um dos policiais a Lois.

Ele não precisava perguntar. Todos os olhos estavam em Kate. Todos os ouvidos se esforçaram para ouvir.

— Existe algum lugar onde possamos conversar? — disse o policial.

Mel os deixou usar o escritório dela. Kate não tinha intenção de prestar queixa, mas sabia que não era com ela. Quando terminou de falar, esperava ter convencido a todos de que não valia a pena se preocupar, mas duvidava disso. Eles queriam que ela fosse ao hospital, mas Kate recusou. No momento em que a polícia saiu, outra carga de repórteres e fotógrafos chegou.

Ela não sabia como Charlie aguentava. Por que as pessoas eram tão obcecadas por celebridades? Por que eles se sentiam no direito de conhecer detalhes minuciosos de suas vidas? Eles queriam visitar suas casas, inspecionar seus banheiros, espiar suas geladeiras. Era como se eles sentissem que tinham o direito de saber.

Kate sabia que se tornara impopular ao se recusar a falar com alguém.

— Há quanto tempo você sai com Charlie?

— Isso é uma combinação? Publicidade para o próximo filme?

— Você está grávida?

Jesus Cristo!

— Fale conosco, Kate. Vamos escrever sobre você, fale conosco ou não. Você não quer ter certeza de que acertamos?

Ela sabia que os jornais imprimiam a verdade deles, não a dela, e decidiu que bastava.

— Tony, posso ir para casa?

— Claro que pode. Você deveria ter ido para casa mais cedo. Inferno,

você deveria ter ido ao hospital e estou tendo dificuldades para me convencer de que fiz a coisa certa não te obrigando você ir. Tenha o tempo de folga que precisar. De fato, tire o resto desta semana. Quando der você volta. Vou combinar com Sua Alteza.



Depois que Kate alcançou a segurança de Greenwich Park e soube que ninguém a havia seguido, ela relaxou, embora suspeitasse de que haveria mais repórteres do lado de fora do apartamento. Ela andou pelo caminho até encontrar um banco vazio, depois se sentou e pegou o telefone. O número de Charlie estava fora de serviço. Kate colocou o telefone de volta na bolsa. Ela não tinha mais ninguém para ligar.

Era assim que devia ser para Charlie, perseguição implacável, nunca sendo permitido ficar sozinho, exceto em sua casa. Mesmo assim, ele não estava seguro. A possibilidade de ter outra Tiffany nas sombras a preocupava. Charlie sempre seria fotografado; de férias, no cinema, em restaurantes, até no supermercado. À medida que envelhecia, se ele estivesse doente, se seu pau estivesse mole, haveria alguém pronto para capturar o momento. Se ela ficasse com Charlie, essa seria sua vida também.

Kate fechou os olhos e inclinou o rosto para o sol. Ela poderia se afastar de tudo isso, mas Charlie não. Os dois poderiam lidar com isso melhor do que um? Seu celular tocou e a fez pular. Não era Charlie.

— Onde você está? — Ethan exigiu.

— Como você conseguiu meu número?

— Charlie me deu. Onde você está?

— Caminhando para casa pelo Greenwich Park.

— Não fale com ninguém. Volte direto para o seu apartamento e espere por mim.

Kate estava prestes a perguntar por que, mas ele desligou.

Ela estava certa sobre a imprensa. Quando ela virou a esquina, viu vários fotógrafos esperando do lado de fora da entrada. Eles ficaram conversando até que a viram e a cercaram como abutres. Kate fechou os ouvidos e passou direto. Não adiantava se preocupar com fotografias agora. O rosto dela estava no jornal. Se fosse para ela ser encontrada, ela seria.



Ethan não tinha certeza se essa era sua oportunidade de afastar Kate de Charlie. Kate era agradável o suficiente, mas sem valor para Charlie e, portanto, sem valor para Ethan. Ele perguntou a Charlie novamente sobre o episódio de salvar vidas, mas ele se recusou a falar sobre isso. Na verdade, ele mais ou menos ameaçou Ethan de que, se ele mencionasse isso novamente, Charlie procuraria outro agente. Ethan não podia se dar ao luxo de perdê-lo, agora que ele conseguiu o papel em *The Green* e, especialmente, não depois da recente conversa de Ethan com Jody Morton.

Quando a secretária dela ligou, Ethan não acreditou que fosse Jody. Quando eles terminaram de conversar, toda uma nova vida se abriu na frente de Ethan. Ele já dirigia uma agência de sucesso, mas ter Jody Morton em sua lista o levaria ao grande sucesso. O mega sucesso. Jody queria Charlie e se Ethan pudesse entregá-lo a ela, ela deixaria seu agente e assinaria com Ethan. Direto e simples. Um favor pelo outro. Exceto que no que dizia respeito a Charlie, nada poderia ser direto e simples. Ainda, Ethan pensou que tudo o que Charlie precisava fazer era ficar com Jody por tempo suficiente para que ela pudesse ser envolvida em fechar um contrato e então eles poderiam terminar.

Ethan ficou um pouco surpreso ao ver toda a imprensa do lado de fora do prédio de Kate. Ele achava que tinha dado conta da história de Veronica Ward, mas podia ver que a notícia havia se espalhado. Ele ficou um pouco chateado com Malcolm Ward, porque Ethan pensou que tinha resolvido as coisas depois que Charlie concordou em fazer o concerto de caridade em setembro. Considerando que Charlie havia fodido a esposa de Malcolm e as duas filhas, Ethan achou que o cara deixara Charlie escapar de leve, mas ele não esperava que Veronica Ward fizesse um tsunami ela mesma. Qual era o ditado sobre uma mulher desprezada? Veronica era uma bomba-relógio ambulante.

Ethan fez Kate abrir o portão elétrico para que ele pudesse entrar e depois voltou para as grades. A carniça ficou do lado de fora. Eles conheciam seu lugar. Ethan telefonou para reclamar sobre a invasão da privacidade de Charlie e marcou alguns pontos por não ter perseguido o assunto, mas deixou claro que mais invasões à propriedade privada significariam sérios problemas. Foi um ato de equilíbrio. Ethan precisava da imprensa tanto quanto eles precisavam dele.

— Ei, Ethan, que tal uma exclusiva? — alguém gritou.

— Sobre o quê? — Ethan perguntou, esperando que algum idiota lhe desse uma pista. Ele esperava que não tivesse nada a ver com Veronica Ward, caso contrário, ele poderia estar se despedindo do contrato de Jody Morton.

— Ela está realmente esperando um filho de Charlie? — um dos repórteres gritou.

Algo se apertou dentro de seu peito, mas o rosto de Ethan não mostrou nada.

— Ele ainda é um menino — disse Ethan com uma risada forçada por sua fraca tentativa de piada enquanto se apressava para entrar no prédio. — Merda — ele murmurou entre os dentes cerrados enquanto pulava as escadas. — Merda, merda, merda.

Kate abriu a porta.

— É verdade? — ele cobrou.

— O quê?

Ele entrou e bateu a porta atrás de si.

— Sobre o bebê? — Ethan fixou os olhos nos dela.

Kate empalideceu e recuou.

— Ele disse que não a conhecia.

Agora Ethan estava intrigado.

— Quem?

— Tiffany Samuels.

Ethan juntou dois e dois e obteve a resposta certa, apesar de não ter muita certeza sobre a pergunta. Ele conhecia Tiffany. Ela era uma das fãs mais dedicadas de Charlie. Muito dedicada. E fã não era a palavra certa. Mais como perseguidora obcecada. Tiffany tinha sido a mais persistente, agravante e histérica que ele já encontrou e ele já lidou com mais merdas dela do que ele gostaria de compartilhar. Ela tentava de tudo para descobrir onde Charlie planejava estar em um determinado dia para que ela pudesse aparecer também.

Depois que perceberam como ela era, os funcionários de Ethan sabiam que era melhor não contar nada a ela. Ela nunca chegou perto de Charlie. Ethan imaginou que ela tinha visto os jornais no domingo, leu que Kate trabalhava em um café de Greenwich e tinha sido um processo simples de eliminação encontrá-la.

— O que ela queria? — Ethan perguntou.

Ele ouviu a história de Kate.

— Você falou com alguém? Disse alguma coisa a alguém?

— Eu já contei a você o que aconteceu. Eu não disse nada. Charlie a conhece, então? — Kate perguntou.

Ethan não perdeu o fato de o nível de ansiedade de Kate ter subido um nível ou dois.

— Sim, ela é uma de suas fãs mais ardentes, uma garota verdadeiramente adorável.

— Ele saiu com ela?

Ethan fez com que Kate visse seus ombros caírem.

— Kate, eu sei que você não quer ouvir isso, mas seu relacionamento com Charlie vai terminar em desastre. Todos os relacionamentos dele terminam em desastre e você é quem vai se machucar. Charlie dorme com uma mulher diferente a cada semana. Acabei de receber uma delas no telefone me dizendo como ele dormiu com ela e as duas filhas dela.

— Charlie me contou sobre isso.

Ethan ficou surpreso.

— O que ele ainda não sabe é que ela está ameaçando ir aos jornais, a menos que ele admita que é viciado.

— Ele desistiu de cocaína e cigarro. E ele não tem problemas com álcool. Ele quase não bebe — disse Kate.

Ethan riu.

— Ela quer dizer que ele é viciado em sexo.

— Oh.

— Ele não pode evitar, Kate. Ele não vai mudar.

— Ele pode. Ele vai.

Ethan deu o seu melhor sorriso de compreensão.

— Este é apenas mais um de seus casos breves e apaixonados, Kate, nada mais. Você teve uma boa influência sobre ele, mas não vai durar.

Ele viu a boca de Kate se apertar.

— Ei, olhe pelo lado positivo. Estar com Charlie fez com que você fosse muito procurada. Você pode ter um encontro todas as noites da semana.

Ethan estremeceu. A carranca disse a ele que aquela não era a coisa certa a dizer. *Mude de assunto rapidamente.*

— Você fez a seleção de roupas íntimas para eu mostrar ao meu amigo?

Kate buscou a seleção no quarto de hóspedes e a colocou em algumas sacolas de supermercados.

— Ótimo, entrarei em contato — disse Ethan.

Ele riu enquanto descia as escadas. Isso não poderia ter funcionado melhor. Houve uma onda de interesse da imprensa quando ele abriu a porta externa.

— Kate não deveria estar no hospital?

— Charlie vem vê-la?

— Ei, Ethan. Como ela está se sentindo?

Só então Ethan percebeu que nem tinha perguntado a ela.



— **K**ate? Sou eu. Abre.

Kate abriu a porta e encontrou Lucy segurando uma garrafa aberta de vinho branco.

— Você está bem? — Lucy perguntou.

— Sim.

— Graças a Deus. O que diabos aconteceu? — Lucy entrou no apartamento.

Kate suspirou e fechou a porta.

— Como você descobriu?

— Se você possuísse uma TV, você saberia. Está no noticiário das seis horas.

Kate sentiu como se um punho tivesse batido em sua cabeça. Dor de cabeça instantânea de várias maneiras.

— Eles deram meu nome?

— Sim.

Os joelhos de Kate tremeram e ela se sentou antes de cair.

— Eu tenho que te perguntar isso, Kate — disse Lucy, — Nick insistiu. Não quero mentir para ele e dizer que perguntei quando não o fiz.

— Não, eu não vou dar uma entrevista.

— Foi o que eu disse a ele. Certo, agora vamos tomar uma bebida e você pode me contar tudo. — Lucy entrou na cozinha de Kate, abriu um armário, pegou dois copos e serviu o vinho. A mente de Kate disparou enquanto ela passava pelas implicações disso virando notícia. Nenhuma delas era boa. Lucy entregou-lhe um copo.

— Doeu?

— Somente quando eu percebi o que ela havia feito.

— Posso olhar?

Kate largou o copo e levantou a blusa.

— Uau, nojento. O que Charlie disse?

— Ainda não falei com ele. — Kate estava começando a pensar que nunca mais falaria com ele. O que ele estava fazendo era tão importante que não teve tempo de ver como ela estava? Kate lembrou-se da risada sedutora de Natalie e ficou tensa.

Lucy se jogou no sofá.

— Por que diabos essa Tiffany acha que esfaquear você faria Charlie voltar para ela?

— Ela não pensou, apenas atacou.

Kate hesitou. Agora que elas estavam sozinhas, essa era uma chance de dizer algo sobre Nick e Armageddon, mas ela estava indecisa.

— Se você soubesse algo ruim sobre Charlie, você me diria?

— Depois de não perceber o idiota que o Richard era? Sim — disse Lucy.

— Mas, Deus, Kate, você só precisa ler os jornais. Charlie está sempre com problemas.

— Você gostaria que eu lhe dissesse algo ruim sobre Nick?

Houve uma longa pausa antes de Lucy responder.

— Continue, então.

O celular de Lucy tocou e elas pularam.

— Oi, o que foi? — perguntou Lucy.

Kate esperou.

— É Fax. Ele está lá embaixo e quer falar com você. Posso mandá-lo subir.

Kate assentiu.

Alguns momentos depois, Fax estava em seu apartamento, com a bolsa da câmera por cima do ombro. Ele estava com o rosto branco e tremendo.

— Kate, me desculpe. Isso foi tudo minha culpa.

— Pensei que você tivesse destruído essas fotos — disse Lucy ao Fax.

— Eu deletei do meu computador. Sinto muito, Kate. Eu sinto muito por tê-las revelado, e sinto ainda mais por tê-las a Richard. Eu pensei que isso o faria ver o que ele havia feito. O desgraçado provavelmente as vendeu para Simon e uma mulher quase te matou por causa delas. — Fax passou os dedos pelos cabelos.

— Eu não fui quase morta — disse Kate.

— Aqui, você parece pior que Kate. — Lucy empurrou o vinho na mão dele.

— Eu me sinto mal. Eu gostaria de nunca ter conhecido Richard Winter, ou o chato Simon Baxter. — Ele tomou um gole de vinho e tossiu.

— Sabe, não acho que você será cortado de ser um fotógrafo de imprensa — disse Lucy.

— Eu sei. — Fax suspirou.

— Só que você é um fotógrafo e está no meu apartamento e todos os outros fotógrafos de imprensa estão do lado de fora na calçada. — Kate sorriu.

— Eu não tiraria uma foto sua — Fax deixou escapar.

Lucy suspirou.

— Você viu? Ele é muito bom.

— Você acha que eu sou legal? — A boca de Fax se contraiu.

Os olhos de Kate pularam de um para o outro.

— Você é muito fofo — disse Lucy. — De uma maneira ocasionalmente irritante.

— E solteiro — disse Kate.

Quando eles se viraram para olhá-la, Kate deu de ombros.

— Se você levar Lucy para tomar um drinque, vou deixar você tirar uma foto das minhas costas. Venda e use o dinheiro para ir a algum lugar legal.

Fax corou.

— Eu não poderia fazer isso, mas... você gostaria de tomar uma bebida algum dia, Lucy? — Seus dedos torceram a haste do copo para frente e para trás, derramando o líquido.

— Eu não posso hoje à noite — disse Lucy.

— Amanhã?

— Trabalhando.

Kate ouviu a confiança de Fax escorrendo pelo ralo.

— Quarta-feira? — ele perguntou, afundando mais no sofá como um cachorro cansado.

— Vamos à galeria de Rachel em Holland Park — disse Kate. — Você poderia vir também.

— Você sabe que estou saindo com alguém? Mais ou menos. — Os olhos de Lucy encontraram os de Kate.

Fax se endireitou e respirou fundo.

— Sim, mas talvez você prefira sair comigo.

— Talvez eu queira. — Lucy sorriu e tirou um enorme peso das costas de Fax.

Kate achou que ele tinha um sorriso adorável, mas não tão bom quanto o de Charlie. O pensamento apertou seu coração.

— A que horas na galeria? — Fax perguntou.

— Por volta das sete — disse Lucy.

— Ótimo. — Ele se levantou. — Bem, é melhor eu ir.

Ele parecia desesperado para sair antes que Lucy mudasse de ideia.

— Tire uma foto das minhas costas, Fax.

Ele hesitou.

— Você tem certeza? Não trouxe minha bolsa comigo porque pensei em tirar uma foto. Eu não deixei na minha bicicleta, caso...

— Apenas tire uma foto. — Kate jogou a blusa em uma cadeira e virou-se de frente para a parede. — Eles já conhecem meu rosto. São somente as minhas costas. Talvez eles me deixem em paz depois disso. — E talvez Charlie pudesse ver isso, ela pensou.

— Dói? — Fax perguntou.

— Dói um pouco.

— Obrigado, Kate.

Lucy foi com ele até a porta e voltou sorrindo. Kate se perguntou se ela havia esquecido o que eles estavam falando antes da chegada de Fax. Lucy se jogou no sofá, sorriu e disse uma palavra:

— Nick. — Ah, isso era um não.

— Ele estava no banheiro feminino no Armageddon com uma mulher chamada Sylvie. Eles estavam em um cubículo. Fodendo. Nick me pediu para não contar. — Quando Kate contou tudo, Lucy estava com a cabeça nas mãos.

— Sinto muito — disse Kate.

— Eu conheço ela. Sylvie Dacre. Ela trabalha para a BBC, o mentiroso bastardo de duas caras. Os dois. — Lucy sentou-se e respirou fundo. — Nick deveria... Ele virá hoje à noite. Eu tenho que ir.

Kate esperava que ela tivesse feito a coisa certa. Era melhor saber a verdade, mesmo que doesse?

Ela manteve o telefone desconectado, a campainha da porta desconectada, mas o celular por perto. Kate não ia correr atrás de Charlie, mas ela enviou uma mensagem.

Estou bem, mas sinto sua falta.

XXX Sereia

Charlie não ligou nem mandou uma mensagem. Kate tentou se convencer de que ele não sabia o que havia acontecido, mas sua decepção aumentou a um ponto que ela afundou em uma física e emocional lentidão.

Ela passou o dia seguinte no apartamento, ficou longe das janelas e ignorou todas as batidas na porta. Ela se concentrou na costura e no quebra-cabeças. Ela não ouviu nada de Charlie. Como ele não sabia o que tinha acontecido? Ou ele mentiu sobre Tiffany e não ligou porque foi preso. Mas Charlie não tinha motivos para mentir. Kate suspeitava que Ethan estivesse por trás disso, que ele tinha garantido que Charlie não soubesse que ela havia sido esfaqueada. Ou ela estava apenas dando desculpas? Quando ela pensava muito nisso era como se houvesse um turbilhão em sua cabeça.

Kate se sentou na cama quando ouviu uma batida alta na porta. Mais repórteres ou Charlie? Ela colocou uma camiseta sobre seu corpo nu e foi verificar o olho mágico. O pulso de Kate disparou. Charlie parecia furioso. Os olhos escuros e a carranca contaram tudo a ela. Ele acabara de descobrir.

Ela tirou a camiseta e abriu a porta. Quando a boca dele se abriu ao ver seu corpo nu, ela estendeu a mão, agarrou-o pelo colarinho e o puxou para dentro. A bolsa dele caiu de sua mão quando ele a alcançou.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Eu estou agora.

Ele a girou e deu um suspiro profundo. Kate virou-se para encará-lo.

— Você me transformou em um náufrago — Charlie gemeu.

— E como isso seria diferente do normal?

Seu corpo tremia enquanto ele ria.

— Eu queria estar zangado com você — disse ele enquanto plantava beijos por todo o rosto dela.

— Você mudou de ideia?

— Que ideia?

As mãos dele correram pelos lados das costelas dela e depois desceram pela bunda dela para que ele pudesse puxá-la contra ele.

— Eu poderia te matar — Charlie murmurou em seus cabelos.

— Por quê?

— Adivinha.

— Eu liguei, mas você não atendeu. Enviei uma mensagem.

Ele gemeu.

— Perdi a porra do meu telefone, novamente. Mas você poderia ter ligado para Ethan. Ele teria encontrado uma maneira de entrar em contato comigo.

Kate foi distraída pelo primeiro comentário.

— Se você perdeu o telefone, como eu poderia ter telefonado para você?

— Apareceu novamente esta manhã. Eu acho que Natalie fez isso. Eu tinha você na discagem rápida e não conseguia me lembrar do seu número, mas resolvi esse problema. Vou mostrar a você depois.

Ele ergueu as mãos para o rosto dela e passou os polegares sobre as bochechas dela.

— Eu não posso acreditar que alguma lunática a esfaqueou.

— Não é sério, Charlie.

Ele encostou a testa na dela.

— Claro que é. Ela enfiou uma faca nas suas costas. Cristo, Kate, ela poderia ter matado você.

— Por que você me disse que não tinha ouvido falar dela?

— Porque eu não tinha. Tiffany Samuels? Eu pensei que você estivesse brincando, criando um nome com dois joalheiros.

— Eu não gosto de joias.

Charlie suspirou.

— Ah, então eu desperdicei meu dinheiro no aeroporto de Dublin com um presente fabuloso.

Ele soprou os cabelos dela dos seus olhos e deslizou os polegares pelas costelas dela, subindo até alcançar seus seios, circulando os mamilos. Quando eles endureceram em resposta, ele deu um suspiro feliz.

— É mais fabuloso que você? — A mão dela segurou a protuberância na virilha dele.

— Isso é um dilema. Abrir minha calça ou abrir minha bolsa.

Kate riu e Charlie gentilmente a encostou na parede. Ela pegou a cabeça dele em suas mãos quando ele se inclinou para beijar seu pescoço.

— Por que Ethan me fez pensar que você conhecia Tiffany Samuels? — Kate não podia deixar isso passar.

— Eu não sei. Quando você falou com Ethan?

— Ele veio aqui ontem.

Charlie levantou a cabeça, fogo brilhando em seus olhos.

— Ontem? Por que diabos ele não me contou o que tinha acontecido? Ele poderia ter me enviado uma mensagem, até mesmo ligado pra maldita Natalie. Eu não sabia nada sobre isso até esta manhã. Foi um hacker que me

disse enquanto eu estava tomando café da manhã. Deus, eu fiquei com tanto medo. Fui direto para o aeroporto, mas tive que esperar o dia inteiro por um voo por causa do nevoeiro. A cadela poderia ter matado você. Jesus, Kate. — Suas mãos tremiam quando ele a agarrou. — Eu não entendo, por que Ethan não me contou?

— Talvez ele não quisesse que você se distraísse.

— Ele deveria ter me dito — disse Charlie. — Eu quero contratar alguém para protegê-la.

— Não. — Kate tentou se afastar, mas ele a abraçou com força.

— Quero dizer. Você não saberia que eles estão por perto, mas eu preciso saber se você está segura ou não neste apartamento.

— Você está exagerando. Estou bem.

— Não, você não está. Você desconectou sua campainha. Eu precisei que Rachel me deixasse entrar.

— Charlie, acalme-se. Não precisa se preocupar. Foi um incidente isolado. Eu não acho que ela tentou me matar. Ela queria me avisar. Ela é louca. Ela me disse que estava grávida do seu bebê.

Charlie ficou tenso.

— Eu não a conheço, juro.

— Ei, eu acredito em você. Como alguém pode ser tão obcecado por você? Quero dizer, você ronca, peida, enfia a mão nas calças, coça suas bolas e espalha Marmite tão espessa quanto geleia.

— Eu parei de roer minhas unhas. — Ele levantou a mão.

— Com a minha ajuda.

Ele levou os dedos à boca dela e Kate fechou os lábios. Charlie deixou cair a mão e sorriu.

— Leve-me para a cama e mostrarei o que tenho feito comigo.

— Hum, bem, há um pequeno problema com isso.

— O quê? — Charlie beijou ao longo de sua clavícula.

— Eu me pergunto como você se sentiria por não fazer sexo.

— Por quê? Você está... er... menstruada?

Kate sorriu quando ele corou.

— Não.

— Então qual é o problema? — Charlie parecia confuso.

— Só para provar que você pode — disse Kate.

Ele abriu a boca, fechou-a novamente e disse:

— Tudo bem.



Charlie a seguiu para o quarto, imaginando o que ela estava fazendo. Abrir a porta sem roupa teve um efeito instantâneo em todo o corpo dele, especialmente em seu pênis, embora ele estivesse semiereto a maior parte do caminho do aeroporto, apenas pensando nela. Agora ela estava dizendo a ele que não queria fazer sexo? Talvez Kate não acreditasse nele sobre essa tal Tiffany, mas ele não tinha ouvido falar dela. Pelo menos, ele não achava que tinha.

Ele comprou um colar de prata para Kate com um pingente em forma de uma pequena estrela porque ela era sua estrela, mas não era hora de dá-lo a ela. Ele não queria que parecesse que ele estava tentando comprá-la. Ela significava muito mais para ele do que isso, só que quando ele estava perto dela, todas as células de seu corpo queriam fazer amor com ela.

Charlie se despiu e deixou suas roupas caírem no chão. Ele subiu na cama e a puxou contra seu peito, tomando cuidado para não machucá-la. Ele deu um suspiro profundo. Parecia tão certo estar ali, mantendo-a segura em seus braços. Seu pênis latejava, mas sua ansiedade começou a se dissipar.

— Então o que eu fiz agora? — ele perguntou, respirando em seu pescoço.

— Ethan me disse que você era viciado em sexo.

— Que porra é essa? — Quase relaxado, seu corpo inteiro ficou tenso para combinar com seu pau. — Que diabos é um viciado em sexo? — Seus dedos pairavam sobre o quadril de Kate, agora cautelosos em tocá-la.

— Alguém que pensa em sexo, com exclusão de todo o resto.

Charlie considerou isso. Ele gostava de sexo. Ele não iria negar. Okay, ele amava. Uma nova mulher em sua cama sempre trazia uma onda de euforia, mas ele se cansou de ter que dizer às mulheres que elas eram a melhor foda dele, que seus corpos magros eram bonitos, que ele definitivamente ligaria para elas, quando ele sabia muito bem que não. Charlie queria algo mais e ele encontrou com Kate. Amigos e amantes, ele adorava fazer amor com ela, dando-lhe prazer, deixando-a agradá-lo. Charlie gostava de estar com ela. Ele não precisava fazer sexo com ela para ser feliz.



A ereção de Charlie pressionou contra suas costas e Kate se perguntou o que ele estava pensando.

— Você acha que sou viciado em sexo? — ele perguntou.

— O que você acha?

— Não consigo pensar em nada que eu queira mais do que fazer amor com você, mas não pulei em você no momento em que a vi — disse ele.

— Verdade.

— Você sempre atende a porta completamente nua?

— Somente quando é um amigo.

— Somente quando é um amigo que você deseja atormentar para provar um argumento.

Kate riu e se virou. Ela passou os dedos pelas costelas dele.

— Pare com isso — disse ele. — Para provar que não é verdade, vamos dormir juntos e apenas nos abraçar.

— Eu mudei de ideia.

Kate deslizou a mão pelo peito dele, envolveu os dedos em torno de seu pênis e apertou suavemente. Quando o polegar dela passou pela cabeça, Charlie gemeu.

— Isso não é justo. Como você pode esperar que eu não queira sexo quando faz isso?

Kate beijou o nariz dele.

— Você não é viciado em sexo, Charlie, mas estou um pouco preocupada que Ethan esteja preparado para acreditar em Veronica Ward.

Ele ficou tenso novamente.

— O que diabos Ethan anda dizendo? O que Veronica tem a ver com isso?

— Foi ela quem contou a Ethan sobre o seu problema.

— Eu não tenho merda de problema nenhum! — ele gritou, depois baixou a voz. — Eu tenho?

— Não, acho que não, Charlie. Nosso relacionamento é saudável e não é apenas sexo.

No momento em que essas palavras saíram de sua boca, o ar congelou em sua garganta. Ela esperou que Charlie dissesse alguma coisa, mas ele não falou.

— Eu sei que estamos deitados nus aqui, mas você não se apressou em me arrastar para a cama. Você veio porque eu me machuquei — ela disse, mais hesitante agora.

— Kate, você terá que parar de fazer isso com a mão, caso contrário, em breve eu vou provar que Ethan está certo.

Ela riu.

— Talvez não seja você. Talvez seja eu quem sou viciada em sexo.

— Deus, espero que sim — disse Charlie. — Eu seria o cara mais sortudo do mundo.

— Nesse caso, faça amor comigo, cara de sorte. Eu insisto. Quero você dentro de mim agora, porque senão eu...

Os lábios dele pousaram nos dela e ele a colocou de costas, para poder se aninhar entre as pernas dela. Charlie nem parou de beijá-la quando deslizou nela em uma investida lenta e depois não se mexeu.

Ele se separou dos lábios dela.

— Oh, Deus, sentir você é perfeito. Mas toda vez que fazemos isso, luto para ir devagar.

As mãos de Kate agarraram seus quadris quando ele se apressou contra ela, puxando-o para mais perto enquanto ele empurrava nela. Sua cabeça girou com o quanto ela o queria. Cada parte dela reagiu a Charlie, sua pele formigou, seu pulso disparou e a respiração ficou presa na garganta. Cada terminação nervosa chiava de prazer. Ele fez com que ela subisse com um ritmo persistente que a fez ofegar para ele se apressar. Mas Charlie a conhecia tão bem que ele brincou e brincou até Kate achar que ela não pudesse aguentar mais. Seu orgasmo explodiu dentro dela no momento em que ele jorrou dentro dela em uma chama de luz do sol que os derreteu juntos.

Kate o amava. Amava. Amava. Ela o amava.



Charlie acordou na manhã seguinte ao som de uma batida na porta.

— Que horas são? — ele gemeu.

— Dez e meia.

— Por que sempre há alguém batendo na sua porta?

Kate jogou as cobertas para se levantar e Charlie segurou seu braço.

— Aonde você vai? Você não sabe quem está lá fora.

— Provavelmente é Lucy ou Rachel. — Kate olhou para a virilha dele. — Que diabo é isso?

— Seu número de telefone. Fiz isso com tinta permanente, apesar de achar que você poderia tentar lamber. — Ele deu um sorriso tímido.

Kate riu.

— E como você pretendia acessar isso em público?

— Muito cuidado.

— Você é louco. — Ela se inclinou e o beijou.

Os braços de Charlie envolveram sua cintura e a puxaram para baixo. As batidas na porta começaram novamente e Kate se levantou. Ela vestiu uma camiseta longa.

— Não atenda até eu chegar lá. — Charlie vestiu sua cueca e a seguiu.

Kate se afastou do olho mágico.

— É o Nick.

— Quem é Nick?

— Do Armageddon. Lembra?

— Kate, abra esta porta! — Nick gritou.

Ela virou a maçaneta e a abriu.

— Sua filha da puta — Nick gritou. — Por que você teve que dizer alguma coisa?

Charlie se moveu entre eles.

— Não fale assim com ela.

— Você mentiu. Lucy merece mais — disse Kate.

— Eu a amo.

— Bem, você tem uma maneira estranha de mostrar isso, fodendo Sylvie Dacre no banheiro — Kate retrucou.

— Eu não sou o único que transa com as pessoas só porque elas estão lá.

— Ele olhou para Charlie e zombou. — Espero que você esteja usando camisinha. Não há como dizer o que você vai pegar. Qualquer um de vocês.

Charlie ficou tenso, mas quando seu punho apareceu, Kate bateu a porta na cara de Nick.

— Ele não vale a pena. — Kate se inclinou contra a porta quando Charlie alcançou para abri-la.

Ela colocou a mão na bochecha dele.

— Eu gosto dos seus dentes. Eu prefiro que eles fiquem na sua boca.

— Você está sugerindo que eu perderia em uma briga?

— Eu acho que Nick luta sujo.

Os olhos de Charlie se estreitaram.

— Eu também.

— Volte para a cama. — Kate deslizou a mão sobre a virilha dele. Ele a deixou levá-lo de volta para o quarto.

— Oh, você é muito fácil de distrair — disse ela com uma risada.

Charlie fez uma careta.

— Estou apenas tentando aproveitar ao máximo o tempo antes que você precise ir trabalhar.

— Nenhum trabalho hoje.

O rosto de Charlie se iluminou e ele arrancou a cueca.

— Bom, você pode vir comigo.

— Aonde você vai?

— Eu preciso voltar para minha casa, porque um *script* está chegando. Eu tenho que fazer algumas entrevistas para uma rede de TV americana e, depois disso, uma para uma revista e no final da tarde, um programa de bate-papo quer a mim e Natalie no sofá. — Ele passou a camiseta de Kate sobre a cabeça dela.

— Você ainda pode ir à galeria de Rachel hoje à noite? — Ela se jogou na cama.

— Levarei meu cartão de crédito.

— Você não precisa comprar nada.

— Eu sei, mas eu quero.

— Encontro você lá. Você não precisa que eu fique perto de você o dia todo, Charlie. — Ele se deitou ao lado dela e circulou seu umbigo com os dedos.

— Eu preciso saber que você está segura. Foi minha culpa você ter sido esfaqueada. Acho que você não entende o quanto significa para mim, Kate.

— Não foi sua culpa.

— Se você nunca me conhecesse, isso não teria acontecido.

Kate agarrou seus dedos e os segurou com força.

— Conhecer você é a melhor coisa que já me aconteceu.

Engasgado com emoção, Charlie lutou para lhe dizer o que sentia. Ele ganhava a vida brincando com palavras, fazendo as pessoas acreditarem no que dizia, e ele não conseguia pronunciar as três palavras que mantinha em seu coração por Kate. Ele não achava que a amava, ele sabia disso. Por que não lhe disse?

— Conhecer você é a melhor coisa que já aconteceu comigo também — ele sussurrou.

— Além de conseguir o papel principal em *The Green*.

— Obviamente — ele disse e esfregou o mamilo dela com o dedo. Ele olhou profundamente em seus olhos cinza-escuro. — Eu falo sério, Kate. Nossas vidas estão entrelaçadas agora e eu não quero que elas se desembaracem.

— Ainda não preciso seguir você hoje o dia todo. Eu não sou um filhote.

Charlie suspirou, depois saltou da cama e voltou com uma caixinha azul.

— Isso é para você. Só que, agora que você disse que não gosta de joias, devo jogá-las fora?

Ele a observou enquanto ela abria a caixa. Ela ficou desapontada por não ser um anel? Mas seus olhos se iluminaram e ela sorriu aquele genuíno e lindo sorriso de Kate que iluminou o rosto dela e fez o coração dele começar a bater novamente.

— Oh, Charlie. Obrigada.

— Porque você é minha estrela, Kate.

Ela beijou o nariz dele.

— Gostaria de dizer que ele tem poderes mágicos para defendê-la de pessoas loucas, mas, infelizmente, não. Kate, por favor, venha comigo hoje.

— Eu vou ficar bem. Vou pegar um táxi hoje à noite com Lucy e encontrá-lo na galeria.

— Você não deve sair antes disso — implorou Charlie.

Ela revirou os olhos.

— Não se preocupe comigo.

— Certo — ele disse e tocou a ferida nas costas dela. — Porque claramente nada acontece com você quando não estou por perto.



Kate e Lucy não deixaram o apartamento de Lucy até o táxi parar do lado de fora. Kate deu um suspiro de alívio por não ter repórteres ou fotógrafos por perto.

— Você é notícia velha — disse Lucy.

Kate esperava que isso fosse verdade.

— Então, você está bem? — Lucy perguntou quando o táxi se afastou. — Como estão suas costas?

— Bem

— Charlie está vindo?

Kate assentiu.

— Nick está tentando me reconquistar. Ele disse que quando Gemma for para a universidade em setembro, ele contará à esposa sobre nós e pedirá o divórcio.

Kate não disse nada sobre a visita de Nick pela manhã.

— E quando chegarmos ao final de setembro, eu não ficaria surpresa se o pai da esposa dele adoecer, então ele não vai querer incomodá-la, ou se o cachorro deles for atropelado e ele não quiser incomodá-la. E então, no Natal, haverá outra desculpa para não deixá-la muito chateada. Sei que parece hipócrita, mas, enquanto formos apenas eu e a esposa dele, não me importo, mas eu ficarei danada da vida se tiver que compartilhá-lo com mais alguém.

— E o Fax?

Lucy sorriu.

— Ele está conseguindo chamar minha atenção.

O táxi parou no meio da rodovia do lado de fora da galeria. Não havia

espaço para estacionar no meio-fio.

— Eu pago — disse Lucy. — Eu reivindicarei isso em despesas.

Enquanto o motorista escrevia um recibo, o tráfego andou e as buzinas soaram. A galeria brilhava com luz, as pessoas se amontoando na calçada como doces caindo de uma sacola, uma variedade de pessoas bem vestidas e de salto alto, bebidas nas mãos.

— Uau — disse Lucy. — Rachel deve estar satisfeita com a participação. Às vezes ela só tem duas pessoas o dia inteiro.

— Duas estão bem desde que comprem alguma coisa — disse Kate.

Elas viram Rachel no momento em que entraram. Ela acenou e correu.

— Você precisa de nós para ajudar com alguma coisa? — Kate perguntou.

— Prefiro que vocês se misturem, digam a todos como as pinturas são maravilhosas e que é um investimento brilhante. Ninguém está comprando nada.

— Ainda é cedo — disse Lucy. — Ah, aqui está Fax.

Abandonada por suas amigas, Kate pegou uma taça de vinho da bandeja de um garçom que passava e avançou até os fundos da galeria. Um homem estava parado ao lado da pintura *Ready for Bed*, certificando-se de que as pessoas soubessem que era seu trabalho. Dolorosamente magro, com um rosto comprido e um rabo de cavalo cinza, ele lembrou a Kate um cavalo.

Rachel estava errada sobre as coisas não serem vendidas. Adesivos vermelhos pareciam sarampo. A pintura *Sister* de Dan havia sido vendida e Kate ficou boquiaberta quando Dan apontou quem a havia comprado. Tony do Crispies. Ele estava parado com o braço em volta de Mel. Kate se perguntou como ela podia ter se enganado tanto.

Ela atravessou a multidão na direção de sua pintura favorita, *The fridge light picture*. Não havia sido vendida, mas quando viu o preço de quase vinte mil libras, não ficou surpresa.

— O que você acha desta peça? — perguntou uma voz.

Seguindo as instruções de Rachel, Kate tentou o seu melhor.

— É excelente. Gosto do equilíbrio que o artista encontrou entre ocultação e revelação.

— E?

— E a maneira como somos atraídos para a luz, mas ao mesmo tempo tentados a permanecer no escuro. Eu acho que é um convite para explorar a ambiguidade da cozinha, um lugar à beira de um colapso disfuncional. É

inteligente e muito bem feito.

— E o que você acha do *Wall*?

Kate se encolheu. Merda, agora ela teria que mentir. Ela se virou para olhar para o homem que estava falando, mas tinha se afastado dela para olhar a monstruosidade de tijolo e estava estranhamente posicionado na pressão dos corpos. Era um homem de meia idade, alto e magro, com cabelos grisalhos prateados e brinco de ouro.

Kate começou de novo.

— Outra contradição. A sensação de deslocamento da...

— Ah, você escreveu o catálogo — disse ele.

— Opa, você me pegou. — Kate sorriu.

Então ele se virou para encará-la.

— Olá, Kate.

O sorriso em seu rosto se desintegrou. Ela começou a congelar dos pés para cima. Seu cérebro disse para os pés se moverem, mas nada aconteceu.

— Você se parece muito com sua mãe.

Kate estava desesperada para escapar, mas apenas seu coração estava se movendo, enlouquecendo, batendo nas costelas, rasgando-se em pedaços na tentativa de fugir.

— O que você realmente acha de *Wall*?

— Merda — ela engasgou.

Ele sorriu.

— Ainda é minha garotinha mal comportada.

Kate não conseguia respirar. Dedos invisíveis haviam se enrolado em sua garganta. Ela se perguntou se iria desmaiar.

— Levei você à Galeria Nacional quando você estava na altura dos joelhos e você andou dizendo “assim” e “não é assim” em voz alta. Lembra?

— Não — ela mentiu.

— Uma das minhas peças está lá — disse ele.

A cabeça de Kate girou e a respiração prendeu em sua garganta.

— Eu pensei que você estivesse pintando direto no gesso.

— Certo, você já viu a casa de Charlie Storm.

Ela olhou para a pintura chamada *Tree Down*.

— Você reconheceu o meu estilo?

Ela não tinha visto isso. A pintura que Rachel estava esperando e, se isso estivesse lá, nada disso teria acontecido, porque Kate sabia que não deveria ir até ali naquela noite. Sem ela perceber, ele a pegou pelo braço e a

acompanhou até a pintura. Ela olhou atentamente.

— Isso é muito bom. Uma imagem violenta de uma árvore caída, galhos quebrados, galhos retorcidos como se fosse uma coisa viva se contorcendo em agonia. Todo o seu trabalho foi atormentado.

— Não pareça tão decepcionada — disse ele. — Olha, eu quero falar com você, querida. Você acha que poderíamos ir a algum lugar e conversar?

Ela queria dizer a ele para não chamá-la de querida.

— Não, não acho que seja uma boa ideia.

Agora que ela podia se mover, ela recuou, mas ele a seguiu.

— Vim hoje à noite porque sabia que haveria muita gente por perto. Eu não queria te assustar. Eu queria te ver hoje porque queria te desejar feliz...

— Não — ela disse, virou-se e caiu nos braços de Charlie.

— Eu quero ir embora agora. — Ela o empurrou em direção à porta.

— Você não quer que eu compre alguma coisa? — perguntou ele, perplexo.

— Não, apenas vamos embora.

Quando eles saíram da galeria, ele a segurou pelos ombros.

— Qual é o problema? É com aquele cara que você estava falando? Ele te chateou? Quer que eu bata nele?

— Leve-me de volta para sua casa. — Kate não conseguia pensar em nada além de arrastar Charlie o mais longe possível da galeria.

— Diga-me o que há de errado — implorou.

— Eu irei, mas eu quero ir embora.



Ela não falou no táxi, mas se apertou nos braços dele, olhando para trás repetidamente para ver se eles estavam sendo seguidos. Charlie ficou quieto e apenas a abraçou. Uma vez que ela estava em sua casa, Kate o fez dar a volta e garantir que as portas e janelas estivessem trancadas. Ela sabia que estava sendo paranoica, mas não conseguiu evitar. Ela ficou na escada enquanto Charlie verificava. Kate encostou-se na parede, tentando afundar-se nela.

Depois de alguns minutos, ele voltou a sentar-se ao lado dela e segurou a mão dela, pressionando os nós dos dedos nos lábios dele.

— Okay, Fort Knox está seguro. O único perigo sou eu e isso não é de se ignorar, principalmente se você não me disser o que diabos está errado.

— Eu menti. Meu pai não está morto. Era com ele que eu estava falando. Charlie respirou fundo.

— Por que você me disse que ele estava morto?

Kate pressionou mais forte contra a parede.

— Porque quando eu tinha sete anos, ele matou minha mãe e quase me matou. Eu queria que ele estivesse morto também, então eu disse que ele estava. Eu o fiz morrer.

— Inferno. — Charlie esfregou os lábios contra a mão dela. — O que aconteceu?

— Eu estava na cama. Ouvi meus pais discutindo e desci as escadas. Eles estavam na cozinha. Meu pai tinha uma faca na mão e ele estava coberto de sangue. Apenas coberto, como se alguém tivesse jogado um balde de sangue sobre ele. — Ela respirou fundo, trêmula. — Minha mãe estava gritando, gritando, acenando com as mãos. Havia sangue por toda ela também. Corri direto para eles, agarrei os braços de papai e mamãe tentou me puxar para trás. Estávamos todos lutando. Lembro-me de escorregar e ser puxada pelos cabelos. Houve um baque alto atrás de mim e eu caí de novo. — Kate fixou os olhos em uma mancha nas escadas.

— Sua cicatriz.

— Fui ao hospital. Uma policial estava sentada na minha cama. Eles não me disseram imediatamente, mas quando ninguém veio me ver, eu sabia. Uma mulher de terno rosa apareceu e disse que minha mãe estava morta. Meu pai estava inconsciente em outra ala do hospital, mas eles estavam indo prendê-lo. Eles queriam encontrar um parente para me dar a notícia, mas não havia. Sem avós, tias ou tios, então eu fui para o orfanato. Eu testemunhei no julgamento do meu pai e ele pegou prisão perpétua.

— Jesus, Kate.

Ela se virou para olhá-lo.

— Mas prisão perpetua não significa por toda a vida. Ele está fora há um bom tempo.

— Ele tentou entrar em contato com você antes? — Charlie colocou uma das mãos na parte de trás do pescoço dela, abraçou-a contra o peito e manteve a outra mão segurando os dedos dela.

— Sim, mas ele sabe que eu não vou vê-lo.

— Por que não?

— O que ele poderia me dizer que faria alguma diferença no que penso dele? Ele destruiu minha vida. Fiquei muda por seis meses e molhei a cama

por um ano. Eu perdi meu mundo. Tudo foi tirado de mim, minha família, casa, brinquedos, amigos, escola. Eu odiava todo mundo, culpei todo mundo. Eu era filha de um assassino. Você pode imaginar como as outras crianças me tratavam? Eu mudei de mágoa pra ódio, raiva e emperrei. Destruí tudo o que me foi dado. Não era de se admirar que ninguém me quisesse. Eu não teria me querido.

Charlie suspirou.

— Por que você acha que ele veio à galeria? Foi uma coincidência?

Kate olhou para o teto.

— Não, acho que ele sabe onde eu estou há muito tempo. Ele tinha uma pintura à venda lá. Entrou tarde, caso contrário, eu saberia ficar longe. Ele queria me confrontar hoje à noite na frente das pessoas, para que eu não pudesse fazer uma cena. Ele pintou seu teto.

— Meu teto? Como você sabe?

— Você vê as caudas encaracoladas dos demônios com os três forcados? Ele costumava colocar nos desenhos que fazia para mim. Ele sempre foi um pintor. Ele pintou na prisão e seu trabalho foi vendido para arrecadar dinheiro para caridade. Ele fez um grande nome para si mesmo.

— Eu não sei o que dizer — Charlie sussurrou.

— Os advogados dele entraram em contato comigo e me ofereceram dinheiro. Foi assim que eu comprei meu apartamento. Eu pensei que poderia mudar minha vida. Não haveria mais homens como Dex. Não haveria mais camas surradas em áreas perigosas. Decidi que ele me devia isso. — Ela se contorceu sob o braço de Charlie. — Como foi hoje no programa de bate-papo? — Kate esperava que ela pudesse mudar o assunto.

— Você não assistiu?

— Todo mundo estava fora.

— Vou comprar uma TV para você.

— Eu não quero uma. Eu tenho coisas melhores para fazer.

— Tais como?

— Vamos subir e eu vou te mostrar.

— Você está tentando me distrair.

— E está funcionando?

— O que você acha? — Charlie a beijou.

A mão dele deslizou pela coxa dela, sob o vestido e foi para a sua calcinha. Ele deslizou o dedo sob a borda do tecido e correu ao redor até chegar ao lugar úmido e macio entre as pernas dela e ela tremer.

— Eu não quero mais conversar, Charlie.

— Nem eu.

Ela só queria esquecer.

Charlie a fez gritar quando ele a abraçou e a carregou para cima. Kate gritou novamente quando ele fingiu tropeçar no último degrau. Ele a colocou no patamar, afundou ao lado dela e gemeu.

— Você pesa uma tonelada.

— Aposto que eu poderia carregá-lo.

O olhar dele encontrou o dela.

— Aposto que você não pode.

Kate ficou de pé, abriu as pernas e apoiou os braços na parede.

— Pule.

Charlie riu.

— Que oferta.

— Vamos lá — insistiu Kate. — Apenas não se jogue em mim.

— Você não é engraçada.

Ela se firmou quando Charlie colocou uma perna sobre o quadril, depois trancou os joelhos quando ele colocou as mãos nos ombros dela e levantou a outra. Ele era pesado, mas não muito pesado. Kate se afastou da parede, voltou a abraçar as pernas dele e deu um passo trêmulo.

— Okay. Você provou o seu ponto. Agora me coloque pra baixo antes de beijarmos o chão e queimarmos o tapete de uma maneira desagradável — disse Charlie.

Kate rangeu os dentes e cambaleou em direção ao quarto dele. A mão de Charlie passou por cima do ombro dela e sobre o seu seio para beliscar o mamilo e ela soltou um gemido abafado.

— Trapaça.

A porta do quarto dele. Dez passos para a cama dele. Ela poderia fazer isso.

— Dê algumas voltas pelo quarto, cavalo — disse Charlie. — Oh, eu gostaria de ter um chicote, seu animal preguiçoso.

Kate desabou de bruços na cama com Charlie ainda grudado nas costas, roçando a bunda dela.

— Oh, não, Garota Sortuda caiu no primeiro obstáculo nas estacas do quarto! — Charlie gritou. — O cavaleiro dela está tentando despertá-la. Ela vai ter que ser abatida? Aquele cara corajoso nas costas dela não está ferido? Uhu, o jóquei bonito e talentoso está de pé novamente. — Charlie se

levantou. — Mas ele está preocupado com sua montaria. Será que ela alguma vez estará em condições de cavalgar de novo? Ele terá que verificar.

Ele fez cócegas nas pernas dela e Kate se contorceu na cama. Charlie a virou de costas, desabotoou o vestido e o tirou dos ombros. Ela ouviu a dificuldade em sua respiração e sabia que ele estava olhando as costas de um sutiã branco com vários cordões e muitas miçangas.

— Sem pernas quebradas. Isso é um alívio, mas certamente é necessário um exame mais aprofundado. — Charlie puxou o vestido para baixo e para fora de suas pernas.

— Aarrggh — ele gemeu. — Tanga de renda branca.

Kate suspirou quando ele tirou os sapatos dela e beijou os dedos dos seus pés.

— A investigação de Steward sobre o resultado das 22h40 na reunião da corrida de Islington. Trapaça suspeita. Não parece ser um cavalo.

Um momento depois, um Charlie nu jazia grudado nas costas dela, o comprimento duro de seu pênis pressionado em sua bunda, a ponta molhada fazendo cócegas acima da faixa da tanga.

— Não gosta de sexo com animais, então? — Kate perguntou.

Ele riu no ouvido dela.

— Eu fui tão longe nesse caminho quanto achei seguro. — Ele mudou de lado e a rolou com ele.

— Oh, meu Deus — Charlie sussurrou. — Que diabo é isso?

Kate não achou que ele precisava de uma resposta. Ela cortou e costurou a tanga com uma fenda, no começo da noite antes de sair com Lucy.

— Cuecas masculinas — disse ele. — Você é má, garota má.

Kate suspirou enquanto ele passava o dedo pela borda do coração do laço que emoldurava seu sexo.

Charlie deslizou um dedo dentro dela.

— Como você está sempre molhada?

— Como é que você está sempre duro?

— Pelo menos ninguém pode ver que você está molhada. No momento em que estou perto de você, tenho medo de ser preso. É tudo culpa sua.

Kate sorriu. Charlie afundou o dedo dentro e fora de suas dobras rosadas, seu polegar trabalhando em seu clitóris ao mesmo tempo.

— Eu realmente gosto dessas calcinhas. Se você as usar quando estivermos fora, poderemos ter um pouco de diversão.

Ele deslizou pra baixo na cama e pressionou o rosto na fenda do tecido.

No momento em que sua língua a tocou, Kate tremeu. Língua, lábios, dedo, polegar e Kate sentiu o orgasmo chegando. Pequenos tremores em seu interior cresceram, espalhando-se até que sua respiração ficou instável e sua visão brilhou em faíscas de luz. A sensação da cabeça de Charlie entre as pernas dela, os cabelos macios dele roçando suas coxas, a língua afundando nela, a intenção proposital enquanto o polegar tocava seu clitóris repetidamente, levou Kate cada vez mais rápido, até que ela caiu no esquecimento.

— Oh, Deus — ela arfou e quando Charlie agarrou suas mãos e apertou com força, Kate caiu na escuridão.

Quando ela abriu os olhos, o rosto dele estava a centímetros do dela, o queixo e os lábios brilhando com o creme dela. Kate usou sua língua e lambeu a boca dele. Um momento depois, eles estavam se beijando como se não se vissem há semanas.

Charlie finalmente se afastou e levantou as pernas dela.

— Você tem um sabor delicioso e parece divina.

Ele roçou seus quadris e provocou seu sexo com a cabeça de seu pau. Não empurrando, apenas pressionando contra ela.

— Às vezes eu gostaria de poder fazer isso o dia todo — ele sussurrou.

— Como um desses autômatos. Deixando nós dois loucos.

Kate o queria dentro dela e tentou se empurrar contra ele.

— Não, não se mexa — Charlie disse e mudou o ângulo de seu deslize para que a cabeça do seu pau atingisse seu clitóris.

— Sim, eu vou — Kate chegou para trás e jogou as pernas por cima do ombro dele para puxá-lo para baixo.

O pênis de Charlie disparou para dentro de suas dobras molhadas e ele franziu a testa. — Eu pensei que eu estivesse no comando.

— Você está — Kate mentiu.

Quando ela cruzou as pernas em volta da nuca dele e puxou-o com força, ele se atirou dentro dela com um suspiro surpreso.

— Sua pequena...

— O quê? — Kate perguntou.

Charlie gemeu quando ela flexionou os quadris nos dele.

— Anjinho. Exceto...

— Exceto pelo quê?

— Não tenho certeza se consigo me mover.

— Tentaremos.

Ele aproximou os joelhos do traseiro dela e Kate afrouxou o aperto em seu pescoço enquanto ele pressionava seu corpo mais perto do dela. Quando ele começou a se movimentar dentro dela em movimentos longos e lentos para se enterrar em seu corpo, Kate sentiu a plenitude de seu pênis, a cabeça mais larga, e suspirou de prazer. O peso de Charlie encostado nela dificultou a respiração, mas intensificou a sensação de cada movimento que ele fazia.

Kate podia sentir tudo. O calor de seu pênis quando ele penetrou sua umidade, o roçar de sua respiração irregular, o bater molhado de seus corpos. Ela podia sentir o seu cheiro único, a sua ereção, o seu suor e o aroma persistente da loção pós-barba. Os olhos de Charlie ficaram mais selvagens e mais escuros quando ele se moveu mais rápido. Ele se virou para acariciar a parte interna da coxa dela com a bochecha e quando sua língua a lambeu, seu pênis ecoou o beijo.

Ela engasgou com cada impulso em seu corpo, gemeu a cada retirada. Os braços dele se espalharam sobre os dela, Charlie pressionou-os na cama acima da cabeça dela e recostou-se sobre ela.

— Cristo, Kate.

Ela pensou que ele não poderia ir mais profundo do que já tinha ido, não poderia empurrar com mais força, mas ele conseguiu os dois. Os músculos de Kate espasmaram, seu corpo tremeu e ela foi levada pelas ondas de prazer, esmagada em arrebatamento à medida que cada contração era mais profunda. O rosto de Charlie se contorceu e então ela sentiu seu pênis inchar. Quando ele empurrou fundo nela, os músculos dela se apertaram em torno de seu pênis, arrastando seu esperma para fora dele.

Quando a respiração deles diminuiu, os olhos de Charlie se abriram.

— Porra. Eu não quero me mover nunca mais.

— Isso não deve ser um problema. Não consigo me mexer.

Charlie suspirou quando ele retirou seu pau. Kate suspirou mais alto quando suas pernas estavam de volta em uma linha reta.

— Resultado da corrida das 11h05. Snow vence Storm por um segundo — disse Charlie.

— Eu acho que foi um empate.

Ele riu.

— Estou muito quente, você pode estar certa.



Kate abriu os olhos na manhã seguinte e encontrou Charlie olhando para ela. Ela deu um sorriso preguiçoso.
— Eu amo você — disse ele.

Kate engoliu em seco, acordada.

— Eu estava esperando você acordar para que eu pudesse lhe dizer. Eu deveria ter dito isso antes. Devidamente. Eu. Amo. Você. — Ele pontuou cada palavra com um beijo.

Pela primeira vez, Kate não teve resposta inteligente. Seu coração estava acelerado, correndo contra seu cérebro em direção à linha de chegada e vencendo. Ele a amava. Ele não mais pensava que a amava. Ele a amava. Seus olhos escuros eram como piscinas profundas, tão bonitas que ela desejava mergulhar nelas.

— E embora eu ame foder você, é muito mais do que isso. Eu te amo porque posso ser honesto com você. Eu confio em você. Eu te amo porque você me fez ver que sou mais do que pensava. Eu te amo porque você me fez real. Estou tentando ignorar o fato de que meu pau fica excitado só de pensar no seu nome. — Ele beijou a ponta do nariz dela e depois se afastou. — Você me ama?

— Sim, eu amo você. — Ela passou um dedo pelos lábios dele. — Você é meu outro caminho, Charlie. Claro que eu te amo.

O rosto dele se iluminou e então seu sorriso deslizou um pouco.

— Que outro caminho?

— Quando eu tinha sete anos minha vida foi dividida. Eu fui para o caminho de um orfanato e minhas esperanças seguiram um caminho

diferente, um em que eu não tinha entrado, onde meus pais se entendessem, um onde ninguém morria. Nesse caminho, eu podia passar nos exames, aproveitar oportunidades, conseguir um bom emprego, encontrar alguém para me amar, alguém que pensasse que eu era doce, gentil e bonita. Eu pensei que um dia esses caminhos iriam se unir. Alguém me ajudaria a reuni-los. Isso é o que me manteve sã, me ajudou a sobreviver. Por isso Richard me enganou. Eu pensei que era ele que eu estava esperando, mas não era. Era você. E de uma maneira estranha e distorcida, fico feliz por ter conhecido *o idiota*, caso contrário, nunca teria conhecido você.

— Quem disse alguma coisa sobre você ser doce, gentil e bonita? — Charlie perguntou.

— Esse cara sexy que eu conheço. Vou apresentá-lo um dia.

Ele se inclinou para frente para dar um beijo gentil nos lábios dela.

— Eu gostaria de poder voltar no tempo e acertar as coisas.

— Está tudo bem agora e isso é tudo o que importa.

— Eu quero te dar o mundo.

— Eu só quero você.

— Mesmo com todos os meus maus hábitos? — ele perguntou.

— Bem, não, não com aqueles, obviamente.

Ele pulou nela, pegando os pulsos dela em uma das mãos e prendendo-os acima da sua cabeça.

— Você deveria dizer que me ama mesmo com eles. — A outra mão fez cócegas em suas costelas e estômago e ela se contorceu.

— Eu desisto — ela gritou.

— Você é muito fácil.

Mas ele a puxou de volta contra si e passou os braços e as pernas ao redor dela como se estivesse tentando fazê-la parte dele. Kate não achou que ela já se sentira tão segura e feliz.

— Então, por que você acha que ninguém teria morrido se você não tivesse entrado? — Ela ficou tensa e Charlie beijou seu ombro. — Diga-me — ele sussurrou.

— Tornei as coisas piores. Acho que impedi mamãe de se salvar porque ela tentou me proteger.

— Mas você tinha apenas sete anos. Você não poderia ter impedido que nada acontecesse.

As pernas dele se entrelaçaram as dela, os dedos dos pés se beijando.

— Eu nunca vou saber, vou? — Kate perguntou, com voz suave.

— É sobre isso que seu pai quer conversar com você? Sobre o que aconteceu naquela noite?

Silêncio.

— Preciso fazer cócegas em você de novo? Fale comigo, Kate. Por favor.
— Ele roçou sua bochecha contra a dela.

— Acho que ele quer me pedir para perdoá-lo e acho que não posso.

Charlie pressionou o rosto no cabelo dela.

— Você me perdoou por machucá-la. Ele é seu pai, Kate. Você deveria pelo menos deixá-lo falar com você.

— Eu não quero.

Charlie a soltou e rolou de costas.

— Eu queria pedir que você fizesse uma coisa comigo, mas não tenho certeza se devo fazer isso agora.

— O quê?

— Eu quero ir ver minha mãe biológica.

Algo apertou seu coração.

— Certo. Onde ela mora?

— Surrey Quays.

— Qual é o nome dela? — Kate virou a cabeça no travesseiro para encará-lo.

— Janet Doyle.

— Você falou com ela? Como funciona? O que você tem que fazer?

— Eles sugeriram que alguém aja como intermediário, caso ela caia dura de choque quando me vir. Mas sou eu quem tem os direitos, não ela. Ela não tem acesso a mim, a menos que eu queira que isso aconteça.

Charlie respirou fundo.

— Ela registrou o fato de ter me deixado do lado de fora da Tesco, então acho que ela pensou que eu poderia entrar em contato um dia. Ela poderia ter entrado em contato com a agência de adoção e pedido que eles entrassem em contato, mas não o fez. Então, eu tenho que presumir que ela não está interessada no que aconteceu comigo. Somente quando ela descobrir quem eu sou, acho que isso mudará.

Kate entendeu o problema de Charlie.

— Quer uma xícara de chá? — ele perguntou e rolou para fora da cama, andando nu pelo chão.

Kate se levantou e o seguiu.

— Olhe de outra maneira, Charlie, ela poderia ter dito às pessoas da

agência de adoção que não queria nenhum contato com você, mas não o fez. Talvez ela sempre esperasse que você a encontrasse.

Ele vestiu um roupão azul e jogou um branco para Kate, dando-lhe um sorriso irônico.

— Nós somos um belo par. Você não quer falar com seu pai perdido há muito tempo e estou desesperado para falar com minha mãe perdida há muito tempo.

— Você vai ligar para ela ou simplesmente aparecer na porta? — Kate perguntou enquanto desciam as escadas.

— Eles não recomendam bater na porta do nada. Quero dizer, ela realmente pode cair morta de choque.

— O que você vai fazer?

Charlie ligou a chaleira e pegou duas canecas altas do armário.

— Ligue para ela e providencie para vê-la, se... se ela quiser. — Ele olhou para Kate. — Gostaria que você se sentasse no carro e esperasse por mim, para que você possa me dar um abraço quando eu sair.

Kate colocou o leite na bancada.

— O que você está procurando, Charlie? O que você quer que ela lhe conte?

Ele passou o dedo na testa dela, sobre o nariz até os seus lábios.

— Eu preciso saber por que ela não me queria.

O coração de Kate deu um pulo. Ela não podia imaginar desistir de seu bebê, não podia imaginar desistir de Charlie. Ela colocou os braços em volta dele.

— Você poderia fazer isso? Desistir do seu filho? — ele perguntou e depois se apressou em dizer antes que Kate pudesse responder. — Quero dizer, nunca conversamos sobre crianças. Não quero apressar você nem nada.

— Por quê? Você estava pensando em começar agora?

As mãos dele deslizaram para as costas dela e ele a puxou contra si. Ela podia sentir a cabeça dura de sua ereção pressionando contra ela.

— Acho que vou chamar você de Sempre Pronto — disse Kate.

— Ainda não fizemos na cozinha.

— Também não fizemos no seu sofá. Nem na garagem.

Os olhos dele brilharam.

— Há muito o que esperar.

O barulho da chaleira fervendo os separou.

— Quanto você sabe sobre sua mãe biológica? — perguntou ela.

— Apenas o nome e endereço dela, e o fato de ela ter me deixado do lado de fora de um supermercado. Eu tinha nove meses, acho que o fato de que era o Tesco me dá uma ideia do que esperar. Não o Harrods ou o Selfridges. — Ele lançou um sorriso irônico para ela.

Kate entregou-lhe o chá.

— Ei, você não sabe por que ela te abandonou, Charlie. Ela poderia ser apenas uma criança. Pode haver várias razões pelas quais ela não conseguiu mantê-lo. Talvez ela tenha sido estuprada.

Ele olhou para ela.

— Mas mesmo que ela tenha sido estuprada, ela foi em frente e me teve, me manteve por nove meses e depois me largou. Você faria isso? Abandonar seu bebê?

Kate balançou a cabeça.

— Não, mas...

— Sem desculpas. Ela me manteve por nove meses. Nove meses. A mesma quantidade de tempo que ela me teve dentro dela. Quero dizer, isso é significativo? — Sua voz aumentou. — Eu entendo sobre estupro. Eu posso entender isso. Isso pode ter acontecido. Ou se não houve estupro e ela fosse uma criança, talvez, apenas talvez, eu possa aceitar isso. Mas com nove meses eu poderia estar andando. Eu estaria sorrindo para ela. Confiando nela. Amando. Eu era uma pessoa. E ela não me quis.

Kate colocou uma das mãos em torno de seu punho cerrado e o puxou para seus braços, segurando-o com força. Charlie precisava de um amor inabalável mais do que qualquer coisa, ela viu isso agora. Isso explicava seu desejo de ter sucesso como uma estrela pop, por que ele se voltou para atuar e por que nunca seria suficiente. Ele poderia lamentar e se queixar dos fãs, mas ele precisava da adoração, ser alimentado por isso, porque ele estava tentando lidar com o fato de que a única pessoa que deveria tê-lo amado mais do que a própria vida, o havia rejeitado.

— Ethan vai me matar — ele murmurou.

— Por quê?

— Porque ele quer controlar tudo sobre mim e eu não vou contar a ele sobre isso. Ele é basicamente um cara legal. Ele me intimidou para conseguir ajuda, me empurrou quando os outros desistiram, mas ele é o rei do parque de diversões, um mestre do giro. Se eu dissesse a ele o que estava fazendo, ele teria a imprensa lá e uma empresa de TV gravando tudo para um especial de domingo à noite. Talvez a revista *Hello* ou *OK* estabeleça um mega acordo.

Páginas de fotos de uma reunião grande e feliz. Não é isso que eu quero. Eu quero fazer isso sozinho. É só que... eu quero você lá também. Você faria isso? Para ser sincero, não quero que você espere no carro. Você poderia entrar comigo?

— Você tem certeza?

Ele assentiu.

— Eu sou um covarde. Segurar sua mão faz eu me sentir melhor.

— Ligue para ela, então.

— O quê, agora?

Kate sorriu diante do olhar de horror em seu rosto e beijou sua bochecha.

— Sim, agora.

— Quem devo dizer que sou?

— Charlie!

— Está bem, está bem.

Kate recostou-se na bancada e ouviu. Charlie já tinha o número no telefone.

— Olá, é Janet Doyle?... Oh, Janet Crouch. Desculpe. Eu sei que isso vai ser um choque, mas você é minha...

Ele não falou mais. Kate viu o alívio varrer seu rosto.

— Charlie — ele disse. — Sim... Sim... Okay... Certo... Vejo você, então. — Ele desligou o telefone. — Ela adivinhou quando eu disse o nome de solteira — explicou.

— Como ela soou?

— Levemente escocesa, eu acho. Ela parecia bem, sem raiva, mas também não estava emocionada. Meio que resignada. Podemos vê-la esta tarde enquanto o marido está trabalhando. Ele não é meu pai.

Ele deu um suspiro profundo.

— O que há de errado? — Kate perguntou.

— Como vou saber se ela tem prazer em me ver ou não? Depois que ela me reconhecer, reagirá porque sou Charlie Storm e não porque sou o garotinho que ela abandonou.

— Você quer colocar um saco de papel sobre sua cabeça?

— Rá-rá-rá.

— Você considerou que ela pode ir à imprensa? Vender a história dela? — perguntou Kate.

Charlie começou a roer as unhas, estremeceu com o gosto e olhou para Kate.

— Ela não vai ficar bem se for à imprensa, vai?
— Se há muito dinheiro envolvido, não tenho certeza se as pessoas se importam em como os jornais fazem com que elas se pareçam.



A mãe biológica de Charlie morava em um apartamento a poucos passos do Tamisa. Quando Charlie dirigiu direto para a casa dela, sem usar o GPS, Kate se perguntou se ele já esteve lá antes, tentando localizá-la. Ele estacionou ao lado de uma fila de lixeiras e, enquanto eles caminhavam em direção à frente do prédio, ele apertou a mão de Kate. O prédio era uma construção nova, com três andares, feito de tijolinhos e telhado cinza com vários ângulos. O dedo de Charlie tremeu quando ele apertou a campainha. Ele deu um sorriso nervoso para Kate.

— Entre. É o último andar. — A voz do interfone soou rouca.

Os pés de Charlie ficaram cada vez mais lentos. Quando chegaram ao último lance, Kate estava quase o arrastando.

Janet Crouch estava parada na porta esperando. Quando Charlie apareceu, sua boca se abriu.

— Isso é uma piada? — ela murmurou e olhou para trás de Kate e Charlie, talvez procurando uma equipe de filmagem.

— Olá, er... mãe — disse Charlie.

— Oh, inferno! — ela ofegou. — Porra, porra, porra. Caralho!

Que maneira adorável de cumprimentar uma criança que você não via há trinta anos, pensou Kate.

Os três apenas ficaram lá. Kate podia ver que ela havia se esforçado para se arrumar. Ela usava um vestido azul-céu bem passado, mas se Charlie esperava uma mãe sofisticada e elegante, ele ficaria desapontado. Janet era pequena e magra, com cabelos ruivos surpreendentes, cortesia de uma caixa de tinta.

— É uma piada — disse Janet novamente.

Charlie parecia ter perdido o poder da fala, então Kate assumiu.

— Não é uma piada. Podemos entrar?

Janet se afastou. Quando subiram outro lance de escada e ela os levou à sala de estar, a expressão de Janet havia mudado de descrença para felicidade de sonho. Kate quase podia ver as rodas girando em sua cabeça, engrenagens

clicando, dinheiro piscando como um prêmio pago a um bandido de um braço.

Kate olhou ao redor da sala. Além de uma TV muito grande e um DVD player, tudo estava gasto. As cortinas pareciam envelhecidas e desbotadas, e as almofadas no sofá, irregulares e manchadas. Janet começou a arrumar, mas mover alguns jornais não faria muita diferença. Kate não achava que Charlie havia notado o estado do lugar, seu foco estava na mãe, como se ele estivesse tentando ver dentro dela, se ver nela.

— Sente-se. Gostaria de uma bebida? Chá? Café? Algo mais forte?

— Não, obrigada — disse Kate e puxou Charlie para o sofá vermelho quando ele não se sentou.

Janet se jogou em uma cadeira em frente.

— Porra — ela disse novamente. — Você quer dizer que eu dei à luz Charlie Storm?

Acendeu um cigarro com as mãos trêmulas e depois ofereceu o maço a Charlie e Kate. Charlie parecia tentado, mas balançou a cabeça.

— Charlie Storm — Janet repetiu como se isso a ajudasse a entender o que estava vendo.

Kate se perguntou se deveria oferecer uma bebida para a mulher. Ela parecia estar em choque.

— Quem é você? — perguntou ela, estreitando os olhos em suspeita. — Imprensa?

— Ela é minha namorada. — Charlie conseguiu encontrar sua voz.

— O que você quer saber? — Janet perguntou, soprando uma corrente de fumaça. — Por que eu desisti de você?

Charlie assentiu.

— Eu tinha dezesseis anos quando engravidei. Dezesete quando eu tive você. Eu não sabia quem era seu pai. Desculpe. — Ela encolheu os ombros. — Eu dormia com qualquer um, naquela época, e nenhum dos caras queria saber de mim depois que eu engravidei. Nem minha mãe e meu pai. Então eu pensei, foda-se, e resolvi viver por conta própria.

As cinzas do cigarro ficaram mais longas e Kate olhou, esperando que caíssem no tapete.

— Mas eu lembro do dia em que você nasceu. Ninguém estava comigo, exceto uma obstinada parteira de meia-idade. Deus, você era irritante e feio, todo amassado.

Ela piscou para Kate e os olhos de Kate se abriram horrorizados. Ela

queria que ela parasse, mas Janet havia encontrado seu fluxo. As cinzas ficaram mais longas, precariamente equilibradas.

— Fiquei em trabalho de parto por horas. Deus, se eu soubesse, nunca teria... bem. Enfim, você saiu eventualmente. Todos os bebês saem. Todo mundo tinha essas coisas bonitas com cabelos lindos e você era comprido, magro, careca e... feio pra caralho.

Ela riu e depois começou a tossir e as cinzas caíram no tapete. Janet esfregou-a com os calcanhares.

Certamente, todo bebê que passava horas abrindo caminho por um estreito canal de parto sairia parecendo esmagado. Kate apertou a mão de Charlie. Ele não era feio agora.

— Eu te chamei de Charlie — disse ela e Kate ouviu o tom otimista em sua voz. — Deixei um pedaço de papel com o seu nome. Não sabia se as pessoas que o adotaram o manteriam. Quem teria pensado? — Janet olhou para ele. — Talvez eu saiba quem poderia ser seu pai. Você me lembra dele. Ele tinha cabelos como os seus, escuros e lisos, e olhos da mesma cor. — Ela apagou o cigarro e acendeu outro.

— Qual o nome dele?

Kate ouviu a ansiedade na voz de Charlie.

— Keith. Eu o conheci em uma festa. Ele disse que estava em uma banda. Ele se foi na manhã seguinte. Eu nunca mais o vi. Ele era bonito, no entanto. Eu lembro disso.

Ela sorriu, os dentes pequenos e tortos, manchados de muitos cigarros. Mas Kate viu uma sugestão de Charlie nos olhos de Janet e em seu sorriso.

— Você já pensou em mim? Quis saber o que eu estava fazendo? — ele perguntou.

— Às vezes, mas você não era meu, então qual era o sentido? Era mais fácil esquecer que eu tive você. Não faz sentido me incomodar com o que poderia ter sido. Eu tenho outras crianças agora. E um marido. Eles não sabem sobre você.

Ela se levantou e trouxe uma fotografia. Era dela à beira-mar, de pé ao lado de um cara musculoso com tatuagens nos dois braços e cabelos cortados rente. Três jovens estavam sentadas em uma parede atrás deles.

— Esse é meu marido, Marvin. As meninas são Lizzie, ela tem doze anos, Sarah, quinze, e Claire, dezesseis. Elas adorariam conhecer você. Elas sempre quiseram um irmão.

Janet claramente esperava que Charlie dissesse alguma coisa, mas ele não

disse. Três meias-irmãs. Kate sabia o que aconteceria quando descobrissem sobre Charlie.

— Seus pais ainda estão vivos? — Charlie perguntou.

— Papai morreu de câncer de pulmão no ano passado. Minha mãe mora em Luton. Não sei onde e não me importo.

— Por que você desistiu de Charlie? — Kate deixou escapar.

Janet se irritou. Seus olhos dispararam para Kate como se ela se ressentisse da pergunta.

— Eu conheci um cara, não Marvin, e ele não queria um filho. Pensei que sem um bebê poderíamos fazer isso funcionar. Conseguimos, mas durou apenas alguns anos.

— Você o amou mais do que você me amou — Charlie murmurou.

Janet apagou o cigarro meio fumado.

— Ele tinha um bom trabalho — ela retrucou. — Ele me levou a lugares. Você era uma coisinha chorona, sempre chorando por atenção, sempre querendo alguma coisa, mas você não pegava chupeta. Ficava cusbindo. Eu te amei, é claro que sim, mas também queria uma vida. Eu também era criança.

— Então você me largou do lado de fora de um supermercado? — A voz de Charlie era plana.

— Não larguei — disse ela. — Eu te envolvi bem. Eu sabia que alguém iria te encontrar. Eles ouviriam você berrando por algo para comer. Você tinha um bom par de pulmões. — Ela deu um pequeno sorriso. — Ainda tem. Eventualmente, eu dei minhas informações ao serviço social. Se, no futuro, você quisesse entrar em contato comigo, poderia. Eu não precisava fazer isso. Mas estou feliz por ter feito. — Ela lançou a ele um olhar nervoso. — De qualquer forma, você deve ter tido uma boa vida. Você está bem agora, não está? Rico e famoso. As pessoas que o adotaram devem tê-lo educado adequadamente.

— Sim, eles educaram. — Charlie se levantou. — Bem, obrigado por me ver.

Janet pareceu surpresa.

— É isso? É tudo o que você quer?

Kate levantou-se também. Ela não tinha ideia do que Charlie estava pensando, mas ele não parecia estar feliz.

— Acho que você está decepcionado — disse Janet. — Não sou o que você esperava, sou? — Ela alisou o vestido com as mãos flutuando. — Não

sou uma mulher rica e educada.

— Eu não esperava nada — disse Charlie.

— Você deveria estar agradecido por eu ter desistido de você. Você não seria nada se eu tivesse te mantido. Mas olhe para você agora. Tão bonito. — Ela deu um passo em sua direção. — Eu não me importaria se você quisesse me dar um abraço.

Charlie tentou recuar e Kate ficou em seu caminho, dando-lhe uma cotovelada para frente.

Janet passou os braços em volta dele. Charlie a abraçou, timidamente no começo, mas Kate viu o abraço se transformar em tristeza pelo que os dois haviam perdido. Ele se afastou e Janet deu uma batidinha no braço dele.

— Bem, cuide-se, filho. Cuidado com as pessoas que só querem conhecê-lo pelo seu dinheiro.

Kate mordeu o lábio.

— Me dê uma ligada. Talvez possamos sair pra comer. Todos nós — disse Janet enquanto Charlie se afastava para a escada. — Você pode voltar. Suas irmãs adorariam conhecê-lo — Janet falou.

— Eu ligo para você e arranjo alguma coisa. Eu gostaria de conhecer minhas... irmãs. — Janet parecia ter ganhado na loteria.

Ele se virou no primeiro degrau.

— Quando é meu aniversário?

Ela parecia confusa.

— Dezembro. Dia cinco, eu acho.

Charlie se virou e sorriu.

— Certo. — Ele fez uma pausa. — Quando é seu aniversário?

— Sete de janeiro.

— Eu vou anotar. Hum, por favor, não fale com os jornais sobre isso. Vamos ter a chance de nos conhecermos primeiro.

— Tudo certo.

Ele se virou para sair novamente e ela o chamou de volta.

— Charlie?

— Sim?

— Eu sinto muito. Desculpe por não ficar com você.

Kate olhou entre os dois. Charlie deu um pequeno sorriso.

— Está bem. Meus pais adotivos fizeram um bom trabalho. Sou eu quem estraguei tudo. Meu pai gostaria de conhecer você, um dia.

Janet assentiu.

Kate olhou para trás enquanto desciam as escadas. Janet ficou observando-os como se ainda não conseguisse acreditar no que acabara de acontecer.



Charlie pegou a mão de Kate e a levou para fora do apartamento. Os dedos dela frouxamente em volta do corrimão para evitar que pudessem tropeçar quando ele a puxou escada abaixo a uma velocidade vertiginosa. Ele não disse nada até estarem sentados no carro.

— Eu queria saber e agora eu sei — disse ele, sua voz plana.

— Foi uma coisa boa que você fez, Charlie, dizendo a ela que estava tudo bem em desistir de você. — Kate pegou a mão dele e acariciou seus dedos.

Ele não disse nada.

— Bem, foi bom dizer isso, mesmo que você não quisesse dizer isso.

— Você sabe, eu pesquisei sobre isso. Eu li que a maioria das mães nunca para de pensar nos filhos que deram. Elas sentem como se parte delas estivesse faltando. Ela não pensou em mim, mas acho que agora vai.

Kate viu a dor em seus olhos.

— Cristo, eu não queria muito. Ela nem se lembrava do dia em me deu à luz. Acho que ela perdeu o gene materno. Eu pensei que meu aniversário fosse 14 de dezembro. Eu também posso manter isso. — Ele fez uma pausa.

— Quando é o seu?

— Agosto.

— Estamos em agosto. Quando?

— Eu não comemoro aniversários, Charlie.

— Por que não?

Ela pegou em um fio solto imaginário em sua saia.

— Eu não gosto deles.

— Por quê?

Kate suspirou. Se ela dissesse a ele, talvez isso o distraísse de pensar no que acabou de acontecer.

— Não tivemos festas adequadas no orfanato, mas tínhamos um bolo depois do jantar, se fosse o aniversário de alguém, e eles podiam escolher o que queriam na TV. Todos se ressentiam do fato de estarem presos lá e não com uma família. Não com a família deles.

— Você nunca teve uma festa?

— Não depois que minha mãe morreu e nunca fui convidada para nenhuma. Meninas podem ser muito cruéis. Quando eu tinha doze anos, decidi organizar minha própria festa e assim podia ser convidada depois para a festa das outras. Não tínhamos permissão para trazer mais de dois amigos para a casa, então eu organizei no parque. Escrevi quando e onde em balões. Economizei dinheiro para comprar sacolas de festas e as enchi de doces, lápis com cabeça de animais e ioiôs de plástico. Comprei batatas fritas, pãezinhos de salsicha e garrafas de Coca-Cola e limonada. Eu arrumei até música. E um *grande* bolo de chocolate. Eu sequestrei um carrinho de supermercado para transportar tudo.

Ela respirou fundo. Ela ainda podia ver toda a comida colocada nas mesas de piquenique. Parecia ótimo.

— Ninguém foi. No começo, pensei que talvez tivesse errado a hora ou o local e, em uma parte diferente do parque, todo mundo estava de pé segurando presentes e cartões, esperando por mim.

Ela levantou os olhos para os de Charlie. Os dedos dele esfregaram os dela.

— Eu tive a festa só pra mim. Fui repreendida por alimentar os patos com batata frita e depois me meti em mais problemas, porque não só perdi o toque de recolher, como também peguei emprestado o *music player* sem perguntar. Eles comeram o bolo que compraram, mas deixaram uma fatia para mim e eu não tinha permissão para ir para a cama até que eu o comesse. Só que eu estava tão cheia que vomitei na cozinha. Eu nunca mais me importei com aniversários depois disso.

— É tarde demais para adotá-la? — Charlie sussurrou, acariciando sua bochecha com os dedos.

Kate sorriu.

— Mas então o sexo teria que parar. Você seria preso.

— Oh, sim. — Ele riu.

— Ei, eu já superei, Charlie.

— Então, quando é seu aniversário?
— Esqueça. Já passou.
— Quando foi? — ele repetiu. — Não me faça recorrer à dor ou fazer cócegas.
— Ontem.
Ele fechou os olhos e gemeu.
— Merda. Por que você não me contou? — Os olhos dele se abriram. — Foi por isso que seu pai queria vê-la. Certo?
Ele ligou o carro e partiu.
— Para onde estamos indo? — perguntou Kate.
— Compras.
— Do que você precisa?
— Não para mim. Para você.
— Eu não preciso de nada.
— Eu quero comprar uma coisa para você. — Charlie olhou para ela. — Você não tem que *precisar* de alguma coisa para ir às compras.
Kate tinha. Ela nunca teve dinheiro para comprar coisas de que não precisava.
— Eu não quero ir às compras — disse ela.
— O que você gostaria de fazer?
— Ir para um piquenique.

Kate não previra que ela seria a única que andaria pelo supermercado comprando a comida enquanto Charlie se escondia no carro, paranoico por ser reconhecido. Quando Kate voltou, ele estava falando no celular. Ele brincava com o botão da bota, não saindo do carro nem mesmo para ajudar a descarregar o carrinho. Quando Kate se sentou ao lado dele, ele terminou a ligação.

— O que você estava fazendo? — ela perguntou enquanto lhe entregava o troco.

Com um sorriso tão amplo e inocente no rosto, ele era culpado de alguma coisa.

— Nada.

— Estou muito triste por ter que lhe dizer isso, mas receio que ganhar um Oscar esteja fora do seu alcance. Você é um ator sem esperança, Charlie. Você mostra seu coração em seu rosto. Embora seja um rosto adorável. —

Kate o beijou.

— Não é tão adorável quanto o seu — ele sussurrou. — Feliz aniversário atrasado.

O beijo ficou mais profundo e mais apaixonado a cada segundo. A língua de Charlie brincou com a sua boca, enviando um frisson de prazer pulsando por todo o corpo dela.

— Nós poderíamos fazer o piquenique na sua cama — Kate ofegou enquanto se afastava.

— Não. Estamos indo para Richmond Park.

— Ótimo — disse Kate. — Eu não vou lá há muito tempo.

Eles haviam comido e estavam deitados de costas virados para o sol antes de Kate falar com Charlie sobre o que aconteceu naquela tarde. Ela sabia que ele não queria falar sobre isso, mas também sabia que ele tinha que lidar com isso.

— Ela é muito pior do que você esperava? — Kate perguntou.

Por um momento ele não respondeu.

— Eu não sabia o que esperar. Eu não achava que importava se ela fosse bonita ou brilhante. E eu não me importo mesmo. Queria que ela sentisse minha falta, pensasse em mim ao longo dos anos, e acho que ela não sentiu.

— Você gosta de pensar nos seus erros?

— Eu sou um erro?

— Ela teve você, Charlie. Ela não abortou você. Ela era uma criança.

Ele rolou de lado.

— Os olhos dela são um pouco como os seus. Você tem o sorriso dela — disse Kate.

Charlie olhou para ela.

— Eu tenho?

Kate assentiu.

— Mas não os dentes dela.

Ele riu.

— Você passa os dedos pelos cabelos como seu pai — ela acrescentou.

Ele não disse nada.

— Você rói as unhas como sua mãe.

— Eu não tenho mais roído. Veja.

Ele mostrou as mãos a Kate. As bordas irregulares haviam desaparecido.

— Por que você não vai ver sua mãe e leva um pouco do esmalte? Conte a ela sobre Janet.

Charlie caiu de costas.

— E dizer a ela o quê? Que ela estava certa?

Kate colocou o queixo no peito dele.

— A vida é muito curta para se desentender com sua família. Eles amam você, Charlie. Eles são seus pais. Deixe que eles mostrem o quanto se importam.

Ele a puxou para que ela se deitasse em cima dele.

— Que tal eu te mostrar? — ele disse.

— No meio do Richmond Park? Acho que não.

— Mas você está com essa calcinha especial.

— Não, não estou.

Ele deu-lhe um olhar confuso e então seus olhos se arregalaram.

— Aproxime-se.

— Por quê?

Ele deu um suspiro exasperado e a puxou para seus braços. Um momento depois, a mão dele estava entre as pernas dela e ele estava gemendo em seu ouvido. Kate esqueceu o fato de estarem em um parque, esqueceu tudo, menos o que Charlie estava fazendo. Ele tinha um braço sobre o ombro dela, puxando-a com força enquanto a beijava, a outra mão deslizando em suas dobras molhadas, tirando o clitóris do pequeno ninho e circulando-o com a ponta do dedo.

Kate ofegou em sua boca e ele engoliu o choro dela quando ela derreteu contra ele. Charlie a beijou de volta, mordiscando seus lábios até sua respiração diminuir.

— Agora temos um grande problema. Eu levaria você para ver a área especial de conservação do besouro de veado, mas não estou mais em um estado adequado.

— Outro dia — disse Kate.

Ela pulou, levantou-o e empurrou a bolsa que levava a comida na frente da protuberância nas calças dele.



Kate bocejou. Eram nove da noite. Eles passaram a noite entrelaçados nus no

sofá e ela estava pensando em dormir quando Charlie disse que eles estavam saindo. Ele a levou de volta ao apartamento para que ela vestisse jeans. Ele também pegou um de seus suéteres de lã, apesar de ainda estar quente lá fora. Quando ele parou no estacionamento e desligou o motor, Kate não tinha ideia de onde eles estavam.

— Você confia em mim? — ele perguntou.

— Você sabe que sim.

— Eu quero vender você.

O coração de Kate bateu forte. Ele segurava uma gravata azul-escura. Ele parecia tão animado que ela não podia dizer não. Mas ela não gostou.

— Tudo certo.

Ela sentiu a leve pressão da gravata quando ele a envolveu em torno de seus olhos. Uma vez que ela saiu do carro, ela se agarrou ao braço dele e manteve o corpo próximo ao dele.

— Suba cinco degraus — disse ele.

Kate sabia que eles haviam entrado em um prédio. Ela ouviu um som ecoante e estremeceu no frio do ar-condicionado, mas não conseguiu sentir nada além disso. Eles passaram por várias portas e então Charlie ficou atrás dela.

— Vou tirar a venda agora — disse ele.

Quando ela caiu de seus olhos, Kate piscou. Ela viu um grupo de pessoas na frente dela, ouviu-os gritar “surpresa” e saltou de volta nos braços de Charlie. De lá, ela entendeu tudo. Rachel, Lucy, Dan, Fax e muitas outras pessoas que ela não conhecia. E uma pista de gelo.

— Feliz aniversário. — Lucy correu e a abraçou.

Kate ficou impressionada. Presentes belamente embrulhados foram colocados em seus braços. Rolhas de champanhe estouraram. Música tocou nos alto-falantes. Ela se inclinou mais forte em Charlie. Se ele não estivesse atrás dela, ela teria caído.

— Abra o meu primeiro — disse Rachel.

Kate desembalou as luvas. Lucy comprou um chapéu para ela. Kate nunca teve tantos presentes para abrir. Ela estava cheia de uma onda de amor por Charlie.

— Este é meu companheiro, Ben, da minha primeira banda. Esse é o Jed, que não sabe cantar no tom — disse Charlie.

— É você, seu idiota — disse Jed. Ele se virou para Kate. — É por isso que tivemos que tocar tão alto, porque ele continuou perdendo a nota.

— Você continuou trocando a nota — Charlie respondeu.

Ben passou o braço por cima do ombro de Charlie.

— Você fantasiou de vir e ter uma sessão conosco, Charlie? Estamos procurando um cara para tocar pandeiro.

— Muito engraçado.

Kate ficou emocionada com as brincadeiras, encantada por ver um Charlie diferente, um cara normal, brincando e rindo. Ele a apresentou a todos. Embora principalmente músicos, também havia amigos da universidade — um advogado, um arquiteto, um professor. E Charlie ficou com ela, o braço sempre em volta dela, e Kate sabia que ele estava dizendo “ela está comigo, estamos juntos”, e seu coração cantou de amor por ele. Ele ainda era uma estrela, ainda era a luz ao redor da qual todos zumbiam, mas este era um mundo diferente e o que ela viu fez Kate acreditar que eles poderiam ter um futuro.

Uma vez que Charlie sabia que Kate não iria surtar e fugir, ele chegou para trás e observou. Não tinha sido muito difícil de organizar, embora ele não tivesse feito nada além de ligar para algumas pessoas e dizer o que queria. Ele entrou em contato com Rachel na galeria, perguntou a ela sobre os amigos de Kate e percebeu que não seria uma festa se ele convidasse apenas pessoas que Kate conhecia. Então ele ligou para os amigos e todos trouxeram presentes para ela, e ela ficou sentada com um sorriso bobo no rosto, cercada por papel de embrulho, e Charlie achou que nunca se sentiu tão feliz.

— Podemos comer? — alguém perguntou.

— Vá em frente — disse ele.

Charlie percebeu que eram seus companheiros que desciam como abutres. Ele colocou o braço sobre os ombros de Kate e a levou até a mesa.

— O que você acha? — ele perguntou.

Em cima de uma toalha de mesa de plástico estampada com super-heróis voadores, estavam pratos de papel de festa combinando, adequados para crianças de sete anos, salsichas de coquetel, tigelas de salgadinhos brilhantes em formato de vermes, palitinhos de biscoito, coelhos de gelatina vermelha, peixes de gelatina verde, sanduíches empilhados em pirâmides tortas, pequenos cupcakes gelados cobertos com confeitos e, no centro de tudo, um enorme bolo de chocolate, envolto em redemoinhos de glacê marrom e coberto com doze velas.

Kate puxou Charlie nos braços, pressionou a boca perto da orelha dele.

— Eu te amo muito — ela sussurrou e ele respirou fundo.

A boca de Charlie mergulhou na dela e eles estavam por conta própria, tudo ao seu redor um borrão. Era isso, ele pensou, era isso que ele estava procurando, quem ele estava esperando: Kate no centro do seu mundo.

— Pronto para o bolo? — alguém gritou.

Lucy acendeu as velas.

— Charlie vai cantar — alguém gritou.

Não, ele não ia, mas então ele olhou para o rosto de Kate e ele quis. Ele segurou as mãos dela e olhou diretamente nos olhos dela, cantando “Parabéns pra você”. Os outros se juntaram, mas Kate sorriu apenas para ele. Quando ele terminou, estava prestes a puxá-la em seus braços para outro beijo quando Rachel gritou:

— Rápido, apague as velas antes que o alarme de fumaça toque.

Kate se adiantou, respirou fundo e Charlie viu a criança animada que ela nunca teve chance de ser. Ele afastou uma onda de fúria por isso ter sido negado a ela. Ela sorriu quando todas as velas se apagaram e todos aplaudiram. Como ele podia ter tanta sorte?

— Você não cuspiu — reclamou Charlie.

Kate riu.

— Eu ainda poderia.

— Você fez um pedido?

— Tenho tudo o que quero.

— Bem, eu gostaria de um iate e uma casa à beira-mar — disse ele.

— Sério?

— Não, na verdade não. — Charlie hesitou. Ele pensou em dizer a ela que a queria, junto com uma casa cheia de filhos.

— Obrigada por cantar, Charlie. Eu sei que você não...

Ele colocou o dedo nos lábios dela.

— Eu faria qualquer coisa por você. Qualquer coisa.



— Não me faça fazer isso — implorou Kate.

— Você vai gostar depois de experimentar — disse Charlie.

— Se você soubesse quantas vezes ouvi isso. — Ela se levantou nos

patins de gelo e balançou. — Ai — ela choramingou. — Você acha que eu preciso de um tamanho maior?

Charlie olhou para os pés dela e riu.

— Não, você só precisa colocar cada um no pé certo.

Kate se sentou de volta no banco e deixou Charlie tirá-los. Ao seu redor, todos conversavam e riam, cambaleando sobre o tapete de borracha antes de se derramarem no gelo. Charlie se inclinou para ajudar Kate com os grampos.

— Obrigado, Charlie — disse ela e segurou a cabeça dele com as mãos. — Este é um beijo de despedida.

Ela apertou os lábios nos dele e ele se afastou, parecendo preocupado.

— Adeus? — ele perguntou.

— Vou morrer aqui e não queria ir sem um último beijo.

— Você nunca patinou no gelo antes?

Kate balançou a cabeça.

— Não é difícil.

Ela riu.

— Diz alguém que já é especialista.

— Você pode se segurar em mim — disse ele. — Eu não vou deixar você cair.

Kate cambaleou sobre o tapete para chegar ao portão. Fax estava tremendo à sua frente. Ele estava no gelo, mas as duas mãos estavam grudadas na barreira de madeira que corria em volta da pista. Lucy patinou para trás em um círculo na frente dele.

— Você sai por aí e me deixa sentir isso — Kate disse a Charlie e observou enquanto ele patinava direto para o meio.

Bem, é claro que ele poderia patinar. O cara era perfeito em tudo.

Mas nem todo mundo era tão competente quanto Lucy e Charlie. Dan e Rachel estavam caminhando pesadamente de mãos dadas. Os amigos de Charlie estavam brincando, caindo e rindo, braços e pernas agitando. Kate colocou o chapéu e as luvas que recebeu, pisou no gelo e imediatamente seus pés se moveram mais rápido que o resto. Ela agarrou a lateral, colocou os braços por cima disso e se equilibrou.

A alguns metros de distância, Fax havia progredido a um arrastar. Ele soltou a lateral e seus braços e pernas dispararam e depois se retraíram, fazendo-o parecer uma estrela do mar confusa. Kate manteve um aperto firme na madeira e se moveu uma polegada de cada vez.

Ela ficou bem até que Charlie parou diante dela, cobrindo-a com cristais

de gelo.

— Bastardo — ela assobiou.

Ele riu.

— Solte a lateral e segure minha mão.

— Eu vou cair.

— Eu vou segurar você.

Ele estendeu a mão e Kate suspirou.

— Eles estão tocando uma das minhas músicas — disse ele. — É um sinal.

— Você e seus malditos sinais. — Mas ela pegou a mão dele e, com grande relutância, soltou a lateral.

— Não tente andar. Deslize os pés para fora em forma de V. É como andar de patins — disse Charlie. — Incline-se para a frente, não para trás.

— Também nunca andei de patins.

Mas quando ela copiou o que ele estava fazendo, ela se sentiu um pouco mais confiante e eles começaram a se mover pela pista. Enquanto eles patinavam, Charlie cantou para ela, acompanhando sua própria voz saindo dos alto-falantes. Oh, Deus, ele parecia ótimo.

— Muito bem. Esse é um circuito — disse Charlie enquanto Kate deslizava para a lateral, abraçando o topo da madeira como uma amiga perdida há muito tempo. Ela quase a beijou.

— E levou apenas duas horas.

Ele riu.

— Bem, se você insistir em parar a cada dois passos.

Kate se aprumou.

— Obrigado, Charlie, por hoje, por essa noite. Foi maravilhoso.

— Ainda não acabou. Eu não lhe dei meu presente especial e você não o receberá até que consiga patinar sozinha.

Enquanto Kate tentava sozinha dar alguns passos, suas amigas se despediram de Charlie e patinaram para a saída, os dois eram os únicos que restavam.

— Dez minutos e derrete, Cinderela — Charlie avisou.

Kate se lançou, seus braços batendo. Ela sabia que parecia estúpida, como um pássaro gordo, muito pesado para decolar, mas estava determinada a completar um circuito sozinha. Ela estava ciente de Charlie por perto gritando encorajamento e estava indo bem, os patins deslizando, em vez de escorregar. Kate sentiu uma curva se aproximando, em pânico com a velocidade

excessiva — quase andando —, esbarrou em uma borda e caiu como uma pedra. Ela não caiu no gelo. Charlie caiu, debaixo dela.

— Eu disse que eu te pegaria — ele gemeu.

— Meu herói. Você está com dor?

— Uma sereia de dez toneladas me achatou. Claro que estou com dor.

Kate rolou e depois se inclinou para pressionar seus lábios contra os dele. Charlie colocou os braços em volta dela, deslizando a língua em sua boca. Momentos depois, a música parou, as luzes se acenderam e houve o som de um homem tossindo na borda do ringue. Kate se afastou.

— Veja, eu tirei sua mente da dor — disse ela.

— Só porque você é uma dor maior.



Era quase meia-noite quando eles voltaram para a casa de Charlie.
— Mais duas surpresas — disse ele enquanto caminhavam na garagem.

— Elas são grandes? — Kate sorriu, com os braços cheios de presentes.

— Alguém devia estar esperando do lado de fora, mas chegamos um pouco mais tarde do que eu pensava. Vá e dê uma olhada.

Kate achou que ele parecia muito satisfeito consigo mesmo e se perguntou o que ela iria encontrar, esperava que não fosse um filhote. Ela colocou os presentes no corredor e abriu a porta. Seu coração deu um pulo.

— Oh, Charlie, o que você fez? — ela sussurrou.

— Olá, Kate.

O pai dela estava parado na porta, segurando um buquê de flores. Charlie apareceu atrás dela.

— Rachel me deu o número dele. Liguei para ele esta tarde. Você precisa falar com ele, Kate. Ouça o que ele tem a dizer. Me sinto melhor agora que falei com Janet. Você precisa resolver isso. — Ele pegou a mão dela e ela se afastou.

— Você não tinha o direito de fazer isso — disse ela.

Tudo borrou. Pontos dançavam diante de seus olhos como se o mundo tivesse se transformado em uma pintura de Seurat. Antes que Kate percebesse, os três estavam na sala de estar. Charlie segurou o braço dela, puxando-a para o sofá. Sua mente corria através de um labirinto, batendo em corredores sem saída, virando-se, procurando em outro corredor, o tempo todo sabendo que não havia saída. O pai dela estava sentado no sofá em

frente.

— Charlie teve a gentileza de me dar a chance de te ver hoje à noite, Kate. Tudo o que peço é que você me ouça.

Kate se retirou para dentro de sua concha, um caranguejo eremita assustado recuando na curva mais apertada, sabendo que estava se aprisionando, mas sem ter para onde ir. Ela soltou a mão do aperto de Charlie e passou os braços em volta do corpo. Quando Charlie tentou passar os braços em volta do corpo dela, ela o empurrou com os ombros. Ela sabia que ele estava magoado, mas Kate não se importava. Ele transformou o melhor dia da vida dela no segundo pior.

— O que você viu naquela noite não foi o que pareceu — disse o pai dela. — Sua mãe estava doente mental, querida. Ela ouvia vozes dizendo para ela fazer as coisas. Tudo bem quando eram coisas boas, como bolos, mas não tão bem quando eram coisas como cavar o gramado no meio da noite. — Ele se inclinou para frente. — Você se lembra?

Um buraco apareceu durante a noite no quintal. Sua mãe disse que queria um canteiro de flores.

— Ela te amava tanto, eu não queria tirá-la de você. Por trabalhar em casa, pensei em cuidar dela. Se eu imaginasse que ela poderia se tornar violenta, nunca a deixaria ficar em casa.

Kate queria colocar os dedos nos ouvidos, bobagens absurdas, então ela não podia ouvi-las.

— Naquela noite, eu estava na cozinha tomando café, lendo o jornal. Gina entrou, pegou uma faca na gaveta e me esfaqueou. Nenhum aviso, nenhum argumento, nada. Eu tentei tirar a faca dela. Quando você desceu, era isso que eu estava tentando fazer, não matá-la. Mas você entrou e tudo ficou caótico. De alguma forma, todo mundo se machucou.

Kate balançou, olhando para o chão em um ponto entre os pés de seu pai, desejando que um demônio de olhos arregalados surgisse pela fresta entre as tábuas e o arrastasse de volta ao inferno.

— Você não lembra como ela era, Kate? Nunca sabíamos se ela sairia da cama de manhã, se ela se lembraria de levá-la à escola ou buscá-la. Às vezes, Gina se comportava como a mulher com quem me casei e era uma boa mãe, mas era uma loteria quando acordávamos. Sua mãe ou uma completa estranha. Você não se lembra?

Ela não falou.

— Se eu pudesse voltar o relógio, eu o faria. Cristo, se eu tivesse alguma

ideia de que ela poderia machucá-la, eu a internaria e cuidaria de você.

Kate sabia que ele nunca teria parado de pintar. Era tudo o que ele fazia o dia todo, a noite toda, trancado em seu estúdio quando a inspiração o agarrava. Elas não tinham permissão para incomodá-lo. Às vezes eles se divertiam, mas ele achava que viagens a Tate ou à National Portrait Gallery eram divertidas para uma criança de cinco anos. Ele não fazia ideia. Sua mãe foi quem fez a vida divertida.

— Não havia como eu saber que ela iria tão longe. Eu te amo, Kate. Você é minha filha, minha filha. Perdi muito da sua vida. Não podemos começar de novo? Você não me deixou ser seu pai.

Kate se enrolou mais. Charlie tentou colocar os dedos sobre os dela, e ela se afastou, deslizando para o outro lado do sofá. Ele estragou tudo.

— Há algo que preciso lhe contar sobre aquela noite — disse o pai dela. — Mas, antes disso, quero que saiba que não te culpo pelo que disse no meu julgamento. Eu sei o que você pensa que viu, mas estava errada. Por isso me declarei inocente, por isso tive que passar mais tempo na prisão. Mas eu não te esfaqueei. Foi sua mãe. — Os dedos de Kate batiam em um desenho na lateral do sofá.

— Sinto muito, querida. Eu sei que não é o que você quer ouvir, mas é a verdade. Você entrou na cozinha e não entendeu o que estava acontecendo. Você pensou que eu estava atacando sua mãe e tentou salvá-la.

Kate fechou os olhos. Viu o sangue, sentiu o cheiro, sentiu em suas mãos. Uma bagunça quente e pegajosa que ela queria que desaparecesse. Fez uma poça no azulejo, se espalhou como uma maré vermelha em cima de uma pintura.

— Na confusão, sua mãe atacou e você pegou a faca. De alguma forma, você deve ter esbarrado a lâmina na perna da sua mãe. Cortou sua artéria femoral. Quando a ambulância chegou, ela tinha sangrado até a morte.

Kate ouviu Charlie ofegar ao lado dela. Ela nunca mais respiraria.

— Você não me disse isso! — Charlie gritou. — Você não me disse que era por isso que queria falar com ela! Para dizer a ela que você não matou a mãe dela, que ela matou. Seu bastardo cruel.

— Sinto muito, querida — disse o pai.

— Por que você teve que dizer isso a ela? Ela era uma criança. Quero dizer, que porra é essa?

O pai levantou-se e deu um passo em sua direção.

— Kate.

Kate ficou de pé e colocou a mão na boca.

— Com licença — ela murmurou entre os dedos. Ela saiu correndo da sala, bateu a porta e não parou. Fora de casa, na rua, na outra rua, Kate não parou até entrar em um táxi.



Quando Kate não reapareceu, Charlie foi procurá-la. O banheiro do térreo estava vazio. Ele correu por toda a casa, verificando todos os cômodos antes de voltar ao salão.

— Ela fugiu. Seu filho da puta estúpido. O que você estava tentando fazer? Ter sua vingança por ela ter renegado você? Eu estava tentando ajudá-lo a fazer as pazes com ela. Como você esperava que ela reagisse a isso? Como você sabe que foi isso que aconteceu?

— Ela se recusou a me ver depois que eu saí. Ela até mudou de nome.

— Jim, você é um idiota completo e absoluto. Se ela fizer algo estúpido, eu vou...

— Que tipo de algo estúpido?

Charlie fechou a boca.

— Ela está apenas chateada. Você sabe como são as mulheres. Ela voltará — disse Jim.

Charlie ficou boquiaberto para ele.

— Não acredito que você pensou que poderia dizer a ela que ela matou a própria mãe e esperar que ela voltasse à vida. Quero dizer, que porra importa agora quem fez o quê? A mãe dela está morta. Kate passou quase toda a sua vida lidando com o que aconteceu. Ela não foi culpada. Ela tinha sete anos de idade, pelo amor de Deus.

— Mas eu não matei ninguém — disse Jim. — Não quero que ela pense que matei a mãe dela. Passei quinze anos na prisão por algo que não fiz.

— E Kate passou quinze anos em uma prisão também.

— Ela pegou o dinheiro que eu ofereci.

Charlie olhou para ele.

— Você não faz ideia, porra? Você nem mesmo perguntou como ela estava. Você só queria colocar sua própria culpa nos ombros dela. Você escreveu para ela enquanto estava preso? Já pediu para vê-la?

Charlie viu que a resposta era não. Ele queria bater com o punho na cara

de Jim.

— Posso ajudá-lo a procurá-la?

— Como? Você não sabe nada sobre ela. O que ela gosta, o que odeia, o que a assusta. Apenas vá se foder. Saia da minha casa.

Depois que ele se foi, Charlie encontrou a bolsa de Kate ao lado do sofá. Ele a abriu, viu as chaves, a bolsa e o telefone e sabia que estava com problemas. Ele dirigiu até o apartamento dela, mas ela não estava lá e, até onde ele sabia, ela não tinha voltado. O carro dela estava lá fora. Charlie voltou para casa, esperando que Kate estivesse lá. Ela não estava. Ele se sentou e esperou. E esperou.

O sol nasceu e ainda não havia sinal dela.



Ethan ouviu a batida na porta e a ignorou. Mas quem quer que fosse, não pretendia desistir. Ele saiu da cama e, por precaução, tirou a roupa de baixo que vestira durante a noite, antes de vestir uma túnica branca. Ethan de alguma forma não ficou surpreso ao ver Charlie andando do lado de fora. Ele se perguntou qual chapéu precisava vestir dessa vez — especialista financeiro, comprador pessoal, corretor de imóveis, limpador de bunda ou chutador de bunda.

— É melhor que seja bom — Ethan retrucou.

— Kate se foi.

Ethan deu um grito mental de alegria e se afastou para permitir a entrada de um Charlie pálido.

— O que aconteceu?

Charlie despejou e quanto mais ele despejava, mais brilhante o sol ficava para Ethan. Muito mais fácil colocar Jody Morton na vida de Charlie com Kate fora do caminho.

— Eu tenho que encontrá-la — disse Charlie. — Eu preciso de um detetive particular.

— Eu conheço um bom — disse Ethan. Encontrar a pedra para a qual Kate rastejou não era uma má ideia, apenas para garantir que a pedra fosse pesada o suficiente. — É muito cedo para ligar agora. Vou fazer um café da manhã para você.

— Eu não estou com fome.

— Você parece terrível.

— Eu não fui para a cama — disse Charlie.

— Tire algumas horas de sono no andar de cima.

— Eu deveria estar na minha casa, caso Kate volte. — Charlie se mexia de um pé para o outro.

— Vou mandar Jake. Ele não está ocupado hoje. Me dê suas chaves.

Charlie as entregou e começou a subir as escadas. Ethan entrou em sua cozinha. Ele garantiria que Jake soubesse quem não deixar entrar no apartamento de Charlie. Kate estava no topo da lista. Ethan chegou a segurar o jarro debaixo da torneira, antes de bater com força, espirrando água por toda parte. Ele correu escada acima.

A porta do quarto estava aberta. Ethan pensou que ele estava seguro, que Charlie havia entrado no quarto certo. Ele viu Charlie parado ao lado da cama, segurando um dos sutiãs que Kate havia feito. Era o que Ethan mais gostava — cetim branco com pequenas rosas cor-de-rosa. Charlie parecia pálido antes, agora seu rosto era como fantasma.

— Onde ela está? — Charlie jogou no chão o sutiã e caminhou até o banheiro de Ethan. Ele abriu a porta e depois voltou, com os punhos cerrados.

— Ela não está aqui — disse Ethan, segurando as mãos na frente dele. Ele estava frenético em encontrar um cenário que fosse adequado, um que ele pudesse fazer adequado.

— Este é o maldito sutiã de Kate — Charlie gritou, jogando-o no rosto de Ethan.

— É dela, sim — respondeu Ethan.

— As calcinhas dela.

Ethan tentou agarrá-las antes que Charlie percebesse o tamanho delas, que estavam quentes e talvez um pouco molhadas, mas Charlie afastou a mão dele.

— Kate! — Charlie gritou. — Onde diabos você está?

— Charlie, ela não está aqui. Pedi-lhe para fazer a calcinha para uma amiga.

Ethan ficou aliviado quando Charlie se esvaziou como um balão velho, um olhar de confusão enrugada no rosto. Então ele se endireitou.

— Então, onde está sua amiga?

— Ela foi para casa.

— Deixando a calcinha? — Os olhos de Charlie estavam cheios de desconfiança.

— Charlie, minha vida sexual não tem nada a ver com você.
Seus ombros caíram novamente.
— Não, desculpe.
— O quarto de hóspedes fica do outro lado do patamar — disse Ethan. —
Durma um pouco. Quando você acordar, eu já terei resolvido as coisas.
Quando a porta se fechou, Ethan expirou. Essa foi por pouco.



Quando Charlie apareceu algumas horas depois, ele ainda parecia terrível. Ethan se perguntou se ele tinha dormido.

— Eu preciso ir para casa, caso ela volte — disse Charlie. — Você tem um detetive procurando por ela?

— Eu tenho dois caras trabalhando nisso. Eu os usei antes. Eles são bons.

Ethan não contratou detetives. Ele decidiu que seria um desperdício de dinheiro e não desperdiçava dinheiro. Ele esperaria alguns dias e contaria a Charlie que Kate parecia ter desaparecido sem deixar vestígios. No momento em que ela aparecesse, se ela aparecesse, Charlie teria seguido para outra pessoa e ele tinha exatamente essa pessoa em mente.

Ethan serviu um café para Charlie e colocou na frente dele.

— Então, o que aconteceu? — ele perguntou.

Charlie passou os dedos pelos cabelos.

— Eu estraguei tudo. Eu pensei que estava fazendo a coisa certa e não estava.

— O que você fez?

Ethan ouviu sem falar, pensando que se ele tivesse que descrever o pior cenário, isso já estaria lá em algum lugar. A mulher era um desastre ambulante. Uma pequena parte dele achou uma pena que Tiffany Samuels não tivesse enfiado a faca um pouco mais abaixo e mais fundo. *Amante morta por fã enlouquecida*, isso tinha um certo apelo.

Ele podia ver Charlie se preocupando com Kate. Ele não era cego, mas o cara estava sendo liderado por seu pau. Ele precisava levar alguém para a cama e esquecer a garçonete. Esta era uma oportunidade ideal para Jody Morton intervir.

— Existe algo que eu possa fazer para ajudar esses caras? — Charlie perguntou.

Ethan teve que pensar por um minuto para descobrir o que estava falando.
— Não, eles virão até nós se precisarem de alguma coisa.
— Uma foto? Eles precisam de uma fotografia. — Sua cabeça caiu. — Eu não tenho uma.
— Havia muitas no jornal — Ethan lembrou a ele e Charlie se encolheu como um homem velho.
— Eu preciso voltar. — Ele pulou. — Você pode arranjar um pintor? Eu preciso do meu teto refeito.
Ethan olhou para ele. Falando sobre uma mudança de assunto.
— Jake está lá. Ele resolverá isso. Ele pode ficar e cuidar de você.
Charlie deu uma risada curta.
— Com medo de eu começar a beber de novo? Cheirar algumas carreiras de coca?
— Você vai?
Charlie levantou os olhos para ele e Ethan encontrou seu olhar.
— Não.
— Bom. — Então Kate tinha feito algo de bom para ele. — Jake tem uma cópia da sua agenda. Ele cuidará de você.
— Eu não preciso de uma enfermeira. Eu quero Kate.
— Você tem compromissos de honra. Há todo tipo de merda acontecendo esta semana. Você está no programa de bate-papo da BBC para começar.
— Não me apetece.
— Você é pago para se sentir bem. Você é um maldito ator, Charlie. Finja.



Charlie passou a semana em transe. Jake o levou a todos os lugares, cozinhou para ele e escondeu a bebida. Charlie não conseguiu encontrar. Nos primeiros dias, o que Charlie deveria fazer, ele fez. Isso incluiu uma entrevista conjunta com Jody Morton para uma revista de filmes. Ethan já havia dito a ela que Kate havia saído e por que, e Jody estava grudada em Charlie, tentando ser gentil. Ela acabou sendo mais simpática do que Charlie esperava. Ela ouvia enquanto ele falava e falava.

Mas com o passar do tempo, quando não houve notícias de Kate, Charlie se desfez. Quando ele estava sozinho, ele chorava pelo que havia perdido. Ele

ficou feliz que Jake tivesse escondido o álcool. Ele comprou cigarros, mas pensou em Kate e no que ela diria e nunca acendeu nenhum dele. Duas vezes por dia, Jake o levava ao apartamento de Kate. Enquanto Jake estava sentado no carro, Charlie estava deitado na cama de Kate, respirando o leve cheiro dela que restava, pressionando o rosto no travesseiro dela, desejando que ela voltasse para ele. Ele escreveu mensagens em post-its, cobriu as paredes do quarto dela com quadrados amarelos.

— Eu te amo.

— Volte.

— Eu preciso de você.

Então ele ficou com raiva. Que porra ela pensou que estava fazendo? Ela tinha que saber que ele não queria machucá-la. Ela não deu a ele a chance de explicar, apenas fugiu para a noite. Ele organizou a festa, passou por todo esse problema. Ela não achou que ele ficaria preocupado? Ela não se importava? Não, ela não se importava. Ela não se importa.

Mas e se ela não pudesse voltar? E se ela estivesse morta? O pensamento ficou preso em sua garganta, um caroço maligno que o impediu de comer. Ele ligou para a polícia, mas eles acharam que ele era louco. O policial com quem Charlie falou disse que se fosse uma briga, ela voltaria. Charlie queria acreditar nisso. Os detetives de Ethan não encontraram nada. Lucy, Dan e Rachel estavam tão preocupados quanto Charlie. Ele deu o número para eles, pedindo que ligassem, se a vissem. Charlie não sabia o que mais ele poderia fazer.

Então a dor, a raiva e o medo se combinaram, girando-o em um turbilhão de miséria. Ele se trancou em sua sala de música, escrevendo em um ritmo febril, chorando até que não houvesse mais lágrimas. Ele se convenceu de que ela estava morta, que se matara. Ele disse a ela que iria estragar a vida dela e ele tinha feito exatamente isso.



Ethan estava preocupado. Ele sabia que 24/7 planejava publicar uma história sobre Charlie e que isso seria ruim, mas ele não tinha ideia do quão ruim. Suas fontes não estavam lhe dando nenhuma pista. Uma pequena parte de Ethan se perguntava se Charlie havia feito algo com Kate, talvez a tivesse matado, mas a parte sensata dele percebeu que se 24/7 soubesse disso,

Charlie estaria sob custódia da polícia. Ethan havia dito a Charlie que os detetives haviam rastreado Kate até Brighton e ela não voltaria. Ele pensou que isso o acalmaria, mas não. Ethan teve que convencer Jake a impedir fisicamente Charlie de dirigir para a costa sul.

Ele pensou em avisar Charlie de que o problema estava por vir, mas no final decidiu não fazê-lo. Ethan estava preocupado com sua jovem galinha dos ovos de ouro. Desde que Kate desapareceu, Charlie se deteriorou à beira do colapso. Uma notícia ruim poderia empurrá-lo para o limite. Ethan decidiu uma estratégia diferente, usando Jody. Ela ficou em êxtase quando o último interesse amoroso de Charlie desapareceu, mas Ethan conseguiu convencê-la a não subir direto na cama de Charlie, mas ser uma ouvinte atenta e compreensiva. Ela poderia juntar os pedaços no domingo depois que o jornal fizesse o pior. Ethan só esperava que houvesse pedaços para juntar.



Charlie parou no meio da escada quando viu o jornal de domingo caído no chão do corredor. Ele não tinha uma assinatura, então sabia que alguém havia passado por sua caixa de correio, provavelmente um membro da imprensa e provavelmente porque havia algo nele. Ou talvez sobre Kate. Seus pés estavam presos na areia molhada. O esforço necessário para dar alguns passos até a porta fez seus joelhos tremerem.

A manchete era: STORM QUEBRADO. Uma grande foto dele dominava a primeira página. Ele parecia bêbado e chapado. Ele não estava nenhum dos dois. Era tristeza e desespero em seus olhos.

Charlie sentou-se na escada. Enquanto ele lia a página dupla no interior do jornal, seu mundo já em desintegração se dissolveu. Tudo ao seu redor perdeu o foco e a cor. Apenas as palavras impressas permaneceram claras. O artigo tinha tudo — verdades, mentiras e surpresas. Como ele se aproveitou de uma adolescente, deu-lhe cocaína e a deixou inconsciente. Como ele deu drogas a seu irmão e lhe entregou as chaves de um carro poderoso, sabendo que ele estava bêbado. Como, após o acidente, Charlie deixou seu irmão para morrer, embora ele tenha conseguido resgatar a atraente passageira. Como Charlie seduziu Jennifer Ward, dormiu com a irmã e a mãe e abandonou todas elas. Aparentemente, Malcolm Ward também. Divórcio pendente. Jennifer sofreu um colapso nervoso, teve uma overdose e estava em um hospital psiquiátrico.

Charlie gemeu. Ele não queria mais ler, mas não conseguiu parar. O jornal descreveu como ele abandonou a mãe que o criou para procurar quem o deu à luz. Ele prometeu à mãe biológica o mundo, prometeu ser irmão de

suas meias-irmãs e nunca mais entrou em contato com elas. O jornal amassou em suas mãos. A tentativa de suicídio estava lá. Como ele tentou se afogar, mas até isso ele estragou. A implicação é que era uma pena que ele tivesse falhado. Charlie começou a pensar isso também. Kate conversara com a imprensa. Ninguém mais sabia sobre o suicídio. Ela fez isso.

A dor da traição dela era tão esmagadora que ele pensou que seu coração se abrira.

Charlie estava deitado na escada e uivou em angústia.



— É claro que Kate fez isso — Ethan retrucou. — Quem mais poderia ser?

Charlie caiu no sofá, com a cabeça nas mãos.

— Eu não sei com quem estou mais zangado: se com ela por te vender ou com você por não confiar em mim. Você deveria me contar tudo. Você não dá um peido sem me avisar. — Ethan andava pela sala, seu cérebro voando pelas opções.

— Por que ela faria isso? — Charlie gemeu. — Eu não entendo.

— É obvio. Vingança. Ela estava mentindo para si mesma todos esses anos sobre o que aconteceu com a mãe dela. Você a fez confrontar a verdade e ela está fazendo o mesmo com você, embora mais publicamente. Cristo, ela deve ter feito uma fortuna com isso. Poderíamos ter feito uma fortuna com isso, bem, parte disso, se você me dissesse.

— Você acha que tenho orgulho disso? — Charlie gritou. — Minha vida está uma bagunça.

— Mas suicídio? — Ethan perguntou mais gentilmente desta vez.

Charlie não disse nada. Seu olhar caiu no chão.

— Por que você não me disse que as coisas estavam tão ruins? — Ethan sentou-se ao lado dele e deu um tapinha no joelho como se ele fosse um filhote de cachorro. Um filhote de cachorro seria menos problema.

— Você tinha acabado de me dar um fora.

— Certo — Ethan disse, seus olhos passando rapidamente. — Bem, o suicídio não é tão ruim quanto o resto. Pelo menos você obterá o voto de simpatia por isso.

Charlie voltou os olhos injetados para Ethan.

— Isso me faz sentir muito melhor.

— Desculpe.

— Eu tenho que ligar para mamãe. Cristo, o que ela vai pensar quando ler isso?

Charlie parecia prestes a vomitar.

— Ela é sua mãe. Ela vai lidar.

O telefone tocou duas vezes e depois parou. Ethan sabia que Jake tinha atendido na cozinha.

— Kate tem seu contato? — Ethan perguntou.

Charlie jogou o jornal no chão.

— Sim, eu acho que ela tem.

Houve uma batida na porta. Jake virou a cabeça e chamou a atenção de Ethan.

— Jody Morton está lá fora.

— Não quero ver ninguém — disse Charlie.

— Eu preciso falar com ela — Ethan mentiu. — Deixe-a entrar.

Ele colocou a mão no ombro de Charlie para mantê-lo no sofá. Jody Morton estava indo abrir portas para Ethan. Onde ela caminhava, outros a seguiam.

Jody entrou, correu e abraçou Charlie.

— Meu Deus, Charlie, coitadinho.

Lágrimas rolaram pelo rosto dela. Ethan pegou sua piscadela enquanto pressionava a cabeça na de Charlie. Ethan reprimiu o sorriso. Que atriz fantástica.



Kate fugiu da casa de Charlie para um refúgio para mulheres agredidas com duas notas de vinte libras no bolso, um presente de aniversário de um amigo de Charlie. Ela recebeu o endereço há um ano por uma enfermeira após um de seus “acidentes”. Dex estava esperando do lado de fora do cubículo, então Kate não pegou o pedaço de papel, mas ela memorizou o endereço.

Uma noite, quando Dex a assustou mais do que o normal, ela foi ao abrigo, mas não entrou. Ela olhou para a porta, sabendo que a segurança estava a alguns passos, e depois voltou aos braços de seu agressor. E ele a banhou de amor como ela sabia que ele faria, até a próxima vez que ele a agrediu.

Dessa vez, Kate foi direto para a porta vermelha desbotada e bateu nela. O estado em que ela estava quando tinha chegado lá, olhos arregalados e quase catatônica, tornou fácil deixá-los pensar que alguém a havia agredido. Ela sabia que não seria afastada. As mulheres que dirigiam o centro lhe deram uma cama e ofereceram comida, embora Kate fosse incapaz de dormir ou comer. Eles não a deixaram ficar na cama o dia inteiro, o que ela queria, mas ela permaneceu dentro de casa, nunca saindo de casa enquanto tentava descobrir o que fazer.

Charlie sabia que ela não queria falar com o pai. Ele não tinha o direito de interferir. Mas como ele tinha interferido, ela foi forçada a enfrentar uma terrível possibilidade — que ela tivesse matado sua mãe. Kate achou difícil superar isso. Isso se alojou em seu cérebro — um dano enorme, tudo se acumulando atrás. No julgamento de seu pai, Kate havia dito ao juiz o que tinha visto e depois uma senhora disse que seu pai não iria levá-la para casa. E o caminho de Kate foi dividido.

No final, quando o júri o considerou culpado, Kate também acreditou que ele era culpado. Eles disseram que seu pai havia sido enviado para a prisão por matar sua mãe, e ela não seria mais capaz de vê-lo. E Kate se fechou e se retirou para um lugar seguro dentro de sua cabeça. Quando ela saiu, ela sabia que ficaria sozinha para sempre.

O pai dela nunca admitiu sua culpa e, por causa disso, ele ficou mais tempo na prisão. Foi culpa dela? E se ela estivesse errada? Kate passou os dias no albergue enrolada em uma cadeira, tentando se lembrar daquela noite. Mas depois de tantos anos tentando esquecer, ela não conseguia mais distinguir entre o que queria ser verdade e o que era verdade.

Quando ela entrou na cozinha no refúgio na manhã de domingo e viu um mar de rostos hostis, Kate pensou que eles descobriram que ela era uma fraude. Uma das mulheres jogou um jornal para ela.

— Pensei ter reconhecido você quando você veio aqui, mas ninguém acreditou em mim. Ele despejou você? Resolveu se vingar?

Kate olhou para a manchete. STORM QUEBRADO. E algo se quebrou dentro dela também.

— Vai fazer uma doação com os milhares que você ganhou com isso? — uma voz falou quando Kate saiu, ainda segurando o jornal na mão.

Ela se sentou no ônibus, lendo os artigos várias vezes. Havia pouca menção a ela, o que de alguma forma piorou. Ela poderia ter escrito isso. Havia poucas coisas ali das quais ela não sabia. Charlie poderia pensar que ela fizera aquilo por causa do que tinha acontecido com o seu pai. Kate leu novamente, seu coração batendo mais rápido. Ethan não gostava dela. Ele ficaria muito feliz por ela levar a culpa.

Kate engasgou com as palavras dos dois repórteres. Um deles era Simon Baxter, amigo de Richard, o que fez Kate se perguntar, por um momento, se Richard poderia estar por trás disso. Um problema com isso. Mesmo que ela pudesse explicar como a maioria dos fatos poderia ter sido desenterrada, ninguém sabia que Charlie tentara se matar. Ninguém, exceto ela e Charlie. E o pai de Charlie. Poderia ser a mãe dele.

Depois de ler o jornal, Charlie pensaria que ela o traiu, que o vendeu para a imprensa. Era a única coisa que ele nunca seria capaz de perdoar e Kate não suportava pensar nele a odiando. Mas ela nunca deveria dizer a ele que um dos pais dele poderia tê-lo traído. O relacionamento deles era muito frágil. Tudo o que Kate podia fazer era encontrar Charlie e dizer a ele que não foi ela.

Uma multidão de fotógrafos estava do lado de fora da casa de Charlie, câmeras com enormes lentes pretas penduradas no pescoço como medalhões monstruosos. Quando ela se aproximou, alguém a viu e eles se viraram e correram para ela. Kate se obrigou a continuar, empurrando-os.

— Kate.

— Por aqui.

— Dê-nos um sorriso.

Um sorriso? Kate tinha esquecido como. Eles a empurraram, mas ela permaneceu em silêncio, os lábios pressionados, com a intenção de falar apenas com Charlie. Ela não considerou o que poderia fazer se ele não estivesse lá.

Um sujeito corpulento, bem vestido, na casa dos quarenta, com cabelos grisalhos puxados para trás em um rabo de cavalo, abriu a porta. Kate não o reconheceu. Ela conseguiu encontrar a voz em algum lugar e deu-lhe o nome.

— Espere. — Ele fechou a porta.

Os homens atrás a chamaram novamente.

— Kate?

— Vire pra nós.

— Kate? Vamos, nos dê um sorriso.

— Por que você quer vê-lo?

— Fale conosco, Kate.

Ela se pressionou contra a porta, querendo passar através da madeira azul brilhante para o outro lado. Ela quase caiu quando ela abriu. Kate seguiu o cara de rabo de cavalo até o salão, seu coração batendo tão forte no peito que ela esperava vê-lo sair de suas costelas e pular nas mãos de Charlie. Era onde pertencia.

Charlie estava sozinho na sala de estar, com a camisa de linho amassada meio enfiada na calça. Quando Kate o viu, sentiu um puxão tão forte que tropeçou. Ela queria se apressar e abraçá-lo, mas o olhar feroz nos olhos dele a segurou.

— O que você quer? — Sua voz soou fria e calma.

— Eu queria ver você, verificar se você estava bem — disse Kate.

— Claro que não estou bem, porra.

— Não fui eu, Charlie — ela sussurrou.

— Nós éramos os únicos que sabiam. Eu com certeza não disse nada, então só sobra você.

Kate podia ouvir seu pulso latejando em sua cabeça, senti-lo ecoando por seu corpo. Seus joelhos tremiam sob o jeans.

— Eu não contei — disse ela.

Charlie deu um passo em sua direção e depois parou.

— Por que você simplesmente não admite? — ele disse. — Pelo amor de Deus, Kate, faça a coisa decente e admita. Foi uma maneira horrível de se vingar, porque eu fodi com seu pai, mas pelo menos me diga a verdade agora.

— Não fui eu — disse Kate. — Eu não contei. — A sala estava em chamas. Tudo pegando fogo. Seus pulmões queimando. Ela não conseguia respirar. Cada parte dela lhe dizia para correr, mas ela se obrigou a ficar.

— Então quem diabos foi? Você deve ter contado a alguém. Quem? — Os olhos de Charlie eram de granito, deixando-a de fora. Ele ficou com os braços cruzados sobre o peito. Uma estátua perfeita.

A única pessoa para quem ela contou foi o pai dele e ela não pôde contar isso para Charlie. Ele se machucou demais para saber que sua família havia feito isso.

— Eu não te traí — disse Kate.

— Eu sei que você está mentindo, porra. Você mesma disse a alguém ou foi à imprensa. Quanto eles te pagaram?

Kate não achava que ela já se sentira tão mal. Ela tremia no ponto de

colapso. Charlie era incapaz de ver a verdade. Ela pensou que ele a amava, mas não. Se ele tivesse amado, ele não amava agora. Tudo o que ele sempre quis dela era lealdade e confiança, e ele achava que ela o decepcionara como todo mundo.

— Você usa a imprensa quando ela é adequada a você — disse ele.

— Eu nunca falei com a imprensa.

— Então como eles tiraram a foto desse arranhão nas suas costas?

Kate sentiu o rubor varrer suas bochechas como um distintivo carmesim.

— Fax tirou. Eu queria que ele chamasse Lucy para sair, então eu o deixei tirar uma foto.

— Viu? Você usa a imprensa quando lhe convém.

— Mas nunca falei com a imprensa sobre você. — Ela precisava se sentar.

— Você é uma mentirosa! — ele gritou, cuspidando as palavras como balas.

— Mentirosa. Mentirosa. Mentirosa.

Kate se encolheu com cada uma.

— Eu nunca menti para você.

— Você mentiu sobre seu pai estar morto, sobre o motivo de não gostar de tirar uma foto. Você provavelmente mentiu sobre *o idiota* também. Não é à toa que ele não queria se casar com você. Ele teve sorte de fugir.

Kate se encolheu sob o ataque, mas não fugiu.

— Charlie, temos algo aqui. Por favor, não faça isso.

Ele riu.

— Nós não temos nada. Começamos isso quando nenhum de nós estava com a cabeça boa. Durante todo esse tempo, pensei que você era a primeira coisa real com a qual me deparei, mas você é uma farsa como todo o resto. Pior que o resto. — Ele olhou para ela. — Você mentiu para mim e mentiu para si mesma. Você mentiu sobre seu pai matando sua mãe. Você a esfaqueou. Você a matou. — A voz dele estava gelada de desprezo.

— Charlie — ela implorou.

— Foda-se, Kate. Fuja de novo, como sempre faz.

Kate recuou, mas ela não podia deixar isso passar.

— Não tenho motivos para machucá-lo, Charlie. Por que eu faria isso?

— Porque eu fiz você ver a verdade. Porque eu trouxe seu pai aqui. Você o deixou mofando na cadeia. Você nunca o visitou. Mesmo quando ele estava fora da prisão, você não o via. Mas você pegou o dinheiro dele, não foi? Ele era bom o suficiente para isso. Você poderia ter falado comigo, mas, em vez

disso, você fugiu. Foi para a porra de Brighton. Você nem tentou entrar em contato. Eu estava louco. Eu pensei que você estava morta.

— Eu não estive em Brighton. — Kate não tinha ideia do que ele estava falando.

Ele deu uma risada curta.

— Ainda mentindo? Eu contratei detetives particulares porque estava muito preocupado. Eu ia deixar você pensar sobre as coisas e depois ir buscá-la. Em vez disso, você me pegou. Parabéns. Aproveite o dinheiro.

Kate balançou a cabeça.

— Charlie, por que eu viria aqui para falar com você, se tivesse dado essas informações à imprensa? Qual seria o objetivo? Ajude-me a descobrir quem falou com eles. Eu juro que não fui eu.

— Se não foi você, a quem você contou?

Ela não podia contar a ele. Ela deu um passo em sua direção e ele recuou.

— Não me toque. Não quero você perto de mim. Você é venenosa. Apenas vá se foder. Eu nunca mais quero te ver. Eu nunca quero ouvir seu nome novamente. Você está morta. Faça-me um favor. Vá terminar o que você começou no mar.

Nada poderia tê-la machucado mais.

Uma porta bateu.

— Oh, eu estou interrompendo alguma coisa?

Kate e Charlie se viraram para ver Jody Morton, parada na porta. Ela usava o roupão branco que Kate usara, frouxamente preso ao redor dos quadris. Jody andou descalça ao lado de Charlie e colocou a mão no braço dele.

— A banheira está cheia — ela ronronou em seu ouvido. — Venha lavar minhas costas.

Kate respirou fundo. Parecia a última respiração que ela teria.

— Você ainda tem minha bolsa? — ela perguntou em voz baixa.

Charlie caminhou até o armário que continha seus DVDs, pegou a bolsa de couro preta, virou-se e jogou-a na direção de Kate. A bolsa bateu na cara dela e caiu no chão.

Kate a pegou e a apertou contra o peito, a bochecha doendo.

— Obrigada.

Sair, sabendo que ele a odiava, foi uma das coisas mais difíceis que ela já teve que fazer. Ela caminhou direto entre os fotógrafos e continuou andando todo o caminho de volta a Greenwich. Levou quatro horas e meia. E cada

passo doía. Cada passo destruiu uma parte dela.



Kate abriu a porta do apartamento e o cheiro fétido de comida estragada a atingiu como um maremoto nocivo. Ela abriu todas as janelas e esvaziou a geladeira. Quando ela levou o lixo para a sala do depósito, encontrou Dan lá cortando papelão.

— Ei, eu não te vejo há anos. Você está bem? — ele perguntou.

— Tudo bem — Kate mentiu e um choque de dor passou por ela.

— O que aconteceu com o seu rosto?

A bolsa deixara um longo arranhão vermelho do olho até o queixo. Ela sabia que Charlie não tinha a intenção de machucá-la, mas o fato de ele ter machucado foi pior que o golpe.

— Um ramo me pegou.

— Parece desagradável. A propósito, Mel está tentando entrar em contato com você. — Kate quase esqueceu que tinha um emprego.

— Eu vou ligar para ela.

— Eu terminei a foto de Charlie e do irmão dele — disse Dan. — Você quer ir buscá-la?

Ele segurou a lixeira aberta para o saco preto de Kate. Ela se perguntou se Dan tinha visto o artigo no jornal.

— Então, onde você esteve? — Dan perguntou enquanto voltavam para o andar de cima.

— Fora por alguns dias.

— Com Charlie?

— Não. Acabou. — O coração de Kate estava sendo tão apertado que ela pensou que poderia se enrolar e morrer. Como ela poderia ter pensado que

tinha uma chance com um cara como Charlie? Se ele a visse em um bar ou na rua, ele não a teria olhado duas vezes.

— Ah, a coisa no jornal.

— Então você leu? Ele pensou que eu era a fonte. Não fui eu. — Sua voz falhou.

— Venha aqui. — Dan abriu os braços.

Kate o deixou abraçá-la, mas quando ela desmoronou, se afastou.

— Vai ficar tudo bem, você vai ver — disse Dan.

Kate assentiu.

— Você ainda quer a foto?

Ela assentiu novamente, incapaz de falar.

Quando Dan entrou no corredor segurando o retrato de Charlie e Michael, Kate suspirou. Era fabuloso. Dan capturou o sorriso de Charlie. Um aberto e genuíno. Seus cabelos despenteados estavam presos de um lado. Seus olhos brilhavam como os de um bebê foca, enormes e confiantes. Eles nunca mais a olhariam assim.

— Você não gosta? — A voz de Dan vacilou.

Kate molhou os lábios secos com a língua.

— Desculpe. Apenas hipnotizada. É brilhante. Estou espantada. — Espantada que ela podia falar sem chiar. — Você tem que me deixar pagar, Dan.

— Não, eu te disse. É um presente.

Ele colocou a pintura nos braços de Kate.

Kate voltou para dentro de seu apartamento, fechou a porta e desabou, deslizando quando suas pernas cederam. Ela encostou a pintura na parede e a encarou, com os olhos cheios de lágrimas. As imagens de Charlie e Michael perderam todo o foco e forma. As cores se fundiram até que não houvesse forma, nem Charlie. Ele não era dela. Seu coração parecia estar sendo arrancado em seu peito, rasgado em pedaços.

Kate pensou na última vez que ficou sentada chorando, quando voltou do cartório. Ela estava machucada então, mas nada comparado a isso. Kate enrolou-se em uma bola e enterrou o rosto nos braços. O conhecimento que Charlie estava machucado também piorou tudo. Se havia uma coisa que Kate visava na vida, era nunca machucar conscientemente outra pessoa, porque ela sabia como era. Ela deveria ter ficado sozinha. Nada disso teria acontecido. Ela pensou que poderia mudar sua vida e estava errada.

O que ela poderia fazer agora? Fugir? Seu curso de ação habitual. Mas

desta vez, não dentro de Londres. Outra cidade ou estado. Comece de novo. Esconda-se. Porque se ela tivesse que ver o pai, isso a destruiria. Ele queria que ela acreditasse que sua mãe estava doente, mas Kate não tinha certeza disso. Era o pai dela o obsessivo — sem barulho, sem TV, apenas pintando, vendo-a pintar, gritando com ela quando não estava certo. Ele não queria que nada fosse culpa dele. Sem dinheiro, mas não foi culpa dele. A mãe dela ficou chateada, não por culpa dele. Trechos de memórias a confundiram. Ela realmente esfaqueou a mãe?

Ela nunca saberia a verdade, então não adiantava mexer nisso. Mas Kate nunca mais queria ver o pai. Ela venderia o apartamento. Devolveria o dinheiro. Talvez ela pudesse conseguir um passaporte e ir para o exterior, trabalhar em um bar. Pensamentos passaram por sua cabeça em um *loop*. Da última vez, o suicídio parecia a única resposta. Agora, não havia resposta.

Kate encolheu um pouco, lembrando o que Charlie havia dito.

“Termine o que você começou. Se mate.”

Mas ela perdeu o objetivo. Perdeu a razão pela qual entrou no mar pela primeira vez. Ela disse a ele, mas ele não ouviu. Não foi porque Richard a largou, mas porque ela se decepcionou. Esse não era o caso agora. Ela não fez nada de errado. Ela não machucou Charlie.

Mesmo que ela conseguisse provar que não havia falado com os jornais, Kate sabia que o havia perdido. Não havia caminho de volta. Ele já estava nos braços de outra mulher. Kate não podia competir com uma estrela como Jody Morton. Todo mundo disse que não iria durar entre Kate e Charlie e eles estavam certos. Os dedos dela deslizaram para o pescoço e tocaram a estrela que ele comprou. Ela esfregou-a como se fosse capaz de realizar magia e depois arrancou-a. Ela tentou jogá-la fora, mas sua mão não a soltou. A corrente estava presa nos dedos e Kate se perguntou se isso era um sinal de que ela não deveria desistir. Um dos sinais de Charlie. Ela suspirou.

Quando ela entrou no quarto e viu a parede coberta de mensagens de amor, Kate congelou. Quanto tempo Charlie passou fazendo isso? Ela se escondeu no abrigo tentando clarear a cabeça e não pensou o suficiente na cabeça de Charlie. Enquanto ela separava cada um e lia o que ele havia colocado, “eu te amo”, “volte”, “eu preciso de você”, ela pensou no que havia perdido e em quanto Charlie a odiava e em quanto era pior ser odiado mais do que não ser amado. Ela trouxe isso para si mesma. Quando ela fugiu, machucou-o, tornando mais fácil para ele acreditar no pior. Ele a amava e ela o decepcionou.



Kate acariciou o carro todo o caminho até a casa dos pais de Charlie, petrificada que ele pudesse engasgar e prendê-la no meio do nada. Ela não conseguiu ligar para eles. Eles não estavam na lista telefônica, então ela esperava que eles estivessem em casa. Se não, ela dormiria no carro e tentaria no dia seguinte.

A mãe de Charlie abriu a porta. Kate observou seus olhos se estreitarem.

— O que você está fazendo aqui?

— Lamento não ter avisado, Sra. Storm.

— O que você quer?

— Eu me perguntei se eu poderia falar com seu marido.

— Tentando sujar mais Charlie? Você não acha que já causou danos suficientes?

— Não fui eu quem falou com os jornais.

— Quem mais sabia tudo sobre ele?

— Eu nunca machucaria Charlie — disse Kate.

— Muito tarde. Ele já está machucado. Nós também estamos machucados. O jornal está cheio de nossos negócios particulares. Você acha que é disso que precisamos? Você ganhou seu dinheiro, agora nos deixe em paz.

— Posso falar com o Sr. Storm, por favor? — Kate perguntou novamente.

— Ele não está aqui.

Ela pegou um pedaço de papel da bolsa com o número do celular anotado.

— Você poderia pedir para ele me ligar? É importante.

Kate entregou o papel. Jill o amassou e deixou cair. A porta bateu no rosto de Kate. Ela engoliu em seco, pegou a bola de papel e colocou no bolso. De volta ao carro, Kate pegou a pintura da mala. Deixou-a apoiada sob o pórtico junto à porta da frente e voltou para Londres.

Quando chegou a Greenwich, já era tarde demais para ir a um agente imobiliário. Teria que esperar até o dia seguinte. Ela deveria comer. Kate não conseguia se lembrar da última vez em que comera. Ela cortou mofo verde dos lados de duas fatias de pão antes de tostá-las e colocá-las na manteiga,

depois as deixou intocadas.

Deitada no sofá, as mãos de Kate alcançaram novamente o jornal de domingo enrugado, relendo-o, procurando uma pista, desesperada para encontrar algo que ela tinha perdido que poderia lhe dizer quem fez isso. Ela se perguntou se a polícia tinha ido ver Charlie sobre India, Michael e as drogas. Isso poderia significar o fim de sua carreira.

Kate ligou para Ethan por impulso, torcendo o cartão de visita dele entre os dedos.

— É Kate Snow.

— O que você quer?

Ela estremeceu com o som de outra voz ártica, embora não estivesse surpresa.

— Ethan, eu não falei com os jornais sobre Charlie. Eu me perguntei se você sabia quem poderia ter feito isso.

— Você tem alguma ideia do dano que causou, sua puta estúpida? Fique fora da vida dele. Não me ligue de novo.

Ele desligou.

Enquanto Kate olhava para a manchete do jornal, ela se perguntou se a resposta estava bem na sua frente. Ela poderia perguntar aos caras que escreveram o artigo o nome de sua fonte. Talvez, se ela explicasse, eles diriam a ela. A central telefônica 24/7 a levou ao sistema de correio de voz de Simon Baxter. Kate não queria deixar recado, queria falar com Simon. Então, ela fez outra ligação mais difícil.

— Olá, Richard. É a Kate.

— Que Kate?

Kate mordeu a língua.

— Kate Snow.

— O que você quer?

Ela manteve o tom calmo.

— O número do telefone do Simon.

Houve um curto silêncio.

— Por quê?

— Porque você me deve um favor.

Ela esperou enquanto ele pensava sobre isso.

— Eu ligo para ele e peço que ligue para você.

Ela começou a agradecer e o telefone desligou.

Era isso. Kate não conseguia pensar no que mais fazer. Quando o telefone

tocou alguns minutos depois, ela o pegou, mas era Rachel, perguntando se queria algo para comer com ela e Dan. Kate disse que ela já havia comido.

Ela se encolheu no chão ao lado do quebra-cabeças e manteve o telefone na mão.



Charlie queria ficar sozinho. Era a casa dele e ele queria que todos fossem embora. Então, depois que Jake se foi e Ethan levou Jody de volta ao hotel, ele queria que eles voltassem. Ele não queria pensar e era mais fácil manter a mente em branco com outras pessoas ao redor.

Ele teve que ir à polícia com seu advogado. Ele manteve sua história. Por algum motivo, India não disse que ele havia lhe dado drogas, mas ela disse que ele a havia fodido. Charlie estava assustado. Seu advogado continuava respondendo por ele a maior parte do tempo, o que era bom, porque ele tinha vontade de pedir para colocá-lo em uma cela e jogar fora a chave.

Ele podia se livrar de quase tudo o que os jornais haviam imprimido, menos de uma coisa: a tentativa de suicídio. Isso o fodeu tanto. Ele ainda nem tinha ligado para a mãe nem para o pai, e não conseguiu atender ao telefone. Ele viu seus nomes quatro vezes no identificador de chamadas, mas nunca atendeu. Ele não sabia o que dizer.

Era segunda-feira à noite antes que ele conseguisse reunir coragem suficiente para falar com eles.

— Mãe.

Foi tudo o que ele disse, tudo o que pôde dizer, ela chorou e então Charlie chorou também, por toda a dor que ele causou e pelo que perdeu. Seu pai entrou na ligação e Charlie teve que lutar muito para não começar uma nova rodada de soluços.

— Sinto muito — disse Charlie.

— Você mudou de ideia, filho. Isso é tudo que importa.

Charlie prometeu ir vê-los e se sentiu melhor quando terminou a ligação. Ele estava tão exausto que dormiu bem pela primeira vez desde que Kate desapareceu.



Quando Jake apareceu na manhã seguinte para levá-lo a uma sala privada na Tate Modern para uma entrevista com o diretor da Royal Shakespeare Company, Jody estava sentada no banco de trás do carro.

— Você não se importa que eu compartilhe sua carona, não é? — ela perguntou. — Ethan agendou para que eu os visse também.

— Não, tudo bem — Charlie murmurou. Ethan já havia ligado e disse que Jody iria com ele e que ele tinha que ser legal com ela. Caso contrário...

— Como está se sentindo? — ela perguntou, mas não esperou uma resposta. — Deus, desculpe. Você deve estar cansado de pessoas perguntando isso. É horrível, não é? Como se de repente você estivesse nu no palco e todo mundo estivesse apontando e rindo.

Charlie não tinha pensado nisso assim.

— Eu não posso assistir ao Senhor dos Anéis sem querer vomitar. — Jody colocou a mão sobre a boca por um momento. — Terminar é tão difícil.

— Eu pensei que você que o tivesse largado — Charlie disse.

— Não éramos certos um para o outro, mas isso não significa que não doeu.

— Desculpe.

— Você não sabe como é bom ter você como amigo, Charlie. Eu mal conheço alguém em Londres. Você terá tempo para me mostrar o museu depois?

Ele esperava que não.

— Não sei quanto tempo isso levará. Você já fez Shakespeare antes? — ele perguntou.

— Somente na escola. E quanto a você?

— Também.

— Parece divertido — disse Jody com um sorriso.

Charlie achou que parecia muito trabalho duro, mas Ethan insistiu. O RSC queria organizar uma quinzena de celebridades com dez peças diferentes e uma série de estrelas. Arrecadar dinheiro para alguma instituição de caridade ou outra.

— Então, o que você está tentando fazer? — Jody perguntou.

— Hamlet.

— Quer ensaiar?

Charlie suspirou.

— Por que não?

Não era o dia cheio de diversão que Jody esperava. Forçada a parecer

entusiasmada em interpretar Regan no Rei Lear, ela exibiu um sorriso no rosto que quebrou a maquiagem. Ela esperava disputar um papel para trabalhar com Charlie, mas eles já haviam escalado Ophelia e não havia como ela interpretar a mãe dele, Gertrude. Jody ainda estava fervendo por eles terem ousado perguntar.

Ela conseguiu convencer Charlie a andar pela galeria com ela depois, mas estava cheia de porcaria. Pedacos de plástico rosa berrante pendurados no teto em correntes de metal, o conteúdo de um armário de banheiro espalhado em círculo, um grande quadrado preto com um sino no meio. Simplesmente estranho. A única vez que os olhos de Charlie se iluminaram foi quando ele viu a tirolesa. Mas não havia como ela estar nisso. Ela arruinaria sua nova calça Donna Karan. Jody esperou por ele na chegada, mas na verdade não o viu chegar, porque três caras fofos pediram seu autógrafo.

Jody decidiu que ela esperou o tempo suficiente para fazer uma mudança em Charlie. Ele estava deprimido após a exposição na imprensa e ela queria animá-lo. Ele ainda estava furioso com a mulher com quem ele estava transando. Charlie precisava de alguém para tirar as coisas da cabeça. Uma boa refeição, uma garrafa de vinho e ela na cama dele. Perfeito.

— Eu preciso me animar — disse Jody. — Eu quero comprar um vestido. Quer vir e me ajudar a escolher um?

Charlie deu de ombros. Ela aceitaria isso como um sim. Ela nunca encontrou nenhum homem entusiasmado com as compras.



Quatro horas depois, ela perdeu a paciência com ele. Ele não se comunicou enquanto ela experimentava os vestidos, mal-humorado com um café na Harrods e mal-humorado quando ela tentou comprar uma gravata. Ela conseguiu manejar um convite para voltar para a casa dele, mas ele queria ficar dentro de casa.

— Eu quero sair — ela choramingou.

Por que diabos tinha comprado o vestido se ele queria pedir uma pizza?

— Não me apetece — disse Charlie.

— Vamos ao restaurante do Gordon Ramsay no Chelsea. — Jody colocou a mão no braço de Charlie. Até agora, ela tomou cuidado para não exagerar no toque, mas estava frustrada. Após a cena de arremesso da bolsa, ela

pensou que ele aceitaria a oferta da banheira de hidromassagem, mas ele fugiu para a sala de música e se trancou. Jody acariciou seus bíceps. — Por favor? — Ela tentou seu olhar de cachorrinho.

— A reserva está sempre completa.

Jody reprimiu seu aborrecimento. Ele poderia entrar em qualquer lugar que quisesse.

— Deixe-me tentar. — Ela apertou alguns botões em seu telefone. Minutos depois, ela garantiu que uma mesa no restaurante e um táxi estavam em ordem.

— Agora vá e coloque algo legal — disse ela. — E faça a barba. Não quero que seu queixo arranhe meu rosto. Eu tenho uma sessão de fotos amanhã.

— Eu não quero sair.

— Bem, eu sei. Eu quero usar meu vestido novo. Preciso mostrar que sou forte, corajosa e bem acima dessa porcaria. Você deveria fazer o mesmo. Você não pode se esconder aqui para sempre. Deixe a imprensa ver que você está acima de tudo isso. Vamos sorrir e mostrar a eles uma frente unida.

Charlie fez como lhe foi dito. Jody pensou em se juntar a ele no chuveiro, mas ela acabou de arrumar o cabelo e decidiu não se incomodar. Seu corpo nu era algo pelo que esperar. Quando ela alcançou sua revista no lado oposto da mesa de café, o celular de Charlie tocou. Jody deu um pulo.

— Olá — ela atendeu.

— Charlie está aí?

Suspeita de qualquer mulher que não reconheceu, Jody estava em guarda.

— Quem está ligando? — Ela merecia um ouro olímpico por repelir as rivais, embora não tivesse que fazer nada para se livrar da garçonete esbelta. A vaca estúpida tinha conseguido isso sozinha.

— Eu sou a mãe de Charlie. Ele está aí?

Opa, graças a Deus ela não disse nada desagradável.

— Olá, senhora Storm. Aqui é Jody Morton. Sou muito amiga de Charlie. Receio que ele não esteja aqui no momento.

— Você vai pedir para ele me ligar?

— Claro. É importante? Posso dar um recado a ele?

— É sobre Kate. Peça a ele para me ligar.

— Certamente. — Não, Jody pensou. Não havia como ela mencionar o nome de Kate. Depois desta noite, ela não achava que Charlie pensaria nela novamente.



Kate terminou o quebra-cabeça. Bem, quase terminou. Faltava uma peça. Ela olhou para a foto por um momento, admirando as formas dos gatos da selva, lembrando como Charlie descansava como um leopardo, como eles trabalharam juntos no quebra-cabeça. Então ela pegou a coisa toda e colocou na lixeira. Se ela queria uma nova vida, tinha que se livrar da velha. Ela encheu as malas pretas com todos os seus materiais de costura e as levou para a sala da lixeira, junto com a máquina de costura e o computador. O último havia parado e morrido enquanto ela estava fora e Kate não podia se dar ao luxo de consertá-lo. Ela perdeu o gosto pela costura. Não faz mais sentido.

Antes que Kate percebesse, ela jogou fora quase tudo o que possuía, exceto por uma pequena quantidade de roupas, o celular e as notas em post-its que Charlie havia colado na parede. Não doeu tanto quanto ela pensava. Eram apenas coisas. Até a cama. Poderia ir com o apartamento. Como ela poderia dormir de novo e se sentir feliz? Kate colocou sua estrela de prata debaixo do travesseiro. Era tudo parte de seus sonhos agora.

Enquanto fazia a quarta viagem, despejando outras duas malas na sala do lixo, o celular tocou.

— Kate? É o Simon.

Ela ficou tão chocada que ele ligou que por um momento ela não falou.

— Kate? Você está aí?

— Sim. Desculpe.

— Richard disse que você queria falar comigo.

Kate se sentou no chão de cascalho, fora de vista, atrás do seu carro, e

recostou-se na parede.

— Eu queria perguntar sobre o artigo que você escreveu sobre Charlie — disse ela.

— E eu pensando que você ia me convidar para um encontro. — Ele riu.

Kate não estava com vontade de rir.

— Charlie acha que eu sou a fonte.

— Bem, talvez você deva contar seu lado da história. Gostaria de explicar como você conseguiu essa marca no seu rosto? Eu já tenho a manchete: SNOW STORM.¹

Os dedos de Kate subiram até sua bochecha e seguiram o arranhão. Alguém deve ter tirado uma foto quando saiu da casa de Charlie.

— Ele bateu em você?

— Não. Eu raspei em um galho. Simon, preciso saber quem disse que ele tentou se matar.

Houve um suspiro profundo do outro lado do telefone.

— Você sabe que não posso lhe dizer isso. Eu tenho que proteger minhas fontes. Você não tinha esse arranhão no seu rosto quando entrou na casa de Charlie, mas saiu de lá com ela. Tem uma floresta na sala dele? Talvez Jody Morton tenha batido em você. Ela tem um temperamento forte.

— Foi a mãe dele quem te contou? — Kate persistiu.

— Eu não posso dizer.

— O pai dele?

— Kate, eu não posso te dizer.

— Mas ele acha que fui eu.

— Então por que você não me deixa entrevistá-la? Você pode acertar o relatório. Nós vamos pagar. Eu poderia ir agora. Você pode me dizer como conseguiu essa marca e talvez eu possa dar uma dica sobre o que você quer saber.

— Não.

Ela desligou o telefone. Isso não iria consertar as coisas. Lágrimas caíram dos olhos de Kate. Ela se treinou para não chorar, um mecanismo de defesa carregado por necessidade. Se você derramava lágrimas no orfanato, estava condenado a uma vida de xingamentos — bebê chorão, calça mijada, garota com vazamentos. Mas agora Kate deixou as lágrimas caírem. Uma inundação silenciosa, porque nenhum som saiu de seus lábios. Ela sentou-se e chorou até que nenhuma lágrima permanecesse dentro dela.



— Kate? O que você está fazendo aqui? — Lucy perguntou.

— Olhando para as estrelas — disse Kate. Querendo apenas uma.

Fax estava ao lado de Lucy, o braço em volta da cintura dela.

— Entre — disse Lucy. — Passa da meia-noite e faz frio.

Kate se levantou muito rápido. A cabeça dela rodou e ela se recostou na parede.

— Estamos preocupados com você. Nós nos perguntamos onde você estava. Você continua desaparecendo.

— Estive fora por alguns dias.

— Você não voltou com Charlie, então? — Lucy perguntou.

— Não. Acabou. Charlie acha que eu o vendi para os jornais. Eu não fiz isso, e não entendo de onde eles tiraram essas informações. — Ela olhou para Fax. — Conversei com seu amigo, Simon Baxter. Ele não me contou sua fonte.

— Ele não é meu amigo — disse Fax.

— Vamos entrar. — Lucy digitou o código e abriu a porta do prédio.

Kate teve uma súbita esperança de que Fax pudesse ajudar.

— Simon acha que eu deveria dar a ele o meu lado da história.

— Não — disse Fax. — Fique quieta. Tudo vai passar.

— Mas Charlie acha que eu o traí. — Kate sentiu um aperto no coração e ela reprimiu um gemido.

— Poderia ter sido qualquer uma das pessoas que ele prejudicou — disse Lucy. — Diabos, aposto que há uma lista longa o suficiente.

— Por que Charlie tem tanta certeza de que é você? — perguntou Fax.

— Porque uma coisa que o jornal publicou só nós dois sabíamos.

— Talvez você tenha dito isso acidentalmente a alguém — Fax sugeriu.

— Não. Eu nunca contei a ninguém. Eu não faria isso. Além do pai dele.

— Kate engoliu em seco.

Lucy ficou parada junto à porta, com a chave na mão, mas não tentou colocá-la na fechadura.

— Qual era a coisa que só você e ele sabiam?

O que importava agora? O mundo inteiro sabia.

— Sobre ele tentando cometer suicídio.

— Oh, Deus. O bastardo. — Lucy colocou a mão na boca. — Eu acho que foi Nick quem disse a eles. Seu bilhete, Kate, o que você escreveu, nos

dizendo para não nos preocuparmos com você e entrar em contato com seu advogado. Lembra?

— Mas eu não o dei a você. Eu joguei fora.

— Rachel encontrou. Eu disse a Nick. Eu sinto muito.

— Que bilhete? — Fax perguntou.

Kate pensou que Lucy parecia pronta para vomitar. Fax passou o braço em volta dela e a abraçou. Lucy se agarrou a ele. Kate sentiu um momento de amargura por não ter sentido simpatia.

— Quem viu? — Kate perguntou.

— Rachel me mostrou e Dan. Então eu disse a Nick.

Oh, Cristo. Kate soltou um suspiro trêmulo.

— Que bilhete? — Fax perguntou novamente.

Lucy olhou para ele e depois para Kate.

— Eu escrevi uma... uma carta de despedida — disse Kate. — No dia seguinte ao casamento com Richard, tentei me afogar. Pensei que eu nunca mais voltaria, só que encontrei Charlie, que estava fazendo a mesma coisa. Desde que eu disse que conheci Charlie no mar, acho que Nick deve ter colocado dois e dois juntos. Ele não sabia que Charlie estava tentando se matar, mas poderia ter adivinhado.

— Você pode descobrir? — Lucy perguntou a Fax. — Você poderia mexer alguns botões. Se eu perguntar a Nick, ele negará. Mal estamos nos falando, de qualquer maneira.

— Vou tentar.



Na noite seguinte, quando Lucy ligou para Kate e pediu que ela descesse, Kate percebeu pelo tom de sua voz que algo estava errado. Fax também estava lá.

— Sente-se — disse Lucy.

— Eu prefiro ficar de pé. — Kate queria estar pronta para correr.

— Você quer boas ou más notícias? — perguntou Fax.

Ela se sentiu aliviada por não ter sido tão ruim.

— A boa — ela respondeu.

— Nick foi quem disse a Simon que Charlie tentou se suicidar.

Kate suspirou.

— Eu o confrontei, depois que o Fax confirmou — disse Lucy. — O bastardo tentou me dizer que fez isso por nós. Acontece que na noite em que Simon e seu fotógrafo tiraram essas fotos de você e Charlie em seu apartamento, eles pegaram uma de Nick vindo me ver. Nick disse que precisava recuperar a foto para que sua esposa não descobrisse. Ele ofereceu você.

— Ele não foi a única fonte — disse Fax. — Eles entrevistaram muitos outros. Aparentemente, Simon estava trabalhando na história há um tempo.

— Nenhuma menção a mim ou aos pais dele dizendo alguma coisa? — Kate perguntou.

Fax balançou a cabeça. Kate tremeu de alívio. Nos últimos dias, ela sentiu como se tivesse caído em um lago coberto de gelo e não conseguia encontrar o caminho de volta à superfície. Agora ela finalmente soltou seu primeiro suspiro de alívio.

— Quais são as más notícias? — ela perguntou.

— Eu realmente acho que você deveria se sentar agora — disse Lucy e Kate deslizou no sofá.

— Há mais por vir — disse Fax.

— Mais o quê? — Kate não entendeu.

— Mais no jornal do próximo domingo.

Kate estremeceu.

— Quanto mais pode haver?

— Não sobre Charlie. Sobre você — disse Lucy.

Seus músculos se contraíram.

— O que eles vão dizer?

— A única coisa que descobri foi que tinha algo a ver com um antigo caso de assassinato — disse Fax.

Oh, Deus, o sangue correu frio. Kate podia senti-los olhando, mas não olhou para nenhum deles.

— Você... você matou alguém? — Lucy sussurrou.

— Lucy! — disse Fax.

— O que posso fazer para impedir isso? — Kate perguntou.

— Não acho que você possa fazer outra coisa, senão enfrentar a tempestade. — Fax pausou. — Desculpe, má escolha de palavras.

— Estamos aqui para você, Kate, você sabe disso — disse Lucy.

Kate pensou que Lucy ia tocar sua mão e ela se enrolou como um molusco.

— Existe algo que possamos fazer? — Lucy perguntou.

— Consiga uma declaração assinada por Nick, dizendo que ele disse à 24/7 que Charlie tentou se matar e que isso foi apenas um palpite. — Kate não estava falando sério, mas Lucy assentiu.

— Vou tentar.

Agora Fax parecia tão preocupado quanto Kate.

Lucy o beijou no nariz.

— Nick me deve. Se ele não vê dessa maneira, talvez sua esposa o veja. Sempre fantasiei de ser chantagista.



Kate não podia acreditar no que ela segurava na mão. Até Lucy dar a ela, ela pensou que haveria pouca chance de provar o que Nick havia feito. Kate estava desesperada para ligar para Charlie, mas, adivinhando que ele gritaria com ela novamente e não a escutaria, ela decidiu falar primeiro com Ethan.

— Ethan, sou eu, Kate. Por favor, não desligue o telefone. Eu tenho algo importante para lhe contar.

— O quê?

Kate não se intimidaria com sua maneira brusca. Ela estava muito excitada, seu coração batendo como um canguru.

— Tenho provas de que não fui eu quem disse aos jornais sobre a tentativa de suicídio de Charlie. Eu tenho isso por escrito.

— Tem?

Kate bateu de volta à Terra.

— Eu... eu quero que Charlie saiba a verdade. — Silêncio no outro lado do telefone.

— Ele acha que eu o vendi, Ethan. Eu não fiz isso. Eu quero falar com ele.

— Okay. Venha para o Dorchester hoje à noite, às dez. Charlie tem uma entrevista lá com a Sky TV. Pergunte por mim na recepção.

Kate gemeu com o pensamento de ver Charlie novamente. Mesmo que ele não a quisesse, ela tinha provas de que não o traía. Ela tomou banho e lavou os cabelos, vestiu a saia jeans e uma blusa de linho rosa pálido. Uma parte dela esperava que Charlie pedisse desculpas e a puxasse em seus braços, mas ela aceitaria a bondade em seus olhos.



Charlie estava gostando de Jody. Não como pessoa, mas como distração. Pelo menos quando ele estava com ela, a imprensa dividia sua atenção entre os dois. Ela reclamava pelos fotógrafos, mas Charlie sabia que ela os amava. Ela nunca saía de lugar nenhum sem checar o cabelo e o rosto. Ele ficou tentado a dizer que ela tinha uma mancha, só para vê-la surtar.

Mesmo desperdiçando seu tempo, Jody fez o possível para animá-lo. Ela deixou perfeitamente claro que queria ir para a cama com ele e ela estava começando a se perguntar por que ele não a estava fodendo. Ela queria que ele fizesse isso. Ethan queria que ele fizesse. O que mais importava?

Mas isso importava. Ele não queria dormir com pessoas de quem não gostava. Tudo em que Charlie conseguia pensar era em Kate. Ele pensou que tinha passado por todas as emoções desde que tinha visto aquele maldito jornal e agora estava triste pelo que havia perdido. Triste por Kate também. Ele não entendeu por que ela fez isso. Ele só podia pensar que era porque ele tinha contatado o pai dela, mas ela não lhe deu chance de explicar, para pedir desculpas. Então ele piorou as coisas ao não lhe dar a chance de explicar.

Ele recebeu um telefonema de Ethan dizendo que queria vê-lo, e também Jody, naquela noite, às nove, no bar Penthouse no Dorchester, o hotel onde Jody estava hospedada. Charlie a levou para um jantar no Pavilion primeiro. Ela passou a refeição inteira tagarelando sobre sua casa em Malibu e o quanto ele gostaria de lá e se ele gostava de surfar. Quando ele estivesse se mudando para Hollywood, ela poderia ajudá-lo a encontrar uma casa...

Charlie estava ignorando-a novamente.

— Quer uma sobremesa? — ele perguntou, com a certeza de que ela diria não.

— Cerejas.

Charlie não queria nada. Ele bebeu a maior parte da garrafa de vinho e eles tomaram champanhe antes. Ele tinha um zumbido legal, mas não estava bêbado. Uma tigela de cerejas chegou e Jody aproximou a cadeira da dele.

— Vamos compartilhar — disse ela.

Quando os dedos dela tocaram seu zíper, Charlie congelou. Ele examinou a sala, mas ninguém olhava para eles. Felizmente as mesas estavam arrumadas distantes umas das outras. Ele olhou para o colo. A toalha de mesa branca engomada cobria o fato de que ela o tinha aberto.

Charlie olhou diretamente para ela.

— Que porra você está fazendo?

— Espere e veja.

Ela sorriu, levou uma cereja aos lábios pela haste e a chupou na boca. Charlie não gostava dos lábios dela. Eles eram muito cheios. Ele suspeitava que ela... Ele perdeu a linha de pensamento quando os dedos dela levantaram o pênis fora da cueca, fora da calça. Ele olhou ao redor do restaurante esperando um mar de rostos chocados, mas ninguém estava olhando.

Seu pênis endureceu sob o toque dela e ele deu um pequeno gemido. Jody pegou outra cereja, passou-a pelos lábios e depois pelos de Charlie. Quando ele abriu a boca para pegá-la, ela a afastou. A cereja desapareceu, mas não em sua boca. Charlie se encolheu quando a fruta tocou a ponta de seu pênis e girou em torno da cabeça sensível. Jody retirou a mão e colocou a cereja na boca.

Ele empurrou a tigela em sua direção.

— Pegue outra.

Jody riu e pegou mais uma da tigela. Dessa vez, ela mordeu a cereja antes de transferi-la para a outra mão. Charlie deu um gemido silencioso. Ele não se mexeu. Ele nem sequer piscou. Ele podia sentir a fruta cobrindo a ponta do seu pau. Ele não tinha certeza se a umidade era da cereja ou dele. Jody sorriu, depois colocou a fruta na boca, chupou a cereja do caule e mastigou.

— Outra? — ele perguntou.

— Prefiro provar algo mais.

Charlie recolocou-se nas calças, fechou-se e ficou de pé.

Ele sabia que não deveria estar fazendo isso, mas seu pau anulou seu cérebro.

Ethan entrou enquanto eles saíam. Ele percebeu como Charlie carregava sua jaqueta, viu a mão dele em volta da de Jody e tentou não sorrir. Jody sorriu tão amplamente que estava em perigo de perder a metade inferior de sua mandíbula.

— É importante? — Charlie perguntou.

Ethan hesitou. Ele podia se arriscar ou podia se certificar de garantir que daria certo. Garantir que desse certo ganhou. Charlie era imprevisível demais.

— Eu preciso de uma palavra com Jody. — Ele a afastou para um lado.
— Como tá indo?

— Vamos para o meu quarto, como você acha que está indo?

— Kate está a caminho daqui. Eu acho que seria bom para Charlie ver que a chama está bem e verdadeiramente extinta. Ela está procurando uma reconciliação. Alguma ideia de como poderíamos convencê-la de que está terminado entre eles?

Os olhos de Jody eram de aço.

— Que tal empurrá-la sobre a beira de um penhasco?

Ethan riu.

— Você não precisa ir tão longe. Deixá-la ver vocês juntos na cama deve ser o suficiente.

— Como vamos gerenciar isso?

— Me dê uma das suas chaves. Quando Kate chegar, eu mando que ela suba. Ligo para você e deixo seu telefone tocar uma vez. Mantenha Casanova à espera até então.

Jody suspirou.

— Acabei de trabalhar com ele no clima certo, agora você quer que eu espere?

Ethan olhou o relógio.

— Vinte minutos. Ela não vai se atrasar.

Jody ficou de costas para Charlie e entregou a Ethan uma das chaves dela.



Kate foi até a recepção do Dorchester conforme as instruções e foi direcionada para o salão. Ethan estava sentado lendo uma revista e bebendo o que parecia ser champanhe. Ele ficou de pé enquanto Kate se aproximava. Ela estendeu a nota escrita por Nick como um escudo na frente dela. Kate observou os olhos dele passeando pelas palavras e então ele olhou para ela.

— Então você tentou se matar também?

— Uma tentativa tímida, como Charlie.

— Eu contei a Charlie sobre isso. — Ethan acenou com o papel que ela lhe dera. — Expliquei que você não era a culpada pela história e que contaria a ele quem era.

Kate estendeu a mão.

— Eu vou mostrar a ele.

— Posso manter isso por enquanto? Preciso conversar com algumas pessoas, fazer com que elas sintam meu descontentamento.

Ela hesitou.

— Charlie está bem com tudo isso?

Ethan sorriu.

— Ele está na suíte Harlequim, esperando por você. — Ele entregou uma chave a Kate.

— Ele quer que eu suba? Você tem certeza?

— Vá em frente. Você vai gostar da suíte. Elizabeth Taylor ficou lá quando recebeu a notícia sobre o acordo recorde de seu papel como Cleópatra.

Quando Kate subiu no elevador, ela se perguntou se tudo ficaria bem agora. Se haveria champanhe esperando e um pedido de desculpas nos belos lábios de Charlie. Ela se imaginou em seus braços, ouviu-o pedir desculpas, imaginou-o beijando-a, fazendo amor com ela. Seu corpo vibrou com antecipação, formigando das pontas dos dedos para o centro do coração. Era amor. Ela o amava.

Kate não conseguia entender por que eles não poderiam começar de novo. Ela precisava se desculpar por ter fugido. Foi um erro, mas ela ficou assustada e exagerou. Ela poderia fazê-lo entender. Se ela não tivesse fugido, talvez nada disso tivesse acontecido porque, quando Charlie visse o jornal, ela estaria com ele e ele acreditaria nela.

Ela bateu na porta. Apesar de Ethan ter lhe dado uma chave, ela não queria apenas entrar. Ninguém respondeu, então Kate se permitiu entrar. A música tocava alto. Kate respirou fundo enquanto atravessava o saguão espelhado. Ela não podia acreditar que aquele era um quarto de hotel.

— Charlie? — ela chamou.

Ela passou por uma sala de jantar e um banheiro. Ele não estava na sala sentado, então ela caminhou para outra porta.

Uma que estava aberta. De onde vinha a música. Onde estava Charlie.

Do outro lado da sala, Charlie estava de cueca preta ao lado de uma cama enorme. Na cama, reclinada, uma Jody Morton nua. Quando Charlie viu Kate, seus olhos se arregalaram. Ele parecia tão congelado quanto Kate. Apenas Jody estava se movendo, alcançando Charlie. Kate fugiu para o elevador. Ela apertou o botão e as portas se abriram de uma vez, como se soubessem que ela voltaria logo.

Algo rasgou dentro dela. Como foi estúpido pensar que a carta de Nick faria diferença. O dano foi muito grave. Charlie já havia superado.

No saguão, ela viu Ethan parado perto da saída. Ele sorriu enquanto ela caminhava em sua direção. Ele estava esperando por ela. Os dedos de Kate coçaram para dar um tapa no rosto dele. Em vez disso, ela entregou a ele o cartão-chave.

— Por que você simplesmente não me contou? — ela perguntou.

— Charlie queria ter certeza de que você entenderia a mensagem.

Um surto de dor brilhou entre seus olhos ao pensar que Charlie planejou isso. Mas se ele planejara, por que ele parecia tão chocado ao vê-la? Talvez ele quisesse estar na cama com Jody quando Kate entrou.

— Liguei no momento em que você entrou no elevador e disse a ele que

era hora de começar o show.

Ethan olhou para cima e para baixo como se ela fosse uma vagabunda barata. Kate não entendeu nada disso.

— Você orquestrou a coisa toda só para me machucar?

— Para garantir que você não se transformou em outra Tiffany Samuels. Acabou, Kate. Acabou. Você realmente não achava que poderia brincar de família feliz com Charlie, achava? — Ele sorriu. Tudo o que viu foram filas e filas de dentes. — Eu avisei como ele era. Você pensou em se casar, ter filhos e viver feliz para sempre? Você é uma em uma longa fila. Charlie vai ser uma megaestrela e você... você não é nada.

— Eu não sou nada coisa nenhuma — disse Kate. — Eu sou uma pessoa com sentimentos. Eu simplesmente tenho todo direito...

— Que tipo de mãe você seria? Jogando-se no mar por uma pequena decepção. Ficar em um relacionamento abusivo. Você nem sabe como é a vida familiar normal. Charlie não precisa de alguém como você.

Kate se encolheu.

— Por que você está sendo tão cruel? O que eu fiz para você?

— Foi o que você fez com Charlie.

— Mas eu não fiz nada. Eu te dei a carta. Isso provou...

— Que carta?

Kate engoliu em seco. Tudo tinha sido uma perda de tempo. Ethan não mostraria a carta a Charlie e talvez ele não acreditasse. Kate sentiu como se tivesse sido envenenada, esfaqueada, enterrada em um terremoto e depois afogada pela onda seguinte. Ela começou a passar por Ethan e depois mudou de ideia. Ela não precisava dar um tapa nele para revidar.

— Sabe, Sr. Silver, eu fico feliz por não estar no seu mundo se estiver povoado por pessoas como você, pessoas que não dão a mínima para ninguém, além de si mesmas, pessoas que mentem e trapaceiam para conseguir o que querem. Você nem se importa se os jornais publicam a verdade.

Ele deu uma risada curta.

— Mas eles publicam a verdade.

Kate se irritou.

— Eu me pergunto se eles gostariam de saber que você gosta de usar roupas íntimas femininas.

Ela sentiu um pequeno pedaço de prazer em limpar o sorriso do rosto de Ethan.

— Isso é loucura.

— Eu não sou idiota. Por que você quer apenas amostras em tamanhos grandes? Vi como você tocou minhas coisas e o olhar em seus olhos.

Ele abriu a boca, mas ela falou novamente antes que ele pudesse.

— Mas eu não sou uma pessoa má. Eu conheço o certo e o errado. Eu sei guardar segredos. Talvez eu não seja nada na sua visão do mundo, mas mereço tanto respeito quanto qualquer outra pessoa. Em toda a minha vida, nunca fui tão cruel com ninguém como você foi comigo.

Ela foi embora.



— Saia do banheiro, Charlie.

Jody continuou batendo na porta, mas ele não sairia de lá até que ele vestisse suas roupas. Ele se vestiu rapidamente, tentando descobrir o que acabara de acontecer. De onde diabos Kate veio? Ele mal conseguia acreditar em seus olhos. Por isso ele ficou olhando para ela como um idiota.

Kate.

Oh, merda.

Deus, os olhos dela quando o viu com Jody.

Charlie estava sentado na beira da banheira, com a cabeça nas mãos, tentando pensar.

— Charlie, abra a porta. Tenho algo que quero lhe mostrar.

Como ela entrou na suíte?

— Charlie, saia. Deite-se de bruços na cama e eu mostrarei o que posso fazer com uma boca cheia de *bourbon*.

Tudo começou a fazer sentido. Ele foi ludibriado por um especialista. Dois especialistas. Toda aquela brincadeira com as cerejas. Tudo tinha sido construído perfeitamente. Isso foi o suficiente para perfurar suas defesas. Porra de cerejas. Ethan deve ter dado uma chave a Kate. De que outra forma ela poderia ter entrado? Charlie rangeu os dentes ao pensar em como Jody e Ethan o haviam feito de marionete. Era sobre isso que eles estavam falando quando Ethan a puxou para o lado, para confabular. A cadela mentirosa.

Ele pensou no rosto de Kate quando ela parou na porta naqueles poucos

momentos terríveis. Alguns segundos que pareceram horas. Ele viu o longo arranhão na bochecha dela e percebeu que havia feito isso quando jogou a bolsa, mas muito pior foi a dor nos olhos dela. Ela o machucou, mas ele não deveria tê-la machucado de volta. Ele não poderia tê-la machucado assim.

— Charlie, você já tentou um anel peniano?

Pior ainda, havia um pequeno verme insolente corroendo-o. E se Kate estivesse dizendo a verdade? E se não foi ela quem falou com a imprensa? Como ela poderia ter tido a coragem de voltar e enfrentá-lo depois de todas as coisas horríveis que ele havia lhe dito, a menos que fosse inocente? E se ela fosse o responsável por deixá-la assim?

— Charlie? Você está bem?

Ele se levantou e abriu a porta. Jody estava lá, ainda nua, sorrindo para ele, com dentes encapados, cabelos tingidos, seios que eram muito redondos, empinados, perfeitos demais. O sorriso dela vacilou quando viu o rosto dele.

— O que há de errado? — ela perguntou.

— Como você conseguiu manejar o tempo tão bem?

— Que tempo?

— Você me fodeu, sua vadia manipuladora. — Charlie voltou para o quarto.

— Não fique bravo. Venha para a cama — disse Jody.

— Foda-se.

O abajur de cabeceira apenas errou sua cabeça quando ele saiu. Tudo o que ele conseguia pensar era em Kate.



Kate caminhou até seu apartamento na estação de Greenwich, passando por casais felizes passeando de mãos dadas. Ela fervia de raiva, o motivo de sua raiva mudava a cada poucos metros que ela andava. Fúria com Jody, porque pessoas como ela sempre conseguiam o que queriam. Fúria com Ethan, porque ele a havia enganado. E fúria com Charlie por não ter fé nela.

Ela chegou à meia-noite, seu pulso acelerado. A cabeça de Kate girava, ela se sentiu inquieta, nervosa, à beira de gritar. Lucy pediu que ela telefonasse para que ela soubesse como tinha sido sua conversa com Charlie, não importa a que horas. Só que como ela poderia? Lucy esperava boas notícias. Kate pegou a pilha de post-its que Charlie havia rabiscado e os

colocou nos bolsos, junto com o celular. Pegando as chaves do carro, ela olhou em volta de sua pequena casa pela última vez e fechou a porta.

Kate não tinha dirigido por muito tempo antes de ser forçada a parar. Ela virou para uma rua lateral e desligou o motor, ofegando quando a dor veio em ondas, surgindo de seu coração, inundando seu corpo, deixando-a abalada e confusa. Ela queria que alguém a segurasse e lhe dissesse que tudo ficaria bem, mas não havia ninguém. Charlie a amou, Kate sabia que ele tinha amado, mas agora não mais. Em vez disso, ele fez o pior que pôde para mostrar o quanto a odiava.

Ela descansou a cabeça no volante. O que ela ia fazer? Ela estava cansada de recomeçar, de tentar se animar com a mudança para um quarto sujo e uma sala, quando tudo o que ela realmente via era quanto trabalho precisava ser feito para fazê-la se sentir segura. Toda vez que Kate se mudava para morar em outro lugar, tentava cultivar sua própria casa, como se fosse uma erva daninha que só precisava de água e comida para transformá-la em uma linda flor. Ela pintou dezenas de paredes, costurou cortinas e almofadas, mas nunca fez uma casa. O apartamento dela em Greenwich ia ser diferente, mas acabou sendo o mesmo, no final das contas. Quando ela tentou seguir o caminho diferente, continuou sendo empurrada para o outro lado. Só que desta vez, não foi culpa dela. Kate se embalou no seu banco.

Quando ela se recompôs, saiu de Londres sem destino em sua cabeça. Ela pensou que quanto mais longe estivesse, melhor se sentiria, mas uma sensação crescente da futilidade de sua vida achatou sua mente. Talvez ter uma casa e tudo o que a acompanhava não fosse o outro caminho. Ela nunca se preocupou muito com as posses porque elas aprendiam ou eram destruídas. Melhor não ter nada. Nem mesmo o amor. Se você se apegar a algo, isso simplesmente é retirado de você. Criança ou adulto. Brinquedos ou pessoas. Não faz diferença.

A ideia de que alguém a tivesse amado ou pudesse amá-la parecia tão provável quanto ela fazer uma viagem ao espaço. Ela deu a Charlie seu coração e ele o esmagou. E ela estava brava com ele porque não precisava ser assim. Mais uma vez, a dor no peito a deixou incapaz de dirigir. Ela não estava segura na estrada. Kate não queria machucar ninguém. Parando no estacionamento de um McDonald's, ela se encolheu no banco de trás, os olhos arregalados, com medo de que, se fosse dormir, talvez nunca mais acordasse.



De manhã, Kate comprou uma garrafa de água do restaurante e a levou de volta para o carro. Nada para comer. Sem fome. Ela saiu do estacionamento e, quando pisou no acelerador e avançou, uma criança correu na frente dela. Kate pisou no freio e viu os olhos da menina registrarem o que estava prestes a acontecer. O carro parou, jogando Kate para frente. A criança desapareceu. O pensamento de que ela a matou quase parou o coração de Kate. Ela estava distraída, sem prestar atenção. O que ela fez?

Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Kate viu uma mulher de saia curta vermelha sair correndo do restaurante, a boca aberta em um grito. Kate não ouviu nada. Um homem de cabelos escuros seguiu a mulher, seu rosto uma nuvem cinza. Mas ele veio à porta de Kate. *Não me deixe tê-la matado*, pensou Kate. *Me mate. Por favor, me mate*. Então ela viu a mulher se levantar com a criança nos braços e a criança estava chorando, mas viva, e o ar entrou nos pulmões de Kate.

O homem abriu a porta e ela se encolheu, pensando que ele iria bater nela.

— Você está bem? — ele perguntou.

A mulher e a criança chegaram ao seu lado.

— Sinto muito — disse a mulher. — Pensei que Rute estivesse conosco. Nós só tiramos os olhos dela por um segundo. Eu a vi correr na frente do seu carro. Não sei o que teríamos feito se...

A garotinha virou nos braços da mãe e olhou para Kate.

— Graças a Deus você freou a tempo — disse o homem. — Você está bem?

— Sim — Kate conseguiu forçar. — Estou feliz que ela esteja bem.

Ela observou os três voltarem para o restaurante. O braço do homem sobre os ombros da esposa, os dedos nos cabelos louros da filha. Ele inclinou a cabeça e beijou as duas.

A vida era preciosa. Essa mensagem estava sendo enviada por alguém em quem ela não acreditava? Se era um dos sinais de Charlie, Kate achava que tinha perdido. Não havia mais nada nela agora — nem raiva, tristeza, esperança. Kate saiu do carro e foi embora.



Dan parou abruptamente quando viu um homem estranho saindo do apartamento de Kate.

— Quem é você? Cadê a Kate? — ele perguntou.

— Jon Chadwick. Estou com Locton e Moore.

— Você é um agente imobiliário? Kate está vendendo o apartamento? Ela está lá dentro?

— O apartamento está no mercado, sim. A venda está sendo realizada pelos advogados dela. Não, ela não está. O lugar está vazio. Bem, virtualmente. Foram deixados alguns móveis.

Dan correu para Rachel e ela ligou para Lucy.

— O que vamos fazer? — Rachel perguntou.

Lucy passou os dedos pelos cabelos.

— Eu pensei que tudo ficaria bem agora que ela recebeu a carta de Nick. Ela não ligou, mas eu pensei que ela estaria com Charlie.

— Bem, talvez esteja tudo bem — disse Dan. — Ela pode ter voltado com Charlie. Se ela se mudou, não precisa mais deste lugar. — Os três se entreolharam.

— Você acha que é isso? — Rachel perguntou.

Dan queria ser otimista, mas sabia que seu rosto o havia denunciado.



Charlie leu o jornal enquanto estava sentado no pátio. Jody voou de volta para os Estados Unidos. Ele esperava que nunca mais a visse. Ele certamente

nunca concordaria em trabalhar com ela novamente, isso se ele trabalhasse outra vez. Suas mãos tremiam enquanto ele segurava o jornal. A manchete era PERSEGUIDORA DE STORM. Não foi grande divulgação como eles fizeram com ele, apenas uma única página ao lado de um artigo sobre um cachorro que latia o Hino Nacional. O escritor fez Kate parecer uma fanática por celebridades louca. Eles até sugeriram que o incidente com a Tiffany foi encenado. Ele engoliu em seco. Quanto mais ele lia, mais doente se sentia. Na semana passada eles o crucificaram, agora a crucificaram por conhecê-lo.

Eles entrevistaram o pai dela. Havia uma pequena foto de Jim com uma de suas pinturas. A história da noite em que sua mãe morreu estava lá em malditos detalhes, junto com a sugestão maluca de que Kate deveria ter sido a única na prisão. O fato de ela ter sete anos de idade era irrelevante.

O idiota também foi citado, e ele torceu o que havia feito, fez parecer que Kate estava desesperada para se casar e que havia reservado o cartório, que fora ela quem queria fazer as coisas de uma maneira tranquila. A família de Dex classificou Kate como uma cadela insensível. Kate era uma mulher ferida, cujo objetivo na vida era encontrar um homem para cuidar dela. Ela era gananciosa, manipuladora e egoísta. Charlie tinha sido um em uma linha de otários, mas o maior problema. O jornal disse que ela até nadou para o mar para pegá-lo. E, enquanto Charlie lia, percebeu que, ao não confiar em Kate, cometera o maior erro de sua vida.

Ele tentou ligar para ela, mas o celular dela estava desligado, o telefone da casa, tocando. Ele dirigiu até o apartamento dela com o coração batendo forte e depois segurou o dedo na campainha do interfone. A voz de um homem respondeu e garras afiadas cortaram o coração de Charlie.

— Eu estava procurando por Kate. Ela está aí?

— Não. Ela foi embora.

— Mudou-se? Quem é você?

— O agente imobiliário. Estou apenas mostrando a alguns compradores em potencial.

— Posso subir?

— A menos que você queira comprar o local — disse o homem.

— Eu posso — Charlie respondeu.

O trinco da porta tocou e ele empurrou a porta.

Um jovem casal estava saindo quando ele chegou à porta de Kate. Eles ficaram boquiabertos quando ele passou. Ele entrou no apartamento e correu de sala em sala. Ele sabia que ela não estava lá, mas precisava ver por si

mesmo.

— O que você está fazendo? — O jovem agente imobiliário seguiu nos calcanhares de Charlie.

Charlie o ignorou. Ele abriu armários, gavetas, guarda-roupas, mas tudo tinha ido embora.

— Os móveis vão pra onde? — Charlie perguntou.

— Eles estão sendo vendidos com a propriedade.

Charlie olhou para ele.

— A cama?

— Tudo o que resta.

— Eu quero a cama.

— Bem, er... ela vai com o apartamento.

— Eu só quero a cama. Dou a quem comprar o apartamento dez mil libras.

— Eu não acho que posso fazer isso.

— Você quer dizer que você já vendeu?

— Não, mas tenho que perguntar à senhorita Snow se isso é aceitável. Só que tudo está sendo tratado através de seus advogados. Todos os rendimentos da venda vão para eles. Acredito que ela está pagando uma dívida.

Charlie vacilou. Uma dívida com o pai dela.

— Bem, eu quero a cama.

O homem olhou para ele como se tivesse enlouquecido e Charlie pensou que provavelmente estava.

— Ligue e peça — disse Charlie.

Enquanto o cara estava na cozinha, Charlie voltou para o quarto.

— Oh, Kate, onde você está? — ele sussurrou.

Ajoelhou-se na cama, baixou o rosto e respirou fundo. Ainda podia cheirá-la. O sabonete de coco que ela usava e o shampoo de limão. Suas mãos deslizaram sob o travesseiro, puxando-o para mais perto, e ele sentiu o metal contra seu pulso. Ele puxou a mão e viu a estrela de prata.

— Eles disseram que vão... o que você está fazendo? — perguntou o corretor.

— Nada. — O travesseiro caiu de seus dedos. Quando Charlie se levantou e se virou para encará-lo, ele segurava o colar no punho.

— Se você me der seu número, avisarei assim que o advogado dela me responder.

O cara olhou para ele como se ele fosse algum tipo de pervertido. Charlie

se perguntou se um artigo sobre ele cheirando o travesseiro seria publicado na semana seguinte.

Ele deu o número de telefone ao agente imobiliário e foi bater na porta de Dan. Quando não houve resposta, ele correu para a casa de Rachel.

— Você sabe onde ela está? — Charlie perguntou, no momento em que a porta se abriu.

Dan balançou a cabeça e os ombros de Charlie caíram.

— Entre — disse Dan. — Estávamos conversando sobre ela.

— Quando você a viu pela última vez? — Charlie sentou-se e depois se levantou novamente. Ele estava entrando em pânico.

— Ela foi vê-lo com a carta de Nick.

— Uma carta? — Charlie perguntou e observou os dois trocarem olhares.

— Nick foi quem disse ao 24/7 que você tentou se matar — disse Dan.

Charlie sentiu tudo caindo ao seu redor, como se ele estivesse no meio de um terremoto enquanto o edifício se desintegrava sob seus pés.

— Encontrei a nota de suicídio de Kate — explicou Rachel. — Caíra da lixeira. Como Kate nos disse que o conheceu no mar, juntamos dois e dois.

— Eu poderia ter mergulhado para salvá-la — Charlie retrucou.

— Mas você não sabia? — perguntou Dan.

A cabeça de Charlie caiu.

— Lucy disse a Nick e ele disse ao jornal Sunday — disse Rachel. — Kate ficou chateada porque você pensou que ela tinha falado com a imprensa. Lucy convenceu Nick a admitir isso por escrito. Kate pegou a prova para mostrar a você e não a vimos desde então. Ela deveria ligar e nos contar o que aconteceu, mas não o fez. Esperávamos que vocês estivessem juntos, mas parece que estávamos errados.

— Merda. — As pernas de Charlie cederam e ele caiu no sofá.

— Ela não está atendendo o telefone — disse Dan. — Enviei uma mensagem para ela, mas ela não respondeu.

Rachel apertou a mão de Dan.

— Estamos preocupados com ela, mas não temos ideia de aonde ela iria. Ela largou tudo o que tinha. O computador, a máquina de costura e até os pratos e talheres. Está tudo na lixeira. Então descobrimos que o apartamento estava à venda.

A máquina de costura dela? Charlie não queria ouvir isso, ele queria colocar as mãos sobre os ouvidos e fazer barulho para não ouvir.

— Para onde ela iria? Você sabe aonde ela foi antes? — Rachel

perguntou.

Charlie se animou. Os detetives de Ethan a encontraram em Brighton. Ela deve ter amigos lá. Ele ficou de pé.

— Talvez Brighton. Eu posso descobrir.

— Ei, Charlie — disse Dan. — As coisas que eles disseram no jornal sobre Kate... Combina com quando ela se mudou, ela estava muito machucada. Ela tinha um braço quebrado e um olho roxo. Esse cara, esse Dex, eles acham que ele é um herói, mas acho que ele bateu em Kate. Os jornais torceram tudo.

— Sim — Charlie disse com uma voz sombria. — Eles têm o hábito de fazer isso.



Quando Ethan abriu a porta, Charlie abriu caminho.

— Eu estava prestes a ligar para você. Recebi uma ligação do RSC. Você deve tê-los impressionado, Charlie. Eles querem que você faça Hamlet por uma temporada completa, não apenas para o evento de caridade. Muito bem. Vai ser apertado para encaixar, com as filmagens... — Ethan se interrompeu.

Charlie olhou para ele.

— Você não está satisfeito? — Ethan perguntou.

Charlie deu uma risada curta.

— Eu me pergunto por que eles me escolheram.

— Porque você é um ator talentoso?

— Você conhece a porra da peça, Ethan? É sobre um rapaz que tem tudo e joga fora. Ele estraga sua vida. O discurso mais famoso do mundo, “Ser ou não ser”, você sabe do que se trata? Se ele deveria se matar. Ele não conseguiu nem mesmo fazer isso direito. Grande golpe publicitário, escolher um ator fraco cuja vida desmoronou para interpretar um príncipe fraco, cuja vida foi da mesma maneira. — Charlie andava em círculos, incapaz de ficar parado.

— O que há de errado com você agora? — Ethan perguntou.

— Eu preciso do nome do lugar em que Kate ficou em Brighton.

— Por quê?

— Porque eu tenho que encontrá-la. Eu estava errado. Ela não contou aos jornais sobre a tentativa de suicídio. Ela veio ao Dorchester para provar isso,

só que eu não lhe dei a chance.

— Um pedaço de papel não prova nada — disse Ethan. — Esquece ela, Charlie. Você está subindo, não descendo.

Charlie parou de se mover. Houve um longo silêncio antes que ele falasse.

— Que pedaço de papel?

Ethan não disse nada, mas Charlie viu sua mandíbula apertar.

— Você sabia, porra! Você sabia, e ainda a deixou aparecer e me ver prestes a transar com Jody Morton. — Charlie tremeu com fúria.

— Nós... — Ethan começou.

— Você e Jody armaram. Eu me perguntava por que ela não arrancou minhas roupas no momento em que entramos no quarto. Você é inacreditável, vocês dois. — Charlie balançou a cabeça em perplexidade. — Você me deixou pensar que Kate me traiu. Você não quer que eu seja feliz?

— Você estava feliz com Jody Morton.

— Não, você estava feliz por eu estar com Jody. O que você conseguiu com isso, Ethan? Ela vai assinar com você se você a colocar na minha cama?

— Você está agindo como louco. Você precisa se acalmar, Charlie. Talvez tudo isso seja o melhor. Kate é obviamente instável, ela...

— Onde ela ficou em Brighton? — Charlie exigiu.

— Não tenho certeza.

— Dê-me o número do detetive particular.

— Olha, se ela não quer ser encontrada, ela não voltará para o mesmo lugar.

Charlie deu um passo à frente e Ethan se afastou.

— Me dê a porra do número.

— Eu não contratei ninguém.

— O quê? — O estômago de Charlie caiu para o pé.

— Não havia sentido — explicou Ethan. — Ela...

Charlie apertou os punhos. Ethan não tinha ideia do quão perto ele estava de precisar de dentes novos.

— Você mentiu para mim. Você me cobrou por uma empresa de PI que nunca contratou? Certo. É isso aí. Nós terminamos. — Charlie saiu e depois voltou. — Você sabe o que é realmente louco? Eu pensei que você fosse meu amigo. Eu pensei que pelo menos em meu agente eu poderia confiar.

— Sempre agi a favor dos seus interesses — insistiu Ethan.

— Para com isso. Você age a favor dos *seus* interesses. Você sempre vai

agir assim. Você é tão monstro quanto eu. — Charlie se aproximou para que seu rosto estivesse a centímetros do de Ethan. — Só que não uso calcinha de mulher. Acho que seus outros clientes também se perguntarão sobre isso.

Então ele partiu.

Mas quando Charlie chegou do lado de fora da casa de Ethan, ele não sabia para onde ir. Ele tinha tanta certeza de que Ethan lhe daria um endereço que não pensara além disso. Ele voltou para o carro, sentou-se por um momento e depois ligou para o pai de Kate.

— Jim? É o Charlie. Suponho que você não tenha notícias da Kate.

— Desde aquela noite em sua casa, não.

— Você tem alguma ideia de onde ela pode estar?

— Qual é o sentido de me perguntar? Eu não estou na vida dela há anos e ela deixou claro que é assim que ela gosta.

— Ela desapareceu — disse Charlie.

— Ela aparecerá novamente.

Ele não ouviu preocupação na voz de Jim.

— Você não está preocupado?

— Não. É isso que ela faz. Foge da vida.

— Ela está vendendo apartamento e devolvendo o dinheiro — disse Charlie.

Houve uma risada curta do outro lado do telefone.

— Ela está? Então o que há de errado, Charlie? Você também não gosta de fugir?

— Eu a amo — Charlie sussurrou.

— Você provavelmente diz isso para toda mulher com quem dorme. Parece que Kate é incapaz de aceitar o amor. Você nunca a fará acreditar que você está falando sério.

Charlie não aguentou mais falar com o cara. Ele desligou. Abaixou a cabeça no volante e começou a chorar. Isso foi culpa dele. Ele sabia como Kate era. Ela fugia dos problemas. Ela não queria confrontá-los e, apesar disso, tentou falar com ele duas vezes. A primeira vez ele jogou a bolsa nela, marcou seu rosto adorável e disse para ela ir se foder e terminar o que começou. E ela ainda assim não desistiu dele. Mas na próxima vez, ela entrou no quarto de hotel e o viu prestes a transar com Jody.

Deus, o que ele teria feito se tivesse sido o contrário, se ele tivesse visto Kate com outro cara? Charlie não suportava pensar em ninguém além dele segurando-a, amando-a. Ele destruiu a única coisa boa que tinha. *Eu a amo.*

Ele pensou nas vezes em que a segurara nos braços e tentou reviver os momentos, mas eles deslizaram por seus dedos como corda de seda. Ele era patético. Devia ser ele terminando o que começou.

Charlie endireitou-se e olhou para frente. Era isso que Kate faria? Voltaria para a praia onde eles começaram? Seu celular tocou e ele o tirou do bolso. Não era Kate.

— Alô — ele murmurou.

— Como você está, Charlie? — perguntou o pai.

— Já estive melhor.

— Acabei de receber uma ligação da polícia.

O coração sobrecarregado de Charlie deu um pulo.

— Sobre Kate — disse Paul.

— O quê? — A água gelada subiu pelas veias de Charlie.

— Eles encontraram o carro dela, Charlie.

— Não. — Ele não queria ouvir isso.

— Abandonado no estacionamento de um McDonald's no desvio de Flyton.

— Kate? — Charlie conseguiu forçar seu nome.

— Eles não sabem onde ela está.

Alívio e medo surgiram juntos.

— Por que a polícia entrou em contato com você?

— Eles encontraram um pedaço de papel amassado no carro; nosso endereço e a rota para a nossa casa escritos nele. Ela veio aqui, Charlie.

— Quando?

— Alguns dias atrás. Sua mãe acabou de me contar.

— O que ela queria?

Charlie ouviu a hesitação na voz de seu pai.

— Ela queria falar comigo. Ela nos trouxe uma pintura. Deixou na porta. É sua e do Michael. É adorável. Sua mãe não para de olhar. Alguém chamado Dan Stevens pintou.

Charlie se perguntou se ele poderia se sentir pior.

— Charlie? Preciso lhe contar outra coisa. Quando vocês dois vieram aqui naquele dia e você saiu correndo irritado, lembra-se de que Kate voltou para casa? Bem, ela me disse que você tentou se matar. Acho que foi o que ela veio me perguntar, se eu tinha contado aos jornais.

Charlie não disse nada.

— Eu não contei a ninguém, filho. Nem mesmo à sua mãe. Acho que

Kate também não.

— Oh, Deus.

— As coisas estão tão ruins assim?

— Sim.

Ele ouviu o tremor na respiração de seu pai.

— Venha para casa, Charlie.

— Tenho que encontrar a Kate. O que a polícia pensa? Eles estão fazendo alguma coisa?

— Não. Ela é adulta e abandonou o carro, só isso. Houve um incidente envolvendo uma criança fora do restaurante. Kate quase a atropelou. A criança não se machucou, mas ninguém viu Kate desde então.

— Eu preciso encontrá-la.

— Existe algo que possamos fazer? — perguntou o pai.

— Não, mas se ela voltar, não a deixe ir.



Kate sentou-se na areia, olhando para um mar verde lamacento. O tempo estava péssimo, o céu em mil tons de cinza. Ela desejou poder varrer a nuvem e encontrar um pedaço de azul. O que era mesmo que sua mãe costumava dizer? Encontre céu azul suficiente para fazer uma calça de marinheiro e o tempo ficará claro à noite. Talvez não fosse a mãe dela. Talvez fosse uma de suas muitas assistentes sociais. Kate não tinha certeza. Ela não tinha certeza de nada.

Começou a chover e as poucas famílias na praia começaram a juntar as coisas e partir. Até as gaivotas voaram para longe. Kate colocou os dedos frios dentro das mangas do suéter azul. Ela se esforçou o suficiente para consertar as coisas? Ela achou que sim. Ela colocou a mão no bolso e puxou de lá os post-its que Charlie havia deixado. Com algumas dobras Kate transformou uma em um pequeno barco. Ela o jogou em direção ao mar.

Quinze minutos depois, havia uma frota de barcos amarelos caídos na areia. A água alcançou uns dois e os inundou. Ela observou as ondas rolando e se perguntou se era a mesma água se atirando continuamente na areia, tentando subir à praia antes de cair novamente. Em breve, alcançaria todos os pequenos barcos e, em seguida, a alcançaria. Talvez ela devesse deixar o mar a engolir e tudo o que havia de errado com ela.

Havia um estranho conforto em não ter mais nada, nem posses. A mala com os restos de suas roupas estava no porta-malas do carro. Ela perdeu a bolsa em algum lugar. Provavelmente na cabine do caminhão em que ela pegou uma carona. Ela ainda estava com o celular. Kate o tirou do bolso. Ela não o ligava há dias. Ela apertou o pequeno botão na parte superior e limpou

as chamadas e mensagens perdidas sem olhar para elas. Ela não estava mais interessada no que alguém tinha a dizer.

Ela digitou uma mensagem de texto no telefone, mas não a enviou.

Para Hippo

Desculpe, perdemos um ao outro.

Sereia XX

Ela apagou os beijos.

Depois, colocou-os de volta.

Kate colocou o telefone de pé na areia entre ela e as ondas. Depois de um momento, a luz se apagou na tela. Mais alguns barquinhos de papel lutavam nas ondas.



Mesmo de costas para ele, Charlie sabia que era ela. Ele não sabia o que teria feito se ela não estivesse lá. O pensamento de chegar tarde demais quase o dizimou. Ele atravessou a subida na praia até estar diretamente atrás dela, olhando para baixo de uma duna. Ela não o teria ouvido acima do barulho do mar. Ela estava cercada por triângulos de papel amarelos e seu celular estava preso na areia à sua frente. Ele pegou o seu do bolso e digitou uma mensagem.

Kate estremeceu quando o telefone tocou. Por um momento, ela apenas ficou lá, e então Charlie a observou estender a mão lentamente e pegá-lo.

Fuja comigo.

Ele esperou para ver o que ela faria. Ele esperava que ela não se jogasse no mar. Parecia muito frio, e ele realmente não queria ficar mais molhado. Ele enviou outro texto.

Agora mesmo.

Kate se virou. Por um pequeno momento de parar o coração, ele pensou ter visto um sorriso no rosto dela e depois desapareceu. Enquanto ele caminhava em sua direção, ela se levantou. Charlie queria correr e segurá-la em seus braços, mas ele estava com medo de que ela o afastasse. Era o que ele merecia. Ele ficou na frente dela. Ele tinha tanto dentro dele que queria dizer e agora descobriu que não podia falar.

Kate piscou, e ele ainda estava lá. Ele estendeu a mão e abriu os dedos. No meio da palma da mão, estava a última peça do quebra-cabeça.

— Desculpe — disse ele.

Ela não sabia dizer se a água no rosto dele vinha dos olhos ou da chuva.

— Eu esquadrinhei o apartamento todo procurando essa peça — disse ela.

— Quando você pegou?

— No momento em que você abriu a caixa.

Ele abriu a outra mão e lá estava a estrela de prata que ela deixara embaixo do travesseiro. Ele deu um passo mais perto e Kate se afastou. Ela viu os ombros dele caírem um pouco, e então ele se endireitou e olhou diretamente para ela.

— Eu vim para salvá-la — disse ele. — Estou pronto para matar dragões, repelir piratas, eviscerar mutantes e estrangular algas marinhas.

Kate pensou por um momento.

— Que tal lutar contra um T-Rex?

Charlie estalou a língua.

— É, não, isso não está na descrição do meu trabalho. Se você encontrar um T-Rex, estará por sua conta.

Ele deu um passo mais perto e desta vez Kate se manteve firme.

— Então, você vem sempre aqui? — ele perguntou.

— Somente quando eu preciso ser salva, mas se você não puder enfrentar um T-Rex, talvez você não tenha utilidade para mim.

— Eu estava apenas brincando sobre o T-Rex. Aponte-o. Eu nunca vou deixar nada te machucar.

— Você não pode prometer isso, Charlie.

Ele levantou a gola e esfregou a chuva dos olhos.

— Então eu prometo que nunca vou machucá-la novamente. Eu sei que te decepcionei e me desculpe. Eu deveria ter acreditado em você.

— E Jody Morton? — Kate olhou diretamente para ele. O olhar dele não desviou do dela.

— Ela voltou aos Estados Unidos.

— Ela foi...?

— Nunca dormi com ela, Kate. Ela e Ethan armaram para que você nos encontrasse. Ouvi o telefone dela tocar e acho que foi o sinal dela para... — Charlie parou.

— Mas você ia dormir com ela.

Ele olhou para baixo. Kate viu a vergonha em seu rosto. Suas mãos pendiam frouxas ao lado do corpo.

— Por que Ethan fez isso? O que eu fiz? — ela perguntou.

— Nada. Você não fez nada. Acho que Jody disse a Ethan que ele seria seu agente se ele nos juntasse. Eu nem gosto dela. Eu sinto muito. Por favor, me diga que você me perdoa.

— Por que você faria sexo com ela se não gostava dela?

Charlie levantou a cabeça e encontrou os olhos dela.

— Porque eu estava sofrendo, porque queria te esquecer, porque sem você eu sou fraco.

— Eu não quero alguém fraco.

— Você me faz forte. — Kate ouviu o tom em sua voz. — Fiz uma coisa boa. Eu demiti o Ethan. Ele não tinha o direito de me manipular dessa maneira, mas acima de tudo, ele não tinha o direito de machucá-la. — Charlie passou a mão pelos cabelos úmidos. — Eu também fico pensando nele vestindo sua calcinha e isso me assusta. — Kate deu um pequeno sorriso. — Ethan foi longe demais, Kate. Ele quase me custou tudo que é importante pra mim. — Charlie olhou para ela, seus olhos poços de tinta na luz fraca. — Talvez ele tenha.

— Foi Nick quem falou aos jornais.

Charlie fez uma careta.

— Ouvi dizer que ele perdeu o emprego na Metro Radio. Eles não aprovaram o fato de que um dos membros mais antigos vendeu uma história que ele deveria ter deixado que eles divulgassem.

— Então todo mundo está comendo apenas suas sobremesas? — Kate perguntou.

— Eu não sei. Eles estão? — Charlie olhou para ela, sombras escuras sob os olhos, desespero por todo o rosto. — Deixe-me levá-la para casa, te aquecer e secar. Não vou deixar você aqui, Kate. Eu... — Seu peito arfava. — Estou com medo de tocar em você, porque se você se afastar de mim, nunca poderei sair desta praia.

Kate sabia que tinha que dar o primeiro passo. Havia apenas um movimento que ela queria fazer desde que a mensagem apareceu em seu telefone e ela se virou para vê-lo em pé na frente dela. Kate abriu os braços e a luz nos olhos dele explodiu em uma chama brilhante. Charlie caiu em seu abraço.

— Sinto muito — ele soluçou. — Eu estraguei tudo e pensei que tinha te perdido. — Ele a apertou com tanta força que Kate mal conseguia respirar. — Eu quase perdi, não é? Se eu não tivesse chegado aqui a tempo?

— Vim me despedir, mas não tenho certeza se teria ido para o mar —

sussurrou Kate. — Parece um pouco frio para nadar e vi algumas algas marinhas de aparência cruel.

Charlie pressionou o rosto nos cabelos dela, depois levantou a cabeça e acenou com a cabeça em direção à água.

— O que são todos aqueles barquinhos?

— Os post-its que você colou na minha parede.

— Oh, Deus. Eu nunca vou decepcioná-la novamente, eu prometo. — Ele segurou a cabeça dela nas mãos e olhou nos olhos dela. — Diga que você me perdoa.

— Você realmente enfrentaria um T-Rex?

— Num instante.

— Mesmo se alguém estiver cambaleando na praia, agora?

Charlie fez uma pausa.

— Não tem ninguém na praia neste momento, tem?

Kate olhou por cima do ombro dele.

— Não.

— Então sim, absolutamente.

— Ok, então — disse Kate. — Eu te perdoo, se você me perdoar por fugir.

— Mas eu não deveria ter...

Kate colocou o dedo nos lábios dele.

— Me perdoe.

Charlie sorriu.

— Eu perdoo você.

Ele a beijou então, uma tentativa de roçar seus lábios contra os dela repetidamente até Kate beliscá-lo com os dentes para fazê-lo parar. Ele gemeu quando a língua dela deslizou em sua boca. Ela gemeu quando a língua dele deslizou na dela. Charlie beijou e brincou, pousando beijos por todo o rosto, lambendo a chuva até a cabeça de Kate ficar tão nublada quanto o céu.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo, eu te amo — ele sussurrou, segurando-a com força contra ele.

— Apenas quatro vezes?

— Eu fiquei sem fôlego. Quando nos beijamos, você retira todo o ar dos meus pulmões. — Ele limpou uma gota de chuva do nariz dela. — Mas quando estou com você, me sinto mais vivo. Acho que não quero mais atuar. Eu quero ser eu. Eu quero fazer algo com você. Quero saber tudo sobre você,

conhecer seus sonhos e medos. Quero ajudar a tornar sua vida o que você quer que seja. Acima de tudo, quero fazer você feliz. — Ele acariciou sua bochecha. — Você vai me deixar tentar fazer você feliz?

— Oh, Deus, Charlie. — Kate engoliu o soluço.

Charlie sorriu.

— A primeira coisa que vou fazer é fazer parar de chover.

— E como é... oh. — Kate riu quando a chuva diminuiu.

Charlie fez uma mesura.

— A segunda coisa que vou fazer é fornecer um transporte excitante para o carro. Nas minhas costas.

Kate pulou e ele cambaleou.

— Ei, eu não me joguei em você. Eu fui muito cuidadoso — ele disse com um gemido.

— Eu tenho que usar meu chicote? — ela perguntou.

Charlie a abraçou com força e começou a galopar para o estacionamento. Quando chegaram ao carro, ele diminuiu o passo.

— Qual é a terceira coisa que você vai fazer? — Kate deslizou de suas costas.

— Fazer o céu ficar azul. — Ela levantou as sobrancelhas.

— O que posso dizer? — Ele sorriu. — Eu sou um talento prodigioso. De muitas maneiras. — Seu olhar caiu para a virilha.

Kate não pôde deixar de olhar. O cume de suas calças era inconfundível.

— Abra a mala — disse ela.

Os olhos de Charlie se arregalaram.

— Não podemos foder na mala.

Kate reprimiu a risada. Quando ele a abriu, ela se despiu e jogou suas roupas e sapatos para dentro.

— Agora você — disse ela.

Charlie fez o que lhe foi dito e tirou tudo, menos sua boxer e tênis.

— Boa ideia — disse ele. — Nós não vamos fazer uma bagunça no carro agora. — Ela sorriu. — Quer uma aposta?

Charlie olhou para os bancos traseiros no conversível e gemeu. Eles tinham sido projetados para anoréxicos sem pernas.

— Sente-se no lado do passageiro e abaixe o teto — disse Kate.

— Não, estou dirigindo.

Ela olhou para ele.

— O quê? — Charlie perguntou.

E continuou olhando.

— Pense, Charlie.

Ele finalmente engatou o cérebro e pulou no carro. Telhado abaixado, assento retraído o mais longe possível, um sorriso largo no rosto e um pênis prestes a começar a cantar. No início da noite e com um tempo tão miserável, ninguém iria à praia agora, não é?

Kate se sentou no colo dele de frente para ele e sorriu. O doce contato quando seus lábios se encontraram fez Charlie esquecer sobre o que ele estava se preocupando. Ele esqueceu que eles estavam molhados, esqueceu que estavam com frio, só lembrou que estavam juntos e que ele tinha Kate segura nos braços. Bem, talvez não tão segura, mas... Ele a abraçou e a abraçou com força.

Seus beijos eram suaves e de boca aberta, mudanças lentas de um ângulo para outro enquanto suas línguas brigavam em um duelo suave. Ele tirou os sapatos e puxou as pernas dela para baixo, para que ela se deitasse em cima dele. Não há muito espaço para se mover, mas o suficiente.

Kate puxou a boca da dele para respirar. O coração de Charlie batia forte como se estivesse sendo perseguido por um T-Rex.

— Eu te amo — ela sussurrou.

Ele apertou as mãos nos quadris dela.

— E eu amo você, mas se você não parar de se contorcer, vou decepcionar a nós dois.

— Estou tentando tirar minha calcinha.

— Oh, nesse caso...

Charlie tentou remover sua boxer ao mesmo tempo. Braços e pernas presos e enroscados, presos em um jogo impossível de contorção, eles riram enquanto lutavam para manobrar.

— Eu vou trocar esse maldito Lexus — ele resmungou. — Vamos percorrer todos os showrooms de carros e encontrar um veículo com espaço suficiente para transarmos em todas as posições.

— Uma van de campista?

Ele riu.

— Boa ideia.

Finalmente uma Kate nua se levantou enquanto ele puxava a cueca pelo resto do caminho até os pés. *Finalmente*. Então ele apertou a cintura de Kate

e trouxe suas dobras cremosas para baixo para beijar seu pênis desesperado. Suas risadas desapareceram, rapidamente substituídas por uma respiração irregular.

— Isso é tão bom — disse ela.

— Oh, Kate, Kate — ele sussurrou.

Suas bolas estavam apertadas, fechadas perto da raiz de seu pênis, pedindo que ele a puxasse para baixo e a fodesse com força. Mas Kate se empalou sem que ele fizesse nada além de ficar sentado lá. Charlie apertou seu quadril enquanto ela afundava cada vez mais. Ele deu um gemido baixo ao senti-la — tão molhada e quente, a maneira como sua boceta o segurava, o calor, a tensão. Desde que ela não se mexesse por um tempo, ele ficaria bem.

Ela se mexeu.

Porra. Porra. Seu pênis pulsou e inchou. Não fazia sentido fingir que ele estava no controle, mas Charlie agarrou suas nádegas e a arrastou para baixo com mais força. Em instantes, suas bolas pairavam em um frenesi de antecipação, formigando com a necessidade de abrir as comportas, derrubar seu pênis para se esvaziar nela. *Agora, agora, agora.* Ele desistiu e cedeu, rendendo-se ao momento. Kate assumiu o ritmo e Charlie deslizou as mãos para os seios dela enquanto ela se afundava nele.

Pensar que ele imaginou ir lento e cuidadoso. Charlie tentou se lembrar se ele conseguiu isso com ela. Então seu cérebro nublou. Ele teria uma vida inteira pela frente para amar Kate.

Ele deslizou a mão para a junção de suas coxas e alcançou seu clitóris. Um movimento de seu dedo enquanto ele puxava seus quadris e Kate soltou um grito quando ela gozou, apertando-o, pequenos espasmos requintados para levar seu pau ao esquecimento. Charlie tinha palavras que ele queria dizer, mas ele as deixou represadas em sua cabeça enquanto ele inundava sua boceta com porra, jorrando rajadas de fogo repetidas vezes até que seu pau parou de fazer suas próprias coisas e ele podia se mover novamente.

— Minha linda garota — ele sussurrou e a segurou com força contra ele, seus dedos ainda tocando no lugar em que seus corpos se juntaram.

— Meu garoto lindo.

— Ei, olhe para cima.

Kate inclinou a cabeça para trás no ombro dele.

— Um pedaço de céu azul — disse Charlie.

Quando a porta da garagem se fechou atrás deles, Kate soltou um suspiro trêmulo e Charlie apertou a mão dela.

— Você quer que esta casa seja a nossa casa? — ele perguntou. — Poderíamos encontrar outro lugar, escolher um lugar juntos.

O coração inchado de Kate quase explodiu.

— Lar é onde você estiver. Esta é uma casa adorável Charlie e eu adorariamos morar aqui. Especialmente porque eu não tenho onde morar no momento. Coloquei o apartamento à venda porque quero pagar meu pai de volta. Eu... me livrei de todas as minhas coisas. Até da cama.

— Eu a comprei.

Ela olhou para ele.

— Bem, falei com o agente imobiliário e pedi que ele falasse com o proprietário. Não sei se a oferta será aceita. Eu não vou acima de vinte libras.

Kate sorriu.

— Quanto você realmente ofereceu?

— Dez mil libras.

— Vou querer vinte.

Charlie saiu do carro.

— Vou tentar uma barganha.

— Vinte mil — disse Kate, saindo do outro lado.

— Feito.

— Você poderá ter então.

Charlie riu quando ela o seguiu para dentro de casa.

— Banho, cama ou presente de aniversário? — ele perguntou.

— Presente?

Ele bufou.

— Vou tentar não ficar chateado por você preferir um presente do que ir para a cama comigo. Está na sala de música.

Ele pegou a mão dela, puxou-a pelo corredor e abriu a porta. O chão estava coberto de papel manuscrito rabiscado, tudo, exceto um local ao lado do piano, onde um pedaço retangular de madeira compensada havia sido colocado. No meio do quadro, havia uma caixa grande, tão mal embrulhada que Kate sabia que Charlie havia feito isso sozinho. Ela se perguntou se ele estava lá desde a noite em que ela fugiu.

Ajoelhou-se e arrancou o papel para revelar um quebra-cabeça de dezoito mil peças — uma paisagem marinha com sereias de cauda verde, um caleidoscópio de peixes tropicais e um terrível naufrágio.

— Muitas algas — disse Charlie. — Eu acho que você tem que encarar seus medos. Gostou disso?

— Dezoito mil peças? Vai levar anos.

Ele sorriu.

— Eu pensei que você poderia ficar aqui nua tentando encaixar peças, enquanto eu tento encaixar as palavras na música.

Kate rasgou o saco plástico e jogou todas as peças no compensado.

— Comece a compor então.

Charlie sentou-se ao piano, passou os dedos pelas teclas e depois começou a tocar. Depois de algumas barreiras, ele começou a cantar e Kate se virou para olhá-lo. A voz dele enviou tremores pela espinha dela e a envolveu em seus braços.

*“Ela era uma estranha
Aquela garota no mar
Quem veio a mim
Ela encheu meus sonhos
E eu dei a ela meu coração...”*

Charlie olhou para ela enquanto, cantava e Kate teve que piscar as lágrimas. Era uma música sobre perda, sobre ela e ele, os erros que ele cometera e como ele não sabia se a encontraria novamente. Quando as últimas notas ecoaram, Kate se levantou e caminhou para ficar atrás dele. Ela passou os braços pelos ombros dele e cruzou-os sobre o peito.

— Espero que você encontre seu cachorro perdido — ela sussurrou e Charlie estremeceu. — E você estava um pouco desafinado nessa última parte. Deixou meus dentes no limite.

Por um momento, Kate pensou que ele estava chorando e depois percebeu que estava rindo.

— Você é a pessoa mais cruel que eu conheço — disse ele.

— Foi adorável, realmente. Como é chamada?

— Desconhecidos. Era para ser um momento incrivelmente romântico. — Charlie se virou e enterrou o rosto no peito dela, enrolando as mãos em volta da cintura dela. — Mesmo que você seja a pessoa mais perversa que eu conheço, eu ainda te amo. — Ele beijou sua testa.

— E mesmo que você não possa cantar no tom, eu te amo — respondeu Kate.

Charlie deu um beijo suave no nariz dela.

— Você pode cantar um pouco mais, se quiser — disse Kate. — Você vai

melhorar com a prática.

— Esse pequeno conselho se aplica a tudo? — Charlie mordiscou sua orelha enquanto ele deslizava as mãos dentro da calcinha dela. Kate gemeu.

— Você só pode melhorar — disse ela e gritou quando ele a mordeu.

— Chega de segredos — Charlie sussurrou.

— Você sabe tudo sobre mim. — E era verdade, Kate pensou.

— E você sabe tudo sobre mim — disse ele.

— E eu ainda te amo. É incrível.

Charlie beijou seus seios.

— Quero levá-la de férias. Para algum lugar sem chuva. Amanhã, você preencherá uma solicitação de passaporte. Aonde você gostaria de ir? Escolha qualquer lugar no mundo.

— O deserto de Gobi.

— Escolha qualquer outro lugar no mundo.

Kate hesitou.

— Havaí?

Charlie levantou o olhar do peito dela.

— Eu não vou te decepcionar, Kate. Eu quero te dar o mundo.

— Eu só quero você. Você é o meu mundo.

Ela podia sentir o coração dele batendo rápido sob a mão dela.

— Kate?

Ela olhou nos olhos dele.

Charlie deslizou para o chão e se ajoelhou na frente dela, segurando as mãos dela.

— Eu queria encontrar o lugar perfeito para fazer isso, o momento perfeito. Eu estraguei tudo com o modo como eu disse que te amava e não queria estragar isso também. Só que percebi que não preciso encontrar o momento perfeito porque você é o que faz o momento perfeito. Então... Kate Snow, a mulher que amo mais que minha vida, você me dará a grande honra de se tornar... a pessoa que cozinha coisas adoráveis para eu comer, que me anima quando estou infeliz, que vai me dizer não e vai dizer isso sério, quem fará essa coisa com a língua no meu pau toda noite, bem, talvez a cada duas noites, que me amará para todo o sempre... caramba, eu esqueci o que ia dizer agora. — Os ombros de Kate tremiam enquanto ela ria. — Ah, sim, era isso. Quer se casar comigo? — Ele olhou para ela, com seus lindos olhos escuros, e Kate engoliu em seco.

Oh, Deus.

— Sim.

Ele sorriu, seu adorável Charlie sorriu e as lágrimas brotaram em seus olhos. Charlie se levantou e a beijou. Uma carícia doce e gentil de seus lábios pelos dele. Quando ele se endireitou, seus olhos estavam brilhando.

— Eu te amo. Nós vamos nos divertir muito. Poderíamos parar em Las Vegas a caminho do Havaí e nos casar — disse ele, animado. — Sem pressão, sem interferência. Só nós.

— E sua mãe e seu pai?

— Eles vão gostar de Vegas. Eles podem vir conosco, só que não no Havaí. Quero você só para mim lá.

— E Rachel, Lucy e Dan?

— Vou levá-los também.

Kate riu. Ele a puxou para fora da sala em direção à escada.

— Okay, vamos nos casar em Londres — disse Charlie.

Kate olhou para o teto branco e Charlie seguiu seu olhar.

— Paguei uma fortuna para repintar. Não quero que isso me lembre de minha estupidez.

— A minha também — disse Kate.

Ele a puxou pelas escadas.

— Podemos ir a Las Vegas?

— Se você prometer não jogar.

— Ei, estou em uma maré de sorte. Eu tenho você. Não tem como eu perder mais nada.

— Você pode ter cem dólares por dia — disse Kate. — E quando isso acabar, isso acabou. E não pense que não estou falando sério.

Charlie a arrastou para a cama.

— Eu preciso tanto de você — ele sussurrou. — Você é a batida do meu coração, o ar nos meus pulmões. Você me faz sentir seguro. Eu não quero viver sem você. Eu quero passar minha vida te fazendo feliz. Quero que envelheçamos juntos e, quando morrermos, quero que morramos nos braços um do outro, porque não posso viver em um mundo sem você ao meu lado.

— Você me deixou sem nada a dizer. — Ela estendeu a mão e acariciou sua bochecha.

— Eu quero...

Kate colocou o dedo nos lábios dele.

— Isso não significa que não quero dizer nada. Eu te amo, Charlie. Nunca pensei que pudesse amar tanto alguém, e também preciso de você. Meu outro

caminho me levou até você. Finalmente estou onde pertencço.

— Na minha cama e no meu banheiro e...

— Não diga cozinha — Kate advertiu.

— No meu coração. — Charlie sorriu.



— **A**baixe isso. Agora mesmo. Não quero falar duas vezes. Não... merda... quero dizer, caramba. — Kate viu a bola voar pelo ar e aterrissar em um castelo de areia meio construído. — Eu não chamo isso de colocar algo para baixo. Venha aqui... não, eu disse aqui, não lá embaixo na água.

— Mark, faça o que foi mandado a você. Pare com isso. — Charlie deu um suspiro pesado. — Deixe o cabelo de Liza em paz. Não adianta reclamar que ela o mordeu se você fizer isso.

— Liza, pare de tentar arriar a sunga de Mark.

— Mark!

— Liza!

Kate virou-se para Charlie e levantou uma sobrancelha. Um momento depois, eles estavam perseguindo os gêmeos ao longo das ondas. Charlie pegou Mark, de cinco anos, nos braços e nos ombros. Kate fez o mesmo com Liza. Os gêmeos gritaram de rir.

Depois de esgotarem seus cavalos de duas pernas, eles se acomodaram no cobertor para comer o piquenique que Kate havia preparado.

— É por isso que eles se chamam sanduíches? — perguntou Liza, tirando os grãos de areia, que estavam grudados no que ela havia deixado cair.

Kate pegou o sanduíche da mão dela e deu a ela outro.

— Não, um homem chamado Conde de Sandwich os inventou quando estava muito ocupado jogando cartas para parar para uma refeição adequada.

— Mamãe, você sabe tudo? — Mark perguntou.

Kate riu.

— Sim, e eu sei o que é melhor.

— Se você sabe tudo, o que eu estou pensando? — Charlie perguntou, passando a mão na perna de Kate.

— Você está pensando em como é um sortudo por ter uma esposa tão fantástica e dois filhos deliciosos.

— Nós não somos deliciosos — disse Liza. — Chocolate é delicioso.

Agindo em uníssono, Kate e Charlie colocaram os gêmeos de costas e sopraram fazendo cócegas nas barrigas contorcidas.

— Delicioso — disseram eles.

— Vovó! — gritou Liza.

— Vovô! — ecoou Mark.

Kate olhou para cima e viu Paul e Jill segurando sorvetes.

— Quem quer ver uma água-viva? — perguntou Paul.

Kate estremeceu de volta no peito de Charlie e ele a abraçou. Os gêmeos saíram de mãos dadas com os avós e Charlie beijou o pescoço de Kate.

— Eu te amo — ele sussurrou.

— Eu te amo.

— Eu amo essa praia também. — Charlie a apertou mais. — Poderia ter sido o fim e, em vez disso, foi o começo. Você não se importa de passar férias aqui, não é?

— O quê? Sanduíches de areia, céu cinzento, mar frio e congelante, vento cortante, tubarões à espreita e aparentemente água-viva, como não gostar?

— Você ainda viria aqui todos os anos se eu não a subornasse com uma viagem ao Havaí também?

Kate se virou e passou o dedo pelos lábios dele.

— Eu iria a qualquer lugar com você.

— Eu te faço feliz?

— Sim.

— Você pode me perdoar por qualquer coisa?

— Eh... sim.

Charlie sorriu. Ele levantou a mão pelas costas dela e balançou um pedaço de alga sobre o rosto dela. Kate gritou e se afastou do cobertor.

— Seu maldito...

— Não na frente das crianças.

Kate virou-se. Os gêmeos estavam lá embaixo na praia, mas pelo canto do olho ela viu Charlie pular em cima dela. Ele a prendeu e a beijou e a beijou.

Eles foram os últimos a sair da praia. O mar aproximou-se do local onde

estavam sentados, mais perto da palavra que escreveram na areia.

OLÁ

Fim



Barbara Elsborg vive em Kent, no sul da Inglaterra. Ela sempre quis ser uma espiã, mas, tendo confessado a todos sem que eles recorressem à tortura, decidiu que não era para ela. A vulcanologia chamuscou seus pés. Um medo mórbido de tubarões colocou fim à biologia marinha. Então, em vez disso, ela passou vários anos vendendo cianeto com sucesso.

Depois de arrastar dois filhos estragados e ingratos e frustrar seu marido sexy, dedicado e maravilhoso (que agora pode parar de torcer o braço dela), ela finalmente tem tempo para conduzir um caso com um homem eletrificado e conectado — seu laptop.

Seus livros apresentam heroínas peculiares e *bad boys*, e ela espera que sejam tão divertidos de ler quanto de escrever.

Ela adora ouvir os leitores e pode ser contatada em barbaraelsborg@gmail.com. Se você quiser saber sobre lançamentos futuros, peça para ser colocada em sua lista de e-mails.

NOTES

2. Capítulo Dois

1 Inverno em inglês.

2 Neve em inglês.

29. Capítulo Vinte e Nove

1 Tempestade de Neve.